

JORNADA INTERIOR

MANEIRAS SEGURAS E INSEGURAS DE
EXPLORAR A MENTE INCONSCIENTE



Hugh Lynn Cayce

Tradução: Amadeu António

A JORNADA INTERIOR
FORMAS SEGURAS E PERIGOSAS
DE EXPLORAR A MENTE INCONSCIENTE

Hugh Lynn Cayce, 1964

Para Sally, cuja paciência e encorajamento tornaram este livro possível

ÍNDICE

Prefácio Prefácio de Hugh Lynn Cayce Introdução — Para Além da Consciência

Parte I A História de Edgar Cayce 1 Um Inconsciente Útil 2 Um Inconsciente Ilimitado

Parte II Duas Portas Tradicionais e Por Vezes Profissionais para o Inconsciente 3 Hipnose 4 Mediunidade

Parte III Portas Perigosas para o Inconsciente 5 Uma Nota de Advertência 6 Escrita Automática e Tábuas Ouija® 7 A Questão da PEC em Casos Mentais 8 A Questão da Possessão 9 Dianética e Cientologia 10 Peyote, Cogumelos e LSD 11 Experiências de Fadiga

Parte IV Portas Mais Seguras para o Inconsciente 12 Experiências Psíquicas Pessoais 13 Equilíbrio 14 Observação 15 Autoavaliação ao Discutir o Psíquico 16 Formas de Experimentar a Telepatia 17 Usar os Seus Sonhos 18 Meditação 19 O Lugar do Pequeno Grupo na Busca Espiritual

Conclusão Bibliografia

PREFÁCIO

TALVEZ MAIS DO QUE QUALQUER OUTRO, HUGH LYNN CAYCE (1907–1982) foi responsável por transformar a A.R.E. do seu pai, Edgar Cayce — a organização fundada por ele — dos seus humildes começos numa entidade de renome internacional. À data da morte do pai, em 1945, a organização contava com algumas centenas de membros ativos. Graças aos esforços de Hugh Lynn — palestras, contactos com vários profissionais, relações com editoras e a sua capacidade de inspirar pessoas onde quer que fosse —, ajudou a construir a A.R.E. numa organização de alcance global. Hugh Lynn dedicou a vida a estabelecer redes com profissionais de diversas disciplinas.

Emparelhou doutorados, especialistas em religiões comparadas, parapsicólogos, profissionais de saúde, arqueólogos e outros com a informação contida nas leituras de Cayce, convidando à exploração, investigação e estudo comparativo.

Devido aos seus esforços ao longo da vida, Hugh Lynn foi instrumental no desenvolvimento de um reconhecimento e aceitação generalizados de temas como a investigação psíquica, a análise de sonhos, a meditação e o desenvolvimento espiritual pessoal. Agraciado com o título de Primeiro Cidadão de Virginia Beach na década de 1960, era conhecido pelo seu empenho e entusiasmo no trabalho com jovens. Orador dinâmico e popular, defensor das crianças, foi o principal impulsionador da criação do Acampamento A.R.E. e serviu durante muitos anos como chefe de escuteiros em Virginia Beach. Os seus talentos como visionário, orador, escritor e emissário da obra do pai deixaram um impacto duradouro no legado de Cayce, assim como em incontáveis indivíduos que trabalharam diretamente com Hugh Lynn.

Quando *A Jornada Interior* foi publicado em 1964, foi descrito pelo *The Christian Herald* como «um convite ao mundo inexplorado do inconsciente ... um guia sensato e equilibrado para os poderes e perigos das experiências psíquicas ... é o livro número um no seu campo». Embora nas décadas seguintes tenha sido escrita uma grande quantidade de informação sobre consciência e experiências psíquicas, ainda há muito mais a aprender sobre a mente inconsciente. Ironicamente, as próprias leituras de Cayce afirmavam já em 1924 que o estudo do inconsciente, assim como das forças psíquicas e da alma, deveria ser «o grande estudo para a família humana» (3744–5). Este livro continua a ser um recurso extremamente importante, utilizando histórias de casos fascinantes que exploram muitas dimensões da consciência para qualquer pessoa com perguntas ou experiências nesta área.

Além de discussões sobre experiências psíquicas como telepatia, clarividência e mediunidade, e estados alterados de consciência como estados induzidos por drogas, hipnotismo e meditação, este livro é também um relato em primeira mão do filho mais velho de Edgar Cayce, Hugh Lynn Cayce, que conheceu o pai melhor do que qualquer outro indivíduo e teve a oportunidade de trabalhar diretamente com o maior psíquico do século XX durante décadas.

Hugh Lynn passou a vida no campo da investigação psíquica, pesquisando e divulgando a informação das leituras psíquicas do pai e ajudando incontáveis pessoas a compreender e trabalhar com as suas próprias capacidades psíquicas. A história de Edgar Cayce é examinada neste volume a partir de uma perspectiva de testemunha ocular — da forma como ninguém mais poderia contá-la. O autor fornece também aos leitores abordagens seguras, sistemáticas e comprovadas para explorar a sua própria «ventura para dentro», esclarecendo a informação contida nas leituras de Edgar Cayce sobre este tema. Para quem procura «portas mais seguras para o inconsciente», elas são aqui descritas e incluem meditação, interpretação de sonhos e espiritualidade pessoal como vias seguras para uma maior consciência espiritual.

Impulsionada pela paixão de Hugh Lynn Cayce pelo Trabalho, a A.R.E. de Edgar Cayce cresceu dos seus humildes começos para uma associação com Centros Edgar Cayce em países de todo o mundo. Hoje, as organizações Cayce consistem em centenas de atividades educativas e programas de extensão, acampamentos para crianças, uma editora multimilionária, benefícios e serviços para membros, contactos e programas de voluntariado em todo o mundo, serviços de massagem e saúde, programas de extensão prisional e de oração, conferências e workshops, atividades na internet e online, e escolas afiliadas (Atlantic University: www.AtlanticUniv.edu e a Cayce/Reilly School of Massotherapy: www.CayceReilly.edu).

Ao longo da vida, Edgar Cayce nunca reivindicou capacidades especiais, nem se considerou uma espécie de profeta do século XX. As leituras nunca ofereceram um conjunto de crenças que tivessem de ser adotadas, mas focaram-se no facto de cada pessoa dever testar na sua própria vida os princípios apresentados. Embora o próprio Cayce fosse cristão e lesse a Bíblia do princípio ao fim todos os anos da sua vida, o seu trabalho enfatizava a importância do estudo comparativo entre sistemas de crenças de todo o mundo. O princípio subjacente das leituras é a unidade de toda a vida, a tolerância para com todas as pessoas e a compaixão e compreensão por todas as grandes religiões do mundo.

Hoje, as organizações Cayce continuam o legado iniciado por Edgar Cayce e eternamente inspirado por Hugh Lynn Cayce, com a missão subjacente de «ajudar as pessoas a mudar as suas vidas para melhor — física, mental e espiritualmente — através das ideias contidas no material de Edgar Cayce». E, como Hugh Lynn era frequentemente ouvido dizer: «Como poderíamos não partilhar o melhor que conhecemos?»

PREFÁCIO DE HUGH LYNN CAYCE

SER FILHO DE UM CLARIVIDENTE AMERICANO MUITO PUBLICITADO pareceu-me, por vezes, difícil; no entanto, sempre tornou a vida interessante. Este livro é a história das minhas experiências, não como académico ou técnico de laboratório a registar dados experimentais, mas como observador íntimo das atividades diárias do que certamente pareceu ser uma clarividência incrivelmente útil para vários milhares de pessoas ao longo de quarenta anos. Se nunca conheceu Edgar Cayce através de nenhum dos numerosos livros ou artigos de revista sobre ele, agradeço esta oportunidade de o apresentar.

Ao tentar compreender o mistério sempre presente do meu pai, trabalhei ao longo dos anos com várias pessoas que pareciam ter uma variedade de experiências extrassensoriais. Os meus esforços para estudar e ajudar tanto o meu pai como estas pessoas — muitas delas perturbadas em mente, corpo e emoções — resultaram em algumas experiências invulgares. Também tive de confrontar alguns conceitos surpreendentes e, na minha opinião, úteis sobre a natureza do homem e da sua vida na Terra. Gostaria de partilhar estas experiências e colocar estas ideias à vossa frente.

Todas as minhas observações são expressas contra o pano de fundo da informação que jorrava através da mente inconsciente do meu pai em sessões diárias. Enquanto o inconsciente falava, revelava, parece-me, profundezas da mente e caminhos para essas áreas profundas que merecem consideração e investigação adicional.

Algumas pessoas que lerem este livro verão nele uma tentativa de justificar o trabalho psíquico do meu pai. Outras poderão questionar a sabedoria de gastar tanto tempo, energia e dinheiro a examinar o que saía de um homem adormecido. Algumas poderão apontar que não houve estudo controlado em que basear dados estatísticos como prova de percepções extrassensoriais. Todas estas são questões e pontos de vista legítimos, mas terão de julgar por si próprios.

Na verdade, poderão discordar ou ficar perturbados com muitas das ideias examinadas. Os registos das expressões inconscientes de Edgar Cayce são excecionalmente volumosos. Esta é apenas a minha avaliação, indiscutivelmente inadequada. Pode ser possível a outros irem muito mais longe. Certamente, continuarei a tentar fazê-lo.

Para este volume presente, espero que este esforço possa ser de interesse para muitos, útil para alguns e até inspirador para uns poucos que o leiam.

Hugh Lynn Cayce

INTRODUÇÃO

PARA ALÉM DA CONSCIÊNCIA

Sarah Martin parou à porta do quarto da filha de onze anos. Novamente ouviu um soluço, um gemido. Abriu a porta e entrou rapidamente. Margaret estava a dormir, mas do canto do olho uma lágrima foi espremida e escorreu-lhe pela face. A Sra. Martin abanou a filha. A menina sentou-se, esfregou os olhos e, de repente, desatou a chorar.

«Ele morreu!» gritou ela. «Ele morreu!»

«Quem morreu? O que queres dizer?» perguntou a Sra. Martin.

«O Brownie morreu!» choramingou a menina. «Foi atropelado. Está morto.»

«Tretas», disse a mãe. «Ele acabou de comer meio quilo de carne. Está muito vivo.»

A menina sorriu debilmente. «Devo ter sonhado», disse. «Ouvi-te dizer-me que o Brownie foi morto por um carro. Foi tão real. Por favor, não o deixes sair do quintal hoje.»

Dois dias depois, quando Margaret regressou da escola, a Sra. Martin contou-lhe a morte do Brownie. Ele fora atropelado por um automóvel.

O que parece ser um aviso psíquico da morte do cão neste pequeno sonho estranho pode possivelmente ser explicado verificando os padrões de hábitos da família e a coincidência. Por vezes, o Brownie ladrava aos carros. A família provavelmente falara do perigo de o cão ser morto. A Sra. Martin poderia ter sido ouvida a expressar preocupação com o cão. O sonho de Margaret pode, portanto, ter refletido apenas a sua preocupação inconsciente. Apenas aconteceu ser trazido à consciência quando a Sra. Martin acordou a filha. No entanto, o sonho, como todos os sonhos, é uma

indicação de que a mente é mais ativa num nível inconsciente do que geralmente estamos conscientes.

Como professor de escola dominical durante quinze anos numa igreja protestante ortodoxa e como chefe de escuteiros durante vinte e cinco anos, tive oportunidade de observar e registrar muitos casos espontâneos de sonhos, premonições, aparente telepatia e experiências religiosas de jovens, que parecem ser ações bastante normais e frequentes da mente para além da consciência. A observação persistente acaba sempre com o pensamento perturbador de que as explicações psicológicas habituais de padrões de memória e coincidência não explicam adequadamente todos estas ocorrências.

Muito cedo na minha vida tive a oportunidade de observar um grupo distinto de pessoas cujas atividades mentais eram ainda mais surpreendentes. Durante sete verões da minha infância e adolescência visitei uma quinta no Kentucky adjacente a uma grande instituição mental estatal. O pai do meu primo era um médico muito popular na instituição. Frequentemente levava-nos de enfermaria em enfermaria enquanto conversava com os pacientes.

Com dois outros rapazes da nossa idade, filhos do superintendente, tínhamos liberdade para percorrer os extensos terrenos onde centenas dos internados menos perturbados passavam horas intermináveis sentados ao sol ou movendo-se inquietos em áreas restritas. Durante muitas longas tardes de verão, os meus amigos e eu escutávamos estes pacientes falar. Havia momentos em que as suas conversas eram bastante normais. Depois, subitamente, um deles abria uma porta para outro mundo povoado de anjos, demónios e animais estranhos. Alguns destes homens e mulheres assustavam-nos. Outros eram gentis e bondosos. Obscenidade, beleza, imaginação e medo misturavam-se num derramar caleidoscópico das suas mentes distorcidas.

Com alguns dos pacientes menos perturbados, os «confiáveis» (aqueles em quem podíamos confiar), íamos nadar e apanhar amoras. Por vezes roubávamos melancias e, enquanto as comíamos à sombra de um monte de feno conveniente, os nossos amigos peculiares davam relatos fantásticos de acontecimentos impossíveis da sua infância.

Anos mais tarde, com algum conhecimento de psicologia anormal, foi possível identificar alguns dos tipos e os seus problemas. As visões de Daniel e Ezequiel do Antigo Testamento não eram mais cheias de símbolos do que muitas que ouvimos descritas na nossa juventude. Nunca deixarei de me maravilhar com o homem que, após nos fazer jurar segredo, nos dizia com exatidão e instantaneamente quantas pedras pequenas havia

num monte ou quantas amoras havia numa lata ou num balde. Cada dia em que ele conseguia juntar-se a nós proporcionava uma nova oportunidade para o desafiar. Acertava com tanta frequência que perdemos o interesse após algumas rondas. Havia outro homem que se espetava com alfinetes, aparentemente sem sentir dor; e um rapaz adolescente mais velho conseguia imitar qualquer som que ouvisse. Tornámo-nos conhecidos de um grupo de pessoas muito interessante.

Destes indivíduos perturbados, tal como dos jovens mais normais, aprendi que a mente para além da consciência imediata estava cheia de padrões estranhos, capaz de feitos invulgares de memória e de controlo notável sobre o corpo.

Mais do que qualquer outra experiência ou observação, foi o exame dia após dia das palavras que jorravam de um homem inconsciente que me colocou cara a cara com um mundo sobre o qual sabemos muito pouco na consciência normal. Quando nasci, o meu pai já atraía atenção local pela sua capacidade de falar a partir de um estado inconsciente autoinduzido. Quando tinha três anos, a exatidão do conteúdo psíquico da sua fala inconsciente tornara-se tema de publicidade nacional nos jornais. As minhas memórias mais antigas incluem fragmentos de discussões sobre o valor e os perigos, bem como sobre como lidar com esta capacidade peculiar.

Ao longo dos anos, muitas pessoas vieram pedir ajuda, questionar, estudar, testar e, por vezes, ridicularizar e perseguir o meu pai. Era natural que o meu interesse por temas psíquicos crescesse. E é compreensível que, ao considerar a atividade da mente inconsciente, tenha de me basear fortemente nas minhas experiências com ele e na informação que ele deu durante os seus estados inconscientes.

Tornei-me conhecedor de uma enorme e frequentemente confusa massa de escritos por e sobre pessoas que tiveram experiências para além da consciência normal. Mais excitantes e recompensadoras foram os anos de investigações e estudos comparativos de contemporâneos que (como o meu pai) passaram partes consideráveis das suas vidas em estados inconscientes. Visitei médiuns, falei com pessoas que afirmavam ter tido visões, li milhares de páginas de escrita automática e estive envolvido em vários tipos de experiências com hipnose.

Ao considerar qualquer tipo de estado inconsciente, as perguntas surgem sempre muito mais depressa do que podem ser respondidas. Como funciona a mente para além da consciência física? Quão valiosa é a informação que vem através ou do inconsciente? O que pode a compreensão desta área da mente dizer-nos sobre as dimensões de nós

próprios? Através de várias portas — hipnose, uso de drogas, transe, escrita automática, meditação, experiências espontâneas, êxtase religioso e a experiência quotidiana e universal do sono — as pessoas escapam da consciência física.

Ao longo de muitas décadas, observei os aspetos estranhos e grotescos, os divertidos e os sórdidos, bem como os belos e complicados, os profundos e desafiadores desta mente oculta. Talvez aqui possamos encontrar algumas respostas a perguntas sobre a natureza do nosso ser.

O tipo de material que jorra de um inconsciente é governado, até certo ponto, por cujo inconsciente está a ser explorado e por quem o está a explorar. Deve ter sido uma experiência emocionante, nos tempos antigos, assistir ao descarregamento de um navio regressado do Oriente carregado de tesouros exóticos e belos. Quando, porém, atracavam navios negreiros, alguns assistiam ao descarregamento com horror e apreensão. Da mesma forma, o material proveniente de um inconsciente pode ser estimulante ou perturbador. Tensões óbvias, medos conscientes, sonhos e erros repetidos na fala são apenas algumas das indicações psicológicas da atividade mental inconsciente. A psicologia e a psiquiatria fizeram grandes progressos ao rastrear este material até à sua fonte, por vezes num banco de memória profundamente oculto.

Ao explorar o inconsciente, somos como crianças a caminhar à noite por matas conhecidas, imaginando que as árvores são animais selvagens e que os arbustos agitados são fantasmas e dragões. No inconsciente, tal como na mata, um pouco de luz pode ser extremamente útil. Os relatos são por vezes tão incongruentes que não se reconhece que os exploradores estão a descrever pequenas secções do mesmo labirinto.

É óbvio que grande parte do mobiliário do inconsciente são memórias de experiências conscientes esquecidas. Algumas memórias são belas; outras são feias; e há uma mistura considerável. As recordações de infância do velho buraco de natação podem ser agradáveis — a menos que o indivíduo quase se tenha afogado ali. Ou uma experiência de guerra que contenha muitas reminiscências dolorosas pode também incluir padrões de pensamento de amizades que permanecem fortes e positivas.

Ao tentar descobrir exatamente onde se localizam as nossas memórias, é lógico começar a busca num dos componentes mais notáveis da criatura humana — os cerca de 1400 gramas de massa cinzenta e pastosa na cabeça: o cérebro. Trata-se de um mundo em si mesmo, composto por milhões de células. Embora se conheçam as funções de alguns grupos destas células — a visão controlada pelo lobo occipital, a audição pelo temporal —, a atividade de grande parte do cérebro

permanece desconhecida. A humanidade sabe muito mais sobre a superfície da Terra do que sobre o cérebro humano.

Tentei visualizar a Terra e localizar os vários continentes e países nela. Depois, tentei pensar no cérebro. O meu conhecimento, mesmo das áreas de onde provém o controlo das atividades do corpo, é lamentavelmente limitado. Há alguns anos soube da descoberta de um novo país no cérebro. O Dr. Wilder Penfield, até 1960 diretor do Instituto Neurológico de Montreal, falando numa reunião de 1957 da Academia Nacional de Ciências Americana, descreveu experiências com pequenas correntes elétricas que, aplicadas numa área do tecido fino que cobre o cérebro, estimulavam memórias de experiências esquecidas.

Aparentemente, os detalhes da consciência são fisicamente registados e podem ser recordados quando ativados. O cérebro parece conter um gravador de fita extremamente eficiente. Quase mil pacientes relataram recordações vívidas mais reais do que a simples lembrança. Um paciente não só ouviu novamente uma canção esquecida como também a reconheceu como sendo ouvida no presente. O processo interpretativo parecia funcionar simultaneamente com a recordação. Esta descoberta localiza pelo menos uma parte do que é conhecido como a mente inconsciente do homem. No entanto, a memória de ações conscientes, por mais complicada que seja, não parece explicar todas as estranhas descobertas feitas por muitas explorações «para dentro».

Quando o continente norte-americano foi avistado pela primeira vez pelos europeus, as primeiras equipas de desembarque penetraram apenas algumas centenas de metros terra adentro. A maioria das observações foi feita enquanto os navios navegavam ao longo da costa. Mais tarde, expedições melhor organizadas regressaram, trazendo exploradores e colonos que mantinham registos e diários. As descobertas de áreas da mente têm sido semelhantes. As primeiras explorações contornaram as suas margens; depois, cientistas mais treinados lideraram expedições para o interior. As suas descobertas tornaram-se a base de muitas das nossas teorias psicológicas.

Psiquiatras como Freud, Jung e muitos dos que os seguiram teriam sido os primeiros a reconhecer que as suas descobertas apenas começaram a medir as dimensões da mente inconsciente. Comparáveis a vastas florestas, rios e montanhas ou depósitos de minério de um continente recém-descoberto, há áreas da mente que permanecem inexploradas e não desenvolvidas. Tal como os impulsos que levaram os primeiros pioneiros americanos, febris na sua intensidade, parece haver impulsos semelhantes na nossa sociedade moderna para explorar o inconsciente. Filmes

populares, peças de teatro, programas de televisão e rádio, livros muito lidos, artigos de jornais e revistas refletem uma tendência de interesse que chega a ser fascínio, à medida que o homem começa a abrir portas que saem dos corredores mal iluminados da sua mente.

Mesmo correndo o risco de simplificar excessivamente os profundos conceitos de algumas das primeiras descobertas modernas sobre a mente, parece-me que algumas definições breves nos ajudarão a avançar no nosso pensamento sobre o inconsciente. Sigmund Freud, um dos primeiros exploradores, descreveu-o como aquela parte da nossa vida mental de que não temos consciência. O material inconsciente é bloqueado da consciência quando não é necessário ou é inaceitável. Concluiu que o inconsciente contém material instintual infantil com toda a sua amoralidade inerente. O «id», segundo Freud, é aquela parte da nossa personalidade mental que se agarra a todos os desejos e instintos primitivos.

C. G. Jung, durante algum tempo aluno de Freud, falou do inconsciente como tendo duas camadas — a pessoal e a coletiva. Disse que a camada pessoal inclui as memórias mais antigas da infância, mas a camada coletiva compreende o período pré-infantil — isto é, os resíduos da vida ancestral. Jung explicou que a nossa consciência flutua como uma pequena ilha no mar ilimitado do inconsciente. Ao descrever a ajuda que pode vir dele, sugeriu que o inconsciente nos dá todo o encorajamento e auxílio que uma natureza generosa pode derramar sobre nós.

Aponta que «ele contém possibilidades que estão trancadas para a mente consciente, pois tem ao seu dispor todos os conteúdos psíquicos subliminares, todas aquelas coisas que foram esquecidas ou negligenciadas, bem como a sabedoria e a experiência de incontáveis séculos que estão depositadas nos seus órgãos arquetípicos... o inconsciente pode servir o homem como um guia único, desde que ele consiga resistir à sedução de ser mal guiado.»¹

A abordagem direta ao inconsciente, que lhe permite falar por si próprio em condições controladas, forneceu alguns dos melhores materiais para estudo. O valor desta abordagem, tal como o valor de um jardim, pode ser julgado pelos seus frutos, e os frutos têm sido bons. Um exemplo histórico destacado foram os primeiros estudos de Sigmund Freud sobre Anna O., paciente de Josef Breuer. Num estado consciente e sob hipnose, foi-lhe permitido falar dos seus sintomas, e cada um deles desaparecia sucessivamente. Freud visitou o Professor Jean Baptiste Charcot para observar o seu trabalho com hipnose. Mais tarde, Freud abandonou a hipnose em favor da análise de sonhos e da associação livre como formas

de explorar o inconsciente. A descoberta de que esta área oculta da mente podia, até certo ponto, «explicar-se a si própria» levou ao desenvolvimento da obra monumental de Freud no campo da psiquiatria.

Como já foi mencionado, uma das principais abordagens à mente inconsciente que será considerada neste livro é a massa de dados que veio do inconsciente de um homem. De especial interesse será o material que parece envolver clarividência, telepatia, precognição e descrições de dimensões para além das três. Todos estes temas pertencem ao domínio da investigação psíquica, que explora o inconsciente ao tentar medir e avaliar poderes mentais e espirituais que aparentemente operam para além dos cinco sentidos.

As minhas experiências pessoais envolvem muitas das diferentes abordagens que são usadas. Entre as mais amplamente divulgadas estão o hipnotismo, experiências com médiuns, drogas, adivinhação de cartas e correspondências, casos espontâneos de percepção alargada como sonhos de aviso, pressentimentos, visões de mortos, etc., investigações de supostas casas assombradas e escrita automática. Como se verá, tais invasões do inconsciente despertam frequentemente «um gigante adormecido», como o ogre de *O Gato de Botas*, capaz de se transformar em elefante, leão ou rato.

Obviamente, este livro só pode ser um exame muito limitado dos fenómenos psíquicos que observei. Incluí algumas referências históricas breves para permitir comparações com as experiências e dados do meu pai. Este livro não é um estudo psiquiátrico, embora trate frequentemente de anormalidades na atividade mental. Não é uma análise do vasto e complexo mundo da simbologia, tão obviamente associado à linguagem da mente inconsciente, embora as histórias aqui relatadas contenham muito simbolismo.

Também não pode ser uma análise psicológica de complexos e frustrações, interpretados através de vários testes e avaliações medidas de respostas a estímulos individuais ou de grupo. Não é um estudo de laboratório documentado. Se parecerem haver contradições e explicações confusas, é devido às minhas observações inadequadas. Não há aqui pretensão de que todas as respostas tenham sido descobertas. Ficaria satisfeito se a importância da direção da busca fosse sugerida.

Esta é uma compilação dos meus estudos e observações de pessoas que, através de experiências psíquicas, se encontraram em contacto com este inconsciente aparentemente ilimitado. Apesar dos perigos, da fraude, da autoilusão, da questão sempre presente da loucura, a minha convicção tem crescido ao longo dos anos de que neste, ou talvez através deste

inconsciente, existe um fio de luz, difícil de encontrar e ainda mais difícil de seguir, que conduz a reinos superiores de consciência mental e espiritual.

Este livro dirige-se a milhares de pessoas que tiveram experiências psíquicas espontâneas que parecem transcender a percepção sensorial normal — pressentimentos, sonhos de aviso sobre acontecimentos futuros e lampejos de telepatia. Também se dirige aos muitos indivíduos que estão confusos por terem experimentado algum tipo de experiência psíquica. Participaram numa sessão espírita ou tentaram escrita automática ou uma tábua Ouija®. As orientações que receberam foram apenas suficientemente excitantes para os levar a continuar. Será realmente o avô falecido, um guia indiano oriental ou um ser extraterrestre quem falou tão lisonjeiramente do lugar de alguém na Nova Ordem Mundial?

Há também, dentro das igrejas ortodoxas, muitas pessoas sinceras que fazem perguntas sobre as muitas capacidades e experiências psíquicas descritas tanto no Antigo como no Novo Testamento. Poderá a investigação psíquica moderna oferecer explicações úteis para tais acontecimentos? Estarão estes mesmos tipos de eventos a ocorrer hoje? E, por último, há um pequeno mas importante grupo de estudantes do paranormal que poderá encontrar aqui algumas pontes de uma área de fenómenos mentais e espirituais para outra. A busca deste último grupo não se preocupa tanto com os poderes quase mágicos do inconsciente manifestados através de fenómenos psíquicos, mas sim com alcançar algum pequeno vislumbre da verdadeira natureza do homem.

Através do foco no controlo da matéria, temos agido como uma pessoa que entrou numa pequena sala, fechando-se à grandeza das estrelas, à majestade da floresta e das montanhas. Platão descreveu isto como estar acorrentado numa caverna escura, forçado a observar apenas sombras tremeluzentes numa parede. William Blake expressa-o nas palavras assombradoras de *O Casamento do Céu e do Inferno*: «Se as portas da percepção fossem purificadas, tudo apareceria ao homem como infinito. Pois o homem fechou-se até ver todas as coisas através das estreitas frestas da sua caverna.»

Místicos, sábios e filósofos de muitas eras têm-nos dirigido a mover-nos para fora através do amor, do serviço e do sacrifício. São precisamente estas pessoas que simultaneamente se aventuraram para dentro, para além das barreiras dos medos e conflitos individuais e coletivos, para encontrar a fonte interior de inspiração e energia de onde a direção e o controlo para a expressão exterior podem ser alcançados. Este livro parte da crença de que uma melhor compreensão do funcionamento do mundo interior, da mente inconsciente, pode trazer insight sobre a verdadeira

natureza da humanidade. E mais, que tal compreensão pode ser esclarecida através do exame de algumas das práticas históricas e contemporâneas de aventura para dentro.

¹ C. G. Jung, *Dois Ensaios sobre Psicologia Analítica*, Bollingen Series II (Nova Iorque: Pantheon Books, 1953, p. 114)

PARTE I

A HISTÓRIA DE EDGAR CAYCE

1

UM INCONSCIENTE ÚTIL

«Filho, os médicos vão ter de operar os teus olhos.» Era a voz do pai a atravessar camadas escuras e doridas de ligaduras na minha cabeça e rosto. Durante um número aparentemente infinito de dias cheios de dor, estive deitado na cama a sofrer de queimaduras, choque e o clarão ofuscante de uma caixa parcialmente cheia de pó de flash para fotografia na qual deixara cair um fósforo aceso. Como menino de seis anos, vivia a minha primeira experiência com dor física real.

O silêncio parecia pressionar. Alguém tossiu nervosamente.

«Pai, tu és um bom médico quando estás a dormir», respondi; «porque não lhes dizes o que fazer?»

Uma história que ouvira contar muitas vezes por membros da família voltou-me à memória. A minha mãe contraíra tuberculose. Sofria dores terríveis no peito e começara a enfraquecer e a ficar frágil. O irmão dela morreria desta doença, e os médicos esperavam que ela também morresse. O pai, que não tinha formação médica, fizera uma «leitura» que incluía instruções para inalar vapores de brandy. O avanço da doença no pulmão foi travado. Uma dieta especial ajudou a restaurar-lhe a saúde. A história terminava sempre: «O Edgar disse aos médicos o que fazer numa leitura. Desde então nunca mais houve problemas com a tuberculose.»

Eu sabia das leituras. O meu pai deitava-se numa cama ou num sofá e parecia adormecer. A Gertrude, a minha mãe, sentava-se perto dele, e quando ele começava a respirar lentamente e regularmente, como uma pessoa a dormir, ela dava-lhe o nome de alguém que pedira ajuda. A pessoa podia estar ali na sala ou num ponto distante do país ou mesmo no estrangeiro. Era importante, porém, que o indivíduo estivesse no local acordado à hora em que a leitura era dada. A Gertrude pedia ao meu pai que observasse o indivíduo e relatasse a condição física, fazendo sugestões

para curar o que estivesse errado. Ele fazia-o imediatamente, descrevendo qualquer desvio da saúde. Uma estenógrafa anotava exatamente o que o meu pai dizia, para que uma transcrição pudesse ser entregue ao indivíduo ou ao seu médico. Estes relatórios eram chamados leituras. Desde que me lembrava, todo o tipo de pessoas vinha ter com o pai à procura de ajuda.

O meu pai deu uma leitura sobre a condição dos meus olhos. Recomendou-se medicamento para tomar por via interna, uma dieta especial e novas soluções para as ligaduras externas. A partir do momento em que as ligaduras foram mudadas, comecei a sentir-me melhor. Quando as ligaduras foram removidas várias semanas depois, eu conseguia ver. Essa experiência pessoal com o poder psíquico de Edgar Cayce permaneceu a minha impressão mais vívida de uma «leitura».

Quando este incidente ocorreu em Selma, Alabama, em 1913, Edgar Cayce já era famoso como um homem que falava como médico quando estava num sono autoimposto, semelhante ao hipnótico. Vários milhares de pessoas já tinham procurado a sua ajuda. A leitura sobre a lesão nos meus olhos foi apenas uma de uma série de leituras familiares que o influenciaram a tentar usar o seu dom para ajudar os outros quando lho pediam. Noutra ocasião, a minha mãe, Gertrude Cayce, teve o que parecia ser apendicite.

O Dr. Gay, o médico da família, recomendou uma operação. Uma leitura do marido adormecido aconselhou uma combinação de fármacos em três cápsulas. A operação não seria necessária, dizia-se. O Dr. Gay seguiu as instruções. Não foi preciso operar. Por outro lado, quando o próprio Edgar Cayce sofreu dores intestinais na área geral do apêndice, o médico não aconselhou operação. Uma leitura descreveu um apêndice enrolado à volta do intestino e prestes a rebentar. Foi recomendada uma operação imediata, com o aviso de que o meu pai poderia morrer. O Dr. Gay operou e encontrou o apêndice exatamente na condição descrita.

Para mim, o alcance do poder de clarividência médica de Edgar Cayce foi-se tornando cada vez mais impressionante ao longo dos anos. Para uma mulher em Washington, D.C., uma leitura descreveu a causa de uma condição física grave como resultante de envenenamento por um produto de remoção de pelos que ela usara. Os tratamentos delineados restauraram-lhe a saúde. A correspondência que solicitava a leitura não fazia qualquer referência ao creme depilatório.

No entanto, provou ser essa a fonte do problema. Já em 1910, uma leitura de Edgar Cayce descreveu, para um homem a centenas de quilómetros de distância, uma condição ulcerosa no estômago. Os tratamentos sugeridos não eram invulgares, mas na leitura foi

acrescentada uma frase final sucinta: «Isto aliviará a condição, mas saiba que este sofrimento regressará a menos que esta entidade mude a sua atitude em relação à esposa.» Os estudos psicossomáticos, as influências mentais e emocionais nas condições corporais, não eram tão conhecidos na época como hoje. Edgar Cayce parecia saber não só como o homem se sentia em relação à esposa, como também o que isso estava a fazer ao seu corpo.

Por vezes, a clarividência parecia ir além do indivíduo que pedia ajuda. Numa cidade do Leste, uma mulher queixou-se de que um inalante prescrito numa leitura lhe irritara a garganta e o nariz em vez de produzir um efeito calmante. Uma leitura subsequente explicou que o farmacêutico que preparara a prescrição substituíra um ingrediente recomendado por outro. Confrontado com a questão, o farmacêutico admitiu a mudança. Explicou que, como não se tratava de uma prescrição médica e não era para tomar internamente, substituíra o que considerava um ingrediente melhor por um que não tinha em stock. Quando composto segundo as instruções da leitura, o inalante revelou-se muito útil. Aqui temos percepção à distância de um composto e/ou da mente do farmacêutico.

Foram dadas muitas leituras de «emergência» que trouxeram ajuda imediata, como nos seguintes casos. Para uma rapariga numa cidade do Meio-Oeste que sofria de uma infeção intestinal grave, uma leitura sugeriu cataplasmas de uvas esmagadas e compressas de óleo de rícino como parte do tratamento, o que produziu resultados quase imediatos. Um telefonema para Edgar Cayce pediu uma leitura de emergência. Um homem sofria dores intensas de cálculos biliares. Uma leitura dada na mesma noite incluiu um esboço de tratamentos que proporcionaram alívio e tornaram desnecessária uma operação.

A distância em relação ao sujeito da leitura não parecia ser um obstáculo. Um homem em Londres recebeu uma análise detalhada e verificável da sua condição física. As sugestões foram seguidas com excelentes resultados. A mesma leitura continha uma breve referência ao que o homem estava a fazer no momento em que a leitura era dada a milhares de quilómetros de distância.

Aqui está um exemplo justo de uma leitura completa, que demonstra exatidão no diagnóstico. Os tratamentos sugeridos trouxeram bons resultados sem envolver circunstâncias demasiado dramáticas.

A 30 de maio de 1934, em Virginia Beach, Virgínia, a seguinte informação foi dada por Edgar Cayce, em estado inconsciente, para uma mulher de quarenta e oito anos, a várias centenas de quilómetros de distância, em Raleigh, Carolina do Norte. A irmã da mulher e uma amiga

estavam presentes na leitura. Nenhuma delas falara com Edgar Cayce antes de a informação ser dada:

«Ora, conforme encontramos, embora existam muitas condições físicas neste corpo que são muito boas, há aquelas condições que, com a correção, tornariam o corpo muito melhor física e mentalmente para as atividades no corpo mental, espiritual e material. As perturbações, conforme encontramos, têm a ver com algumas condições menores respeitantes ao funcionamento dos órgãos, e pouco ou nenhum distúrbio orgânico. Embora muitas partes do sistema estejam envolvidas de uma vez ou de outra, as condições são tais que podem ser facilmente corrigidas no presente.

Estas são as condições conforme as encontramos neste corpo.

Primeiro, no fornecimento de sangue: aqui encontramos a forma de uma anemia, ou a falta de um equilíbrio adequado no número de glóbulos vermelhos e glóbulos brancos. Esta condição existe agora. Mais tarde poderemos encontrar uma alteração na direção exatamente oposta. Isto surge de condições nervosas que perturbam a circulação e a assimilação do que é tomado como valores alimentares para o corpo. A perturbação nervosa surge, como veremos, de duas — sim, três — causas distintas, criando uma combinação de distúrbios contributivos — como se verá — um para o outro. Assim, não há apenas a variação no fornecimento de sangue vermelho e branco, ou a forma de anemia, mas também o carácter da perturbação noutras partes do corpo, como veremos.

Quanto à caracterização do próprio sangue — isto é, a hemoglobina, a ureia, a atividade na sua coagulação e na contagem sanguínea — esta varia, não tanto a ponto de causar o que se poderia chamar um metabolismo desequilibrado, mas o próprio carácter da condição nervosa provoca baixa pressão arterial e, por vezes, perturbações na atividade do coração e na sua pulsação. A tontura surge por vezes de causas distintas, durante os períodos da atividade menstrual, na eliminação e durante os períodos em que há sobreesgotamento pela excitação das forças nervosas do corpo, ou noutras ocasiões poderemos encontrar que surge puramente de gases que se formam a partir de uma indigestão nervosa.

Estas mudanças e alterações na pressão causam alterações no próprio carácter do sangue, embora não se possa dizer que o corpo tem uma perturbação sanguínea — mas o funcionamento dos próprios órgãos e a sua atividade sobre o sistema através do fornecimento nervoso provoca a perturbação, embora o carácter do sangue, no que diz respeito a transportar venenos ou qualquer tipo de bacilos, seja excelente nestas direções.

Nas forças nervosas do corpo encontramos muito que é causa e muito que é efeito. Assim, não é totalmente nervos; embora o corpo seja naturalmente nervoso devido às condições que existiram e existem no corpo, sob stress ou tensão ninguém chamaria ao corpo uma pessoa nervosa; pois ela seria muito calma, muito determinada e muito firme no que faria, e fá-lo-ia!

No sistema cerebrospinal encontramos que houve um relaxamento na terceira e quarta áreas dorsais que tende a provocar um relaxamento na posição do próprio estômago, ou dos órgãos ou dos tendões nervosos e forças musculares através do plexo hipogástrico e pneumogástrico, permitindo que o próprio estômago se incline para o lado inferior, ou a extremidade pilórica para cima e a extremidade cardíaca mais baixa do que o normal, como vê. Isto provoca uma tendência fácil para a fermentação no mesmo, e é uma tensão natural no sistema nervoso. As reações musculares causam a condição, mas o efeito está no sistema nervoso. E como esses plexos na dorsal superior estão em estreita conexão ou associação com as reações nervosas simpáticas e sensoriais através dos gânglios perto da primeira, segunda e terceira áreas dorsais, isto provoca um abrandamento da circulação para a cabeça, simpaticamente.

Daí que os órgãos do sistema sensorial se tornem simpaticamente envolvidos, pois por vezes há tendência para um secar rápido da garganta — e o corpo sente como se cuspiasse algodão muitas vezes! Noutras ocasiões temos um batimento ou tamborilar no ouvido. Noutras há tendências para as condições produzirem irritações e ardor nos olhos, especialmente se houver esforço visual por estar ao vento, luz fraca ou luz forte; qualquer destas produzirá uma irritação através das energias necessárias usadas e da falta de fornecimento de energia nervosa devido ao esgotamento na área indicada.

Desta condição simpática, tanto no que diz respeito ao fornecimento nervoso aos órgãos da digestão como às atividades nas eliminações do corpo durante os períodos que deveriam ser naturais ou normais, as reações também produzem uma irritação novamente que causa secreções da vagina em tal medida ou maneira que provocam irritações, tornando o corpo irritável no modo; e até que o fluxo comece há dores produzidas no topo da cabeça, tontura, falta de apetite e atividade excessiva dos rins ou da bexiga. Estas são puramente reflexas e são condições simpáticas, como indicámos, de uma subluxação na área do terceiro e quarto plexo.

Quanto às atividades dos próprios órgãos?

Nas forças cerebrais as reações e atividades estão próximas do normal.

Os órgãos do sistema sensorial, como indicado, estão perturbados por condições reflexas provenientes da dorsal superior e reflexamente através da área cervical.

Pulmões, brônquios, laringe: apenas em períodos em que há irritações na área hipogástrica há algum distúrbio de natureza que não é normal, mas isto será corrigido quando as correções forem feitas em todo o sistema.

O sistema digestivo, como indicado, mostra perturbações; não só quanto à posição do próprio estômago, mas relacionado com as atividades digestivas e reflexamente com a atividade do coração através de uma circulação pobre empobrecida pela inatividade do que é assimilado ser corretamente dirigido no sistema, e simpaticamente também para os órgãos da pélvis na sua atividade.

O fígado, baço, pâncreas, conforme encontramos, funcionariam próximos do normal quando houver normalidade na posição ou nas atividades do corpo. Quando houver aquelas mudanças que podem ser trazidas pela adição das propriedades necessárias para criar um equilíbrio no sistema, estas farão para uma atividade adequada em todo o corpo.

Então, para fazer as correções neste corpo de que falamos:

Primeiro, começaríamos por fazer os ajustes osteopáticos adequados, especialmente — ou especificamente — na área dorsal superior, coordenando o resto dos gânglios e a atividade dos órgãos com o mesmo à medida que estas correções são feitas. Conforme encontramos, isto não exigiria mais de dezasseis ajustes e tratamentos.

Começar imediatamente, quando o corpo repousa, com os pés muito mais altos do que a cabeça; e após muito repouso deve haver o manter do abdómen melhor em posição pela utilização de uma ligadura ou cinto à volta do corpo. Não tão apertado a ponto de causar desconforto, mas à medida que as manipulações e ajustes forem feitos, que estes sejam de atividade suficiente para manter a posição do estômago, para que as atividades através do mesmo possam ser mantidas na sua relação adequada com o resto do sistema.

Para aquelas perturbações produzidas pela reação nervosa aos outros órgãos do sistema, de modo a fazer com que o incentivo para as correções serem feitas coordene com as atividades das glândulas e o funcionamento dos órgãos, tomaríamos um composto preparado desta maneira, adicionando os ingredientes pela ordem indicada:

Para 16 onças de água destilada, adicionar, mexendo, batendo fino ou pulverizando cada ingrediente:

Raiz de Ginseng Selvagem Seca (rolada ou batida muito fina) ... 1 onça, Nabo Indiano ... ½ dracma, Gengibre Selvagem (isto não é ginseng selvagem, mas gengibre, que é uma raiz completamente diferente) 1 dracma.

Ferver lentamente até que, quando coado, fique em 12 onças. Depois adicionar à solução 2 onças de álcool de cereais puro e 1 onça de Xarope ou Essência de Cereja Selvagem. Entendido? A dose seria meia colher de chá duas vezes por dia, de manhã ao levantar antes da refeição e quando pronto para se deitar. E continuar a tomar até que toda a quantidade tenha sido tomada, como vê.

Manter as manipulações cerca de duas vezes por semana, fazendo correções especificamente na área dorsal superior e as condições gerais em todo o corpo coordenadas com o mesmo.

Este seria um esboço para a dieta, embora possa ser alterado conforme as estações mudem, como vê:

De manhã — fruta cítrica ou cereais secos com fruta ou bagas e leite, mas não usar frutas cítricas e cereais na mesma refeição, nem grandes quantidades de leite com fruta cítrica. Bacon muito estaladiço com pão tostado, ovo pochê ou semelhante pode ser tomado na mesma refeição. Estes podem ser alternados por vezes com frutas frescas ou frutas cozidas, ruibarbo cozido ou semelhante, que são bons, mas mudá-los de tempos a tempos.

Ao meio-dia — ou uma dieta líquida ou uma dieta de vegetais frescos verdes; como sumos de vegetais, sumos de carnes, mas não combinar vegetais verdes e sopas, ou dieta líquida com vegetais verdes ou frescos. Incluir todos os vegetais que possam ser comidos em salada. E se houver de ser tomada alguma pastelaria, tarte, bolo, creme ou semelhante, comê-la na refeição do meio-dia, não nas refeições da manhã ou da noite.

À noite — preferencialmente vegetais bem cozidos, com pelo menos um período por dia (manhã ou noite — e é bom que seja alternado) de sumos de carne de vaca; não as carnes, mas os sumos de carne de vaca feitos frescos a cada poucos dias, não grandes quantidades, mas para que possamos mudar as atividades no sistema quanto à correção no fornecimento de sangue. As carnes devem ser antes de aves, fígado, dobradinha, pés de porco ou semelhante. Qualquer destas deve ser incluída quanto às carnes, mas a maior parte deve ser de vegetais — com carnes como estas tomadas pelo menos três vezes por semana.

Façam isto e, conforme encontramos, em trinta e seis a quarenta dias teremos um corpo bastante mudado e próximo do normal.

Pronto para perguntas.

(P) O que causa dores e fraqueza à volta do coração?

(R) Como indicado, a tensão no sistema, a tendência de o estômago cair ou descer, e os gases que se formam que fazem pressões através do canal alimentar e no próprio estômago, como vê. Reflexo; não uma condição orgânica.

(P) Tenho astigmatismo?

(R) Mais num olho do que no outro. Toda a gente o tem de alguma forma ou outra. Isto será muito corrigido, ou muito mudado, com a correção na dorsal superior como indicado, e através da região cervical.

(P) As pílulas que estou a tomar são prejudiciais?

(R) São!

(P) Pode ela obter os tratamentos osteopáticos adequados em Raleigh; se sim, a quem sugeriria que os desse?

(R) C— ou C—, um ou outro.

(P) Um cinto fabricado para o propósito de manter o estômago em posição seria adequado? (R) Conforme encontramos, este pode ser melhor ajustado ou adaptado; mas um cinto pode ser feito usando um tecido pesado da natureza que manteria o estômago em melhor posição, como vê, e muito mais fácil, e não custaria tanto também!

(P) Em que minerais estou deficiente, e como podem ser supridos?

(R) Não tanto deficiente em minerais quanto no fornecimento de sangue, como indicámos, sendo deficiente na capacidade do sistema, no seu estado atual e nervoso, de assimilar o que é tomado. Com as correções osteopáticas e seguindo a dieta delineada, ou nessa direção, forneceremos os minerais adequados.

(P) A que cores vibro?

(R) Tons de vermelho.

(P) Por favor dê conselho mental e espiritual.

(R) Quando indivíduos estiveram sob tal tensão nervosa como existiu com este corpo durante algum tempo, o conselho espiritual é muitas vezes mais irritante do que satisfatório; embora por vezes o corpo o tenha

procurado nas suas atividades. Com uma mudança nas condições físicas, a perspectiva do corpo mental será completamente diferente.

Cada alma deve ganhar isto como base para a sua atividade: O mental é o construtor. Daí que a atitude mental tem muito a ver com as condições físicas do corpo, mas não conserta ossos partidos, nem fortalece ligamentos que foram esticados através de atividades que gradualmente exerceram pressão sobre um corpo.

Mas a atitude da mente, se for das forças e desejos espirituais, trará aquilo que construirá uma vida e uma experiência de paz, harmonia e felicidade. (Leitura de Edgar Cayce 565–12)

Há pelo menos catorze pontos verificáveis dados nesta leitura — anemia; baixa pressão arterial; tontura por vezes provocada pelo período menstrual e por sobreesgotamento; indigestão nervosa; características de determinação, opiniões firmes; condição da terceira e quarta dorsais; posição do estômago, que foi verificada por raio-X; secura da garganta; batimento e tamborilar nos ouvidos; irritações produzidas por ardor excessivo nos olhos; secreção vaginal; falta de apetite; atividade excessiva dos rins; e as reações do coração descritas como atividade simpática. Os tratamentos foram específicos e podiam ser administrados por um médico local.

A mulher ficou tão impressionada que decidiu seguir as sugestões da leitura. Dirigiu-se a um médico proeminente em Raleigh. Ele recusou sabiamente seguir as sugestões até verificar para confirmar as condições descritas. Foi-lhe feito um exame minucioso, incluindo uma série de raios-X. A leitura foi corroborada. O médico declarou por escrito o seu espanto por conseguir confirmar detalhes da informação dada por Edgar Cayce sem nunca ter visto a mulher. Ela fez progressos excelentes e regressou a uma saúde normal.

Este é apenas um, literalmente, de milhares de “leituras” psíquicas deste tipo dadas por Edgar Cayce entre 1901 e 1944. É uma das 14.306 leituras feitas para mais de 5.000 pessoas diferentes, de que existem cópias nos arquivos da Association for Research and Enlightenment, em Virginia Beach. Milhares de cartas de pedido, relatórios e outros documentos estão arquivados juntamente com estas leituras. Deste total, 9.604 tratam de problemas da mente e do corpo físico. Há também 1.919 leituras dedicadas a questões vocacionais, psicológicas e de relações humanas. Estas foram chamadas “leituras de vida”. Além disso, existem 956 leituras diversas. As cópias das leituras mais antigas perderam-se. A cópia mais antiga existente no arquivo tem a data de 1902. Dois terços das leituras foram dactilografadas a espaço simples e tinham, em média, três

páginas e meia por leitura. As próprias leituras perfazem 14,9 milhões de palavras! E a base de dados de Edgar Cayce (as leituras, a informação de contexto e os relatórios) equivale a mais de 24 milhões de palavras, fazendo de Edgar Cayce o médium mais documentado de todos os tempos! Nunca houve indicação de que Edgar Cayce tivesse consciência de uma única palavra que proferia enquanto se encontrava no estado de inconsciência autoinduzida. Todo este material parecia vir através de — ou sair de — a sua mente inconsciente.

Neste ponto, talvez seja apropriado reconhecer o meu preconceito a favor da concebível exatidão e da possível utilidade de informação proveniente de uma mente inconsciente. Viver com Edgar Cayce condicionou-me. Tente colocar-se no meu lugar ao acompanhar esta história. Talvez, juntamente com vários milhares de outras pessoas, eu tenha sido enganado. Talvez este homem não estivesse inconsciente quando dava estas leituras. Então, tal como eu o vejo, a história é ainda mais notável. Porque me parece impossível que o “eu” consciente que eu conheci como pai, professor de escola dominical e amigo se pudesse ter dividido de tal modo e mantido uma mascarada perante família, amigos e vários milhares de pessoas durante mais de quarenta anos. Parece-me muito mais razoável postular um transe, um estado inconsciente, separado do “eu” consciente.

Deve também mencionar-se aqui que, ao longo dos anos, ao observar o que parecia ser telepatia e clarividência exatas e verificáveis, tornei-me mais crítico — talvez demasiado crítico e cuidadoso por vezes — ao esperar e continuar a procurar o mesmo tipo de objetividade e rigor ao lidar com outras pessoas que afirmam possuir poderes psíquicos. Esta não tem sido uma posição feliz de manter. Por um lado, sinto-me solidário com as muitas dificuldades que qualquer pessoa psíquica tem de enfrentar; por outro, procuro toda e qualquer explicação possível para qualquer incidente supostamente psíquico.

Antes de examinar quaisquer dados adicionais provenientes destas leituras, talvez valha a pena considerar as circunstâncias em que eram dadas. Alguém pedia uma leitura por carta, telegrama, telefone ou pessoalmente. Marcava-se um horário para as 11h00 ou para as 15h00 num dia determinado. O requerente não tinha de estar presente com o meu pai. Era necessário dar a Edgar Cayce o nome verdadeiro e a morada onde a pessoa estaria à hora marcada. Podia estar em qualquer parte do mundo. Qualquer pessoa podia dar as instruções e fazer as perguntas. A minha mãe era a “condutora” na maior parte delas.

À hora marcada, Edgar Cayce entrava, vindo do jardim, da pesca ou do trabalho no escritório. Desapertava a gravata, os cordões dos sapatos, os punhos e o cinto e deitava-se num divã. As mãos, com as palmas viradas para cima sobre a testa, eram mais tarde cruzadas sobre o abdómen. Respirava profundamente algumas vezes. Quando as pálpebras começavam a tremeluzir, era necessário ler-lhe uma fórmula de sugestão que tinha sido obtida numa leitura, em resposta ao pedido: “Dê a sugestão apropriada a ser dada a Edgar Cayce para obter uma leitura física.” Era preciso observar as pálpebras com atenção. Se se deixasse que tremessem demasiado tempo antes de a sugestão ser lida, o meu pai não respondia. Podia então dormir durante um par de horas ou mais e acordar revigorado, sem saber que não tinha dado uma leitura. Eis a sugestão de abertura:

Agora o corpo está a assumir as suas forças normais e dará a informação que dele se desejar no momento presente. O corpo físico estará perfeitamente normal e dará essa informação agora. Terá diante de si o corpo de [nome e morada]. Irá percorrer este corpo cuidadosamente, examiná-lo minuciosamente, dizendo-nos as condições que encontra no momento presente; indicando a causa das condições existentes e também sugestões de ajuda e alívio para este corpo. Falará de forma distinta, a um ritmo normal, e responderá às perguntas que eu lhe fizer.

Quando a leitura terminava e Edgar Cayce dizia: “Por agora terminámos”, a condutora dizia o seguinte:

Agora o corpo será de tal modo equilibrado que superará todas as coisas que possam impedir ou evitar que ele seja e dê o seu melhor eu mental, espiritual e físico.

O corpo físico criará dentro do sistema as propriedades necessárias para que as eliminações aumentem, de modo a trazer as melhores condições físicas normais para o corpo.

O mental imprimirá no sistema a impressão que constrói as melhores forças morais, mentais e físicas para este corpo. A circulação será de tal modo equilibrada que removerá a tensão de todos os centros do sistema nervoso, permitindo que os órgãos do sistema assimilem e segreguem devidamente as condições necessárias para a normalidade deste corpo.

Os aportes nervosos de todo o corpo assumirão as suas forças normais; a vitalidade será armazenada neles, através da aplicação do ser físico, bem como dos elementos espirituais nas forças físicas do corpo.

Agora, perfeitamente normal e perfeitamente equilibrado, vai acordar.

Instantaneamente, ele estava acordado.

Quem era o homem Edgar Cayce?

Em Junho de 1954, uma banda desenhada infantil a cores, House of Mystery, descreveu Edgar Cayce como “o homem mais misterioso da América”. Nesse mesmo ano, a Universidade de Chicago aceitou uma tese de doutoramento baseada num estudo das suas leituras psíquicas. Nessa tese, ele foi chamado, entre outras coisas, um “vidente religioso”.

Aqui está a sua história tal como foi contada em jornais e revistas entre 1901 e 1959:

Voz Restituída

Edgar Cayce Subitamente Aliviado de Terrível Aflição

Órgãos Vocais Paralisados Há Um Ano Curados Como Nunca

Na noite de 18 de Abril de 1900, o jovem Edgar Cayce, fotógrafo na galeria de W. R. Bowles, perdeu subitamente a voz e, durante quase dez meses, foi incapaz de falar acima de um sussurro.

Na noite de domingo recuperou a voz tão subitamente quanto a perdera. Quando acordou na manhã de segunda-feira, havia uma sensação de alívio na garganta e, ao tentar falar, viu que conseguia falar tão distintamente como sempre.

Cheio de alegria, o jovem vestiu-se apressadamente e correu para o quarto da mãe para dar a boa nova. Ontem passou o dia todo nas ruas, a falar com os amigos e a receber felicitações.

O Sr. Cayce é filho do Sr. L. B. Cayce e é um jovem muito digno e merecedor. Quando ficou doente, era vendedor numa loja da Main Street, mas teve de abandonar esse trabalho e depois conseguiu um lugar com W. R. Bowles. A sua saúde geral manteve-se boa e trabalhou regularmente na sua profissão.

Supõe-se que a perda de fala se deveu à paralisia dos músculos inferiores dos órgãos vocais. Por vezes havia uma sensação sufocante na garganta e, ocasionalmente, alguma dor ligeira. A sensação era semelhante à sentida por pessoas que sofrem de asma, e foi a ausência dessa sensação que primeiro lhe trouxe a percepção da boa sorte que lhe acontecera enquanto dormia.

Durante os últimos dez meses, o Sr. Cayce esteve sob tratamento de especialistas nesta cidade, em Nashville, Louisville e Cincinnati, tudo sem benefício. Muitos outros médicos também analisaram o seu caso. Havia um

mês que não tomava qualquer tipo de medicamento e o poder da fala foi-lhe restituído tão subitamente e inesperadamente como lhe fora retirado.

Este recorte de jornal, de um periódico de Hopkinsville, Kentucky, apareceu por volta do início de 1901. Foi esta paralisia da garganta que levou Edgar Cayce a experimentar a hipnose. Ao colocar-se a si próprio num estado semelhante ao sono, Edgar deu sugestões para aliviar a sua própria paralisia da garganta. Um amigo, Al Layne, que estudava simultaneamente osteopatia e hipnose, tentou perguntar ao homem adormecido sobre alguns dos seus casos mais difíceis. Edgar falou inteligentemente sobre eles também. Desenvolveu-se uma parceria estranha. Quando a voz lhe falhava, Edgar pedia a Layne que lhe desse sugestões enquanto dormia, o que lhe restaurava a voz; e quando Layne precisava de ajuda num caso, procurava aconselhamento junto de Edgar.

Em 1902, o meu pai aceitou um emprego numa livraria em Bowling Green, Kentucky. Tornou-se activo no trabalho da igreja e, para um grupo de jovens, inventou um jogo de salão chamado “Pit”. O acontecimento foi noticiado no jornal local:

Novo Jogo de Salão

Edgar Cayce, de Bowling Green,

Vende Invenção a Empresa de Fabrico

O Sr. Edgar Cayce, chefe de balcão na livraria de L. D. Potter & Co., na State Street, é o autor de um jogo de salão que lhe renderá dinheiro considerável e lhe trará muita fama. O nome do jogo é “The Pit” e joga-se com um baralho de trinta e quatro cartas. É do género do famoso jogo “Bourse”, mas os que jogaram ambos dizem que aquele de que o Sr. Cayce é autor é muito superior ao outro. As cartas representam diversos cereais, ações de caminhos-de-ferro, mineração, etc., que são transacionados na bolsa de Nova Iorque.

São distribuídas primeiro aos jogadores e o objetivo é monopolizar o mercado de determinadas mercadorias. Quem o fizer, vence. Jogar com sucesso exige considerável ciência, e a sorte, naturalmente, também tem o seu papel. O Sr. Cayce vendeu o seu jogo em definitivo à Parker Manufacturing Co., de Salem, Massachusetts. Recebeu um bom preço por ele e está naturalmente muito satisfeito com o êxito. O jogo será colocado no mercado assim que se conseguir obter o respetivo registo de direitos de autor. — Bowling Green News.

Em 17 de Junho de 1903, Gertrude Evans e Edgar Cayce casaram em Hopkinsville, Kentucky. No dia seguinte, o jornal de Bowling Green publicou a notícia:

Belo Casamento em Hopkinsville

Ontem à tarde, em Hopkinsville, celebrou-se um muito bonito casamento em casa, no qual participou um número de pessoas de Bowling Green. A noiva foi a Srta. Gertrude Evans, a encantadora filha da Sr.^a Elizabeth Evans, de uma velha e proeminente família daquela cidade. O noivo foi o Sr. Edgar Cayce, o popular vendedor da livraria de L. D. Potter, nesta cidade...

No domingo seguinte ao casamento, Al Layne terá, pelo visto, precisado da ajuda de Edgar e visitou-o, a ele e à nova esposa, em Bowling Green. Os Cayce devem ter tido sentimentos estranhos ao lerem o jornal de Bowling Green em 22 de Junho:

Em Transe, Homem de Bowling Green É
Capaz de Diagnosticar Doenças Humanas.
Não Se Recorda de Nada Quando Acorda e
Não Finge Compreender o Seu Maravilhoso Poder

O Dr. A. C. Layne, osteopata e curandeiro magnético, esteve na cidade no domingo, vindo de Hopkinsville, para que Edgar Cayce, o conhecido vendedor da L. D. Potter & Co., lhe diagnosticasse um caso.

Isto soa peculiar, dado que o Sr. Cayce não é médico e nada sabe de medicina ou cirurgia. Desde que o Sr. Cayce vive nesta cidade, perdeu a voz e ficou incapaz de dizer uma palavra. Regressou à sua terra natal, Hopkinsville, e foi ali tratado pelo Dr. Layne, que lhe restaurou a voz. Nessa altura descobriu-se que o Sr. Cayce possuía poderes mediúnicos invulgares e, desde então, verificou-se que, ao deitar-se, relaxar completamente e inspirar profundamente, consegue cair num transe durante o qual, embora pareça a todos os efeitos estar a dormir, as suas faculdades estão alerta. Há algum tempo, o Dr. Layne fez com que ele entrasse em transe e diagnosticou um caso difícil em Hopkinsville.

O diagnóstico revelou-se correto em todos os pormenores e não tardou a que o doente recuperasse.

Os médicos tinham sido incapazes de diagnosticar o caso. Ontem veio aqui para que o Sr. Cayce diagnosticasse outro caso, e isso foi feito na presença de várias pessoas na casa do Sr. Cayce, na State Street.

O doente não está aqui, mas encontra-se doente em sua casa, em Hopkinsville. Cayce entrou no seu transe e então o médico disse-lhe que o corpo do doente lhe apareceria diante dele e que queria que ele o examinasse minuciosamente, da cabeça aos pés, e lhe dissesse onde se encontravam as partes doentes.

Pouco depois, o médico começou pela cabeça e foi perguntando a Cayce, minuciosamente, sobre cada parte do corpo. Ele respondia, indicando a localização de coágulos sanguíneos, dizendo que um pulmão estava a desfazer-se e detalhando outras evidências de doença que via. Era como se o corpo estivesse imediatamente diante dele e ele pudesse ver através dele e discernir claramente cada ligamento, osso e nervo.

O Dr. Layne ficou completamente satisfeito com o diagnóstico e, quando este foi concluído, pediu ao Sr. Cayce que diagnosticasse vários outros casos de menor importância; depois partiu para casa e irá basear o tratamento de cada caso no diagnóstico tal como foi dado por Cayce. O Sr. Cayce não sabe o que está a dizer enquanto está em transe, nem, quando termina, tem qualquer lembrança do que disse. Não finge compreendê-lo e não é espiritualista em nenhum sentido da palavra, mas sim um membro ativo da igreja cristã. — *Bowling Green Times Journal*.

No ano seguinte, vários médicos em Bowling Green e Hopkinsville interessaram-se por Cayce e Layne. Pode ter havido mais publicidade, mas, em 29 de Março de 1904, surgiu a seguinte notícia num jornal de Nashville, Tennessee:

O Raio-X Não Chega Aos Pés Deste Homem de Bowling Green
Edgar Cayce Espanta Médicos com os Seus Trances
Diagnostica Doenças em Pessoas Muito Distantes e Diz Que Tratamento Devem Receber

Bowling Green, Ky., 29 de Março — (Especial.) — Edgar Cayce, vendedor numa livraria aqui, desenvolveu um poder maravilhoso que deixa médicos e homens de ciência profundamente intrigados. É um jovem discreto, da mais estrita integridade de carácter e totalmente fiável em todos os aspetos, e não participaria conscientemente em qualquer engano. Descobriu há algum tempo que conseguia relaxar-se e entrar em transe e que, enquanto nessa condição, conseguia dizer o que pessoas que não conhecia estavam a fazer a milhas de distância. Este teste foi feito há algum tempo quando ele disse exatamente o que certos membros de uma família estavam a fazer a determinada hora do dia. Os médicos têm usado o seu poder para os ajudar a diagnosticar casos. Há várias noites, um dos mais proeminentes daqui, acompanhado por um dos professores universitários da cidade, testou os poderes de Cayce e ambos ficaram

surpreendidos e perplexos com o resultado. Cayce deitou-se na mesa de operações e relaxou-se e, em poucos minutos, parecia estar num sono profundo. O médico disse-lhe que estava a tratar um rapazinho desta cidade, chamando-o pelo nome, que, naquele momento, estava de cama noutra parte da cidade e que Cayce não conhecia, e que ele (o médico) queria que ele (Cayce) descrevesse a condição física do rapaz. De imediato, Cayce começou a falar e disse que via que o pulmão direito do rapaz estava em muito mau estado e que não entrava ar nele a partir de baixo; e que o pulmão esquerdo também estivera afetado, mas já estava quase completamente recuperado.

Relatou ainda que havia algo errado na boca do estômago. Isto, diz o médico, era uma descrição perfeita do estado do rapaz. Descreveu também a condição da esposa do professor, falando de problemas nos olhos, facto que não poderia ter sido previamente conhecido por Cayce. Falou ainda das funções do baço e das vértebras e usou termos médicos ao descrever diferentes partes do corpo, quando ele nada sabe de fisiologia ou anatomia. Em alguns casos, disse ao médico que medicamento específico ou tratamento deveria usar para certas perturbações que encontrava nos corpos que examinava deste modo misterioso; mas, noutros, não deu remédio algum, dizendo que não via “rótulo” para o medicamento daquela perturbação em particular. Quando sugeria tratamento, era, segundo o médico, aquilo que devia ser usado.

Em suma, durante estes trances, e sem que o doente esteja na sua presença, Cayce parece olhar o corpo por dentro e por fora e descrever a anatomia ao mais ínfimo pormenor; e, se existir qualquer perturbação, ou qualquer condição doente ou anormal, consegue apontá-la.

Cayce não se lembra de nada do que disse quando sai do transe; fica tudo em branco para ele. Não pretende explicar o seu extraordinário poder, não o entende minimamente e não o usa para ganhar dinheiro. Serão feitos mais testes pelos nossos médicos, que estão profundamente perplexos com os estranhos poderes de Cayce. O Sr. Cayce viveu anteriormente em Hopkinsville, mas vive aqui há vários anos.

Durante os anos seguintes, o meu pai deixou a livraria, tornou-se fotógrafo e abriu o seu próprio estúdio. O interesse pelas leituras aumentou. Edgar e os médicos evitavam publicidade. Dois incêndios desastrosos destruíram o negócio de fotografia. Edgar e Gertrude regressaram a Hopkinsville em 1909 comigo, o filho deles, então com dois anos.

Um dos médicos que visitara Edgar em Bowling Green era Wesley H. Ketchum. Em 30 de Setembro de 1910, foi noticiada de Boston a seguinte história:

Descoberto Médico-Maravilha
Jovem Ilettrado em Condição Hipnótica
Faz Prodígios, Diz Médico
[Especial para o *Record-Herald*]

Boston, 29 de Setembro — Foi hoje contada, num artigo preparado pelo Dr. Wesley H. Ketchum, de Hopkinsville, e lido na reunião anual da American Association of Clinical Research, uma história extraordinária sobre um jovem iletrado que vive perto de Hopkinsville, Kentucky, e que, enquanto num estado hipnótico autoinduzido, é um médico de grande poder.

Segundo o Dr. Ketchum, o “iletrado”, cujo nome não é divulgado, quando está em auto-hipnose passa a usar terminologia médica com a familiaridade de um médico experiente.

O Dr. Ketchum diz que levou vários doentes ao jovem, que diagnosticou os casos corretamente. Diz que lhe levou a filha de um proeminente cidadão de Cincinnati, cujo caso fora declarado sem esperança por vários médicos. O “iletrado” entrou em transe, prescreveu um plano de tratamento e, em três meses, segundo o Dr. Ketchum, ela estava completamente curada.

A Associação ficou tão impressionada com as declarações do Dr. Ketchum que provavelmente será nomeada uma comissão para investigar o “maravilhoso”.

Seguem-se excertos da notícia do *New York Times* de 9 de Outubro de 1910:

Homem Ilettrado Torna-se Médico Quando Hipnotizado
Estranho Poder Mostrado por Edgar Cayce Intriga os Médicos
A classe médica do país está a acompanhar com vivo interesse o estranho poder que se diz possuir Edgar Cayce, de Hopkinsville, Kentucky, para diagnosticar doenças difíceis enquanto se encontra num estado semiconsciente, embora não tenha o mais pequeno conhecimento de medicina quando não está nessa condição.

Durante uma visita à Califórnia no Verão passado, o Dr. W. H. Ketchum, que assistia a uma reunião da National Society of Homeopathic Physicians, teve ocasião de mencionar o caso do jovem e foi convidado a

discuti-lo num banquete em Pasadena, com cerca de trinta e cinco médicos de uma fraternidade de letras gregas.

O Dr. Ketchum fez um discurso bastante longo, explicando os estranhos poderes psíquicos manifestados por Cayce nos últimos quatro anos, período em que esteve mais ou menos sob a sua observação. Despertou tanto interesse entre os presentes na reunião da National Society que um dos principais médicos de Boston, que ouvira o discurso, convidou o Dr. Ketchum a preparar um artigo para o programa do encontro de Setembro da American Society of Clinical Research. O Dr. Ketchum enviou o artigo, mas não foi a Boston. O artigo foi lido por Henry E. Harrower, M.D., de Chicago, colaborador do *Journal of the American Medical Association*, publicado em Chicago. A apresentação criou sensação e, quase antes de o Dr. Ketchum saber que o artigo tinha sido entregue à imprensa, foi inundado de cartas e telegramas a pedir informações sobre o caso estranho.

Convém acrescentar que o Dr. Wesley H. Ketchum é um médico reputado, de elevada consideração e prática bem-sucedida na escola homeopática de medicina. Possui educação clássica, é por natureza de inclinação científica e é diplomado por uma das principais instituições médicas do país. É abonado por médicos ortodoxos tanto no Kentucky como em Ohio, dois estados onde é bem conhecido. Em Hopkinsville, onde reside, nenhum médico de qualquer escola tem maior consideração, embora ele seja ainda um homem jovem, ainda aquém do “prazo-limite” dos 40 anos do Dr. Osler.

O Dr. Ketchum faz questão de que se entenda claramente que a sua apresentação do tema é puramente ética e que não tenta qualquer explicação para aquilo que tem de ser classificado como fenómenos mentais misteriosos.

O Dr. Ketchum não é o único médico que teve oportunidade de observar o funcionamento da mente subconsciente do Sr. Cayce. Há quase dez anos que o seu estranho poder é conhecido dos médicos locais de todas as escolas reconhecidas. A explicação do caso é melhor compreendida pela descrição do Dr. Ketchum no artigo lido em Boston há poucos dias, que se segue:

“Há cerca de quatro anos, travei conhecimento com um jovem de 28 anos, que tinha reputação de ser um ‘fenómeno’. Diziam que ele dizia verdades maravilhosas enquanto dormia. Eu, interessado, comecei imediatamente a investigar e, como eu era ‘do Missouri’, tive de ver para crer.

“E, na verdade, quando se trata de qualquer coisa psíquica, todo o leigo é um descrente de partida, e a maior parte da nossa profissão não aceitará nada de natureza psíquica — hipnotismo, mesmerismo, seja o que for — a menos que seja avalizado por algum M.D. de topo na profissão e cuja posição ortodoxa seja indiscutível.

“O meu sujeito limita-se a deitar-se e a cruzar os braços e, por autossugestão, adormece. Durante este sono, que para todos os efeitos é um sono natural, a sua mente objetiva fica completamente inativa e apenas a subjetiva funciona.

“Por sugestão, torna-se insensível a qualquer tipo de dor e, estranhamente, o seu melhor trabalho é feito quando parece estar ‘morto para o mundo’.

“Em seguida, dou-lhe o nome do meu sujeito e a localização exata do mesmo e, em poucos minutos, ele começa a falar tão clara e distintamente como qualquer pessoa. Normalmente entra em minúcias ao diagnosticar um caso, e especialmente se for um caso muito grave.

“A sua linguagem é, em geral, da melhor qualidade, e os seus termos psicológicos e a descrição da anatomia nervosa fariam honra a qualquer professor de anatomia nervosa; e não há hesitação na sua fala e todas as suas afirmações são claras e concisas. Lida com os mais complexos ‘quebra-queixos’ com a mesma facilidade que qualquer médico de Boston — o que, para mim, é absolutamente notável, tendo em conta que, no seu estado normal, é um homem iletrado, sobretudo no que respeita a medicina, cirurgia ou farmácia, das quais nada sabe.”

“Depois de entrar num diagnóstico e dar nome, morada, etiologia, sintomas, diagnóstico e tratamento de um caso, é despertado pela sugestão de que não voltará a ver esta pessoa, e que, dentro de poucos minutos, acordará. Ao interrogá-lo, ele não sabe absolutamente nada do que disse, nem de que caso estava a falar. Usei-o em cerca de 100 casos e, até à data, nunca soube de quaisquer erros de diagnóstico, excetuando dois casos em que ele descreveu, em cada um deles, uma criança com o mesmo nome e que residia na mesma casa da pessoa pretendida. Ele limitou-se a descrever a pessoa errada.

“Agora, esta descrição, embora bastante breve, não é mito, mas uma realidade firme. A profissão médica regular troça de tudo o que seja fiável vindo desta fonte, porque a maioria está presa a uma rotina e nunca aderiu a nada que não fosse estritamente ortodoxo.

“Os casos em que o utilizei tinham, na sua maioria, já passado por vários médicos antes de chegarem ao meu conhecimento e, em seis casos

importantes que tinham sido diagnosticados como estritamente cirúrgicos, ele afirmou que não existia tal condição e delineou um tratamento que foi seguido com resultados gratificantes em todos os casos.

“Um caso, uma menina, filha de um senhor proeminente da American Book Company de Cincinnati, fora diagnosticada pelos melhores médicos dos Estados Centrais como incurável. Um único diagnóstico do meu homem mudou completamente a situação e, em três meses, ela foi restaurada à perfeita saúde — e assim continua até hoje.

“Agora, para terminar, pode perguntar-se: por que razão um homem com tais poderes não esteve perante o público e não recebeu o endosso de toda a profissão, sem medo nem favoritismo? Posso responder com verdade dizendo que eles ainda não estão prontos para receber isto. Até o próprio Cristo foi rejeitado, pois ‘a menos que vejam sinais e prodígios, não acreditarão’.

“Agradeceria o conselho e as sugestões dos meus colegas neste vasto campo quanto ao melhor método de pôr o meu homem em condições de ajudar a humanidade sofredora, e ficarei grato se me enviar o nome e a morada do seu caso mais complexo e tentarei provar aquilo que me esforcei por descrever.”

Em explicação adicional, o Dr. Ketchum apresentou esta declaração, obtida do próprio jovem enquanto dormia, quando lhe pediram que descrevesse os seus poderes e a fonte do seu conhecimento desconcertante:

“O nosso sujeito, sob auto-hipnose, numa ocasião, explicou o seguinte:

“Quando lhe pediram que indicasse a fonte do seu conhecimento, estando ele nesse momento em estado subconsciente, declarou: ‘A mente de Edgar Cayce é suscetível à sugestão, tal como todas as outras mentes subconscientes; mas, além disso, tem o poder de interpretar para a mente objetiva de outros aquilo que adquire da mente subconsciente de outros indivíduos do mesmo tipo. A mente subconsciente não esquece nada. A mente consciente recebe a impressão de fora e transfere todo o pensamento para o subconsciente, onde permanece mesmo que o consciente seja destruído.’

Ele descreveu-se na terceira pessoa, dizendo ainda que a mente subconsciente está em comunicação direta com todas as outras mentes subconscientes e é capaz de interpretar, através da sua mente objetiva, e de transmitir a outras mentes objetivas as impressões recebidas, reunindo

deste modo todo o conhecimento possuído por milhões de outras mentes subconscientes.

“Em suma, o jovem Cayce já deu mais de 1.000 leituras, mas nunca transformou os seus maravilhosos poderes em vantagem pecuniária, embora muitas pessoas tenham sido restauradas à saúde seguindo o plano de tratamento prescrito nas suas leituras enquanto em estado de hipnose.”

Jornais de uma ponta à outra do país noticiaram esta história:

— *Chicago Examiner*

Médium Diagnostica e Cura Doentes
Ignorante de Medicina, Torna-se Curador em Transe
Novo Enigma do Kentucky para os Médicos
Admite Não Se Recordar de Nada
Do Que Acontece no Sono Hipnótico
Resolve Mistério de Homicídio
Tratamentos Notáveis e Bem-Sucedidos
São Atestados em Declarações Juramentadas por Roswell Field

— *Cincinnati Times-Star*

Estranho Poder de Homem Intriga Médico
Enquanto em Sono Hipnótico, Edgar Cayce, Fotógrafo do Kentucky,
Diagnostica Doenças Complicadas com Exactidão

— *Kansas City Post*

Jovem em Transe Diagnostica Doença

— *The Oregon Sunday Journal* (Portland, Oregon)

Agricultor do Kentucky Faz Curas Enquanto em Transe

Em 1912, Edgar tentou deixar de dar leituras psíquicas. Mudou-se com a família para Selma, Alabama, e abriu um estúdio fotográfico. Em 1914, foi a Lexington, Kentucky, para dar uma leitura a uma Sra. DeLaney, que estava paralisada com o que pode ter sido um tipo de artrite. Ela recuperou.

Enquanto estava em Lexington, Edgar conheceu alguns vizinhos dos DeLaney, o Sr. e a Sr.^a Solomon Kahn e os seus oito filhos. Esta família, sobretudo a mãe, Fanny Kahn, e o filho mais velho, David, tornaram-se amigos para a vida e, de muitas maneiras, desempenharam um papel importante na vida de Edgar e nas suas buscas psíquicas. A Sr.^a Fanny Kahn reconheceu algo do significado dos fenómenos a que assistiu. Foi o seu interesse, talvez, que focou o interesse do seu filho de dezoito anos, David.

Ao longo dos anos, David trouxe Edgar Cayce e o seu trabalho à atenção de uma secção transversal notavelmente diversificada do público americano, em circunstâncias que proporcionaram algumas das melhores evidências de clarividência na história da investigação psíquica.

O interesse de David E. Kahn foi alimentado pelo caso DeLaney e por leituras iniciais para membros da sua própria família. Mais tarde, enquanto esteve no exército, as suas perguntas estenderam-se a movimentos de tropas em que estava envolvido. Segundo ele, a exactidão da precognição dessas leituras permitiu-lhe, em muitas ocasiões, deixar boquiabertos os seus oficiais superiores. Ganhou a reputação de saber mais do que o seu general sobre os movimentos da divisão.

Quando a Primeira Guerra Mundial terminou, David Kahn recorreu a uma leitura de Edgar Cayce para aconselhamento. A leitura que recomendou que ele deixasse o negócio de mercearia da família e entrasse em “produtos de madeira e metal” foi apenas uma de muitas leituras pessoais que continham evidências do estranho discernimento de Edgar Cayce num mundo de negócios completamente desconhecido da sua mente consciente. O facto de os rádios estarem então apenas a ser desenvolvidos e de virem a ser colocados em caixas de madeira em milhões de casas americanas pode ter sido coincidência. Pode ter sido apenas trabalho árduo e coincidência o facto de David Kahn ter fabricado e vendido, durante vários anos, mais armários de rádio do que qualquer outro homem na América; mas o Sr. Kahn estava — e está — mais do que disposto a atestar que as leituras de Edgar Cayce foram factores importantes na sua escolha de vocação como fabricante de armários de rádio.

Os arquivos das leituras dadas pelo meu pai contêm os nomes de empresários e das suas famílias por toda a América que foram introduzidos às leituras por David Kahn. De Nova Iorque, Chicago, Los Angeles, Dallas, de qualquer lugar para onde David viajasse, chegavam telefonemas e telegramas com nomes e moradas de associados de negócios e das suas famílias que precisavam de ajuda. David Kahn queria ajudar as pessoas. Queria também provar o poder do seu amigo. Estava habituado ao riso e ao ceticismo. Os telegramas não continham perguntas orientadoras, e as conversas telefónicas na presença do homem que iria obter a leitura não davam oportunidades de procurar informação. Os resultados foram uma série de leituras psíquicas surpreendentemente exatas e úteis, frequentemente dadas a pessoas críticas, sem relação entre si, espalhadas por todos os Estados Unidos.

Uma das peças de correspondência mais estimadas de David é uma carta de um médico num hospital do Sul, admitindo que o seu diagnóstico da doença física de que padecia o superintendente de uma das fábricas de David Kahn não fora tão exato como o de Edgar Cayce.

Uma coisa é dar informação psíquica sobre a saúde de um homem depois de falar com ele ou com a família; outra, muito diferente, é trabalhar apenas a partir de um nome e uma morada a centenas de milhas de distância. David Kahn sabia-o muito bem. Fez um uso eficaz e dramático do dom de Edgar. Ainda assim, por trás de cada pedido estava o desejo de ajudar outro ser humano. Talvez tenha sido esta preocupação básica de servir os outros que permitiu a Edgar Cayce e a David Kahn usarem o poder do meu pai de forma eficaz.

Em 1920, Edgar deu uma leitura para homens no Texas que estavam a perfurar um poço de petróleo. A informação foi considerada tão exata que o instaram a juntar-se a eles. Durante muitos anos, o meu pai esperou construir um hospital um dia, onde as leituras pudessem ser verificadas e os tratamentos nelas delineados pudessem ser executados exatamente como eram dados. Movido pelas visões do dinheiro necessário para construir o seu hospital “de sonho” e pela excitação gerada pela atividade nos campos petrolíferos, Edgar iniciou uma busca, à Ulisses, por fortuna e aventura. David E. Kahn regressou de França e juntou-se a ele no Texas. Durante três anos, Edgar e David seguiram leituras que frequentemente se provaram corretas, mas nunca trouxeram um sucesso duradouro.

A seguinte manchete apareceu num artigo do *Birmingham Age-Herald* de 10 de Outubro de 1922. Edgar Cayce estava em Birmingham nessa altura, a dar uma série de leituras:

“Este Dom Peculiar Tem Sido Meu Desde a Juventude”, diz Edgar Cayce
Misticismo, Psiquismo, ou Como Queiram,
Envolve o Homem Cujo Poder de Cura Criou
Enorme Interesse Entre Todos os Tipos de Pessoas

Permaneceu em Birmingham por várias semanas, durante as quais falou para vários grupos, incluindo estes:

Edgar Cayce Falará a Psicólogos Aqui
A reunião regular do Birmingham Club of Applied Psychology, que se reúne no tribunal todas as terças-feiras à noite, na sala do Juiz Smith, será brindada com uma conferência de Edgar Cayce, psicólogo e curador, que atualmente se encontra aqui. Fez uma intervenção interessante na última reunião do clube e consentiu gentilmente em falar novamente na terça-

feira, às 8 horas. Esta reunião estará aberta ao público em geral e todos estão cordialmente convidados a assistir. No final da conferência, o Sr. Cayce terá gosto em responder a perguntas.

Ao regressar a Selma para uma curta estadia, o meu pai foi entrevistado a respeito dos seus planos.

Cayce Parte para Promover o Hospital Grande Instituição de Um Milhão de Dólares a Ser Construída por um Habitante de Selma e o Seu Sócio — Pretende Desenvolver o Diagnóstico Psíquico de Casos Difíceis

Edgar Cayce, na véspera da sua partida para Nashville e Nova Iorque esta tarde, falou com confiança sobre o trabalho que o aguardava, na angariação de grandes fundos com os quais ele e o seu associado, David E. Kahn, de Cleburne, Texas, e Lexington, Kentucky, propõem construir um grande hospital ou sanatório onde os inválidos da nação, ricos ou pobres, cujos casos tenham deixado a ciência perplexa, possam receber tratamento.

Nesta obra humanitária, o Sr. Cayce associar-se-á a uma equipa de cirurgiões e médicos competentes, que terão total responsabilidade pela administração do hospital. O seu trabalho consistirá exclusivamente em diagnosticar os problemas daqueles que procuraram durante muito tempo, sem sucesso, alívio para os seus males.

Registo de Casos A comprovar as alegações do Sr. Cayce como descobridor de doenças esquivas e até então insuspeitadas, cujo tratamento adequado é suficiente para curar casos aparentemente sem esperança, existem registos e declarações juramentadas de muitas pessoas respeitáveis, homens e mulheres, que testemunham os benefícios obtidos quando os médicos seguiram o diagnóstico do Sr. Cayce.

Como já foi referido, o sonho de angariar fundos para o hospital através de leituras sobre petróleo acabou por fracassar.

Quando o meu pai regressou ao Texas para Selma e começou a recompor os pedaços do seu negócio de fotografia, o seu coração não estava nisso. Atrás de si ficava um caminho sinuoso de fracassos. As informações psíquicas que dava em estado inconsciente pareciam ser apenas parcialmente exatas quando se tratava de localizar poços de petróleo. Descobriu que os homens que negociavam em concessões petrolíferas não seguiam as regras ensinadas nos livros de escola dominical. Os seus amigos tinham perdido tempo e dinheiro ao apoiá-lo. Durante meses seguidos esteve separado da família. O seu negócio de fotografia estava a desmoronar-se.

Do lado positivo da balança, havia a convicção de que as pessoas queriam leituras — de que as pessoas precisavam dele. Enquanto viajava pelo país a tentar angariar fundos para as empreitadas petrolíferas, deu centenas de leituras sobre problemas de saúde. Os beneficiários e os seus médicos ficaram espantados com a precisão das análises e com os resultados obtidos a partir dos tratamentos sugeridos. As pessoas continuavam a escrever a pedir ajuda e começaram a deslocar-se a Selma para ouvir leituras. E a simpatia que encontrou em Selma não foi um pequeno encorajamento. Tanto nos círculos empresariais como nos religiosos, os Cayce foram bem recebidos de volta.

Com uma confiança ambígua nas suas leituras e a necessidade de ganhar a vida, o meu pai decidiu retomar o negócio de fotografia e, ao mesmo tempo, oferecer a ajuda que pudesse àqueles que pedissem leituras. Reservou uma divisão do seu estúdio para esse fim e anunciou a procura de uma secretária. As circunstâncias peculiares de tomar ditado de um homem adormecido e a velocidade com que as palavras eram proferidas perturbavam tanto a candidata média que ela não conseguia desempenhar a função. Uma rapariga, quando lhe pediram para ler as suas notas após uma sessão, só conseguiu dizer, ofegante: «Esqueci-me de escrever alguma coisa.»

Uma jovem, Gladys Davis, foi desde o início mais bem-sucedida do que as outras. Todos os dias a minha mãe lia antigas leituras a Miss Davis, que praticava a sua transcrição em estenografia e depois passava as notas a limpo. A partir de 10 de setembro de 1923, todas as leituras passaram a ser registadas, transcritas e arquivadas juntamente com a correspondência respeitante a elas. Ao longo dos anos, Miss Davis continuou como estenógrafa e depois como guardiã desses arquivos. Mais tarde, foram enviadas cartas às pessoas que tinham solicitado a leitura, pedindo um relatório sobre o seu êxito.

Pedidos semelhantes foram dirigidos aos médicos consultados. Todos os dados eram guardados no processo do caso. Os arquivos reunidos ao longo dos anos estão longe de estar completos e certamente não constituem experiências cientificamente controladas. No entanto, contêm um registo notavelmente completo, dia a dia, das leituras psíquicas de Edgar Cayce, relatos consistentes de evidências de clarividência à distância precisa e milhares de testemunhos sobre a ajuda recebida após se seguirem as sugestões dadas nas leituras.

No outono de 1923, Arthur Lammers, um rico tipógrafo de Dayton, Ohio, veio a Selma e teve leituras. Insistiu com Edgar para que abandonasse o negócio de fotografia e se dedicasse a tempo inteiro a dar

leituras. Edgar visitou Dayton para conhecer os amigos de Lammers e discutir mais o assunto. Arthur ofereceu-se para financiar a mudança da família para Dayton e abrir um gabinete onde as leituras pudessem ser realizadas.

O Sr. Lammers não limitou as suas perguntas aos corpos físicos. Tinha curiosidade acerca de questões filosóficas. Obteve a primeira do que viria a ser conhecido como «leituras de vida». Numerosos livros foram escritos sobre estas leituras que tratam da reencarnação, sendo o primeiro *Many Mansions*, de Gina Cerminara.

O novo patrocinador envolveu-se em dificuldades financeiras. Não conseguiu continuar o apoio financeiro nem o interesse no trabalho. Seguiu-se um período difícil de ano e meio. Thomas Brown, um fabricante de Dayton, e M. B. Wyrick, um responsável da Western Union em Chicago, apresentaram Edgar a muitos dos seus associados de negócios.

David E. Kahn, agora homem de negócios em Nova Iorque, apresentou Morton e Edwin Blumenthal às leituras. A família Cayce mudou-se de Dayton em 1925 para Virginia Beach, Virgínia, local designado nas informações psíquicas muitos anos antes como o melhor para o hospital.

David E. Kahn, trabalhando com os Blumenthal, foi o principal responsável pela organização de uma associação sem fins lucrativos, constituída legalmente na Virgínia para estudar o trabalho de Edgar. Em 1928, o sonho de Edgar Cayce de ter um hospital onde as suas leituras pudessem ser verificadas e seguidas tornou-se realidade.

Em julho de 1928, o *Virginia Beach News* publicou a seguinte notícia:

Iniciada a Construção do Hospital em Virginia Beach Estrutura com Vista para o Oceano Custará 100 000 Dólares Quando Todas as Unidades Estiverem Concluídas A Ser Erguido pela National Association of Investigators Pesquisa Psíquica Será Realizada

A National Association of Investigators adjudicou o contrato para a construção de um hospital com 30 quartos a ser edificado na 105th Street [atualmente 67th Street], Virginia Beach. O edifício, já em construção, constitui a primeira unidade do projeto e outras adições seguir-se-ão, sendo o conjunto conhecido como Cayce Hospital for Research and Enlightenment. O edifício será de betão e telhas de madeira e, além dos 30 quartos, conterà um grande átrio, sala de jantar, auditório, alojamento para médicos e enfermeiros e amplas varandas.

O custo total do investimento, incluindo terreno, edifício e equipamento, será aproximadamente de 100 000 dólares. Os planos da

estrutura foram elaborados por Rudolph, Cooke e Van Leeuwen, e o contrato foi atribuído à United Construction Company, de Norfolk.

O local do hospital será uma das características mais atraentes. Erguendo-se numa alta duna de areia, provavelmente a mais elevada entre Virginia Beach e Cape Henry, terá vista para toda a região circundante com uma panorâmica desimpedida do Oceano Atlântico. A primeira unidade será seguida por outras conforme a necessidade.

A Association of National Investigators foi constituída em maio de 1927, no Estado da Virgínia. Embora a base imediata da sua fundação fosse promover e encorajar o benefício físico, mental e espiritual que milhares de pessoas estavam a obter dos esforços do Sr. Cayce no domínio psíquico, o propósito mais amplo e abrangente da organização era dedicar-se à investigação psíquica em geral e também proporcionar a aplicação prática de qualquer conhecimento obtido através do fenómeno psíquico.

No que diz respeito à aplicação específica, a associação procura prestar auxílio aos doentes através do seu hospital e difundir e explorar, em benefício da humanidade, o conhecimento obtido na sua investigação, através de auditórios, biblioteca e outros canais educativos.

A Associação proporcionará àqueles que procuram leituras psíquicas e desejam obter os tratamentos exatamente como prescritos nelas a oportunidade de receber tais tratamentos pelas mãos de médicos competentes e compreensivos. O hospital será conduzido segundo as linhas científicas e éticas mais modernas. Serão prestados aos pacientes todos os confortos e serviços de alojamento, pensão e tratamento, e todo o dinheiro recebido, exceto os honorários dos médicos, reverterá para a manutenção da instituição.

Com muitos altos e baixos, incluindo a perda do hospital durante os anos da Depressão na década de 1930, Edgar continuou o seu trabalho até 1944. Em 1942, Thomas Sugrue, amigo e colega meu na Universidade Washington and Lee, que se tornara escritor de jornais e revistas, escreveu *There Is a River*, a primeira biografia de Edgar Cayce.

No ano seguinte, um artigo da revista *Coronet* intitulado «Miracle Man of Virginia Beach» trouxe centenas de cartas diárias ao meu pai. As marcações para leituras estavam agendadas com dois anos de antecedência.

O trabalho e a pressão aumentaram durante os anos da guerra. Após um acidente vascular cerebral e vários meses de doença, Edgar Cayce faleceu a 3 de janeiro de 1945.

A Associação que fora criada para estudar o seu trabalho psíquico e preservar as suas leituras iniciou um programa de indexação cruzada por temas dos dados contidos nos 14 306 documentos. Foram empreendidos estudos dos dados correlacionados sobre assuntos específicos, como informação histórica e geológica, vida após a morte e reencarnação, bem como experiências baseadas em ideias das leituras. Conferências, grupos de discussão, publicações e outras atividades, que constituíam um programa educativo geral em estudos psíquicos, continuaram em Virginia Beach e em muitas grandes cidades dos Estados Unidos.

Em setembro de 1953, a revista *Pageant* publicou um artigo sobre Edgar Cayce sob o título «The Man Who Made Miracles». Ao entrevistar médicos que tinham analisado algumas das leituras, o autor citou um deles a dizer que nenhum dos tratamentos recomendados poderia fazer mal, mas que não faziam sentido para si. Outro médico, especialista em cardiologia, afirmou que, após estudar as leituras durante um mês, acreditava que a informação médica nelas contida não só era verdadeira como também muito avançada para a sua época.

Em 1956, a Dell Publishing Company lançou uma edição de bolso a cinquenta cêntimos de *There Is a River* com o título *The Edgar Cayce Story*.

Morey Bernstein, autor de *The Search for Bridey Murphy*, um estudo sobre hipnose e reencarnação que nasceu do interesse pelas leituras de Edgar Cayce, escreveu um artigo para a *True Magazine* em maio de 1956, no qual descrevia a sua própria investigação de muitos dos relatórios existentes nos arquivos de Cayce. No mesmo ano, foi publicado pela Fawcett Publications um novo livro de bolso sobre a vida do meu pai, intitulado *Edgar Cayce — Mystery Man of Miracles*, de Joseph Millard.

Em 1959, a *American Mercury* publicou um artigo sobre Cayce, «In Slumber Deep», de Lytle W. Robinson, e a *American Weekly* falou dele aos seus vários milhões de leitores na edição de 12 de abril de 1959. O artigo, intitulado «The Mystery of Edgar Cayce», de Maurice Zolotow, baseava-se na experiência de vários anos de um fisioterapeuta de Nova Iorque (Harold Reilly) a seguir as leituras de Edgar Cayce.

O programa de rádio nacional *NBC Monitor*, aos fins de semana, transmitiu treze entrevistas com pessoas que tinham tido leituras de Edgar Cayce e com membros da equipa da Associação nos dias 15, 16 e 17 de maio de 1959.

Desde essas primeiras publicações, apareceram literalmente centenas de livros sobre Edgar Cayce em dezenas de línguas em todo o mundo.

Que tipo de pessoa era aquele que passou parte de cada dia, durante mais de quarenta anos, em estado inconsciente?

Quando criança, o meu pai era descrito como calmo e reservado, quase um recluso. Era um sonhador, um rapaz muito imaginativo. Desde cedo planeou ser pregador. Embora nunca tenha sido formalmente ordenado, as suas intervenções, dentro e fora da igreja, tinham a qualidade de sermões. A linguagem das leituras era bíblica na fraseologia e nas ilustrações, embora de modo algum se limitasse à Bíblia. A tranquilidade do rapaz mudou; pois, enquanto homem, Edgar Cayce amava as pessoas. Os seus estúdios em Bowling Green, Kentucky, e Selma, Alabama, eram pontos de encontro para grupos de jovens.

Ao longo da vida, Edgar Cayce manteve um ativo interesse pela igreja: aos dez anos era zelador numa pequena igreja rural; professor de escola dominical; líder de sociedades de Esforço Cristão; diácono; e professor de classe bíblica para adultos. Em Hopkinsville, Louisville, Bowling Green e Selma, onde Edgar participou ativamente em classes de escola dominical, foi responsável pelo trabalho dos membros com pessoas nas prisões. Entradas no seu diário descrevem a sua classe de escola dominical em Selma, que em certo momento foi considerada a maior do Alabama. Menciona também as Bíblias fornecidas e as visitas aos prisioneiros. Refere-se a trabalho semelhante em Louisville, quando membros da sua classe conheceram um jovem preso por vender uísque ilegal («moonshine»). Ajudou a ensinar o jovem a ler. Durante esses anos foi membro da Igreja dos Discípulos de Cristo. Não havendo igreja desta denominação em Virginia Beach, aí passámos a frequentar a Igreja Presbiteriana.

O meu pai dedicava parte de cada dia à leitura da Bíblia, à oração e à meditação.

O meu pai era um homem que gostava de pescar percas num lago do Kentucky ou de pescar espadins ao largo da costa da Florida. Gostava de jogos — damas, bowling, críquete, golfe. Gostava de jogos de cartas apenas se não exigissem muita concentração, como no caso do bridge. Sobre esses jogos dizia que era demasiado fácil ler a mente dos jogadores.

Era um homem de muitos talentos. Como fotógrafo, tirava fotografias, revelava, imprimia, montava e emoldurava. Patrocinava exposições de boa fotografia. Usava modelos para algumas das suas melhores fotografias, mas também ganhou prémios com a sua imagem de uma planta de algodão em plena floração. Pais traziam-lhe crianças de todo o Alabama à medida que ele se foi tornando conhecido como um fotógrafo excecional de crianças.

Deleitava-se a fazer compotas, geleias e vinhos, desde que pudesse fazê-los em grande quantidade. Após visitas de verão a Hopkinsville, a minha mãe encontrava todas as prateleiras disponíveis cobertas de frascos de pêssegos em aguardente, geleias de todo o tipo, figos em calda e cubas de vinho. Ao longo da vida deve ter oferecido vários milhares de frascos de geleia e compota. Onde quer que tenhamos vivido — Hopkinsville, Selma, Dayton e Virginia Beach — havia sempre uma oficina em casa. O meu pai conseguia consertar tudo. Assim que fomos suficientemente crescidos, ensinou-me a mim e ao meu irmão a trabalhar com ferramentas (um feito em si mesmo). A família estava sempre a acrescentar ou a remodelar a casa. Pintar, betonar, rebocar, etc., eram frequentemente atividades do dia a dia. O seu treino inicial na quinta nunca foi completamente esquecido. Orgulhava-se dos seus jardins, da variedade de árvores no nosso quintal e das bagas cultivadas em que passava muito tempo e trabalho.

O dinheiro era um tema de muita conversa na casa dos Cayce. Ou havia demasiado pouco (durante longos períodos) ou demasiado (durante curtos períodos). O meu pai gastava dinheiro por vezes como se tivesse uma reserva inesgotável. Depois preocupava-se com isso. Comprava frascos, fruta e açúcar para uma grande sessão de conservas, mesmo que a família tivesse de comer apenas pão e compota durante várias refeições. Se via uma oferta particularmente atraente de várias árvores para venda, a mercearia podia ficar leve por alguns dias. Era generoso com o dinheiro, com a família, com as pessoas que trabalhavam para ele e consigo próprio.

Dizer que era uma pessoa sensível seria um grande eufemismo. Penso que estava constantemente mais consciente do que se passava na mente e nas emoções das pessoas à sua volta do que a maioria das pessoas imaginava. Isso era efetivamente doloroso para ele e tentava bloquear essas impressões da sua mente. Em certa medida, esta sensibilidade pode ter sido responsável pelo seu temperamento — que ele trabalhou arduamente toda a vida para controlar. Esta sensibilidade pode também ter sido, pelo menos em parte, a causa dos seus extremos de reação emocional — muito feliz ou muito deprimido — muito falador ou muito silencioso — muito otimista ou muito pessimista. Frequentemente funcionava num ou noutro extremo da escala emocional. Era sentimental e dado a mudanças de humor. Quando ria, o seu mundo era leve e alegre; quando franzia o sobrolho, o seu mundo era um lugar muito sombrio. Confiava em toda a gente e por vezes seguia as pessoas à sua volta em direções erradas. Conseguia perdoar facilmente os outros. Era mais duro consigo próprio.

O meu pai irradiava interesse, preocupação e amor pelas pessoas. Estas atitudes manifestavam-se de pequenas formas, assim como através

do desejo de ajudar as pessoas através das suas leituras. Era gentil com as crianças e elas sentiam-se atraídas por ele. Era atencioso com os criados. A sua paciência com os jovens foi um fator importante no seu sucesso com grupos ao longo da vida. Quando viajava, depressa estabelecia relações amistosas com qualquer pessoa que conhecesse. Nunca me lembro de o meu pai mostrar irritação com uma empregada de mesa ou um empregado num local público. As pessoas, todo o tipo de pessoas, sentiam-se atraídas por Edgar Cayce.

Este era o clarividente, o médium, cujos comentários sobre os poderes desconhecidos da mente mais me impressionaram. Qualquer que fosse o dom que ele tivesse, era uma janela através da qual se podia ver a sua mente a funcionar num nível inconsciente.

Ao examinar o conteúdo deste material, há vários pontos dignos de reflexão.

Uma quantidade considerável da clarividência pareceu ser exata. Muitas pessoas que experimentaram as sugestões das leituras relataram ter recebido ajuda prática. Foram demonstrados conhecimentos em áreas que investigações posteriores vieram a confirmar como corretos. De especial interesse são as afirmações sobre o funcionamento das glândulas endócrinas, as correntes corporais, o conhecimento sobre mudanças pré-históricas na Terra, descobertas arqueológicas, etc. Ver-se-á que vários conceitos filosóficos sobre os quais Edgar Cayce tinha apenas vagas opiniões conscientes foram desenvolvidos com algum detalhe nas suas leituras.

Alguns dos mais evidentes são a reencarnação e o carma, a origem da alma e o seu propósito na Terra, as causas de muitas doenças específicas, a vida após a morte e um mundo de formas-pensamento. E embora o meu pai fosse um estudioso da Bíblia, as suas interpretações inconscientes de muitas passagens, assim como os seus comentários sobre a história bíblica, eram por vezes, no mínimo, surpreendentes. A exatidão numa área da sua informação não implicava que qualquer outra afirmação devesse ser aceite sem questionamento. No entanto, ao longo dos anos, as evidências de percepção alargada em múltiplas direções acumularam-se rapidamente. A preservação e o exame minucioso das suas leituras psíquicas pareciam justificados.

Certamente, na vida e na obra deste homem encontramos um exemplo de tentativa de usar um dom psíquico em benefício daqueles que procuravam a sua ajuda. A medida do seu êxito ainda não está completa.

Parece-me de considerável importância o exame e a testagem de quaisquer afirmações feitas a partir desta mente inconsciente quanto à forma como as capacidades psíquicas podem ser desenvolvidas. Onde estão os compartimentos do inconsciente que contêm os aparelhos de rádio e televisão da mente que alcançam para além dos cinco sentidos — e como se chega até eles?

Por fim, parece razoável afirmar que o estudo da vida do meu pai e da vasta quantidade de dados inconscientes das suas leituras pode proporcionar algum insight sobre a natureza do inconsciente — as suas atividades e dimensões.

2 As leituras de Edgar Cayce são numeradas para preservar a confidencialidade. O primeiro conjunto de números (p. ex., “565”) refere-se ao indivíduo ou grupo para quem a leitura foi dada. O segundo conjunto de números (p. ex., “1”) refere-se ao número da leitura para esse indivíduo ou grupo.

UM INCONSCIENTE SEM LIMITES

A RESPIRAÇÃO PESADA E LABORIOSA DO HOMEM DEITADO NA CAMA PODIA SER OUVIDA do lado de fora do quarto, no corredor. O médico que estivera a auscultar com o estetoscópio virou-se e disse: «Este homem tem um pulmão completamente obstruído. O outro está em mau estado. Tem de ser levado imediatamente para o hospital. A pneumonia pode já ter começado.»

Edgar Cayce era o homem na cama. Era a mim que o médico se dirigia. Há dias que o meu pai sofria de uma forte constipação. Estávamos de visita a amigos em Staten Island, Nova Iorque. Dia após dia ele recebera pessoas e dera leituras de manhã e à tarde. Por fim, deitara-se. Lá fora, uma forte nevasca estava a derreter.

O médico desceu para chamar uma ambulância. O meu pai fez-me sinal para me aproximar da cama. «O que disse o médico?», perguntou com voz rouca.

Toquei-lhe na mão e na testa. Estavam quentes e secas. Conte-lhe exatamente o que fora sugerido.

«Fecha a porta», disse ele. «Não deixes ninguém entrar aqui até eu acordar.»

Obedeci-lhe sem questionar.

Em poucos minutos, as suas pálpebras tremularam; a respiração tornou-se profunda, regular e pesada. Ele fazia um ruído como o crepitar de mato seco numa floresta árida.

Em menos de cinco minutos, grandes gotas de suor surgiram na sua testa e rosto e começaram a escorrer-lhe pelo pescoço. Enquanto observava e escutava, o lençol que tocava no seu peito ficou encharcado, e a respiração tornou-se mais pesada e mais laboriosa.

Ao fim de quinze minutos, o suor escorria da cama para o chão, formando uma pequena poça reluzente. A respiração estava a desobstruir-se e tornava-se mais regular.

Alguém bateu à porta trancada. Tentei explicar sem a abrir.

Pouco mais de vinte minutos depois, Edgar Cayce abriu os olhos, espreguiçou-se, sorriu, afastou as cobertas e pediu o roupão. Os lençóis, os cobertores, o colchão, estavam encharcados. A sua voz estava clara; a cabeça e as mãos estavam frescas. A ambulância partiu sem ele.

Este é um exemplo do estranho poder do subconsciente de aceitar uma sugestão e controlar automaticamente o funcionamento interno do corpo físico.

Viver seria extremamente difícil se o homem tivesse de regular conscientemente a respiração, para não falar no que implicaria regular os processos digestivos. Como planearia alguém a digestão de uma cenoura? Que mente planearia a distribuição do alimento assimilado? Diferentes partes do corpo precisam de quantidades variáveis de energia em momentos diferentes. Leve esta ideia um pouco mais longe. Existe um poder verdadeiramente mágico do corpo para reconstruir o tecido de uma lesão ou de um corte. A quantidade adequada do tipo certo de tecido é restaurada. Não cresce cabelo nem osso onde é necessário tecido muscular. Tais funções, juntamente com a respiração, a circulação sanguínea, grande parte da eliminação e centenas de outras funções corporais automáticas, são controladas a partir de um nível inconsciente da mente. Este controlo surpreendente é aceite sem reflexão até ser possível observar uma demonstração do poder da sugestão em alguém em estado inconsciente.

Ao longo da vida, o meu pai perdeu a voz em intervalos variáveis. A abordagem que adotava para curar esta situação era entrar no mesmo estado de consciência que usava para dar uma leitura. Nesse estado, podiam ser-lhe dadas sugestões para aumentar a circulação na zona da garganta e aliviar as tensões nervosas. Qualquer pessoa que observasse as

suas reações podia ver o tecido da garganta mudar de cor. Geralmente acordava capaz de falar novamente.

A suscetibilidade do inconsciente à sugestão e o poder da sugestão para afetar o corpo físico são bem conhecidos por quem tenha praticado ou observado hipnose. A extensão e o grau dos efeitos que podem ser produzidos parecem depender da habilidade do hipnotizador e da suscetibilidade do sujeito. Um sujeito responsivo chorará com uma maçã se lhe disserem que está a comer uma cebola, ou fará surgir uma bolha ao ser tocado com um pedaço de gelo se lhe disserem que está a ser queimado com um fósforo.

É por vezes assustador considerar a extensão do poder da sugestão. Num relatório inicial sobre «projeção subliminar», afirmou-se que um anúncio comercial invisível foi projetado no ecrã de um cinema drive-in enquanto os filmes normais eram exibidos. Na revista *The Reporter*, de 17 de outubro de 1957, foi referido que, ao longo de seis semanas, 45 000 pessoas foram levadas pela sugestão, que contornou a mente consciente, a aumentar as suas compras de pipocas em 57,5 %. Não é geralmente reconhecido que o inconsciente pode conter um registo de cada experiência da consciência, mesmo que não haja consciência no momento da percepção.

Em várias ocasiões, Edgar Cayce demonstrou a capacidade de ler material e depois trazê-lo com exatidão à consciência após dormir alguns minutos. Isso aconteceu pela primeira vez quando lhe foi sugerido que poderia lembrar-se de cada palavra de um livro de ortografia. Numa cerimónia de conclusão do ensino básico, foi relatado que memorizara um longo discurso político após lê-lo uma vez e dormir alguns minutos. Quando começou a trabalhar numa empresa grossista de papelaria, aprendeu todo o catálogo da mesma forma. Como centro ambulante de informação sobre os produtos da empresa, estava em constante procura.

A completude e a complexidade desta memória inconsciente desempenham um papel muito mais importante na vida de um indivíduo do que ele próprio percebe. Literalmente, um indivíduo torna-se aquilo que alimenta no seu inconsciente. Esta ideia está a ganhar cada vez mais importância com o desenvolvimento da medicina psicossomática. Certos pensamentos e emoções são considerados diretamente relacionados com doenças específicas. O significado da frase «a mente é o construtor», repetida vezes sem conta nas leituras de Edgar Cayce, não pode ser compreendido plenamente. No entanto, ganha novo sentido à medida que se começa a vislumbrar as profundezas do inconsciente.

A consciência varia de momento para momento. É como uma taça de mistura para a qual vários ingredientes são vertidos através das percepções sensoriais — visão, audição, paladar, tato e olfato. Outros ingredientes que aparecem ocasionalmente não parecem provir das percepções sensoriais. Geralmente assume-se que estes «ingredientes extra» na consciência provêm de memórias inconscientes onde as percepções sensoriais anteriormente registadas são armazenadas. Alguns aventureiros no mundo da mente sugerem memórias raciais armazenadas nos genes e cromossomas, ou um inconsciente coletivo ao qual todos estamos ligados. Estas áreas da mente são como a parte do iceberg submersa ou os raios invisíveis do sol. Talvez, ao acompanhar Edgar Cayce enquanto parecia mover-se para as regiões desconhecidas deste mundo interior, seja possível observar alguns dos «alcances» do inconsciente.

Nas palavras das leituras, a mente participa tanto dos aspetos materiais como espirituais do homem. É uma centelha de uma força do Criador, um princípio ativo que governa os indivíduos e se expressa em muitos níveis de consciência. No plano físico, a mente manifesta-se através dos sentidos. Raciocina com as impressões dos sentidos. Esta é a mente consciente.

Dois outros grandes compartimentos da mente podem ser chamados subconsciente e supraconsciente — duas amplas divisões do inconsciente. O subconsciente armazena impressões da consciência física e, como já foi referido, capta muito mais do que é conscientemente conhecido. As leituras sugerem que esta mente se torna, por assim dizer, a mente consciente quando o corpo físico é abandonado na morte. A mente supraconsciente poderia dizer-se que é a parte da mente que nunca entrou em expressão física. É o padrão espiritual original. O crescimento e o desenvolvimento espiritual de um indivíduo dependem da capacidade da pessoa de libertar energia espiritual desta área superior do inconsciente e trazê-la para expressão consciente. A mente é parte da alma.

As leituras de Edgar Cayce descrevem a alma como uma criação particular, um arranjo ou padrão de energia. Pode ser considerada composta por espírito, mente e vontade. O espírito é a essência da força vital; a mente é a qualidade criadora construtora; a vontade é o poder de escolha, o direito de nascença de toda a alma.

É natural que nós, em três dimensões, pensemos nos termos — alma, mente, vontade, espírito — como tomando forma na matéria. Como disse o poeta inglês Edmund Spenser: «Pois do corpo a alma a forma toma: Pois a alma é forma, e faz o corpo.»

Num outro compartimento da mente inconsciente parece haver por vezes um mecanismo para estabelecer sintonia com outras mentes. Alguns psicólogos sugerem que é no inconsciente coletivo que tais fenómenos telepáticos operam.

Do estado inconsciente, Edgar Cayce descreveu a sua própria capacidade como um processo de sintonia com o subconsciente da pessoa para quem dava informação. A maioria das suas leituras tratava de doenças do corpo. O pedido de ajuda parecia estabelecer uma ponte empática telepática ou clarividente, permitindo que alguma área do seu inconsciente se fundisse com o subconsciente do que procurava ajuda. Esta atividade do inconsciente foi descrita em muitas leituras. Eis uma citação:

«Então, ao procurar informação, há certos fatores na experiência do que procura e no canal através do qual tal informação pode vir. Desejo da parte do que procura de ser mostrado. E, como buscador honesto, não será demasiado crédulo; nem estará tão encerrado em preconceitos que duvide daquilo que é aplicável na sua experiência. Por isso, a informação não deve apenas ser prática, mas também estar em acordo com os desejos do que procura.

Este desejo, então, deve apoderar-se não apenas daquilo que é primordialmente a base de toda a manifestação material das coisas espirituais, mas deve também ter a sua origem num desejo bem equilibrado de usar tal informação não só para si mesmo, mas também para os outros. Então poderá vir, como para este corpo no presente, aquilo que, se aplicado, poderá ser útil na experiência presente.

Da parte do canal através do qual tal informação pode vir, deve haver o desejo desinteressado de ajudar um semelhante. Não para autoexaltação por ser um canal. Não para engrandecimento pessoal por tal canal ser bem falado. Mas antes como alguém desejoso de ser um canal através do qual as mais elevadas forças espirituais possam manifestar-se, trazendo à consciência material do que procura aquelas coisas que possam ser benéficas num sentido espiritual e material para o que procura.

Qual é, então, a hipótese da atividade que ocorre durante tal experiência? Não é apenas telepatia; nem um espírito benéfico procura prestar um serviço dando conselhos, como alguns sugeriram. Pois, se tal fosse verdade em todos os momentos, nunca haveria falhas — se realmente espíritos desenvolvidos estivessem no controlo.

Mas antes, neste caso, é o seguinte:

A alma do que procura está passiva, enquanto a alma do indivíduo através do qual a informação vem está positiva. À medida que o físico é

subjugado para o inconsciente, o último sai, guiado pela sugestão, pelas forças que são libertadas para aquele lugar individual do que procura. E as almas entram em comunhão umas com as outras.»

(Leitura de Edgar Cayce 531–2)

Deve ter-se em mente que Edgar Cayce nunca estava conscientemente ciente de nada do que dizia enquanto dava uma leitura psíquica. Em outras palavras, funcionava a um nível inconsciente. Ainda mais interessante é o facto de ele conseguir dar informação que não era conscientemente conhecida pelo indivíduo que pedia ajuda.

A notável capacidade do inconsciente de, por vezes, fornecer informação útil sobre os seus próprios problemas seria prontamente admitida por psicólogos e psiquiatras. Estudos parapsicológicos revelaram uma forma até então insuspeita pela qual esta utilidade opera e pode estender-se aos outros. É a capacidade de estabelecer comunicação entre duas mentes inconscientes, e parece depender de sintonia ou rapport baseado no desejo, dirigido pela sugestão. Literalmente milhares de leituras de Edgar Cayce parecem ser exemplos deste tipo de comunicação inconsciente. Os seguintes excertos das leituras ilustram o ponto:

Homem, 1 ano de idade. Localização: Califórnia.

Toda a informação conhecida por Edgar Cayce estava contida numa carta da avó — 18 de dezembro de 1934:

«Agora tenho dois netinhos que precisam muito de atenção médica, mas não conseguimos obter um diagnóstico correto para eles. Ruby, uma menina de dois anos, e John, com um ano.»

Leitura: Sim. Quanto a este corpo... as afetações provêm da atividade não do estômago, mas de infeções intestinais... de uma forma de vermes (1), que causam irritações, falta de apetite (2), e por vezes excesso de apetite (3), por vezes regurgitação de alimentos e vômitos (4), inquietação (5) à noite, incapacidade do corpo de estar ativo (6), e tendência para constipações (7) e congestão em todo o sistema. Isto causa por vezes pulsação rápida, uma ligeira subida de temperatura que surge ocasionalmente (8), irritação na garganta (9), irritação nas mucosas das narinas e do rosto (10), hiperatividade ocasional dos rins (11), o efeito produzido nas eliminações e especialmente uma cor e odor peculiares indicados nas fezes (12). (Leitura de Edgar Cayce 786–1)

Foi recebido um relatório numa carta da avó datada de 30 de março de 1935:

«Lamento muito não ter escrito antes para agradecer a leitura que enviou para o meu netinho. Começámos imediatamente com o tratamento conforme indicado e obtivemos muito bons resultados.

Demos o medicamento ao John conforme indicado, e ele teve a primeira boa noite de sono em meses. Mas não pareceu eliminar os vermes, pois mostrou os mesmos sintomas pouco depois, pelo que, três semanas depois, repetimos a dose e saíram muitos oxiúros...»

Não havia qualquer indício da condição na carta da avó. Edgar Cayce nunca tinha visto esta criança que se encontrava a três mil milhas de distância quando a informação foi dada. Foram indicados doze sintomas verificáveis. Será possível que a mente inconsciente desta criança de um ano tenha sido capaz de se sintonizar com o inconsciente de Edgar Cayce, fornecendo assim a descrição da condição e das necessidades do corpo?

Homem, 56 anos. Localização: Nova Jérсия.

Informação conhecida por Edgar Cayce: Carta do indivíduo, 29 de dezembro de 1934:

«Gostaria de uma leitura geral quanto ao estado geral da minha saúde e se pode ajudar-me.»

Leitura, 4 de janeiro de 1935: No sangue encontramos evidências de uma eliminação deficiente, bem como uma perturbação distinta em vários canais de eliminação, manifestada pela erupção que por vezes aparece na testa... Encontramos também torpor do fígado, pressões ou condições que afetam através das atividades nos rins... Quanto ao funcionamento dos próprios órgãos, como encontramos, há algum tempo que existem pressões na área dorsal inferior — 10.^a, 11.^a, 12.^a dorsal...

(Leitura de Edgar Cayce 777-1) Relatório: Carta, 21 de fevereiro de 1935: Sei que ficará interessado em saber que a radiografia que tirei das costas mostrou exatamente o problema na 10.^a, 11.^a e 12.^a dorsal que a sua leitura descreveu. Parece quase inacreditável que uma leitura à distância tenha sido dada com tanta exatidão...

Neste caso, o rapport inconsciente entre as duas mentes forneceu informação que pôde ser verificada por radiografia. Existem trinta e três vértebras na coluna vertebral. Edgar Cayce selecionou três. Nenhuma informação sobre a condição física do homem tinha sido dada antes da leitura.

Outra atividade notável da mente inconsciente que se reflete nas leituras de Edgar Cayce tem a ver com algum tipo de movimento no tempo-espço. Isso é sugerido na leitura anteriormente citada, «sai pelas forças

que são libertadas». Esta atividade parece ser ilustrada por uma variedade de observações de abertura relativamente pouco importantes, mas muito interessantes, nas leituras físicas. Estas indicam um conhecimento de ações como se ele estivesse a observar o corpo no exato momento da leitura, um conhecimento descritivo do ambiente da pessoa que solicitara a leitura.

Deve recordar-se que pelo menos duas, e geralmente quatro ou cinco (ou mais) testemunhas estavam presentes em cada leitura. Quando eram feitas observações como as seguintes, o sujeito da leitura nunca estava presente. Aproximadamente 1000 afirmações deste tipo foram indexadas nas leituras de Cayce. Cada leitura indica os nomes das pessoas presentes, bem como a hora e a data exatas. É fácil imaginar o choque para algumas pessoas quando recebiam a leitura datilografada pelo correio e se apercebiam de que Edgar Cayce, a várias centenas de quilómetros de distância, sabia exatamente o que elas estavam a fazer no momento em que a leitura foi dada. Eis alguns breves exemplos:

4687-1: Sim, temos aqui o corpo. Temos de deixar o corpo ficar quieto um minuto. [pausa] 3063-3: Sim, temos aqui o corpo [em voz baixa]; o corpo está mesmo a sair, a descer no elevador agora. 168-1: Está este corpo na cama? Não, está sentada numa grande cadeira, a falar com um homem. 1713-1: Sim, temos aqui o corpo. Já tivemos este antes. Ela ainda não se vestiu, como vê. 3433-1: Ela esteve aqui e foi levada para fora. [Leitura dada a um paciente específico numa determinada sala de um sanatório.] 806-1: Sim, na casa de banho dos senhores. Temos aqui o corpo. 1683-2: Saiu para um passeio e está agora a entrar. 3546-1: Sim, está na hora de acordares. 531-2: Sim, temos aqui o corpo, 11:47. Acabou de pousar o jornal que estava a ler. 3853-1: O que está o corpo a fazer agora? Sentado na beira da janela aqui, um quarto para as doze. 1078-1: Sim, temos aqui o corpo — acabou de marcar a hora — saiu! 1727-2: Sim, temos aqui o corpo. Seria melhor se ficasse quieto um minuto. Não vale a pena ralhar com aquele homem. 1311-1: Sim, foi ali ontem, 418 Cedar St.; está agora no 419. 930-1: Sim. Está a caminho. 5339-1: Sim, temos o corpo. Está um bocado ocupado, a trabalhar como empregado num supermercado. 5078-1: Leitura de criança: Sim, encontramos a mãe a orar.

A leitura seguinte mostra muito mais do que a observação de ações físicas no momento da leitura. Neste caso, Edgar Cayce pareceu recuar no tempo até a eventos que já tinham ocorrido e avançar até a ações futuras já em movimento quando deu a informação.

A irmã de um amigo de Edgar Cayce tinha ido visitar uma amiga. Passado o tempo previsto para o seu regresso, uma chamada para a amiga que ela visitara indicou que a rapariga partira a horas. Dias passaram sem

notícias ou rasto dela. A carta mencionada foi recebida no dia seguinte. Os detalhes foram confirmados.

Informação desejada quanto ao paradeiro da Menina X que esteve em casa da sua amiga [endereço] na noite de quarta-feira, 7 de julho de 1920:

Já tivemos o corpo antes. Uma mensagem no dia 8 para casa foi dada a outra pessoa para expedir. Foi atrasada. A mensagem chegará a casa amanhã. Está a caminho agora. Atrasada. Ela separar-se-á de alguém antes de chegar a casa. Houve doença em outra pessoa, mas ela está bem. (Leitura de Edgar Cayce 4953-1)

Outros comentários no início das leituras físicas indicam um conhecimento e uma consciência do ambiente da pessoa. Em apenas raros casos tal informação dizia respeito a locais de que Edgar Cayce tivesse conhecimento consciente.

2883-2: Benham Road, sim, passa pelo ribeiro. Sim, temos o corpo. 3904-1: 1075 Park Avenue, Apt. — muito invulgar em alguns destes corredores, não é? Que pinturas engraçadas! 1746-1: Sim, do lado sombreado — temos o corpo. 2969-1: Sim — galo muito bonito — temos o corpo. 599-10: Sim, fiquem calados. Houve um acidente mesmo em frente da casa. 2185-4: Na beira da colina. 3079-1: Sim, aqui há um pequeno regato. 4637-1: Sim, temos o corpo... cheira muito a drogaria. 1951-1: Sim, tinta fresca. 5499-1: Há demasiada medicina por aqui — cheira.

Um bocadinho de informação bastante divertido foi dado quando Edgar Cayce abriu uma vez uma leitura dizendo «Nabisco — sim» (4066-1), o que foi mais tarde confirmado como a alcunha de infância do indivíduo.

Por vezes, as condições internas do corpo eram descritas juntamente com as ações corporais, como «queixando-se de uma pequena dor de cabeça esta noite» (4576-1).

Praticamente todas as leituras físicas continham descrições das funções internas do corpo. Milhares dessas leituras foram verificadas pelos destinatários e por médicos. De quando em vez, os pequenos detalhes revelavam um conhecimento que podia ser facilmente verificado pelo indivíduo ou por quem o rodeava. Os seguintes são mencionados apenas como exemplos:

313-4: durante uma leitura física foi dada a localização exata de um dente que precisava de ser extraído, embora nem o dentista nem o indivíduo tivessem ainda tomado consciência do problema. 415-5: um menino de seis anos queixava-se de dores no joelho. Não se encontrou

qualquer problema, mas foi dada uma leitura que afirmou que um pequeno fragmento de vidro partido ficara alojado no joelho do menino. O fragmento foi localizado e removido.

Quando os indivíduos estavam presentes nas suas leituras físicas, era uma experiência comum as pessoas sentirem que Edgar Cayce lhes lera a mente. Frequentemente comentavam que ele respondia a perguntas que tinham na mente e que nunca haviam sido verbalmente formuladas. Os seguintes são exemplos típicos.

Um homem que planeava perguntar «O que está a causar a dor no meu estômago?» desistira da ideia, decidindo antes ver o que Edgar Cayce diria. Imagine a sua surpresa quando a leitura que lhe foi enviada pelo correio afirmava: «Encontramos estas condições a surgir antes de uma forma de inchaço produzida na porção inferior do duodeno, em vez de no próprio trato intestinal...» (Leitura de Edgar Cayce 257–242)

É já difícil admitir que o inconsciente possa tornar-se suficientemente sensível para captar telepaticamente um pensamento de uma pessoa na mesma sala. A distância, que não parece afetar este tipo de comunicação, acrescenta um ar adicional de mistério a tais ocorrências.

Noutra ocasião, o mesmo indivíduo tinha em mente perguntar: «Por favor reveja a causa da erupção e do prurido, e diga-me como me livrar disso?» mas não submeteu a pergunta. A sua leitura começou:

«Essas perturbações, como encontramos, que têm sido agravantes para o corpo (Sim, ele está agora a entrar) [11:05 às 11:10 da manhã, EWT], estas apareceriam se houvesse consistência na limpeza dos tecidos do corpo, imagine o que seriam se fossem expressas no canal alimentar — que tem dado tanto trabalho ao corpo! ... Quando as porções da cutícula ou a erupção ou irritação sob a pele se tornarem demasiado agravantes, use a Prescrição D.D.D. — de preferência o creme, para este corpo...» (Leitura de Edgar Cayce 257–245)

Um caso igualmente interessante de telepatia parece ter estado envolvido na seguinte nota da secretária de Edgar Cayce, Gladys Davis, datada de 15 de fevereiro de 1939:

Devido a muitas interrupções, começámos tarde a leitura. Havia duas outras leituras de verificação a dar. A Sra. Cayce apresentou o primeiro nome da lista (920–13), que era uma senhora em Nova Iorque. O Sr. Cayce repetiu o nome e o endereço como sempre faz ao localizar o corpo; depois disse: «Melhor começar com [949]; ele está a sair!» Assim, a Sra. Cayce apresentou então o nome e endereço de [949] na Califórnia, e a sua leitura foi obtida primeiro. (11:20 às 11:30 da manhã, EST)

Quando questionado sobre isso, [949] respondeu:

[3 de março de 1939:] Fiquei muito interessado ao ler a nota sobre a leitura, dizendo para me atenderem primeiro porque eu estava a preparar-me para sair. Costumo sair do apartamento por volta das nove horas. O vosso atraso significou que começaram as leituras às 8:30 (hora local), por isso vejam que foi por pouco. Como sempre, estou muito interessado nos pormenores secundários das leituras.

Houve ocasiões em que as pessoas presentes nas leituras ficaram surpreendidas ao ouvir Edgar Cayce dar informação que não fora solicitada. Em todos esses casos, cartas a pedir leituras estavam já no correio.

A 17 de abril de 1940, Edgar Cayce estava em Nova Iorque. Após a leitura agendada ter sido concluída, foi dada esta: «... períodos de ansiedade surgiram recentemente em relação a esta fraqueza de [1465], essas tendências para atividades que causam quase um coma...» (Leitura de Edgar Cayce 1465–10) Uma carta do irmão de 1465 a solicitar a leitura foi reencaminhada de Virginia Beach para Nova Iorque e chegou vários dias depois. Fora escrita a 17 de abril de 1940.

Na noite de 17 de janeiro de 1925, Edgar Cayce deu uma primeira leitura física perante um grupo de mais de sete pessoas num apartamento na cidade de Nova Iorque. Esta leitura terminou às 00:15 do dia 18 de janeiro de 1925. Imediatamente começou a falar novamente sobre uma Mary Smith em Eugene, Missouri. Ninguém na sala alguma vez ouvira falar dela. Disse em parte:

«Agora, nesta condição que surgiu no corpo devido ao desarranjo nos órgãos pélvicos, especialmente aqueles na falsa pélvis, encontramos que estes precisam de atenção imediata, através da condição indicada, para a operação no corpo, senão dentro de dezanove dias se estabelecerá uma infeção que trará forças destrutivas a todo o sistema. O alívio da pressão tem sido eficaz para o corpo, mas esta tentativa de levantar algo mais pesado do que o corpo deveria ter tentado nas condições existentes trouxe esta condição, ou maior queda dos órgãos na pélvis, e a rutura da trompa de Falópio esquerda, e estas condições devem ser atendidas imediatamente.» (Leitura de Edgar Cayce 5700–6)

A 18 de janeiro de 1925, Mary Smith de Eugene, Missouri, enviou uma carta a Edgar Cayce em Dayton, Ohio, com as seguintes perguntas:

Para que devo ser operada? Deve o meu útero ser removido? Exatamente o que deve ser feito? A operação pode ser feita pela vagina? Devo tomar clorofórmio ou éter? Quanto tempo devo ficar no hospital? Posso esperar até maio ou junho para ir à operação, e depois usar a

máquina elétrica três ou quatro semanas imediatamente antes? Esta operação tornaria os meus nervos piores do que estão, e de que forma os tornaria piores?

A carta só foi aberta quando Edgar Cayce regressou a Dayton de Nova Iorque, vários dias depois. Parece que o pedido desta mulher, tal como expresso na sua carta ainda não aberta, chegou ao inconsciente sensível de Edgar Cayce a centenas de quilómetros de distância — na verdade antes mesmo de o pedido ser posto por escrito!

No estado inconsciente, Edgar Cayce aparentemente conseguia aceder a outros compartimentos tanto da sua própria mente como da mente dos outros. As suas explorações trouxeram à luz informação psicológica e filosófica tão completamente incongruente com as suas ideias conscientes que é difícil para mim acreditar que ele a tenha obtido de leituras ou conversas. O exemplo mais notável deste tipo de informação são as «leituras de vida». Foram consideradas por muitas pessoas que as obtiveram como sendo pelo menos igualmente exatas e úteis que as leituras físicas. Grande parte do comentário filosófico contido nos dados psíquicos de Cayce encontra-se nelas. A secção sobre «Filosofia» de Thomas Sugrue na sua biografia de Edgar Cayce, *There Is a River*, atraiu considerável atenção.

A minha introdução às leituras de vida está associada na minha mente a uma experiência perturbadora. Talvez isso tenha afetado a minha reação. Na primeira metade do meu terceiro ano do ensino secundário fiquei com amigos em Selma, Alabama. No Natal juntei-me à família em Dayton. O meu pai tinha abandonado o negócio de fotografia e dedicava todo o seu tempo a dar leituras. Cartas da minha mãe e breves notas do meu pai tinham sugerido dificuldades, mas eu não estava preparado para enfrentar as condições reais. A família estava em sérias dificuldades financeiras. A renda estava há muito atrasada. Roupa e comida adequadas eram escassas. A minha passagem de comboio, descobri, fora paga com uma moeda de ouro que a minha mãe guardava há anos.

No final de um jantar de boas-vindas, em que partilhámos um frango muito magro, disseram-me que o meu pai tinha dado um novo tipo de leitura. Tinham feito uma para mim. Li as páginas datilografadas com o meu nome e, ao mesmo tempo, ouvia pela metade a conversa sobre vidas passadas e personagens históricas estranhas. Lentamente comecei a perguntar-me: «As pessoas terão razão? O meu pai estará louco?» Nunca, em todos os dez anos nas suas aulas de escola dominical, ouvira o meu pai mencionar encarnações passadas, outras vidas, das quais talentos e fraquezas podiam vir influenciar a vida presente. À medida que continuava

a ler o que estava escrito sobre mim, comecei a zangar-me. Mesmo então senti uma espécie de exposição. Pensei que o meu pai me traía. Havia demasiado sobre os meus medos e sentimentos nessas páginas. Ele não tinha o direito de dizer essas coisas onde outras pessoas pudessem vê-las, mesmo que fossem verdadeiras. Reprimi lágrimas de raiva. Ouvi e retraí-me para dentro de mim. Durante cinco longos anos lutei contra as ideias daquela leitura. Em circunstâncias diferentes poderiam ter sido mais fáceis de considerar com menos preconceito.

Para compreender melhor a informação nestes tipos de leituras, examinemos um dos casos. A seguinte foi dada a 29 de agosto de 1927, para um rapaz de catorze anos que vivia numa cidade distante. O pedido de uma leitura de vida foi feito pela irmã do rapaz. Os pais não aceitaram a leitura e não deixaram o rapaz vê-la nem saber dela.

O rapaz era bom aluno. Há vários anos que ajudava a comprar os seus próprios livros e roupas trabalhando como vendedor de jornais. Para além destes factos e do conhecimento de que ele se interessava por colecionar selos, a irmã, que vivia na mesma cidade que Edgar Cayce, não tinha qualquer insight especial sobre o seu carácter.

Sugestão para leitura de vida: Darás a relação desta entidade [Robert Moore] com o universo e as forças universais, dando as condições que são personalidades, latentes e manifestadas na vida presente; também as aparições anteriores no plano da Terra, dando o tempo, o lugar e o nome, e aquilo que em cada vida construiu ou retardou o desenvolvimento da entidade; dando as capacidades da entidade presente e aquilo a que ela pode atingir, e como.

Leitura: Temos a entidade e aquelas relações com o universo e as forças universais, que são latentes e manifestadas no atual plano da Terra.

Na experiência presente encontramos mais daquelas condições como impulsos latentes do que aquelas que têm sido manifestadas ou expressas através da aplicação da vontade — até agora — no corpo. No entanto, os impulsos são definidos, precisos, e estes são os que encontramos nesta entidade — e os impulsos que se veem através das estadias naqueles planos em que as várias fases de desenvolvimento são experimentadas pela entidade.

Ao entrar no plano da Terra encontramos a entidade a vir sob a influência de Júpiter, Mercúrio, Vénus, e as influências benévolas no Sol e em Órion. Encontramos, então, o impulso para um corpo forte, mas com inclinações e tendências para aqueles defeitos ou incapacidades físicas que afligem o corpo tendendo para a digestão — ou o sistema interno. Por isso

o corpo deve ser advertido contra o excesso em quaisquer condições que possam tender a trazer problemas que seriam aflições físicas, sob a tensão e o stress do sistema digestivo.

Quanto às influências vistas em Júpiter, encontramos um extraordinário no porte. Um com a disposição ou tendência que naturalmente faz amigos, e é lento em zangar-se — mas quando a ira toma posse, a entidade fica furiosa — por assim dizer — até ao fundo, e não lhe falta meios de expressar isso.

A entidade é, então, uma que — sem respeito [ou consideração] da vontade — encontra estas condições como impulsos na experiência presente:

Aquele que encontrará maior êxito, maior desenvolvimento na experiência presente, através da associação com as pessoas — na condição de homem de negócios, especialmente no que diz respeito a materiais, vestuário ou naturezas semelhantes. Estes serão a tendência e a inclinação natural da entidade nas suas relações com indivíduos e coisas. Pois, com a capacidade de fazer amigos e com a nobreza de propósito que se observa, esta [vocação] oferecerá o canal através do qual o maior desenvolvimento moral, físico, financeiro e espiritual poderá vir nesta experiência presente. Por isso, o treino que a entidade deve ter, nestas condições e relações, deve começar o mais cedo possível — seja pelo desenvolvimento gradual na associação com, ou para obter — por assim dizer — a base correta para tal desenvolvimento.

Aquele que ama conhecer coisas pela sua capacidade de serem aplicadas na melhoria das condições para si próprio e para os outros.

Aquele que descobrirá que a manutenção de si mesmo em sintonia com o Divino — através das experiências religiosas da entidade — trará a maior associação para o bem na vida do que pode ser encontrada através de qualquer outra ou de todas as outras esferas ou fases da experiência de vida. Mantém bem este [contacto espiritual] nas atividades da entidade, então, durante o seu período criativo — ou o período em que as experiências moldam a maneira de pensar do homem mais maduro.

Quanto às experiências no plano da Terra e aos impulsos vistos das estadias, encontramos:

Antes disto, a entidade esteve naquele período em que o povo em França estava próximo da rebelião, durante o reinado de Luís XIII. A entidade era então um dos que escoltavam e protegiam esse monarca; era especialmente aquele que escolhia o vestuário ou a mudança de indumentária para o soberano — embora não na qualidade de valete.

Antes, a entidade era um que ditava os estilos para o povo. O nome era então Neil, e a entidade ganhou nessa experiência, dando-se a si próprio em serviço de acordo com o período, e não agindo de forma alguma que não fosse correta no porte e na posição.

Vê-se no presente o impulso particular — ou o impulso para ser particular consigo próprio quanto ao vestuário; a capacidade de descrever bem o vestuário de uma sala cheia de pessoas, se se dispuser a pensar — por assim dizer — a respeito disso.

Antes disso, encontramos a entidade em Salónica, no que hoje se conhece por Salónica, durante o período em que houve mudanças na terra. A entidade era então um dos comerciantes, com o nome Cohal, e ganhou e perdeu nesse período — ganhou no serviço ao país e ao povo que serviu — perdeu na aplicação de si próprio quando foi colocado em poder ou posição. O impulso presente vê-se na capacidade de se adaptar a qualquer lugar ou posição, ou entre qualquer povo com quem a entidade se encontre associada. Especialmente se vê o amor pela família e por aqueles intimamente associados com ela, proveniente dessa experiência.

Antes disso, a entidade esteve na terra agora conhecida como Pérsia, quando o povo estava dividido no serviço daqueles que trouxeram divisões na terra. Então a entidade, como médico na corte, ganhou e perdeu — ou perdeu e ganhou. Perdeu pela má aplicação de si próprio àquilo por que a entidade se pautava. Ganhou pelos serviços prestados, mesmo quando vieram perseguições pelas forças invasoras. O nome era então Abiel. O impulso visto no presente é o desejo inato de conhecer ou estudar compostos químicos, ou o impulso para o desejo de ser médico. Antes, que este seja substituído por aquele impulso, como indicámos, que vem da experiência relativa aos comerciantes, do que tentar um serviço no campo limitado visto pelo impulso sentido da experiência persa.

Antes disso, a entidade esteve na terra do Egito durante o período em que houve divisão do reino. A entidade era do povo nativo, mas aquele que trouxe muito conforto a muitas pessoas ao providenciar a aplicação da verdade que era dada pelos que governavam — de modo que os nativos compreendessem a intenção e o propósito. A entidade atuou então na qualidade de professor, ministro ou intermediário entre os sacerdotes da época e o povo comum. Por isso, a entidade foi um dos primeiros na terra a adotar vestuário ou trajes especiais de classe para se distinguir dos outros povos, sendo-lhe dada esta permissão pelos que detinham o poder, tanto religioso como político. Então, com o nome Isois, e ainda se vê entre as ruínas ou relíquias egípcias referência à aplicação da entidade ao povo; tornando-se, em anos posteriores — depois de a entidade ter entrado

novamente no plano espiritual — um daqueles que foram adorados pelos povos. A entidade ganhou nessa experiência, e o impulso visto no presente é a capacidade de se aplicar às massas — assim como aos indivíduos.

Antes disso, a entidade esteve na terra da Atlântida quando vieram as inundações e quando a destruição reinou nessa terra. A entidade estava entre aqueles que foram destruídos nessa experiência, sendo do povo no poder e sucessor ao trono, caso essa terra tivesse permanecido.

Ganhando e perdendo nessa experiência pela má aplicação de si próprio às lições ou princípios que estavam a ser aplicados pela entidade. O nome era então Amiaieoulieb. O impulso presente vê-se nas capacidades de conhecer materiais, especialmente aqueles que se aplicam ao vestuário.

Quanto às capacidades da entidade, então, vê-se que muitas condições surgem que devem ser enfrentadas pela entidade na aplicação de si próprio relativamente à força da vontade, ao enfrentar as condições através das quais as experiências colocaram a entidade nos ambientes da experiência presente.

Primeiro, cuidado com aquelas condições que possam trazer forças prejudiciais ao bem-estar físico através do sistema digestivo. Neste canal, segue dietas específicas e a correta aplicação de alimentos e valores alimentares para o bem-estar físico.

No mental e na construção do corpo, a entidade precisa de aplicar-se primeiro àquilo que dará o conhecimento mais perfeito da sua relação com a Energia Criadora, ou às lições espirituais que podem ser obtidas do estudo da experiência do Mestre no plano da Terra como filho do homem.

No sentido material, aplica-te ao comércio e às capacidades de satisfazer as necessidades do homem no que respeita às relações comerciais.

Mantém-te fisicamente, mentalmente e espiritualmente apto — pois no serviço as maiores bênçãos são dadas; e na aplicação de si próprio para satisfazer as necessidades de cada condição é dado o caminho de escape, se alguém confiar nas promessas d'Aquele que disse: «Coloquei perante ti o bem e o mal. Escolhe a quem servirás, pois nenhum homem pode servir a dois senhores.»

E no dia em que o sol se põe, traz os teus dons àquele que disse: «Vinde a mim, pois preparei o lugar, para que onde eu estou vós também estejais.»

Mantém a lei como convém às relações do homem com Deus.
Mantém-te imaculado do mundo. Não como serviço de olhos, mas como
serviço do coração ao Criador.

Terminámos por agora. (Leitura de Edgar Cayce 641–1)

Note-se como a leitura acima destaca dificuldades com a digestão do indivíduo em vários pontos. Embora isto pareça ser clarividência direta quando comparado com a informação médica nas leituras físicas, deve ter-se em mente que se trata de uma leitura de vida e a dificuldade física é descrita como uma espécie de debilidade herdada de encarnações anteriores. Nesta vida, o rapaz tinha uma fraqueza estomacal desde o nascimento. Mais tarde foi isento do serviço militar por causa desta condição.

Numa leitura subsequente dada a 3 de dezembro de 1940, foi feita uma pergunta específica sobre o problema:

(P) Que circunstâncias de uma estadia passada trouxeram a minha atual fraqueza do sistema digestivo, e porquê?

(R) A excessiva indulgência nas experiências francesa e persa, com demasiada atividade das forças produtoras de ácidos no sistema. (Leitura de Edgar Cayce 641–6)

Para aqueles que acreditam na reencarnação, a condição descrita seria chamada carma físico, a fraqueza corporal na experiência de vida presente sendo um reflexo do mau uso do corpo numa vida anterior.

Do lado positivo, a mesma leitura contém referências frequentes às capacidades «de conhecer materiais, especialmente aqueles que se aplicam ao vestuário». Os relatos sobre este caso indicam que a leitura acabou por ser utilizada:

22 de agosto de 1934: Aos vinte e um anos, Robert Moore ainda trabalhava num pequeno jornal local. Embora tivesse subido ao cargo de assistente do gerente de circulação, ganhava apenas um salário moderado e era então o principal sustento da mãe e de uma irmã mais nova. Relatou que não tivera oportunidade de entrar na linha de trabalho sugerida pela leitura, e além disso não sentia qualquer inclinação ou impulso especial nessa direção. Era difícil para ele compreender por que a leitura aconselhava uma profissão que não lhe atraía. No entanto, sentia que estava estagnado na posição atual e não via possibilidade de progressão; consequentemente, procurava uma mudança de algum tipo.

Primavera de 1940: Moore, em visita a uma grande cidade, contactou amigos da irmã que primeiro obtivera a leitura para ele. Estes amigos

estavam no negócio de vestuário; durante três gerações a família fabricava uniformes. Conheciam as leituras do Sr. Cayce por experiência pessoal; a confiança nelas era tal que aceitaram Moore por fé e ofereceram-lhe um emprego como vendedor itinerante num território de vários estados do Sul. O seu êxito num ano foi fenomenal. Ambos os sócios da firma admitiram que Moore tinha um dom especial para lidar com clientes que os seus outros doze ou mais vendedores não possuíam, embora Moore fosse o mais jovem e o mais recente na equipa.

Devido ao racionamento de gasolina e às condições de viagem, foi necessário abandonar o trabalho na estrada durante a duração da guerra. Em 1943 foi nomeado gerente de um centro de vestuário para oficiais num dos grandes centros de incorporação. Ali, mil e quinhentos ou mais oficiais eram equipados por semana.

Setembro de 1946: Aos trinta e três anos, Moore assumiu a direção das vendas a retalho do mesmo negócio de uniformes com que estivera associado antes da guerra, na grande cidade onde o negócio está localizado.

Suponhamos que um homem adormecido que nunca vira o rapaz de catorze anos adivinhasse que ele teria êxito a trabalhar com vestuário. Por que razão introduziria a reencarnação, completa com nomes, datas e lugares, para explicar a análise vocacional? Vindo da mente inconsciente de um professor ortodoxo de escola dominical dos Discípulos de Cristo, isto não parecia razoável. Se Edgar Cayce tivesse sido estudante de teosofia ou dos ensinamentos rosacruzes; se tivesse lido ou estudado escritos hindus ou budistas; ou se tivesse uma biblioteca de livros ocultos, isto poderia ser considerado uma fabricação do subconsciente. Qualquer conhecimento que tivesse nessas áreas era mantido em segredo da família e dos amigos. Em todos os anos em que o conheci, nunca vi o meu pai ler qualquer livro que não fosse a Bíblia. Lia-a todos os dias. Até começar a colecionar livros sobre ocultismo, misticismo, psicologia e áreas afins, não havia livros sobre esses assuntos em nossa casa.

No entanto, examinemos alguns casos mais antes de tentar avaliar a extensão do poder clarividente que opera através do inconsciente neste tipo de dados.

Em 1927 foi dada uma leitura de vida a um homem de negócios da Florida. A leitura continha repetidos avisos e considerável conselho espiritual, incluindo o seguinte:

... com o maior propósito de si próprio para realizar o bem, muitos por vezes falam mal quando não há intenção ou propósito maligno por

parte da entidade... Um que no plano presente descobriu que frequentemente, por causa de condições adversas aparentes quando nenhuma era intencionada, a entidade tende a parecer aos outros como secreta nas ações, quando para a entidade tais condições representam um elemento de segurança, em vez de tentar ser de natureza sub-reptícia ou secreta... Nas capacidades da entidade, e na aplicação das mesmas, encontra-se que nessa experiência vem, através disto, muita capacidade de aconselhar, e muitos dos privilégios de dinheiros sob o controlo da entidade, dos seus próprios e dos outros... (Leitura de Edgar Cayce 943-3)

Quando esta leitura foi dada, nem Edgar Cayce nem qualquer pessoa presente conhecia este homem. O destinatário guardou a informação de lado durante vários anos. Surgiram situações em que associados de negócios o acusaram de ser secreto, duvidaram dos seus motivos e tornaram-se severamente críticos. A possibilidade de uma pena de prisão surgiu em relação à gestão de fundos. Talvez algumas destas condições pudessem ter sido evitadas se a leitura de vida tivesse sido estudada e o conselho seguido.

Consideremos outro exemplo:

... o corpo tornando-se unidirecional para uma influência; uma influência teórica e não real, aplicável, trabalhável num mundo material... Na aplicação da vontade relativamente a esta condição, com influências nas forças ativas do oculto, ver-se-á que — sem equilíbrio — o indivíduo pode ser frequentemente mal julgado por associados e por aqueles relacionados em demonstrações ativas, materiais, das propensões mentais de um corpo; considerado radical, e mesmo radical ao ponto de não ser prático. (Leitura de Edgar Cayce 204-1)

Quando esta leitura foi dada, Edgar Cayce não conhecia este homem, que alguns anos mais tarde se tornou uma figura pública. Este indivíduo esteve perto de ser reconhecido como um destacado «servidor do povo». Primeiro, foi criticado pela sua atitude radical e interesse no oculto. Depois, foi acusado de ser demasiado visionário. Finalmente, os ataques públicos acusaram: «Inviável!»

Num outro caso, em que o conselho de uma leitura foi seguido, a capacidade clarividente de Edgar Cayce parece ter ajudado o destinatário a desbloquear um talento específico. Um jovem que trabalhava como gravador foi instado a escapar às convenções vinculativas de uma família possessiva e a seguir a carreira de artista. Aqui foi afirmado que poderia ser um êxito notável, especialmente em trabalhos com frisos modernos. Os anos seguintes viram a sua transformação de um jovem suprimido e

relativamente ineficaz para um artista estimado e reconhecido de talento notável.

Houve outros casos em que foram recomendadas mudanças completas de ocupação. Num deles, a passagem do negócio de mercearia para produtos de madeira e metal, que mais tarde se desenvolveu para rádios e televisão, trouxe êxito fenomenal. Noutro, um jovem vendedor de automóveis, completamente desiludido com a vida, foi aconselhado a entrar no ramo da habitação. O último relatório é que, desde que fez a mudança, nunca esteve mais feliz e está intensamente interessado no seu trabalho.

Ocasionalmente, aspirantes a músicos eram informados de que os seus esforços estavam mal direcionados e eram recomendados instrumentos específicos. Num desses casos, uma jovem que resistia a tocar piano foi levada para a harpa. Aqui pareceu ter capacidade natural e encontrou um profundo sentido de realização. Hoje, anos depois, a harpa sob o toque habilidoso da agora mulher madura traz alegria a muitos.

A 23 de março de 1936, Edgar Cayce deu uma leitura de vida para J.D. que continha a seguinte descrição de uma encarnação na América colonial:

Antes disto, a entidade esteve nas terras da atual nacionalidade ou estadia, durante o período imediatamente após o que é conhecido como a Revolução Americana.

As atividades da entidade foram entre os militares, e os militares da atividade britânica ou inglesa, atuando na terra americana no que seria denominado Serviço de Inteligência. Não como espião era a entidade, mas antes entre aqueles que delineavam os planos para as campanhas de Howe, Clinton e aqueles responsáveis por essas porções dos serviços nessa parte particular da terra.

No entanto, a entidade permaneceu no solo americano após essas atividades, não como um morto, mas como um vivo nos próprios serviços de promover a cooperação então entre os povos da terra natal de adoção da entidade. (Leitura de Edgar Cayce 1135-1)

Em 1956, um parente relatou que J.D. planeava uma carreira naval durante a guerra e procurava uma comissão. Em vez disso, foi destacado para o Serviço de Inteligência e ajudou a treinar homens lançados em França para assistir o movimento da resistência. O treino foi conduzido numa propriedade em Long Island.

Com o início da guerra, um ciclo de atividade relacionado com trabalho de inteligência pareceu desenrolar-se sem qualquer desejo por

parte da pessoa envolvida. Os vários testes feitos como parte da candidatura ao trabalho com a marinha revelaram estas capacidades naturais que foram aceites pelas autoridades como qualificações para o trabalho de inteligência. Edgar Cayce parece ter visto estes talentos anos antes como o padrão cármico de atividade do que deve ter sido pelo menos em parte um trabalho desagradável no Serviço de Inteligência durante a Guerra da Independência. Até o local parece fazer parte do ciclo.

A passagem seguinte é extraída de uma leitura de vida dada a M.S. em 1937:

A entidade era então o que seria denominado no presente, em algumas organizações, como Irmã Superior, ou uma oficial, por assim dizer, nas dos Essénios e nas suas preparações.

Por isso, encontramos a entidade então a dar, a ministrar, a encorajar, a promover maiores atividades; e a criar experiências encorajadoras frequentemente nas vidas dos discípulos, entrando em contacto com o Mestre muitas vezes nos caminhos entre Betânia, Galileia e Jerusalém. Pois, como indicado, a entidade mantinha a escola no caminho acima de Emaús, no caminho que «desce em direção a Jericó» e em direção à costa mais setentrional a partir de Jerusalém. A entidade abençoou muitos daqueles que vinham procurar conhecer os ensinamentos, os caminhos, os mistérios, os entendimentos; pois a entidade fora treinada nas escolas daqueles que eram dos profetas e profetisas, e a entidade era de facto uma profetisa nessas experiências... assim ganhou ao longo de todo o tempo. (Leitura de Edgar Cayce 1391-1)

Os Manuscritos do Mar Morto foram descobertos em 1947. Em 1951 foram iniciadas escavações nas ruínas próximas da costa do Mar Morto, que se pensava serem os restos de um antigo forte romano. Estas ruínas foram desde então identificadas como um mosteiro essénico (atualmente chamado Khirbet Qumran), onde os manuscritos foram escritos e estudados antes de serem enterrados nas grutas das colinas próximas.

Será que a referência dada onze anos antes da descoberta dos manuscritos aponta para a encarnação de M.S. como essénica em Qumran?

Josefo, o historiador judeu, refere que as comunidades essénicas continham apenas homens. Edgar Cayce descreveu M.S. como tendo tido uma encarnação numa ordem essénica enquanto mulher. Quando as sepulturas em torno de Qumran foram abertas, foram encontrados esqueletos de muitas mulheres.

Aqui estão dois relatos finais sobre as leituras de vida. O primeiro é de um rapaz de dezoito anos que teve uma leitura de vida aos quatro anos.

Talvez lhe tenha sido lembrada demasiadas vezes a responsabilidade de viver à altura dela. Ele relatou:

Não é fácil crescer com uma leitura de Cayce a pairar sobre a nossa cabeça. Gostaria de tirar um tempo para dar aos pais alguns conselhos sobre como as usar. Mas deixem-me continuar com a minha própria história...

A parte da leitura de vida que mais me interessou, desde que consigo recordar-me, foi a descrição de uma vida passada em que eu era um homem sobre o qual existe algum registo histórico. Parte desse registo é boa e outra parte nem tanto. Já descobri várias maneiras pelas quais sou muito parecido com esse homem, mas a minha primeira excitação por poder aprender muito sobre uma das minhas vidas anteriores deu lugar à percepção de que conhecer as minhas falhas e fraquezas passadas pode ajudar-me a superar alguns dos meus problemas presentes.

Poderá interessar-vos saber quão exatamente a leitura me descreveu. Eis a lista de traços de carácter mencionados em vários pontos da leitura: «temperamento, teimosia, tendência para discutir tudo, liderança, facilmente influenciado pelo amor (espiritual ou puramente carnal)». Isto poderá parecer-vos geral, mas consigo pensar em muitas coisas que ele poderia ter dito e que não se teriam ajustado tão bem a mim como estes traços, especialmente «tendência para discutir» e «teimosia». E suponho que se possa dizer que a minha eleição para vários cargos na escola e em atividades de jovens mostra alguma liderança. O Sr. Cayce não me viu no momento da leitura, mas mesmo que me tivesse visto eu tinha apenas quatro anos.

Provavelmente uma das partes mais invulgares da minha leitura de vida foi uma previsão que se concretizou. Fui advertido de que entre os treze e os quinze anos a ira afetaria «as atividades mentais».

Foi nessa fase da minha vida que comecei a ter problemas com os professores na escola, e acabou por eu abandonar a escola por um tempo no meu décimo quinto ano. Naturalmente isto causou muita preocupação à minha família. A ira desempenhou um papel importante em todo este problema.

Há secções da leitura que me assentam melhor do que qualquer outra pessoa sabe. Acabei de começar a perceber quão fortes alguns dos impulsos podem ser. Ser advertido sobre eles ajuda muito. Permitiu à minha família compreender e ajudar-me, e no futuro penso que continuará a ajudar-me. (Caso 415, Ficheiro de Relatórios)

O segundo relato vem de um jovem homem de negócios:

... Então chegou a minha leitura! E soube que para algum olhar eu tinha sido um livro aberto — um livro lido do princípio ao fim. Aqui estavam as minhas falhas e os meus sonhos, o bem e o mal não confessados e escondidos em mim.

Aqui, por exemplo, estava a repreensão àquela antiga hesitação minha em seguir com a vida — aquele fantasma recorrente de «Porque me dou ao trabalho com a vida — e será ela real afinal?». Nenhum mero ser humano alguma vez adivinhara esse pensamento que por vezes fora uma consciência de todo o dia em mim.

Agnóstico que me orgulhava de ser, cuspi mentalmente a muitas portas de igreja (e curvei o lábio a muitos membros de igreja). No entanto, este olhar que tudo vê registara a minha amargura e perdoara-a — soubera o que eu realmente queria dizer quando tantas vezes dissera: «Aquele bando não reconheceria Jesus se tropeçasse nele na rua»...

Aqui estavam comentários sobre o trabalho que eu fizera e sobre o trabalho que poderia fazer. Aqui estavam mesmo os modos e maneiras de o fazer.

Aqui estava o romance no seu auge. Pois aqui estava um drama em que eu era a estrela. Movia-me pelo palco da vida, segundo esta leitura, e a vida prosseguira durante séculos. Senti-me importante? Sim, e esse sentimento trouxe nova esperança, nova coragem e novo poder.

Sim, tive uma leitura de vida. (Caso 2265, Ficheiro de Relatórios)

As minhas primeiras objeções à ideia da reencarnação foram semelhantes às que qualquer pessoa levanta quando se depara com ela pela primeira vez. Porque não me lembro das vidas passadas? A ideia é fantástica; demasiadas pessoas pensam que foram reis e rainhas. Não há suficientes lenhadores e lavadeiras. Toda a gente cometerá todos os pecados do livro, acreditando que pode escapar a «outra oportunidade» na próxima vida. Nunca poderá ser provado.

Estas e muitas outras objeções familiares permitiram-me temporariamente ignorar esta fase do trabalho do meu pai. Quanto menos pensasse nisso, melhor me sentia. Gradualmente apercebi-me de que poderia haver algo errado nesta atitude. Comecei a investigar o assunto e, ao mesmo tempo, tentei aplicar os mesmos padrões objetivos de medição às leituras de vida que estavam a ser aplicados às leituras físicas com exames médicos, radiografias, etc.

A minha primeira pesquisa trouxe mais perguntas. Descobri que algumas das grandes religiões orientais consideravam o renascimento uma

parte central das suas doutrinas. Milhões de pessoas acreditavam em vários conceitos dele. Nem o interesse se limitava a selvagens primitivos. Um curso de religiões comparadas revelou a reencarnação como não só uma das crenças mais antigas, mas também uma das mais difundidas sobre a alma. Também não ajudou descobrir que Platão, Plotino, Orígenes, Spinoza, Schopenhauer e muitos outros filósofos pareciam concordar com a ideia. Todo um grupo de estudiosos judeus considerava-a um sistema válido, e o misticismo cristão primitivo estava cheio de ideias sobre ela, descobri. Havia demasiadas histórias de memórias de vidas passadas para as ignorar. E um reexame de passagens do Antigo e do Novo Testamento que pareciam sugerir a ideia de renascimento perturbou-me ainda mais. Romances, poesia, contos e peças com tema de reencarnação acrescentaram um pouco de glamour a toda a ideia. A água ficou «mais quente e mais profunda».

Era possível considerar todo o assunto de forma abstrata até que conversas com investigadores no campo da pesquisa psíquica revelaram que, através da hipnose, associação livre, sonhos, experiências com drogas, etc., vidas passadas surgiam repetidamente. Foi então que me voltei para um estudo sério da exatidão das leituras de vida de Edgar Cayce. Neste ponto sou obrigado a admitir que as leituras de vida são um desafio ainda maior para mim do que as leituras físicas, embora claramente muito mais difíceis de verificar. São obviamente necessários estudos mais aprofundados. Atualmente estão a ser feitas duas abordagens. É um trabalho lento.

Das 1919 leituras de vida, 166 foram dadas a crianças desde o dia de nascimento até aos quinze anos. Um estudo por um psicólogo clínico independente destas jovens (que agora são adultos) para determinar, através de testes psicológicos e entrevistas, quão exato Edgar Cayce foi ao descrever talentos, fraquezas, defeitos e aptidões vocacionais à luz do que chamou realizações de vidas passadas será empreendido assim que houver fundos disponíveis para este trabalho.

Outra abordagem está a ser feita através da hipnose, regressando aqueles que tiveram leituras de Edgar Cayce a uma vida passada designada e tentando obter deles dados adicionais que possam então ser verificados por investigações arqueológicas e históricas. Reconhece-se que isto não fornecerá prova, mas seria evidência perturbadora de duas fontes clarividentes (uma de Edgar Cayce e outra do inconsciente dos indivíduos) ou sugeriria uma vida passada no tempo e lugar especificados.

Gradualmente, das 1919 leituras de vida, consegui juntar respostas parciais às minhas primeiras perguntas.

Porque não nos lembramos das vidas passadas? Lembramo-nos, mas não em termos de consciência física. Talentos e fraquezas, atitudes construtivas e medos, algumas incapacidades físicas e corpos saudáveis são memórias de outras vidas.

A ideia é fantástica — demasiadas princesas e poucos lenhadores. Os pontos altos de períodos de desenvolvimento e realização seriam naturalmente captados através da memória pessoal profunda ou por outra pessoa. As leituras de Edgar Cayce continham descrições tanto de sucessos como de fracassos em experiências passadas.

As pessoas não usarão o renascimento como desculpa para pecar, esperando outra oportunidade? Pelo contrário, um estudo sério da teoria da lei cármica deverá atuar como dissuasor. «Deus não se deixa escarnecer: pois o que o homem semear, isso também ceifará.» (Gálatas 6:7) Se pudéssemos aceitar coletivamente esta ideia, poderíamos mudar os nossos pensamentos e ações pelo motivo muito egoísta e poderoso de que renasceremos no mundo que ajudámos a melhorar ou a destruir. Que poderia ser mais justo?

Para um estudo psicológico mais completo das leituras de vida, deve ler-se *Many Mansions* e *The World Within*, de Gina Cerminara.

A minha aversão pessoal à ideia da reencarnação não se ficou pelas primeiras objeções. Não há dúvida de que a prova do renascimento é extremamente difícil de estabelecer, especialmente se se admitirem capacidades telepáticas ou claridentes como formas de obter dados supostamente provenientes de uma vida passada. Mas porque é que a evidência para o conceito é tão violentamente objetável para tantas pessoas? A minha própria atitude foi um exemplo. Na minha própria mente era difícil aceitar a responsabilidade pelas minhas ações. É sempre mais agradável tentar culpar a sociedade, os pais, os vizinhos, o diabo ou mesmo Deus, do que admitir a possibilidade de que as nossas escolhas dia a dia constroem um padrão mais complexo do que podemos ou queremos enfrentar.

Ao dar as leituras de vida, Edgar Cayce acedia ao que chamou «memória da alma». Descreveu um registo de pensamento e ação no «fio do tempo-espaço». Isto faz lembrar o «fluxo da mente» de William James e o conceito de «inconsciente coletivo» de Jung. No entanto, parecia haver nas leituras uma tentativa de dar alguma informação detalhada e prática em termos da experiência quotidiana. Parecia estar a tentar interpretar uma lei universal em termos da necessidade individual, apontando um caminho de saída desta dimensão da consciência.

Tal como o meu pai o via do estado inconsciente, a Terra é apenas um pequeno ponto num vasto padrão do que o homem chama matéria. Almas individuais em forma espiritual, através da aplicação da vontade na expressão de desejos egoístas, forçaram-se para a matéria e trouxeram confusão à Terra. Através da orientação da Alma-Cristo, a Terra foi transformada numa escada pela qual as almas podem regressar a uma consciência de expiação com o Criador. Através de uma série de encarnações na matéria em forma humana, a alma pode aprender a purificar-se dos desejos egoístas que bloqueiam a sua compreensão mais perfeita e aplicar a lei espiritual em relação à matéria. Os impulsos criados no plano material têm de ser enfrentados e superados, ou usados, no plano material.

O renascimento no plano da Terra ocorre como resultado da necessidade individual. Pode seguir um ciclo definido ou variar de acordo com o desenvolvimento da alma neste e nos planos intermédios. O número de encarnações não é limitado. Algumas almas podem exercer escolha na entrada neste plano; outras, de acordo com o seu desenvolvimento, são atraídas pela lei da atração para um tipo particular de experiência. Um homem que tenha gostado de uma revolução pode aparecer para outra. As mudanças de sexo ocorrem em várias encarnações de acordo com o desenvolvimento e expressão em períodos anteriores. Durante uma vida, as almas estão associadas a outras com quem estiveram ligadas em vidas passadas, ou a almas cujo desenvolvimento é semelhante. Os indivíduos constroem a sua posição na vida.

Como entendo, o perdão dos pecados no sentido religioso está relacionado com as leis de causa e efeito. Através de uma aplicação pessoal de qualquer verdade espiritual que se aceite, pode-se avançar para a Consciência Crística universal e transformar o seu carma em degraus para uma expressão mais divina.

A vontade de uma pessoa é sempre um fator determinante na sua experiência, e pode escolher usar qualquer padrão estabelecido em experiências passadas como ponto de partida para crescer espiritualmente. A ênfase colocada na importância da vontade como fator no desenvolvimento de uma entidade e a correlação das influências ambientais são pontos de destaque nas leituras de vida. Dentro de todo o ser há uma força que procura constantemente mover-se para Deus. Isto não significa que o homem possa sempre superar e dominar o seu ambiente no sentido de sucesso físico, mas que sempre existe dentro dele a capacidade, o poder, de escolher o caminho que significará um passo em frente ao longo do caminho. Se uma pessoa fizer um esforço, o próximo passo para o progresso espiritual abrir-se-á a ela de dentro. A vontade deve

ser considerada como uma faculdade da alma e deve ser exercida e desenvolvida como tal. Não deve ser confundida com a sua expressão ou atividade nos mundos mental e físico, onde os desejos se tornam tão exigentes que ela é perdida de vista. A perda da força de vontade resulta no engrandecimento dos desejos egoístas a tal ponto que as paixões do corpo físico e da mente consciente ofuscam os desejos interiores da alma. Se engrandecido na vida mental e física, a busca de Deus pode usar qualquer condição, qualquer barreira ou qualquer problema como degrau para um crescimento espiritual adicional. A fusão desta faculdade dada por Deus a toda a alma com a Vontade Divina torna possível uma sintonia perfeita com Deus.

Repetidamente nas leituras de vida, a afirmação é repetida: «A mente é o construtor.» Cada leitura de vida contém alguma advertência e orientação para manter a mente em atividade construtiva através de uma expressão completa e equilibrada no plano físico. O pensamento e a ação positivos são destacados como essenciais para a verdadeira autoexpressão.

Uma das minhas próprias experiências, perturbadora, ilustrou-me quão inadequado é o nosso conceito de tempo. A minha leitura de vida de Edgar Cayce, dada quando eu tinha quinze anos, continha uma descrição de uma vida anterior em que fui descrito como tendo participado numa das Cruzadas. A leitura sugeriu que o tédio com a vida de aldeia medieval era mais o motivo da peregrinação do que o desejo professado de libertar a «Cidade Santa». Aparentemente deixara uma família.

Durante a Segunda Guerra Mundial, fui mobilizado. As minhas capacidades no campo dos estudos psíquicos não eram muito procuradas. Acabei por ser colocado numa unidade de Serviços Especiais ligada a tropas de combate. No dia em que a guerra com a Alemanha terminou, a nossa companhia estava estacionada numa pequena aldeia austríaca nos Alpes Bávaros, perto de Berchtesgaden. Tínhamos libertado uma cerveja austríaca muito boa. Estava a consumir uma caneca de cantil desta cerveja enquanto me sentava no pátio de uma das pequenas casas arrumadas da aldeia, quando a minha mente começou a pregar-me partidas. A estrada através da aldeia estava cheia. Restos do exército austríaco, esfarrapados, sujos, magros e exaustos, passavam a arrastar-se.

Camionetas americanas iam e vinham a toda a velocidade, recolhendo motores de avião que estavam escondidos a intervalos ao longo da berma da estrada. Os prisioneiros de um campo de trabalho próximo tinham sido libertados — polacos, russos, checos e outras nacionalidades moviam-se ao longo da berma da estrada, com ar de quem ia perguntar: «Para que lado é

a casa?» Camionetas passavam carregadas de aviadores ingleses que tinham sido abatidos em algumas das primeiras incursões aos campos de petróleo romenos. Presos durante anos, agora livres, estes homens cantavam, riam histericamente, gritavam e bebiam. Dirigiam-se para aeródromos de onde seriam levados diretamente para Inglaterra. Excitação, alívio, alegria, confusão e medo misturavam-se numa onda emocional que parecia quase tangível.

Enquanto ali estava sentado a olhar para esta cena, de repente algo estalou na minha cabeça, e vi diante de mim uma horda de cruzados em marcha. Homens de armadura a cavalo, homens vestidos de couro e a andar com lanças, criados a cavalo e a pé, alguns com coberturas de couro nos braços onde pousavam falcões encapuzados. Pequenos anões atuavam como animadores e faziam piruetas e acrobacias à frente e ao lado da coluna. Parecia que eu estava literalmente de volta ao tempo das Cruzadas.

Tão rapidamente quanto a cena apareceu, uma cortina foi corrida sobre as imagens mentais. Agora veio uma estranha sensação de consciência da aldeia. Sabia onde estava a ruína de um edifício antigo há muito demolido, cujas pedras foram usadas para construções na aldeia. Sabia onde havia uma ponte de pedra sobre um pequeno ribeiro, agora aterrado. A percepção era um padrão misto e confuso que combinava o chamado passado e presente. A minha consciência estava dividida entre dois períodos de tempo.

Então veio uma sensação peculiar de «está terminado». Um ciclo fora concluído. Tinha partido para lutar numa guerra; regressara ao próprio local de onde partira. Pensei na minha mulher e no meu filho em casa, no meu pai e na minha mãe que tinham falecido alguns meses antes. Perguntei-me se isto seria a conclusão de um padrão cármico.

Todas as minhas tentativas de atribuir isto à imaginação e à recordação de estudos sobre as Cruzadas, ou de culpar a cerveja, não conseguiram atenuar a sensação peculiar de ter ficado preso num mundo intemporal de memória profunda.

Sim, no dia seguinte, sem a ajuda da cerveja, encontrei o que pensei poder ter sido uma ponte e as ruínas de um edifício antigo. Isto não ajudou muito; a sensação de que algo terminara continuava presente.

Talvez tudo o que possa dizer agora sobre os conceitos de renascimento seja que, para mim, estas ideias levantaram muitas perguntas sobre o significado da vida. Como base para a busca interior,

tornam-se um ponto de partida. Continuemos a busca, reservando o juízo final até que a luz esteja mais clara.

Enquanto nas leituras de vida parecia haver uma consideração do que pode ser chamado passado, outras leituras trataram, em grau limitado, da precognição e da profecia, aparentemente envolvendo o que pode ser chamado futuro. Por conveniência, pode dizer-se que a precognição lida com assuntos individuais, enquanto a profecia poderia ser designada como concernente a grupos ou nações e a eventos relacionados com grandes números de pessoas. As limitações de tempo e espaço constituem provavelmente as maiores barreiras à expansão da percepção. É extremamente difícil avaliar dados psíquicos que envolvem tempo.

A precognição pode ter-se aplicado no caso mencionado anteriormente, quando Edgar Cayce deu informação para uma mulher que, cinco a sete horas depois, lhe escreveu uma carta a pedir a leitura. Por outro lado, poderia dizer-se que ela talvez estivesse a pensar em pedir ajuda antes ou durante o período em que ele se encontrava no estado inconsciente na cidade de Nova Iorque. Se isto fosse verdade, então a telepatia deveria ser considerada.

Os registos de Edgar Cayce não contêm grande quantidade de profecia geral. As leituras individuais contêm dados que podem ser considerados material precognitivo.

Em poucas leituras dadas perante grupos em conferências entre 1932 e 1944 há afirmações de natureza profética. O ponto de vista das leituras poderia ser dito ser o mesmo que o indicado na história bíblica de Jonas. Nínive, uma cidade cujo povo se afastara de Deus, deveria ser destruída. Jonas foi orientado numa visão a advertir o povo de Nínive. Em vez de obedecer, tentou fugir e envolveu-se em dificuldades com a baleia. Finalmente, Jonas regressou e pregou em Nínive, com o resultado de o povo se ter arrependido. A cidade não foi destruída. Jonas ficou perturbado porque Deus o fizera parecer tolo. Em outras palavras, a profecia é possível, dizem as leituras, mas é frequentemente dada para que mudanças possam ser feitas. Isto pode parecer uma saída fácil para um sensitivo. Um bom olhar para algumas das profecias funestas que têm circulado faria quase qualquer pessoa desejar que tal teoria de mudança possível fosse verdadeira.

A informação em muitas leituras diferentes de Edgar Cayce descreve um mundo de formas-pensamento, padrões de pensamento, que são construídos pelo pensamento, planeamento e propósitos individuais e coletivos mantidos ao nível da mente. Este mundo de pensamento é um mundo de matéria, mas matéria num padrão de energia que pode ser

moldado pela mente. Para um sensitivo, um profeta, este mundo pode parecer tão real como o mundo tridimensional.

Este mundo de pensamento pode ser o mundo que é «visto» na precognição e na profecia. A ação da vontade controla qual padrão de pensamento ou forma-pensamento é trazido para a expressão tridimensional. A vontade é livre, mas também está condicionada em qualquer ponto dado de expressão na matéria ao nível do plano da Terra.

A seguinte foi uma declaração geral interessante feita numa leitura a 7 de outubro de 1935, sobre assuntos europeus, que parecia profetizar a Segunda Guerra Mundial:

Quanto aos assuntos de natureza internacional, encontramos uma condição de grande ansiedade da parte de muitos; não só de indivíduos, mas de nações. E as atividades já iniciadas assumiram agora tais proporções que grupos tentarão impor penalidades e criar grupos para as executar. Isto causará uma tomada de partido, por assim dizer, por vários outros grupos, países ou governos. Tal manifestar-se-á pelos austríacos e alemães e mais tarde pelos japoneses a juntarem-se a esta influência. Assim uma força invisível, crescendo gradualmente, deverá resultar numa quase oposição direta ao tema nazi, ou ariano. Isto produzirá gradualmente um crescimento de animosidades. E a menos que haja interferência do que muitos chamam forças e influências sobrenaturais — que estão ativas nos assuntos das nações e dos povos —, o mundo inteiro, por assim dizer, será incendiado por grupos militaristas e pessoas que são a favor do poder e da expansão. (Leitura de Edgar Cayce 416–7)

Sobre as condições económicas e sociais gerais nos Estados Unidos, a seguinte é uma declaração típica de uma leitura dada a 20 de junho de 1938:

A menos que os negócios uns com os outros estejam de acordo com os Seus princípios, terão de falhar; pois todo o poder no céu e na terra foi dado nas Suas mãos. Na abordagem a todas as fases das relações humanas, estes ideais devem ser tidos em consideração. Não pode haver uma régua de medição para o trabalhador no campo ou o homem atrás do balcão, e outra para o homem atrás dos balcões de troca de dinheiro! Todos são iguais — não só sob a lei material, mas sob a lei espiritual. E as Suas leis, a Sua vontade, não virão a nada! Embora possam vir períodos em que haverá grande stress — como irmão se levantar contra irmão, como grupo ou seita ou raça se levantar contra —, no entanto o nivelamento deverá vir. E só aqueles que tiverem colocado o seu ideal n'Ele, e o praticarem nas suas relações com o próximo, podem esperar sobreviver à ira do Senhor. Nas vossas relações então — seja em casa, com as situações

do estado ou nacionais ou com assuntos internacionais —, tudo deve estar em conformidade com esse propósito, esse desejo.

Então deverá haver — haverá — aqueles que se erguerão ao poder capazes de satisfazer as necessidades. Pois nenhum [está] no poder senão porque lhes foi dada a oportunidade pela vontade do Pai, de quem todo o poder emana. Por isso todos serão nivelados em respeito ao propósito: «A Minha palavra não falhará!» (Leitura de Edgar Cayce 3976–18)

Relativamente à Rússia, as seguintes afirmações são interessantes:

(P) Qual deveria ser a atitude das chamadas nações capitalistas em relação à Rússia?

(R) A maior esperança do mundo virá através do desenvolvimento religioso da Rússia. A nação ou grupo que estiver mais próximo em relação com a Rússia poderá sair melhor durante as mudanças graduais e o ajustamento final das condições, quanto ao governo do mundo. (8 de fevereiro de 1932) (Leitura de Edgar Cayce 3976–10)

(P) Sobre a situação russa?

(R) Como já indicámos antes, uma nova compreensão veio e virá a um povo atribulado. Aqui, por causa do jugo da opressão, por causa das autoindulgências, surgiu outro extremo. Só quando houver liberdade de expressão e o direito de adorar de acordo com os ditames da consciência — até que isto aconteça, os tumultos continuarão dentro. (24 de junho de 1938) (Leitura de Edgar Cayce 3976–19)

Durante o período Jim Crow, quando havia grande preconceito e injustiça social nos Estados Unidos contra os afro-americanos, ocorreu a seguinte leitura em junho de 1939:

(P) Qual deveria ser a nossa atitude em relação ao Negro, e como poderemos melhor resolver o carma criado nas relações com ele?

(R) Ele é teu irmão! Aqueles que causaram ou trouxeram servidão a ele, sem pensamento ou propósito, criaram aquilo que deve ser enfrentado dentro dos seus próprios princípios, dos seus próprios seres. Estes [negros] devem ser considerados na atitude da sua própria aptidão individual — como em qualquer outra forma de associação. Pois Ele fez de um só sangue todas as nações da terra. (Leitura de Edgar Cayce 3976–24)

A seguinte afirmação foi feita em junho de 1940, numa leitura de conferência perante aproximadamente cinquenta pessoas:

Quando muitas das ilhas do mar e muitas das terras tiverem vindo sob a subjugação daqueles que não temem nem o homem nem o diabo; que

antes se juntam àquela força pela qual podem proclamar que o poder e a força são direitos — como de um super-homem que deverá ser um ideal para gerações a estabelecer; então a vossa própria terra verá correr o sangue, como naqueles períodos em que irmão lutou contra irmão. (Leitura de Edgar Cayce 3976–25)

O ataque a Pearl Harbor ocorreu a 7 de dezembro de 1941.

Do estado inconsciente, Edgar Cayce viu o que interpretou como um período de 1958 a 1998 em que mudanças científicas, económicas, políticas, sociais e de terras seriam aceleradas.

Estas mudanças na terra acontecerão porque o tempo e os tempos e meio tempo [Ap 12:14] chegaram ao fim, e começam aqueles períodos para os reajustamentos. Pois como Ele deu? «Os justos herdarão a terra.» Tens tu, meus irmãos, uma herança na terra? (30 de junho de 1936) (Leitura de Edgar Cayce 294–185)

E estas mudanças começarão naqueles períodos de '58 a '98, quando estes serão proclamados como os períodos em que a Sua Luz será vista novamente nas nuvens. Quanto a tempos, quanto a estações, quanto a lugares, só é dado àqueles que invocaram o Nome — e que trazem a marca daqueles da Sua chamada e da Sua eleição nos seus corpos. A eles será dado. (19 de janeiro de 1934) 3976–15

(P) Quando é que as mudanças na atividade da terra começarão a ser aparentes?

(R) Quando houver a primeira rutura de algumas condições nos Mares do Sul (isso é o Pacífico Sul, com certeza) e aquelas condições aparentes no afundamento ou elevação daquilo que está quase oposto a isso, ou no Mediterrâneo, e na área do Etna. Então poderemos saber que começou. (9 de abril de 1932) (Leitura de Edgar Cayce 311–8)

Se houver maiores atividades no Vesúvio ou no Pelée, então a costa sul da Califórnia — e as áreas entre o Lago Salgado e as porções sul de Nevada — podem esperar, nos três meses seguintes, uma inundação [causada] por terremotos. Mas estas, como encontramos, serão mais no hemisfério sul do que no norte. (1936) (Leitura de Edgar Cayce 270–35)

Noutras leituras foi também indicado que terra surgiria ao largo da costa leste da América, especificamente nas Bahamas. Espera-se isto, diziam as leituras, em sessenta e oito e sessenta e nove — incidentalmente, a Estrada de Bimini foi descoberta em setembro de 1968.

A 11 de novembro de 1927, foi dada numa leitura: o dia poderá ainda chegar em que se poderá diagnosticar a condição do corpo através de uma

única gota de sangue. A 20 de março de 1958, os jornais noticiaram o trabalho do Dr. Winston Price sobre o sangue na Johns Hopkins. O artigo concluía: «A sua descoberta poderia significar que um laboratório médico pode dizer o que vos aflige... simplesmente examinando uma gota do vosso sangue.»

No início dos anos 1930, Edgar Cayce insistiu nas leituras que a energia solar seria, em última análise, muito mais importante para o homem do que a energia atômica.

No que precede, examinámos o poder da mente inconsciente de Edgar Cayce para exercer controlo dinâmico sobre o seu corpo físico; a qualidade fotográfica da memória; uma aparente «alcance» para contactar outras mentes e trazer o que parecia ser informação útil sobre a condição e as necessidades do corpo físico; o acesso ao que chamou memória da alma de vidas passadas; e, finalmente, a captação de impressões de pensamento de um mundo de imagens mentais e, a partir destas, sugerir eventos futuros no nosso mundo tridimensional. Agora voltemo-nos para duas portas históricas para o inconsciente.

PARTE II

DUAS PORTAS TRADICIONAIS

E POR VEZES PROFISSIONAIS PARA O INCONSCIENTE

3

HIPNOSE

Durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães relutavam em abandonar as fortalezas em torno de Metz, França. Durante semanas, até o movimento dos nossos tanques foi restrito. A nossa Companhia de Serviços Especiais, de aproximadamente cento e vinte e cinco homens, estava alojada num castelo francês parcialmente destruído perto de Thionville. Um dos nossos homens era um excelente hipnotizador. Como mágico, usara a hipnose para fins de entretenimento, mas nunca experimentara clarividência ou telepatia sob hipnose. Encorajei-o a escolher os melhores sujeitos hipnóticos de entre os homens da nossa companhia que concordassem em cooperar. O tempo, um fator importante na hipnose, estava ao nosso dispor.

Numa das primeiras sessões noturnas, abrimos «uma lata de ervilhas», por assim dizer. Ainda não consegui classificar todas as implicações dos desenvolvimentos resultantes. Um jovem selecionado como bom sujeito

era uma pessoa calma que professava não ter conhecimento de hipnose ou assuntos relacionados. Aceitou sugestões para relaxar e começou bastante rapidamente a respirar profundamente e rapidamente. Em vez de obedecer às sugestões do meu amigo, o hipnotizador, começou a falar numa língua desconhecida. Mais exatamente, deveríamos provavelmente dizer que soava como uma língua. Parecia estar a falar com alguém que não conseguíamos ver. Parava, aparentemente escutava, depois falava novamente como se estivesse a responder ou a fazer perguntas. A sala do castelo estava cheia de soldados americanos. Todos se esforçavam para captar os tons baixos do homem aparentemente inconsciente.

Insisti com o nosso hipnotizador para que renovasse as tentativas de recuperar o controlo e fazer o jovem responder às suas sugestões. Os seus esforços foram inúteis. A conversa unilateral do rapaz tornou-se mais animada. Ignorava todas as tentativas de o interromper. Era como se simplesmente não ouvisse a voz do hipnotizador. À medida que os homens na sala se apercebiavam de que tínhamos perdido o controlo da situação, a tensão aumentava. Começaram sussurros em várias partes da sala.

De repente, o jovem parou de falar. O seu rosto assumiu uma expressão de tristeza. Lágrimas escorreram-lhe pelo rosto dos olhos fechados. Insisti com o hipnotizador para que tentasse novamente as sugestões. Desta vez o rapaz respondeu e, em poucos minutos, regressou à consciência.

Atordoado e obviamente emocionalmente perturbado, deixou a sala sem dizer uma palavra. Segui-o, mas quando o alcancei só dizia que falaria comigo mais tarde. Este foi o início de uma série de longas conversas, mais estranhas no seu género do que qualquer outra em que alguma vez participei. A primeira ocorreu num cenário invulgar.

Nessa noite, tive o turno da guarda das 2 às 4 da manhã. Pouco depois de ter começado o serviço, o nosso sujeito hipnótico juntou-se a mim. Explicou que, quando era pequeno, sonhava com o avô que aparecia frequentemente nos seus sonhos para o levar em longas viagens a lugares estranhos. Juntos visitavam o Egito, a Índia, o Tibete e outros lugares distantes. O jovem explicou que, em vez de apenas ver os lugares como de um avião, ele e o avô pareciam realmente entrar em templos e observar, e por vezes participar em cerimónias religiosas. Disse que estas histórias perturbaram tanto os pais que acabaram por o levar a um psiquiatra que aparentemente «sugeriu» que parasse de se lembrar dos sonhos, pois pareciam perturbá-lo a ele e à família. Os sonhos pararam.

No entanto, quando entrou em hipnose algumas horas antes, rodeado por um grupo de soldados curiosos, disse que instantaneamente

regressara aos sonhos de infância. Tanto ele como o avô haviam ficado felizes por se verem novamente. Aparentemente alucinara uma conversa com esta imagem familiar de sonho. O que o espantou, contudo, foi o facto de ter trazido de volta à consciência uma memória das experiências de sonho de infância, incluindo detalhes de visitas a alguns lugares muito estranhos. Estas memórias, explicou, continuavam a voltar-lhe à mente enquanto falava sobre os sonhos.

Continuaram a inundar-lhe a mente durante dias. Escutei com espanto descrições de ritos e cerimónias sacerdotais que, parecia-me, só poderiam vir de livros como o Livro dos Mortos egípcio ou da tradição de sacerdotes ou magos há muito mortos. Essas primeiras duas horas de conversa nas madrugadas fora daquele antigo castelo francês parecem-me agora como um estranho sonho meu.

Nos dias que se seguiram, uma riqueza de detalhes jorrou em cada nova conversa. Este jovem jurou-me que nunca lera um livro sobre ocultismo ou religiões antigas em todos os seus dezanove anos. Mais tarde, confirmei com a família a história dos sonhos de infância com o avô e a preocupação familiar com eles.

O ponto que tanto perturbara a família era o facto de o avô só poder ser uma imagem de sonho, pensavam, já que o menino nunca conhecera o avô, que morrera anos antes de a criança nascer.

Sim, parece-me que a hipnose pode abrir portas a alguns quartos estranhos e interessantes no inconsciente.

O meu primeiro conhecimento de hipnose começou com a leitura de artigos sensacionalistas de revistas acompanhados de imagens de homens com sobrancelhas negras e espessas e olhares fixos. Como rapaz adolescente, assisti a exibições de poderes hipnóticos após atos de magia. Sempre pensei que eram «combinados». Mais tarde descobri que aqueles que mais sabem sobre hipnose e a usam mais extensivamente admitem que ninguém sabe realmente o que ela é. Um manual de hipnose médica, na sua secção de abertura, usa exactamente esta frase:

«... pois ninguém sabe realmente o que é a hipnose.» Um antigo monográfico da Fundação Menninger referia-se ao «estado primitivo da nossa compreensão» da hipnoterapia. E um livro que descreve a hipnose como tendo atingido a maioria contém a seguinte frase: «Mesmo hoje, embora muitos psiquiatras a utilizem com resultados eficazes, continua a haver desacordo entre eles quanto à sua natureza fundamental e à sua função adequada.»

Ao traçar o quadro das primeiras utilizações da hipnose pelo homem, foi necessário indagar sobre as histórias romanas de homens como Pirro do Epiro, que curava pelo «toque», e considerar as descrições de Aristóteles sobre as alucinações que testemunhou em pessoas normais. Alguns templos gregos antigos continham salas onde os doentes passavam a noite depois de o sacerdote lhes ter sugerido que «sonhassem» as suas curas. Os sacerdotes egípcios usavam a sugestão, e os feiticeiros tribais em todo o mundo conheciam o poder do ritmo do tambor e de um objeto brilhante para produzir um estado semelhante ao transe num sujeito desprevenido.

Descobri que, nos campos da medicina e da psicologia, a hipnose teve um desenvolvimento contínuo, mas conturbado. Um médico vienense, Franz Anton Mesmer, que viveu na época da Revolução Americana, cujos tratamentos magnéticos teriam curado muitas pessoas neuróticas, desenvolveu um sistema de terapia sugestiva que viria a ser conhecido como «mesmerismo». Inicialmente, criava forças magnéticas com limalha de ferro e vidro em pó em tinas cheias de garrafas de água magnetizada. As forças magnéticas eram dirigidas aos pacientes com varas de ferro. Mais tarde, Mesmer desenvolveu a teoria de que uma corrente universal fluía através dos indivíduos e era transmitida ao paciente por movimentos de passagem das mãos sobre partes do corpo, passes ao redor do corpo e olhares fixos.

Foi investigado e denunciado por uma famosa comissão que incluía três pessoas bem conhecidas — Benjamin Franklin; o Dr. Guillotin, inventor da máquina de morte com o mesmo nome; e Lavoisier, o grande químico. Hoje, as teorias de Mesmer sobre o magnetismo animal transmitido por movimentos e passes, e o seu conceito de uma força ou fluido magnético universal, estão desacreditadas. No entanto, sem dúvida, ele usou com sucesso a sugestão para aliviar muitos dos seus pacientes. Gritos histéricos, soluços, riso incontrolável, tremores e sacudidelas caracterizavam as reações dos pacientes de Mesmer ao tratamento. Abriu-se a porta para um mundo interior do homem cheio de estranhas repressões que já não podiam ser ignoradas. O mesmerismo foi o precursor da hipnose.

O Marquês de Puységur, aluno e contemporâneo de Mesmer, descobriu o fenómeno de um estado de transe profundo do qual o sujeito podia ser despertado sem conseguir recordar o que dissera ou fizera. Este tornou-se conhecido como sonambulismo. Um dos sujeitos de Puységur, Victor, um jovem pastor, é reputado por ter dado descrições precisas dos corpos físicos de outras pessoas enquanto se encontrava em estados de transe.

No início do século XIX, John Elliotson, professor no University College Hospital, em Londres, experimentou o mesmerismo nas enfermarias do hospital. Acabou por se demitir sob fortes críticas e fundou um hospital de mesmerismo, além de editar um jornal chamado *Zoist*. Este jornal relatava uma variedade de curas, incluindo operações cirúrgicas sob mesmerismo. A frenologia e a clarividência também eram discutidas no *Zoist*. Teria sido mais fácil desconsiderar Elliotson se ele não tivesse feito também contribuições notáveis para a medicina, incluindo descobertas sobre a importância do iodeto de potássio e o valor do ácido prússico no tratamento de vômitos.

Durante o mesmo período, James Esdaile, um médico escocês que trabalhava em Calcutá, realizou mais de trezentas grandes operações e milhares de pequenas sob mesmerismo. De especial nota é o historial da rápida cicatrização dos seus pacientes.

James Braid, outro escocês, iniciou experiências com mesmerismo em Manchester, Inglaterra. Descobriu que os fenômenos estavam mais diretamente relacionados com a própria mente do sujeito do que se suspeitava, em vez de serem impostos pelo operador. O Dr. A. A. Liébeault de Nancy, França, começou a trabalhar com hipnose por volta da altura em que Braid morreu. Com o Professor Bernheim de Estrasburgo, fundou o que foi chamado a Escola de Nancy de Hipnotismo. Jean Marie Charcot, o neurologista francês, não aceitava as ideias da Escola de Nancy de que a hipnose era um estado normal produzido através da mente do sujeito por sugestão. Considerava-a semelhante à histeria, uma espécie de perturbação mental.

Sigmund Freud, um dos grandes exploradores do inconsciente, investigou e utilizou a hipnose. Mais tarde abandonou-a como tratamento regular, tendo descoberto que não era fácil hipnotizar todos os seus pacientes e que outros métodos se revelavam mais bem-sucedidos.

Pierre Janet, diretor de psicologia patológica na Salpêtrière e mais tarde professor de psicologia experimental no Collège de France, utilizou extensivamente a hipnose no estudo das causas da histeria.

Nos Estados Unidos, entre 1840 e 1847, Phineas P. Quimby, cujo trabalho mais tarde causaria controvérsia em relação à sua associação com Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã, foi amplamente relatado como tendo mesmerizado com sucesso um jovem, Lucius Barkman, e produzido excelente clarividência, incluindo diagnósticos médicos. Mais tarde, o Dr. Boris Sidis, autor de *The Psychology of Suggestion* e de vários outros livros sobre hipnose, relatou muitos casos interessantes. Com um paciente, o Rev. Thomas Hanna, que sofria de amnésia completa após um

acidente, Sidis conseguiu provar que o paciente tinha todas as suas memórias perdidas armazenadas no inconsciente. Hanna desenvolvera duas personalidades após o acidente. O Dr. Sidis conseguiu reuni-las e curar completamente o ministro.

Membros da Sociedade Britânica de Pesquisa Psíquica, incluindo F. W. H. Myers, autor de *Human Personality and Its Survival of Bodily Death*, e Edmund Gurney, um dos autores de *Phantasms of the Living*, experimentaram com hipnose e escreveram sobre a compreensão teórica dela.

Após a Primeira Guerra Mundial houve um breve crescimento do interesse na hipnose como método de tratamento de pacientes com choque de granada. Este interesse foi revivido durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1958, após um estudo de dois anos por uma comissão, a Associação Médica Americana aprovou o uso da hipnose como útil no tratamento de algumas doenças. O interesse do público na hipnose como forma de tratamento para tudo, desde deixar de fumar a perder peso, até recordar memórias de vidas passadas, tem crescido desde então.

Ao considerar várias teorias sobre a natureza da hipnose, penso que eventualmente poderá ser útil reexaminar os conceitos de Mesmer sobre o magnetismo animal à luz das modernas descobertas sobre ondas cerebrais e correntes corporais. Existem dois tipos de informação nos registos do meu pai que parecem tocar nestes assuntos. Demos alguns passos hesitantes na experimentação com ambos os conceitos.

O primeiro tem a ver com o que são chamados auras. Pessoas sensíveis, especialmente crianças, afirmam frequentemente ver ao redor dos outros faixas e lampejos de cor. A partir das tonalidades e da localização destas cores ao redor do corpo, algumas pessoas acreditam que se pode recolher muita informação sobre as condições físicas, emocionais e mentais da pessoa observada. Sob o efeito de drogas, a percepção da cor aumenta. Recorda-se também o uso do halo por muitos artistas. *The Human Atmosphere*, de Walter J. Kilner, um eletricitista inglês, descreve o uso de ecrãs tratados com corantes para observar cor ao redor das pessoas. É bem conhecido que não vemos todas as gamas do espectro. Um simples prisma que decompõe a luz solar em faixas brilhantes de azul, roxo, amarelo e verde torna-nos agudamente conscientes das limitações da visão.

O meu pai afirmava ver auras durante a maior parte da sua vida. De facto, esta sensibilidade era por vezes fonte de grande desconforto para ele. Numa ocasião, ao encontrar uma amiga próxima pela primeira vez em vários dias, comentou: «A tua aura está cheia de vermelho escuro. Estiveste

muito zangada.» A senhora em questão ficou algo desconcertada, pois apenas algumas horas antes se envolvera numa discussão violenta.

Em numerosas ocasiões, especialmente em Virginia Beach durante as conferências de verão realizadas na A.R.E., Edgar Cayce dava as suas impressões sobre os estados físicos, mentais e emocionais dos membros da audiência lendo as suas auras. Entre vinte e cinco ou trinta pessoas numa sessão, era conhecido por ter visto cores que interpretava corretamente como indicando cicatrizes de uma operação, uma condição cardíaca, má digestão, preocupação com algum membro da família que estava doente, medo de um animal, indignação por uma suposta ofensa, ódio guardado durante muito tempo, interesse pela música, etc. Descrevia uma cor, a sua tonalidade, a sua localização em relação ao corpo e o seu significado para ele. Estas demonstrações eram frequentemente dramaticamente precisas e muito surpreendentes para aqueles que o conheciam pela primeira vez.

Novas teorias sobre energia e a estrutura da matéria podem tender ao desenvolvimento de instrumentos mecânicos para medir vibrações de cor ao redor do corpo físico. Parece razoável sugerir uma possível relação entre o campo áurico e o magnetismo de Mesmer. Os movimentos e passes sobre e ao redor do corpo usados no mesmerismo podem, de alguma forma, afetar este campo de energia corporal.

Ao trabalhar com hipnose, notei muitos casos em que fortes sentimentos de atração ou repulsa se estabelecem entre um hipnotizador e um sujeito. Alguns hipnotizadores muito bons conseguem muito pouco com determinados sujeitos que respondem instantaneamente a outro operador. Será possível que esteja envolvida uma vibração corporal?

Um associado e eu descobrimos, ao tentar duplicar o experimento de Pierre Janet de transferir a sensibilidade de um sujeito hipnotizado para um copo de água (usámos uma boneca), que a distância parecia fazer diferença na capacidade do sujeito de sentir um alfinete espetado num braço ou perna. Perguntámo-nos se isto seria totalmente sensibilidade telepática ou se estaria envolvida alguma extensão de corrente corporal.

O segundo tipo de informação a considerar relativamente à hipnose está contido em leituras que originaram dois tipos de aparelhos recomendados para tratar perturbações glandulares, nervosismo e doenças graves que envolvem lesão nervosa. Um destes aparelhos era composto por um casaco metálico do tamanho de uma pilha seca, contendo duas barras de aço rodeadas por pedaços de carbono e vidro colocados em carvão no casaco. Fios ligados ao topo das barras de aço levavam aos pulsos e tornozelos do paciente. O aparelho era primeiro

colocado num recipiente cheio de gelo durante trinta minutos antes de ser ligado ao corpo. O outro aparelho era uma bateria de baixa voltagem. Duas varas, uma de níquel e outra de cobre, estendiam-se para uma solução de água destilada, partículas de zinco, ácido sulfúrico, sulfato de cobre e carvão. A corrente muito baixa que se estabelecia passava por um fio que saía de uma das varas para uma garrafa contendo uma solução que variava de acordo com a doença a tratar. Por vezes era recomendada uma solução de cloreto de ouro; noutras, prata, iodo, cânfora, etc., eram usados em solução.

Outro fio saía da outra vara para algum ponto no corpo do paciente. Nenhum destes aparelhos envolvia princípios médicos aceites. Ambos foram descritos em termos de correntes corporais ainda não medidas. As ondas cerebrais, registadas como eletroencefalogramas, são bem conhecidas. Em Inglaterra, o trabalho de L. E. Eeman sobre correntes corporais em hospitais de Londres atraiu atenção. De alguma forma, as suas teorias são paralelas aos dados nas leituras de Edgar Cayce sobre os aparelhos.

Em termos dos dados de Cayce, tanto a ideia de auras como de correntes corporais parecem basear-se aparentemente no conceito de que existe em cada um de nós um padrão de energia mais subtil que é o verdadeiro corpo físico. O corpo de carne simplesmente veste este eu ténue e constantemente em movimento. Parece possível que alguns tipos de hipnose possam envolver uma transferência de energia de um corpo para outro, afetando estas emanações mais subtis. A suscetibilidade dependeria então do rapport mental, físico e emocional entre o sujeito e quem dá as sugestões.

Isto poderia explicar a resposta estranha e quase completa em alguns casos, enquanto noutros a resposta às sugestões hipnóticas é muito lenta. É bem conhecido que alguns sujeitos respondem melhor a um diretor do que a outro. Geralmente assume-se que esta resposta se baseia na associação de ideias; isto é, com um sujeito difícil, o hipnotizador pode inconscientemente lembrar ao sujeito um tio de quem não gostava. Os dados de Edgar Cayce parecem sugerir que padrões de energia física podem estar envolvidos na hipnose.

Outro método de hipnose diz respeito ao estreitamento da atenção, uma espécie de fixação da consciência num ponto até que toda a outra percepção seja excluída. Esta ênfase não parece permitir todos os vários fenómenos possíveis sob hipnose. Nem o fazem algumas das ideias que relacionam exclusivamente a hipnose com o sono. Tanto a medição de

ondas cerebrais como a taxa metabólica basal indicam que a hipnose está mais alinhada com a consciência do que com o sono.

Outras teorias sobre a hipnose tratam de alcançar diferentes níveis do inconsciente. Pierre Janet, assim como F. W. H. Myers, defendiam conceitos nesta linha. Certamente deve ser reconhecido que a hipnose começa com a vontade da mente consciente de aceitar sugestão. Até certo ponto, todas as pessoas são sugestíveis. Esta é a premissa básica da publicidade. Quando são feitas sugestões, como no caso da hipnose, para relaxamento e sono, que já são aceites como experiências agradáveis e desejáveis, há uma tendência natural para focar a atenção e seguir a sugestão.

Está também envolvida uma disponibilidade não medida e pouco compreendida do sujeito hipnótico para obedecer às sugestões do hipnotizador. Isto pode surgir de vários fatores, como a necessidade de muitas pessoas de serem dirigidas ou guiadas, um desejo de se livrar de responsabilidades, ou a conhecida atitude infantil de apreciar a autoridade exercida por uma pessoa mais velha. A psicologia moderna acrescentou muito à nossa compreensão da disposição das pessoas para seguir sugestão.

Num certo ponto, quando as sugestões para relaxamento, cansaço e sono são continuadas, as sugestões parecem atingir a porta do inconsciente. Uma área da mente aceita a sugestão e age sobre ela. Quando tais estádios são alcançados, o controlo do corpo físico é fenomenal; a memória é consideravelmente estendida; e alucinações das mais estranhas podem ser induzidas. Qualquer um ou qualquer combinação de três dos cinco sentidos — ver, ouvir, sentir — pode ser usado como via para a porta do inconsciente. Os olhos cansam-se ao olhar para um objeto brilhante ou uma pequena luz.

Um som repetitivo, como o batimento lento de um metrônomo ou o tique-taque de um relógio, acalma a mente consciente; ou o movimento repetitivo de acariciar alguma área do corpo pode induzir a hipnose. Através destes meios, a atenção é aparentemente focada, preparando primeiro a mente consciente, depois uma área inconsciente da mente, para aceitar a sugestão repetida.

A hipnose pode ser dividida em vários estados, de acordo com a área do inconsciente que é alcançada: (1) Uma hipnose leve, na qual a mente consciente é acalmada e o corpo relaxa e gradualmente fica cansado e sonolento. A consciência é retida. (2) Num estado médio, a consciência permanece, mas é possível induzir rigidez muscular ou uma sensação de leveza num dos membros. Algum grau de insensibilidade pode também ser

induzido. (3) Num estado mais profundo é possível fechar a memória consciente, induzir insensibilidade em áreas do corpo e produzir mudanças reais no tecido da pele, como manchas vermelhas ou mesmo, em bons sujeitos, bolhas sem calor. Também neste estado podem ser provocadas alucinações invulgares, assim como regressão etária — a capacidade de recordar detalhes de experiências de infância conscientemente esquecidas. Sugestões para ações ou fala a serem executadas depois de o sujeito estar completamente consciente — pós-sugestões — também podem ser dadas durante este terceiro estado.

As alucinações que podem ser produzidas sob hipnose variam de acordo com a suscetibilidade do sujeito e a habilidade do hipnotizador. Um sujeito razoavelmente bom chorará ao comer uma maçã se lhe disserem que é uma cebola. Uma alucinação mais perturbadora pode resultar de sugerir ao sujeito hipnotizado que determinada pessoa está a sair da sala. Com olhos que não veem, o sujeito observa a pessoa ir até à porta, abri-la e fechá-la. É-lhe assegurado por sugestão repetida que a pessoa já não está presente e permanecerá fora da sala depois de o sujeito ser despertado. Quando o sujeito é trazido de volta à consciência, realmente não consegue ver a pessoa, e os objetos que pega parecem flutuar no ar.

O sujeito pode pensar que é um truque, mas frequentemente fica assustado à medida que os movimentos estranhos continuam. Um incidente deste tipo ocorreu em França durante a série de experiências mencionada anteriormente, quando o nosso hipnotizador tentou este tipo de sugestão no nosso capitão. Numa noite observámos este cavalheiro digno rastejar debaixo da cama ao ficar assustado com cigarros e uma bola de futebol que flutuavam na sua direção.

Alguns sujeitos hipnóticos que podem ser regressados podem ser levados de volta no tempo à infância e dar descrições vívidas da disposição dos lugares na primeira ou segunda classe ou um relato detalhado de uma festa de anos aos quatro anos de idade. Quando tais dados podem ser verificados, por vezes descobre-se que a história foi completamente fabricada para «satisfazer» o hipnotizador, mas com mais frequência verifica-se que é precisa até ao menor detalhe. Alguns investigadores acreditam que a memória inconsciente do período desde a concepção até ao nascimento pode ser acedida sob hipnose. Obviamente, tal informação é difícil de verificar.

Atrás do ponto de concepção está o desconhecido. Poderá a hipnose abrir a porta para esta área? Bridey Murphy, o sujeito do livro de Morey Bernstein sobre uma «regressão» a uma vida passada sob hipnose, foi objeto de uma controvérsia pública que se espalhou como fogo em palha

por Inglaterra, Irlanda e América. Parecia haver muito fumo — havia também algum fogo. Se o homem tem armazenadas dentro de si memórias de vidas passadas, a chave para essas memórias pode ser a hipnose.

É verdade que vários psicólogos descobriram que sujeitos hipnotizados fabricaram as chamadas vidas passadas a partir de livros que leram, ou de filmes ou programas de televisão. Mas pode dizer-se que todas as memórias trazidas à luz desta forma são fabricações? Muito trabalho cuidadosamente controlado terá de ser feito antes que todas as respostas possam ser dadas.

Entre 1948 e 1954, o Dr. Linn F. Cooper e o Dr. Milton H. Erickson realizaram uma série de experiências sobre distorção temporal sob hipnose. Nas suas conclusões, afirma-se que uma pessoa sob hipnose pode ser levada a experimentar dez eventos de natureza semelhante em cinco segundos; depois, noutros cinco segundos, pode ser levada a experimentar mil eventos semelhantes. O pensamento pode aparentemente ocorrer com extrema rapidez sob sugestão. Assim, a terapia que normalmente levaria muitas horas tediosas foi acelerada para um número impressionante de pacientes.

Deve recordar-se que os sujeitos diferem muito. Os hipnotizadores concordam que uma grande percentagem das chamadas pessoas normais pode ser hipnotizada. É um facto estabelecido que os doentes mentais são maus sujeitos hipnóticos. As crianças são geralmente excelentes sujeitos. Há considerável diferença de opinião quanto à possibilidade de alguém ser hipnotizado contra a sua vontade. Muito depende da engenhosidade do hipnotizador e da atitude do sujeito. Talvez a atitude inconsciente tenha mais efeito do que a consciente. Por exemplo, embora uma pessoa possa dizer que deseja desesperadamente ser hipnotizada, pode revelar-se um sujeito muito difícil; enquanto outra que afirma o oposto pode desejar subconscientemente ser o centro das atenções e provar ser um excelente sujeito. De um modo geral, não é possível hipnotizar alguém contra a sua vontade.

Uma observação atenta e registos minuciosos convencerão qualquer pessoa que experimente com hipnose de que existe uma ligação quase tangível entre a mente do hipnotizador e a do seu sujeito. O sujeito deseja fazer exatamente o que lhe é pedido: consegue tornar um braço rígido e mantê-lo numa posição estendida muito para além da resistência consciente; colocará a si próprio em situações embaraçosas, ladrará como um cão ou rastejará como uma cobra, ignorando um público que ri; produzirá os chamados factos que são apenas fabricações, para agradar ao hipnotizador. Muitos livros sobre hipnose discutem o fator sexual, pois

parece estabelecer-se uma ponte de afeto entre o hipnotizador e o sujeito sob experiências repetidas. Talvez isto se deva a um regresso a um estado infantil onde a autoridade é necessária e desejada. A imagem da mãe ou do pai pode entrar na relação. Ou talvez o homem esteja relacionado ao nível da mente de alguma forma que apenas vislumbramos vagamente. À medida que a área chamada inconsciente coletivo é agitada, cria-se um sentido de rapport. Creio que é seguro afirmar que estas questões levantadas sobre a hipnose indicam quão pouco sabemos sobre a mente humana.

Qualquer bom livro sobre hipnose médica relata histórias de casos em número e variedade que podem surpreender a pessoa média não familiarizada com o uso generalizado dela. Um *Handbook of Medical Hypnosis*, de Gordon Ambrose e George Newbold, menciona números como os seguintes:

«Nas crianças deve considerar-se regra que alguma forma de relaxamento, com ou sem sugestão hipnótica, deve ser praticada; e o praticante ficará muitas vezes espantado com a facilidade de induzir hipnose nas crianças. Mais de sessenta por cento delas conseguem atingir hipnose profunda, e assim analgesia para operações simples como punção lombar, venessecção, incisões, etc., pode ser facilmente e rapidamente obtida.»

A mesma obra afirma que um médico, ao lidar com chupar o dedo, tratou vinte crianças com este método. Dezoito delas deixaram o hábito com um único tratamento; as outras duas necessitaram apenas de dois tratamentos. O médico enfatizou a facilidade de induzir o estado hipnótico e mencionou que todas as crianças que tratou puderam ser hipnotizadas.

Existem muitas dificuldades óbvias na utilização da hipnose como porta de entrada para o inconsciente. Nem todas as pessoas são bons sujeitos. Além disso, as experiências com hipnose podem tornar-se procedimentos extremamente aborrecidos e cansativos. E não devem ser ignoradas as apreensões que a pessoa média pode ter sobre a hipnose, condicionadas por mal-entendidos e desinformação sobre o assunto. Ao tratar de perigos específicos, parece-me justificado levantar certas questões:

Parece possível que sob hipnose áreas do subconsciente possam ser abertas, que, se trazidas à consciência, possam tornar-se fatores extremamente perturbadores na experiência quotidiana de alguém. Por exemplo, uma criança que tivesse sido assustada por algum tipo de animal e que tivesse esquecido o incidente poderia, sob hipnose, recordar a experiência e ficar conscientemente muito perturbada como resultado.

Para lidar com tais casos, o hipnotizador deve estar bem fundamentado em técnicas para fechar memórias indesejáveis por sugestão. Ainda mais importante, deve reconhecer a existência de áreas «escuras» de experiência em cada pessoa.

Outra história de caso da nossa série de experiências militares ilustrará este ponto. A excelência do hipnotizador, a disponibilidade de bons sujeitos e muito tempo combinaram-se para proporcionar alguns incidentes que fizeram pensar. Neste caso, tentámos regressão etária a uma suposta vida passada. O jovem passou considerável tempo a descrever detalhes do que afirmava ser uma experiência de vida na América colonial. Foi dado um nome, ocupação, localização, etc. Subitamente, o sujeito ficou agitado e regressou à consciência antes que sugestões para apagar a memória pudessem ser dadas.

Em poucos minutos, o grupo de soldados americanos tinha o que parecia ser um americano colonial confuso e assustado num castelo francês em 1941. Parecia que a história do Yankee do Connecticut na corte do Rei Artur fora invertida. O sujeito não parecia conhecer o seu nome exceto como o americano colonial. Escreveu-o numa caligrafia que parecia completamente diferente da que usava habitualmente. O mais rapidamente possível foi colocado novamente em transe hipnótico e despertado num estado normal. Seguiu-se um período de perturbação emocional após esta experiência.

Há alguns anos fui abordado por um grupo de jovens numa cidade do Leste que estavam a experimentar com hipnose. Tinham descoberto que tanto a clarividência como a telepatia pareciam ocorrer com alguns dos seus sujeitos hipnóticos. Instiguei-os a descontinuar experiências adicionais, no entanto, pois o melhor sujeito estava aparentemente a ficar extremamente nervoso. Mostrava sinais de movimentos rápidos e imprevisíveis das mãos e dos pés e ligeiros tremores dos olhos e dos músculos faciais. O hipnotizador mantinha um diário muito cuidadoso das experiências e também um diário pessoal. Felizmente, o seu sujeito, que começara a demonstrar o que parecia ser clarividência e telepatia, também mantinha um diário.

Uma comparação dos seus registos, complementada por conversas privadas, levantou várias questões sobre a hipnose que nem o estudo nem o trabalho experimental até agora responderam para mim. Por exemplo, numa série de experiências envolvendo hipnose profunda, quanto viaja de uma mente inconsciente para outra sem conhecimento consciente?

Vários meses após o primeiro encontro com este grupo, o hipnotizador e o sujeito vieram ter comigo para discutir problemas

peçoais de casamento. Durante o período em que trabalhou várias vezes por semana com o seu sujeito, o hipnotizador começara a ler publicações pornográficas. Ao questionar os que compunham o grupo, descobriu-se que o hipnotizador não mencionara esta literatura a ninguém. Registara, no entanto, este facto no seu diário. Durante o mesmo período, o seu sujeito começou a procurar e a ler o mesmo tipo de material pornográfico.

O seu diário notava com surpresa estes impulsos e desejos que anteriormente não o tinham perturbado. Ambos os homens eram casados e tinham filhos. Será possível que o interesse neste assunto e o desejo de perseguir este tipo de leitura tenham passado do inconsciente do hipnotizador para o inconsciente do sujeito hipnótico? Os efeitos de tal transferência inconsciente poderiam possivelmente tornar-se mais perigosos do que o controlo consciente exercido sobre um sujeito.

Subsequentemente, tanto o hipnotizador como o sujeito começaram a bater nas suas esposas. Quanto da confusão e da contenda foi transferido do inconsciente do hipnotizador para despertar a latente antagonismo e rebeldia dentro do inconsciente do sujeito hipnótico? Cada caso difere de acordo com a sugestibilidade do sujeito, a força do hipnotizador e a «condição» dos seus respectivos inconscientes.

Tal transferência deve seguir um padrão de atração. Seria ilógico acreditar que um conjunto completamente negativo de impulsos pudesse ser transferido de um inconsciente para outro a menos que existisse alguma atração — alguma área de acordo — no inconsciente do sujeito hipnótico. É possível teorizar que as duas áreas negativas se estimularam mutuamente até explodirem na consciência.

Um hipnotizador deve ser muito cuidadoso ao usar todas as técnicas possíveis de sugestão para libertar completamente e fechar a porta do inconsciente.

Jan Ehrenwald, M.D., num livro anteriormente mencionado, escreve: «... é desnecessário dizer que ninguém pode eliminar na sua abordagem ao seu semelhante um certo número de desejos e expectativas inconscientes, pensamentos e ideias não formulados que poderiam, em condições favoráveis, tornar-se telepaticamente ativos.» O estado hipnótico pode certamente ser considerado uma «condição favorável».

Alguns sujeitos podem sair das sessões hipnóticas com o que parecem ser personalidades divididas ou entidades possessoras a falar através deles. Isto pode ou não ser um bom resultado, dependendo da compreensão e percepção do indivíduo envolvido. Se alguém desejasse tornar-se médium, a hipnose poderia ajudar no desenvolvimento dessa

capacidade. Por outro lado, uma pessoa com alguma sensibilidade psíquica, que não desejasse ser mediúnica, poderia encontrar-se a lidar com um problema de proporções consideráveis. Personalidade dividida é o termo psicológico atualmente aceite que descreve a condição que existe quando uma área do inconsciente de um indivíduo assume a identidade de uma figura de autoridade. Por vezes é um parente que se espera que continue a viver noutro mundo ou uma figura romanticamente misteriosa como um homem do espaço ou um sacerdote de algum país antigo.

O impulso pelo reconhecimento, pela realização de desejos ou pelo desejo de controlo dos outros pode ser o motivo. Se o inconsciente reivindicar ser uma personalidade separada, deve ser-lhe exigido que estabeleça a sua identidade. A recolha de tais provas tem sido um dos principais objetivos da pesquisa psíquica. Para muitos, a evidência de personalidades distintas é conclusiva. Outros continuam a busca. Parece que alguns indivíduos são mais suscetíveis a experiências psíquicas do que outros e que a supressão da consciência permite por vezes uma rutura no inconsciente. Quer se aceite a teoria dos desencarnados ou se ofereça a personalidade dividida como explicação, a hipnose pode aparentemente produzir capacidades mediúnicas em alguns indivíduos sensíveis.

Deixe-me transcrever algumas páginas do meu caderno que relatam o desenvolvimento inicial de uma «leitora psíquica». No início do verão de 1945, uma mulher de negócios de vinte e sete anos, residente numa grande cidade do Meio-Oeste, assistiu a uma palestra de um professor metafísico sobre o «Poder da Mente». Antes desta altura, não tinha qualquer interesse em espiritismo ou assuntos relacionados. Após esta palestra, começou a ter algumas experiências estranhas de ver luzes na escuridão e sentir sensações peculiares de tremeluzir na percepção consciente. Procurou ajuda junto de um médico amigo próximo do seu pai.

Durante quase seis meses o médico trabalhou com ela uma ou duas vezes por semana, usando sugestão. Durante este período, ensinou-lhe auto-hipnose, usando o tique-taque de um relógio como som repetitivo no qual focar a atenção. O médico lia-lhe longas passagens das obras do místico alemão Jacob Boehme. Finalmente, foi possível um estado profundo de sono. Neste ponto, uma voz aparentemente a falar através da jovem indicou que o médico completara o seu trabalho. A voz identificou-se como um médico que estava morto há vários anos e que trabalharia através da jovem. Ela foi orientada a abandonar o seu emprego e a começar a ensinar, permitindo-lhe (ao controlo) falar através dela.

A jovem procurou ajuda junto dos seus amigos para avaliar a informação que vinha através dela. Com o seu encorajamento, abandonou

o seu emprego regular e começou a dar palestras, aulas e leituras individuais para pessoas que pediam ajuda. Do aconselhamento pessoal e das palestras inspiradoras, o trabalho desenvolveu-se em leituras cármicas individuais que tratavam de descrições de vidas passadas. Centenas de pessoas em todo o país obtiveram tais leituras. Alguns disseram que foram ajudados pelo conselho; outros acharam que a informação era demasiado geral para ter valor.

Quando lhe perguntaram como se protegia, esta «sensitiva» apontou para os meses de preparação e treino sob os cuidados do médico. Falou também dos elevados propósitos e ideais expressos pela voz controladora. Explicou ainda que, antes de cada sessão, usava a seguinte afirmação: «Estou agora rodeada pela luz do Cristo. Nada que não seja verdadeiro e útil pode ser falado através de mim.» Na altura, ainda escutava o tique-taque de um relógio, depois tocava no centro da testa três vezes, uma pelo corpo, uma pela mente, uma pela alma. Parecia que uma cortina era afastada e ela começava a perder a consciência.

Descrevi as experiências desta mulher com algum detalhe porque parecem representar um uso típico da hipnose no desenvolvimento da mediunidade ou do que alguns chamariam personalidade dividida. Como observei, o indivíduo envolvido tem seguramente muitos problemas físicos e emocionais. Ao mesmo tempo, é certamente, em muitos aspetos, uma pessoa capaz e interessante.

Pareceria sensato que as pessoas que trabalham com hipnose a reconhecessem como uma faca afiada. Se usada com perícia, nas circunstâncias certas e para o propósito certo, é uma excelente terapia e pode ser uma boa via para experimentação. Não deve ser considerada um jogo de salão ou um meio de entretenimento.

A hipnose foi recomendada já em 1911 nas leituras de Edgar Cayce. Num caso, fez parte do tratamento para uma lesão cerebral, e noutro caso foi recomendada para nervosismo extremo que produzira várias perturbações funcionais. Em 1922, o tratamento recomendado para paralisia parcial da garganta incluía hipnose. Para vários casos de perturbações mentais envolvendo alucinações e outros de desenvolvimento atrasado, a sugestão hipnótica fazia parte do tratamento. Em nenhum dos nove casos examinados a hipnose foi o único tratamento recomendado.

Num caso foi feita a seguinte pergunta: «Sob hipnose poderia eu tornar-me um veículo fiável para a transmissão de percepção clarividente?» A resposta na leitura foi a seguinte: «Melhor deixar a hipnose de lado para este corpo, a menos que desejes hipnotizar outra pessoa. Pratica-a dentro

de ti mesmo. Que seja o eu que seria subjugado e que dê a autoridade a Deus, não ao homem — através do homem, mas a Deus.» (3343–1)

Noutro caso, em conexão com uma criança atrasada, ele advertiu: «Poderia ser usada, mas tem cuidado com quem a usaria.» (146–3)

A hipnose foi sugerida para uma rapariga de dezanove anos que sofria de dificuldades mentais. Foi indicada a ligação entre pressões espinhais e as glândulas endócrinas. «Fisicamente, há entraves no cóccix e no eixo lombar, que causam uma reação à pineal...» (1996–1) Problemas sensoriais e emocionais foram implícitos.

Que conclusões podem ser tiradas quanto ao valor da hipnose como uma porta segura para o inconsciente? Homens que desenvolveram técnicas especiais e cujas personalidades se adequavam ao papel tornaram-se feiticeiros tribais em sociedades primitivas, ou Franz Mesmer em culturas mais avançadas. Alternadamente, tais pessoas foram adoradas ou perseguidas, dependendo de cujos pés de autoridade pisaram. Na minha opinião, a hipnose é uma porta de entrada muito excelente para o inconsciente.

De facto, é tão excelente que deve ser usada com o maior cuidado. Os rápidos desenvolvimentos que ocorrem na medicina psicossomática, assim como no campo da endocrinologia, podem revelar novos poderes do inconsciente que até agora foram apenas objeto de especulação. A hipnose pode desempenhar um papel muito importante nas novas descobertas. Os homens temem o uso das grandes forças atómicas que agora têm ao seu dispor. Talvez devam temer ainda mais as tremendas forças da mente que podem ser despertadas. «O segredo do Senhor é para aqueles que O temem...» (Sl 25:14)

4

MEDIUNIDADE

«SAUDAÇÕES, MEUS AMIGOS! É A MAJA QUE VOS FALA DO QUINTO PLANO. Que a paz dos antigos esteja convosco. O que se deseja de mim?» A voz vinha de uma mulher de meia-idade atraente que se sentava numa cadeira confortável do outro lado da pequena sala. Tinha os olhos fechados. A respiração profunda que precedera a voz dera lugar a um ritmo mais normal. A luz do sol entrava pelas persianas venezianas, formando triângulos, quadrados e retângulos de luz e sombra no chão de azulejos. A Sra. X. estava a começar uma sessão espírita. Supostamente teria perdido a consciência. O seu guia, um ser celestial que nunca estivera

na Terra, tomara o controlo do seu corpo para usar a sua voz. Era outubro de 1958. O lugar, Virginia Beach.

Maja era conhecido, sob outro nome, por centenas de pessoas em todo o país. Apresentaria alternadamente alguns desencarnados, pessoas que tinham vivido na Terra, «sábios» como ele próprio que nunca se tinham encarnado e talvez um ou mais seres do espaço que afirmavam estar a pairar nas suas naves espaciais, bem acima da Terra, a observar a nossa civilização atribulada.

O gravador estava a funcionar agora; uma amiga da médium sentava-se perto para regular o controlo de volume. Eu manteria uma conversa com «as vozes» durante aproximadamente uma hora. Na curta pausa após o primeiro comentário da médium, a minha mente passou pelas questões que surgiam cada vez que testemunhava tais sessões.

Esta mulher está a fingir conscientemente, tecendo factos e fantasia como quem conta uma história a crianças? Ter-se-á alguma parte do seu inconsciente separado da sua consciência normal para criar outra personalidade que representa os mortos, extraterrestres e outros? Estará louca sem o saber? Será possível que o que resta de uma pessoa morta possa «possuir» um corpo como este e falar através dela, fingindo ser diferentes seres? Se existirem extraterrestres, poderiam ou quereriam falar através de um médium destes? Seja qual for a opinião, trata-se de uma porta interessante para o labirinto da mente.

É necessário fazer uma distinção entre casos de psicose e indivíduos que podem ser classificados como médiuns. Em perturbações mentais graves ocorre uma dissociação do pensamento e da ação racional. Nos fenómenos mediúnicos, a pessoa permite e frequentemente procura ser um canal para «uma força» ou «informação» que parece vir de fora de si mesma. Tal pessoa pode ser considerada capaz de permitir que uma área do inconsciente opere, abrindo-se a algo além do nosso mundo tridimensional. O psicólogo ou psiquiatra médio provavelmente classificaria um médium como alguém que permite ou procura a dissociação da personalidade ao tentar operar a partir de um nível fisicamente inconsciente.

O treino para a mediunidade ocorre frequentemente através da hipnose e/ou em estados de transe (sono) que são permitidos subir do nível inconsciente para assumir o controlo da consciência. Os médiuns espíritas não treinados têm uma tendência natural para depreciar a atividade da sua própria mente inconsciente e depender do que acreditam serem entidades desencarnadas para perceções telepáticas, clarividentes ou precognitivas. Tal dependência pode surgir de um desejo de colocar a

responsabilidade fora de si mesmos ou de uma vontade de dar às suas informações um tom de autoridade. Será sempre o inconsciente do médium o ator?

A literatura da investigação psíquica, especialmente os *Proceedings* das Sociedades Britânica e Americana e as publicações baseadas em estudos realizados em conexão com as investigações destas sociedades, fornece evidências impressionantes para a hipótese da sobrevivência e para comunicações através de capacidades mediúnicas. A pessoa média é tão pouco familiarizada com esta literatura como com os artigos técnicos sobre relatividade. Algumas destas ideias despertam medos profundos do desconhecido nas pessoas. O resultado é que elas sentem e falam negativamente sobre estes assuntos em que estão mal informadas.

Infelizmente, também tem havido e ainda existe muita fraude na prática da mediunidade. As fortes compulsões de atrair atenção, ser considerado uma autoridade ou escapar à monotonia da realidade quotidiana são superadas apenas pelo impulso de ganhar dinheiro.

Estudos sobre a vida e o trabalho de muitos médiuns notáveis estão facilmente disponíveis. A lista é longa. Seguem-se apenas alguns cujo trabalho convenceu alguns dos mais destacados investigadores de fenómenos psíquicos da sua época de que algum aspeto do homem sobrevive à morte corporal: Mrs. Lenore C. Piper, médium bem conhecida de Boston; Mrs. Gladys Osborne Leonard, médium inglesa e objeto de muitos estudos publicados nos *Proceedings* da Sociedade Britânica para a Investigação Psíquica; D.D. Home, um «médium físico» internacionalmente conhecido; Arthur Ford, psíquico americano, cuja autobiografia, *Nothing So Strange*, atraiu considerável atenção; e Eileen J. Garrett, psíquica, autora, editora e patrocinadora de investigações científicas sobre fenómenos psíquicos.

Diz-se que algum tipo de fenómeno físico, como o movimento de objetos ou a produção de uma secreção corporal chamada «ectoplasma», ocorre na presença de alguns médiuns. Outros fornecem apenas informação através da voz ou da escrita que parece comprovativo, na medida em que se trata de dados supostamente conhecidos apenas por um parente desencarnado, ou por um espírito que atua como controlo, permitindo que apenas certas entidades usem o «sensível». Tais pessoas são conhecidas como médiuns mentais. Um breve levantamento do trabalho de dois médiuns, um de cada classe, ajudará a caracterizar indivíduos dotados de tais capacidades.

Daniel Dunglas Home foi um médium físico notável. Nasceu na Escócia em 1833 e foi criado por uma tia no Connecticut. Aos dezassete

anos foi forçado a deixar casa porque era considerado possuído pelo diabo. Movimentos estranhos de objetos ocorriam à sua volta. Home foi acolhido por vizinhos e em 1852 foi investigado por William Cullen Bryant e pelo professor David Wells. Os relatórios foram favoráveis ao seu estranho poder de mover objetos sem contacto físico. Uma viagem à Inglaterra em 1855 colocou-o em contacto com alguns dos homens e mulheres mais conhecidos da sua época e levou à sua aparição nas cortes francesa e russa.

Sir William Crookes, físico britânico famoso pelas suas invenções que melhoraram o tubo de vácuo, precursor do tubo de raios X moderno, investigou Home e relatou de forma muito favorável os seus poderes de mover objetos sem contacto físico. Num desses testes, Home em transe no laboratório de Crookes conseguiu fazer tocar um pequeno acordeão dentro de uma caixa de arame. Noutra sessão, três testemunhas reputadas testemunharam ver Home levitar o seu próprio corpo por uma janela e regressar a uma sala adjacente por outra janela. Ambas as janelas ficavam a vinte e um metros do chão.

Houve períodos em que os poderes de Home o abandonaram, uma vez durante um ano inteiro. Quando isso acontecia, ele dizia-o e recusava-se a tentar sessões. Embora desse palestras por dinheiro e aceitasse presentes, nunca cobrava pelas sessões em transe. Home permanece o mais notável dos médiuns físicos registados nos últimos vários séculos.

Após ler relatos das investigações de D.D. Home, parece lógico considerar, antes de passar à mediunidade mental, a questão que o Dr. W.Y. Evans-Wentz coloca na introdução a *Tibet's Great Yogi Milarepa* de Lama Kazi Dawa-Samdup.

«Haverá», diz o Dr. Evans-Wentz que lhe perguntaram, «membros da raça humana que atingiram, como se acredita que Milarepa o fez, o auge de tal evolução espiritual e física que este planeta admite, e que, sendo como que uma espécie à parte dos outros seres humanos, possuam domínio sobre forças naturais ainda não descobertas, mas provavelmente suspeitadas, pela ciência ocidental?»

O Dr. Evans-Wentz continua: «Esta, parece-nos, é a questão antropológica mais importante que a biografia de Milarepa levanta.»

Como autor de *The Tibetan Book of the Dead*, *Tibetan Yoga and Secret Doctrines*, *The Tibetan Book of the Great Liberation* e outras obras eruditas sobre crenças religiosas antigas, o Dr. Evans-Wentz tem um fundo interessante para colocar tal questão.

A introdução de *The Tibetan* por Rechung, discípulo de Milarepa, atribui ao seu mestre poderes que lembram Eliseu ou Elias da fama do

Antigo Testamento, para quem machados flutuavam e fogo descia do céu. Entre uma longa lista de realizações espirituais, Rechung afirma que Milarepa podia falar com animais mudos; superar todos os perigos dos elementos e dirigi-los para seu próprio proveito e uso; voar pelo céu; caminhar, descansar ou dormir no ar; produzir fontes de água ou fogo do seu próprio corpo; projetar o seu corpo subtil, supostamente um padrão de energia menos denso que o corpo carnal, para santuários e templos; e curar doenças crônicas.

A época do nascimento de Milarepa (provavelmente por volta de 1052 d.C.) e o lugar, o Tibete, estavam muito distantes do nascimento de Home em 1833, na Escócia. A busca diferente de Milarepa pela iluminação trouxe poderes ocultos que eram apenas «subprodutos», resultados naturais do crescimento da consciência espiritual. No entanto, eram muito semelhantes em alguns aspetos aos reivindicados para Home no século XIX.

A mediunidade mental foi habilmente demonstrada por Mrs. Lenore Piper de Boston durante a parte final do século XIX e o início do século XX. Nos anos iniciais, grande parte da informação de Mrs. Piper era supostamente dada por «Phinuit», um médico francês que viveu por volta de 1790. William James, o destacado psicólogo americano, investigou Mrs. Piper. Os seus relatórios sobre o seu trabalho foram muito favoráveis. Em 1887, Richard Hodgson, um australiano que acabara de completar uma investigação algo descredibilizadora de Mme. Blavatsky, uma das fundadoras da Teosofia, começou um estudo do fenómeno Piper. Uma série interessante de comunicações foi dada através de Mrs. Piper, supostamente de um amigo de Hodgson que, antes da morte, prometera comunicar com ele.

Em transe, ela conseguiu identificar muitos amigos do homem morto que nunca vira e fornecer dados sobre eles da natureza mais evidencial. Mrs. Piper foi convidada para a Inglaterra e aí testada pelo Conselho de Investigação da Sociedade Britânica. O seu trabalho trouxe comentários favoráveis de muitos dos fundadores tanto da Sociedade Britânica como da Americana para a Investigação Psíquica. Ela levantou questões que nunca foram respondidas sobre evidências para a sobrevivência da personalidade após a morte corporal.

Gostaria de fazer vários comentários, ao considerar os dados dos registos de Edgar Cayce relativos a comunicações do tipo mediúnico. No sentido habitual, Edgar Cayce não era um médium. A sua voz era sempre a sua própria. Nenhum guia ou controlo se apresentava para se identificar e assumir o seu corpo físico. Ao comunicar com as mentes de pessoas vivas

ou mortas, o fluxo de informação parecia vir através do seu próprio inconsciente. Mesmo quando em poucos casos entidades específicas eram mencionadas como fonte dos dados, parecia haver um ajustamento da mente inconsciente de Edgar Cayce com as delas. A sua voz e corpo não eram afetados. O corpo físico pode ser apenas uma pequena parte do verdadeiro eu, a «entidade» total ou alma. Parece que em certos graus de inconsciência existem áreas que podem ser portas para dimensões coexistentes de atividade mental. Quando ocorre movimento na consciência, por vezes chamado perda de consciência física, o eu mais extenso consegue «ver», «sentir», «ouvir» — saber — além do que agora sentimos do tempo-espaço. Certamente as experiências de Edgar Cayce descrevem este tipo de movimento na consciência e percepção noutras dimensões. A mediunidade pode, parece-me, ser estendida por definição para incluir as pontes mentais entre estados coexistentes de atividade mental no tempo-espaço, assim como as entre os chamados mortos e os vivos.

Aproximadamente trinta e sete vezes Edgar Cayce começou a falar após a conclusão das declarações que constituíam a leitura. Em todos estes casos parecia que ele se movera na consciência para outra posição. Já não estava a ver ou «em contacto» com a pessoa para quem a informação era dada. Em alguns destes casos descreveu uma cena no que chamou tempo-espaço; noutros deu informação sobre outras pessoas, e em alguns casos parou para falar com pessoas que estavam mortas.

O que se segue foi dado a 24 de janeiro de 1925, no final de uma leitura interpretando um sonho:

«Há tempos terrivelmente difíceis na China hoje. Na região da Manchúria, uma inundação e fogo ambos. Muitas pessoas estão a passar para a terra fronteiriça, as suas entidades a tomar posição conforme se manifestou através do seu ambiente no plano terreno no presente momento. Há condições a surgir deste grande aborrecimento na consciência de muitos que trarão a revolução nas mentes de muitos povos...» (Leitura de Edgar Cayce 3976-3)

A leitura continua a sugerir que a China será o berço da próxima grande reavivamento do cristianismo. À luz da teoria da reencarnação, talvez os anos de trabalho missionário não tenham sido perdidos, pois aqueles que foram treinados nos ensinamentos cristãos renascem.

A 14 de junho de 1932, um dos pedaços mais invulgares de informação voluntária alguma vez dada por Edgar Cayce seguiu-se a uma leitura física que descrevia maleitas corporais normais. A sugestão completa para o acordar fora dada três vezes:

«Aqui com o Mestre. Vejam o que têm para o jantar — peixe cozido, arroz com alhos-porros, vinho e pão. Um dos jarros em que é servido está partido. A asa está partida, assim como o bico. O cabelo do Mestre é muito ruivo, inclinado a ser encaracolado em partes. Contudo, não é feminino nem fraco, mas forte — com olhos penetrantes pesados que são azuis ou cinzento-aço. O seu peso seria pelo menos setenta e sete quilos. Tem dedos longos e afilados. As unhas estão bem cuidadas com uma unha longa, porém, no dedo mindinho esquerdo. Ele está alegre mesmo na hora da provação. Brinca mesmo no momento da traição.

Toda a túnica do Mestre não é branca mas cinzento-pérola — tudo combinado num só, o presente de Nicodemos ao Senhor. O mais bonito dos doze é, claro, Judas; enquanto o mais novo é João com rosto oval, cabelo escuro, rosto liso — o único com cabelo curto. Pedro, o rude e pronto, tem uma barba muito curta — rude e não totalmente limpa. A de André é exatamente o oposto — muito escassa mas inclinada a ser longa mais nos lados e sob o queixo, longa no lábio superior. A túnica de André era sempre perto de cinzento ou preto enquanto as suas calças ou calções eram às riscas. As de Filipe e Bartolomeu eram vermelhas e castanhas.

O saco está vazio. Judas parte. O último é dado do vinho e do pão. O Mestre põe de lado a sua túnica que é toda de uma peça. Cinge a toalha à volta da cintura que está vestida com linho azul e branco. Ele enrola as dobras e ajoelha-se primeiro diante de João, depois Tiago — depois diante de Pedro, que recusa. Agora vem a dissertação sobre “Aquele que quiser ser o maior entre vós deve ser servo de todos”. A bacia usada não tem asa e é feita de madeira. A água é dos pepinos que estão nos shibboleths de boca larga que estão na casa do pai de João, Zebedeu.

E agora vem, “Acabei...” Cantam o Salmo noventa e um: “Aquele que habita no lugar secreto do Altíssimo habitará à sombra do Todo-Poderoso. Direi do Senhor: Ele é o meu refúgio e a minha fortaleza; o meu Deus; n’Ele confiarei.” Ele é também o músico pois usa a harpa.

Partem para o jardim.» (Leitura de Edgar Cayce 5749-1)

Algumas poucas das leituras não solicitadas contêm o que parecem ser pedaços comprovativos de comunicação. Em volume isto não é impressionante. No entanto, outras dão descrições interessantes das condições neste «país desconhecido» que entramos na morte. Como já foi apontado, há poucos viajantes que possam descrever as suas experiências. À luz disto, o seguinte pode ser considerado:

Enquanto vivia em Selma, Alabama (1912-1923), Edgar e Gertrude Cayce tornaram-se bem conhecidos de um Dr. S. Gay. Como médico de

família, operou Edgar Cayce de apendicite e assistiu ao parto de Edgar Evans, nascido de Gertrude Cayce enquanto em Selma. O Dr. Gay morreu enquanto os Cayce ainda estavam em Selma.

A 6 de maio de 1929, em Virginia Beach, após uma leitura para dois homens que estavam em cidades distantes, e depois de Gertrude Cayce ter dado a sugestão para Edgar Cayce acordar, o seguinte foi dado voluntariamente na voz normal de Edgar Cayce:

«Aqui, Irmã, antes de mudares isto, deixa-me dar-te um pequeno conselho acerca do que estás a trabalhar. Há muitas perguntas que frequentemente fazes, e frequentemente sentes que os outros não são considerados da posição que ocupas, com as forças como se manifestam através de Cayce. Estas são as coisas que possivelmente te ajudarão a compreender exatamente o que acontece, e como tu — pessoalmente — podes assistir ou ajudar o indivíduo que procura saber o que pode ser útil, benéfico para si mesmos ou para os seus entes queridos; ou, onde outros procuram ganhar para si a mesma experiência da posição que tu própria ocupas agora ao obter para outros ou para ti tal informação.

Esta é a condição que está sempre presente quando tal informação é obtida: Quando a consciência é posta de lado, há aquilo que acontece muito da mesma maneira que a mola de um rolo automático de cortina. Isto então pode ser puxado para baixo ou levantado com a libertação da mola. Alguns chamam a isto ir para o desconhecido. Alguns chamam a isto comunicação espiritual, ou de espírito. Alguns chamam-lhe a capacidade de ganhar a força das atividades da quarta dimensão — que está mais perto do correto do que qualquer explicação que possa ser dada — o plano que é do inter-entre, ou da terra fronteiriça.

Todos os indivíduos ocupam este plano durante esse período de ganhar a consciência dessa esfera que eles próprios ocupam, até tal período ou tal tempo em que haja essa junção de forças que possa novamente trazer essa entidade individual para o reino da experiência física ou ser. Agora cada indivíduo procura experiências, vê? Cada indivíduo deve experimentar condições para as tornar parte do registo total de si mesmo como entidade a funcionar em muitos planos de consciência. Então, sabe que sempre que houver o desejo sincero de todos [aqueles na terra e no plano de comunicação] pode haver a ação perfeita do rolo ou mola, ou pode haver a aplicação perfeita da informação que pode ser ganha. Mas Irmã, sabe isto, sempre que tu própria estás na posição de questionadora, ou da que procura ganhar para outro tal informação, chama por mim. Eu responderei. Isto é Gay. Terminámos.» (Leitura de Edgar Cayce 538–28)

Isto parece ser um tipo direto de comunicação telepática. Nesta, a personalidade de Edgar Cayce não parece estar a falar com outra personalidade (Gay). Os pensamentos aparentemente atuam diretamente através do subconsciente. Será possível que Edgar Cayce se tenha movido para o plano de consciência de Gay e aí estivesse em contacto direto — em vez de Gay se mover para o nível de consciência física?

A explicação de Gay sobre os fenómenos das leituras como «atividades da quarta dimensão» encaixa perfeitamente nesta ideia de movimento na consciência.

Note-se que ele menciona o renascimento. Gay não era conhecido por aceitar a ideia de reencarnação. Este assunto não fazia parte da consciência física de Edgar Cayce até que as leituras de vida começaram em Dayton, anos após a morte de Gay. Não há nada de conclusivo a favor ou contra a ideia de renascimento. Trata-se simplesmente de uma nota interessante sobre comunicação que lida com ideias que não faziam parte do processo de pensamento do médico à data da sua morte.

Gay parece estar ciente de pelo menos algumas das atitudes e padrões de pensamento de Gertrude Cayce. Isto poderia ter vindo do subconsciente de Edgar Cayce, disfarçado de Gay, claro. No entanto, neste contexto, é curioso que Gay formule a sua última sugestão da forma como o fez. Gertrude Cayce conduzia praticamente todas as leituras quando esta comunicação ocorreu. Quando Gay conheceu Cayce no plano terreno, várias pessoas atuavam como condutoras. O tempo parece estar fora de foco.

O seguinte é um tipo diferente de comunicação que veio após duas leituras físicas de verificação a 10 de abril de 1929. Esta informação não solicitada começa assim:

«Agora há muitos aqui que gostariam de falar sobre as várias coisas que foram dadas relativamente ao aspeto educativo do trabalho institucional. Três falariam sobre as abordagens variadas, da forma como dada por cada um.

Como encontramos, Robertson diria — Na apresentação dos panfletos como lições, o espetacular de cada experiência individual é uma abordagem.

Enquanto encontramos que Funk diria — A razão e a autoaplicação seriam a melhor abordagem.

Enquanto encontramos como apresentado por Hudson — Que o caminho da abordagem individual é a maneira que deve ser apresentada

em qualquer informação dada ao público, sabendo que — como tantas vezes foi dito — isto é primeiro para o indivíduo, depois para as classes, depois para as massas.

Classes sendo a classificação sob os três cabeçalhos como podem ser apresentados sob o ensino ou a influência de cada um destes que foram professores na sua experiência física. Um o errante, o outro o estudante, o outro o raciocinador — ou o exortador. Em cada campo há uma classe. Enquanto os indivíduos diferem, que o primeiro princípio seja o ponto de partida. TUDO é Um! Terminámos por agora.»

(Leitura de Edgar Cayce 5756–7)

O Robertson referido aqui pode ser Morgan Robertson, o autor americano cujas histórias marítimas refletem os seus anos de experiência como marinheiro e um interesse no sobrenatural. Funk é possivelmente I.K. Funk, viajante mundial, cofundador da Funk and Wagnalls da fama dos dicionários, e um homem conhecido pelo seu interesse científico na investigação psíquica. Hudson poderia ser Thomson Jay Hudson, autor de *The Law of Psychic Phenomena* e outros livros no mesmo campo.

Aqui a comunicação é de ideias em vez de descrições, mas também contém uma referência definida a personalidades existentes em algum nível ou plano de consciência. É possível que, no movimento através de vários níveis, Edgar Cayce tenha tomado consciência destas formas-pensamento como atitudes mantidas por estes homens. No entanto, a referência que relaciona as suas ideias com atividades na experiência presente não pode ser ignorada como um possível tipo de comunicação.

Há outro tipo interessante de comunicação descrito nas leituras que envolve a teoria dos anjos da guarda. Numa leitura de uma pessoa dedicada a perguntas gerais, o anjo da guarda de um indivíduo foi descrito como uma entidade noutra nível de consciência que fora irmão numa encarnação anterior na Terra. Os laços estão no reino mental e têm a ver com ideias, ideais, propósitos, etc. Isto indicaria que no reino da mente estamos relacionados com outras almas muito mais de perto do que estamos conscientemente cientes. Esta relação existe com entidades tanto dentro como fora de corpos físicos. Anjo é usado aqui para descrever uma alma protetora, não um ser celestial.

A 9 de julho de 1934, Gertrude Cayce, Gladys Davis, Mildred Davis e L. B. Cayce estavam presentes para ouvir uma leitura física de verificação no horário regular. Após a leitura estar concluída e dada a sugestão para Edgar Cayce acordar, ele começou a falar:

«Há alguns aqui que gostariam de falar com os que estão presentes, se eles desejarem comunicar-se com eles.»

Mrs. Cayce: «Desejamos ter neste momento aquilo que for dado.»

Mr. Cayce, após uma longa pausa: «Não falem todos ao mesmo tempo. [pausa] Sim, eu sabia que estariam à espera... Sim? Ainda não o encontraram antes? Todos juntos agora, hein? Tio Porter também? Ele conseguiu aliviá-lo logo, hein? Quem? Dr. House. Não. Oh, não — não, ela está bem. Sim, muito melhor. Não está a dar problemas agora... Não a viram? Porquê, onde têm estado? Oh. Ela está noutra mudança? Quanto tempo ficarão lá? Oh, eles não contam o tempo assim... Oh, vocês têm-nas. Bem, essas devem ser bonitas agora, se estão todas a crescer assim. Sim? Sim, eu digo-lhe sobre elas. Diga a Gertrude que estão todos juntos agora, hein? Tio Porter, Dr. House, a vossa mãe? E a Avó. Oh. O Avô ainda está a construir? Oh, ele fez a casa... sim? Diga ao Tommy o quê? Sim! Lynn? Sim, ele está em casa... Oh, vocês sabiam isso! Hein... Não há diferença? ... Bem, e o tempo? ... Oh, o tempo não vos afeta agora — não muda... Oh, têm o que querem... depende de onde vão... Claro, depois estão sujeitos a isso de qualquer forma... O bebé também! Quão grande é? Oh, ele já cresceu agora, hein? Sim.

A voltar! Quando? Oh! Uh-huh. Tudo bem... Porquê? ... Oh sim, eles ouvem-vos... Tenho a certeza que sim. Eu ouço-vos! ... Para Gertrude?

Sim, ela está aqui... ela ouve-vos. Oh, sim.»

Mrs. C.: «Eu não ouço. Posso ter a mensagem?»

Mr. C. [Continuando]: «Claro, ela ouve-vos; não a ouvem a falar? Não, não sei o que ela diz.»

Mrs. C.: «Eu não ouço. Pode repetir a mensagem para mim?»

Mr. C.: «Mamã e Dr. House e Tio Porter e o bebé... estamos todos aqui. O Avô construiu a casa aqui, e está bonita! E estamos todos à espera até vocês virem, e estaremos todos aqui prontos... estamos a ir muito BEM, indo bem, sim! Não. Não mais problemas agora, pois a primavera borda todo o caminho [?]. Pois chegámos, juntos, àquele lugar onde vemos a luz e sabemos que o caminho para o Salvador é ao longo do caminho estreito que leva ao Seu trono. Estamos nesse plano onde ouviram dizer que o corpo e a mente são um com aquelas coisas que construímos. Sim, ainda jogo basebol, e o Charlie juntou-se recentemente ao meu clube, e ainda sou capitão de muitos deles. Bem, estaremos à espera de vocês!»

(Leitura de Edgar Cayce 5756–13)

Através disto obtemos um sentido de movimento por parte de alguma fase da mente de Edgar Cayce... «Eu sabia que estariam à espera», e «... todo o caminho», etc. Evidentemente, ele parou no caminho de regresso do nível de sintonia de onde a leitura fora dada. Reconheceu várias pessoas que desejavam comunicar e iniciou uma conversa com elas. Os presentes na sala quando a leitura estava a ser dada ao início só ouviam um lado da conversa. Depois ele repetiu uma mensagem específica como lhe fora dada. Isto é semelhante à comunicação do Dr. Gay.

Um jovem, evidentemente na sua mente, continuou o tipo de atividade física («Ainda jogo basebol») que desfrutara na Terra. Morreu de tuberculose e fora forçado a abandonar o jogo nos últimos anos de vida. O irmão também fala de uma casa terminada pelo avô. Esta casa tornara-se um símbolo de estabilidade familiar e era «um ponto de regresso» em caso de problemas, para vários membros de uma grande família. O avô estava a construí-la quando morreu, e foi acrescentada durante a vida do jovem. O irmão parece ter começado a reconhecer esta casa como um lugar num caminho em vez de um «céu» ou ponto de paragem.

Note-se as referências ao tempo e a uma medida diferente de tempo. As pessoas mencionadas morreram em épocas diferentes. O bebé referido pode ter sido o filho de Gertrude e Edgar Cayce que morreu enquanto infante. Pelo menos na mente deste rapaz, o crescimento continuou. A «volta» refere-se à reencarnação? Ele não acreditava no renascimento quando morreu.

A 17 de julho de 1934, foi dada uma leitura por Edgar Cayce para explicar as comunicações na leitura acima dada a 9 de julho. A sugestão usada e a maior parte da leitura seguem:

Sugestão: Terás perante ti o corpo e a mente indagadora de Edgar Cayce e todos os presentes nesta sala, relativamente à experiência após a leitura de segunda-feira à tarde, 9 de julho de 1934, explicando-nos o que aconteceu... e porquê nesse momento particular, respondendo às perguntas que possam ser feitas.

Resposta: Sim, temos o corpo, e a mente indagadora, Edgar Cayce, e os presentes na sala a 9 de julho de 1934.

Ao dar aquilo que possa ser útil, por agora voltem ao que é conhecido como o corpo de si mesmo e pelos presentes na sala respeitando o que é ordinariamente denominado comunicação de espírito ou... deveria ser (e aquilo que causou muita da dissensão)... comunicação de alma. Pois a alma vive e é libertada de uma casa de barro. As atividades no mundo da matéria são apenas alteradas nas suas relações com aquilo que as produz e com

aquilo que o corpo físico vê em forma material ou tridimensional. Havia aqueles que estavam em sintonia... através das vibrações do que soou na sala nesse período particular... e estes procuraram (muitos — mesmo muitos que não falaram) comunicar para que pudesse ser conhecido não só a sua existência continuada num mundo de matéria mas de matéria mais fina. Procuraram, através daqueles canais através dos quais a força-alma do corpo estava a passar nesse momento particular, produzir aquilo que tornaria conhecida a sua presença.

Embora as várias comunicações dadas nessa altura fossem de aqueles considerados mortos (do ponto de vista físico) ou noutros reinos, contudo as suas almas, as suas personalidades, as suas individualidades vivem. As personalidades perdem-se gradualmente... [à medida que o crescimento continua].

(P) Por que ouvimos apenas um lado da conversa?

(A) Densidade da matéria em relação ao reino espiritual. Todos os que se sintonizaram sentiram a presença dessas influências. O Mestre disse: «Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.» Não há surdos como aqueles que não querem ouvir. Todos poderiam ouvir se se sintonizassem com o reino da atividade durante tal experiência. A conversa tratava de assuntos que eram, para eles, muito vitais nas suas experiências no plano presente.

Como (alguns perguntariam) o corpo, Edgar Cayce, ou a alma, se sintonizou nesse período particular e, no entanto, não se lembra na consciência física? Isso acontece porque a alma passa do corpo para aqueles reinos onde a informação pode ser obtida. Foi pedida ajuda a 9 de julho para a condição física de um corpo. Este reino de onde tal informação é obtida provém ou daqueles que passaram para o reino da atividade subconsciente ou da atividade subconsciente e supraconsciente daquele através de quem a informação é procurada. Este corpo particular, Edgar Cayce, conseguiu sintonizar-se com os variados reinos de atividade ao pôr de lado a consciência física. Se o corpo, pelo seu desenvolvimento material e mental, fosse totalmente consciente do que passa na atividade da sua alma em tais reinos, a tensão seria demasiado grande. A atividade material poderia desequilibrar-se e o corpo tornar-se demente. E ele já é considerado suficientemente louco! (Leitura de Edgar Cayce 5756-14)

Após aproximadamente dezassete leituras de vida, Edgar Cayce recordava uma experiência onírica de passar por muitos níveis diferentes onde ocorrem atividades. Estes podem ser considerados planos, estados de consciência ou dimensões. Aparentemente, ele parava em vários níveis quando as comunicações anteriores eram dadas. Ele descrevia isto da seguinte forma:

Vejo-me a mim mesmo como um pequeno ponto fora do meu corpo físico, que jaz inerte à minha frente. Sinto-me oprimido pela escuridão e há um sentimento de solidão terrível. De repente, tomo consciência de um feixe de luz branca. Como este pequeno ponto, movo-me para cima na luz, sabendo que devo segui-la ou perder-me-ei.

Ao mover-me ao longo deste caminho de luz, tomo gradualmente consciência de vários níveis nos quais há movimento. Nos primeiros níveis há formas vagas e horríveis, formas grotescas como as que se veem em pesadelos. Ao prosseguir, começam a aparecer de ambos os lados formas deformadas de seres humanos com alguma parte do corpo magnificada. Novamente há mudança e tomo consciência de formas encapuzadas de cinzento a moverem-se para baixo. Gradualmente, estas tornam-se mais claras na cor. Depois a direção muda e estas formas movem-se para cima e a cor das vestes torna-se rapidamente mais clara.

Em seguida, começam a aparecer de ambos os lados contornos vagos de casas, paredes, árvores, etc., mas tudo está imóvel. Ao passar adiante, há mais luz e movimento no que parecem ser cidades e vilas normais. Com o aumento do movimento, tomo consciência de sons, primeiro rumos indistintos, depois música, risos e canto de pássaros. Há cada vez mais luz, as cores tornam-se muito belas, e há apenas uma fusão de som e cor. De repente, chego a um salão de registos. É um salão sem paredes, sem teto, mas tomo consciência de ver um velho que me entrega um grande livro, um registo do indivíduo para quem procuro informação.

Em outros relatos de experiências semelhantes, Edgar Cayce descrevia o que pareciam ser aulas onde professores dirigiam e treinavam almas a preparar-se para regressar à Terra. Para além do salão de registos havia áreas de cor e música para as quais ele não conseguia dar descrições adequadas em palavras.

Ao procurar informação sobre comunicação através das leituras de Edgar Cayce por perguntas diretas, o seguinte é uma amostra das explicações obtidas. Evidentemente, as entidades ocupam diferentes posições nestes planos de acordo com o seu desenvolvimento. Uma sintonização mental poderia ser estabelecida com qualquer um daqueles dentro do alcance do que Edgar Cayce chamava uma esfera de comunicação. Isto é explicado no seguinte:

(P) É possível para este corpo, Edgar Cayce, neste estado, comunicar-se com alguém que passou para o mundo espiritual?

(R) O espírito de todos os que passaram do plano físico permanece perto do plano até que o seu desenvolvimento o leve adiante ou o retorne

aqui. Quando está no plano de comunicação, ou dentro desta esfera, pode ser comunicado. Há milhares à nossa volta aqui no presente.

(P) Para que lugar ou estado passa o subconsciente para receber esta informação que dá?

(R) Mesmo aqui na mesma esfera que quando o espírito e a alma são expulsos ou removidos do corpo ou da pessoa.

(Leitura de Edgar Cayce 3744-2)

(P) O que significa «almas dentro desta esfera podem ser comunicadas por Edgar Cayce no estado psíquico»?

(R) Cada entidade alma, ou entidade terrena que passa pelo plano da Terra, deixa nesse plano aquelas condições que são impressões da alma ou entidade espiritual do indivíduo. Isto então torna-se o facto, o facto real, no mundo material.

O corpo, Edgar Cayce, na condição psíquica ou subconsciente, consegue alcançar todas as mentes subconscientes, quando dirigido para tal por sugestão — quer no mundo material quer no mundo espiritual, desde que a entidade espiritual não tenha passado inteiramente para outro nível. Então alcançamos apenas aquelas radiações deixadas no plano da Terra. Estas são retomadas quando se reentra no plano da Terra, quer a entidade esteja consciente disso ou não. A consciência deste movimento e desenvolvimento deve (eventualmente) ser alcançada por todos. (Leitura de Edgar Cayce 900-22)

... o mundo físico, e o mundo cósmico, ou o mundo astral, são um — pois a consciência, a consciência sensória, é como o crescimento do subconsciente para o mundo material. O crescimento no mundo astral é a digestão e a construção dessa mesma unidade no espírito, no consciente, no subconsciente, no cósmico. Encontramos, de um para outro, indivíduos retidos nessa unidade, até que cada um seja feito um no Grande Todo — a Energia Criativa das Forças Universais como sempre se manifestam no plano material. (Leitura de Edgar Cayce 5756-4)

Para resumir: Indica-se que a morte não traz necessariamente iluminação espiritual imediata. A comunicação é controlada pela sintonização estabelecida em ambos os planos. Deve haver um desejo mútuo. Muita comunicação pode ocorrer com impressões de pensamento. Enfatiza-se o plano físico como apenas um nível de consciência, parte de um todo, como um quarto numa casa.

Por vezes, lugares ou casas atuam como médiuns, ao que parece. O meu caderno contém vários relatos de supostas casas assombradas. Aqui está um que levanta várias questões na minha mente.

Por coincidência, o telefone tocou uma noite mesmo quando eu tinha ligado a televisão para ver as notícias da noite após regressar de uma reunião. Quando a imagem se formou no ecrã, deparei-me com um fantasma de televisão muito animado que se materializava à frente de três pessoas assustadas. O telefone tocou novamente e eu atendi.

A voz do outro lado da linha soava tensa e hesitante: «O seu nome foi-me dado por amigos que disseram que talvez pudesse ajudar-nos.» O homem apresentou-se como Capitão de um subúrbio de Norfolk. Perguntei que tipo de problema estava envolvido, e novamente houve hesitação. Depois o Capitão continuou: «Não quero que pense que estamos loucos, mas parece que temos um fantasma na nossa casa.»

Neste ponto, pensei que um dos meus amigos adolescentes estivesse a pregar-me uma partida. Até pensei num velho amigo que liga de vez em quando e imita várias pessoas. Uma vez foi o agente da American Express a tentar entregar uma caixa de mosquitos da variedade de Wisconsin. Depois, quando o capitão ficou um pouco histérico, percebi que isto poderia ser um problema genuíno. Convidei-o a trazer a família para me ver na manhã seguinte. Às dez horas, o Capitão com a esposa, um bebé ao colo e uma filha pequena de seis anos estavam no meu escritório. Contaram uma história estranha.

A família mudara-se para a área de Norfolk há menos de um ano. As casas eram escassas na altura, por isso alugaram uma casa velha que aparentemente estava vazia há algum tempo. Não fizeram exigências ao agente, que indicou que o proprietário aceitaria uma renda moderada se não houvesse pedidos de reparações ou redecoração. Tanto o Capitão como a esposa insistiram que não falaram com ninguém além do agente. Não foi senão várias semanas depois, na verdade não até começarem a ser perturbados pela «presença» na casa, que perguntaram aos vizinhos sobre a história da casa.

Na primeira semana, tanto o homem como a esposa afirmaram sentir-se deprimidos e perturbados. Começaram a ouvir independentemente e juntos ruídos peculiares, especialmente de um quarto no andar de cima. A filha de seis anos começou a perguntar à mãe e ao pai sobre os ruídos. Recusava-se a entrar no quarto.

Uma noite, enquanto estavam sentados na sala de estar no andar de baixo, os três da família ouviram um ruído distinto no quarto. O capitão

descreveu-o como o som de uma mala de marinheiro a ser arrastada pelo chão. Isto foi seguido pelo estalo da fechadura, do tipo que se pressiona com o polegar para soltar o trinco, na porta para o corredor. Após essa noite, os ruídos na casa aumentaram e finalmente eram ouvidos no corredor e na sala de estar quando a família estava na cozinha. O cão da família tornou-se covarde e recusava-se a deixar a esposa exceto para ir lá fora. O sentido da presença de alguém ou algo na casa cresceu tão opressivo que a família se mudou para um dos três quartos do andar de cima. O quarto principal onde os ruídos eram ouvidos foi abandonado. Finalmente, o capitão disse que os ruídos ficaram tão maus que começaram a perguntar aos vizinhos sobre a casa, e contaram-lhes uma história bastante macabra.

O casal que vivera anteriormente na casa discutira amargamente sobre o consumo pesado de álcool do marido. Após uma série de cenas descritas em detalhe pelos vizinhos, a mulher deixou o homem num estado de embriaguez. Como a casa foi fechada, os vizinhos assumiram que tanto o homem como a mulher tinham partido, por isso quase uma semana passou antes de a esposa regressar para encontrar o marido morto no quarto principal do andar de cima.

Aparentemente num estado de depressão, ele suicidara-se com um tiro. Depois, sofrendo e sangrando profusamente, tentara chegar à porta do quarto. Ali desmaiara e morrera.

Após ouvir a história, como seria de esperar, os ruídos pareceram ao capitão e à esposa crescerem muito pior. Quando questionados de perto, o casal descreveu batidas suaves em várias peças de mobiliário; um som de arrastar de um objeto pesado e mole; o estalo da fechadura da porta, embora nenhum movimento fosse visto; o tilintar e movimento de peças de um conjunto de lareira; batidas no corredor do andar de cima; o sentido de uma presença que produzia depressão; e, finalmente, o que parecia ser um escurecimento ou mancha no tapete do quarto.

Ao falar separadamente com o homem e a mulher, descobri que nenhum deles lera nada no campo psíquico. Nenhum era adepto de histórias de fantasmas, nem nenhum deles alguma vez, pelo que se lembravam, ouvira falar de qualquer tipo de experiência psíquica.

Após falarmos longamente sobre algumas das ideias que poderiam estar envolvidas em tais acontecimentos, recomendei oração durante vários dias seguidos. Sugeri ainda que arranjaría um grupo de oração para os ajudar durante o mesmo período. Sugeri de forma bastante positiva que não seriam mais perturbados, e que se fossem eu iria visitar a casa e ficar lá alguns dias para observar os fenómenos.

No final da semana, o capitão ligou a dizer que nenhum ruído fora ouvido durante a semana. Insisti que redecorassem, pintassem e limpassem o quarto de cima, o que ele prometeu fazer imediatamente. Um mês depois ligou novamente a relatar que não havia mais dificuldades.

Talvez a história macabra tivesse sido ouvida mais cedo do que o casal se lembrava. Se assim for, então o medo e a confusão poderiam explicar todos os problemas. Para aqueles que preferem a explicação de um fantasma preso pelo suicídio, medo e memórias, a oração pela família que ocupava a casa e pelo homem morto preso à Terra ajudou a libertar ambas as partes do seu medo. Em qualquer caso, foi a casa que pareceu ser um ponto de contacto, um médium, para a comunicação.

Portanto, há muitas fases, muitos caracteres, da manifestação das forças psíquicas no mundo material. Há aquelas influências de além do véu que procuram, procuram, para que possam encontrar uma expressão, para que possam ainda ser uma porção desta evolução na Terra, sem considerar o seu estado presente. E estas trazem tumulto e conflito. (Leitura de Edgar Cayce 1135–2)

Lembra-te da primeira premissa: «Como a árvore cai, assim fica deitada.» Se houver desejo da parte daqueles no plano espiritual ou da quarta dimensão de serem comunicados, e o mesmo elemento de desejo estiver sintonizado a partir de outro plano, estrato, esfera ou condição, então tal pode ser feito. Por isso, pode verdadeiramente dizer-se que todos os fatores têm a sua influência. O desejo é o que governa; e o desejo deve estar sintonizado à mesma vibração daquela que está noutro plano, como o rádio. Aqueles que procuram a Sua Face devem saber, acreditar, que Ele é, sintonizando as suas capacidades, os seus esforços, nessa direção, agindo, sentindo, que há resposta. (Leitura de Edgar Cayce 5756–8)

Ao questionar sobre uma experiência particular que parecia ser uma comunicação com o irmão que falecera, uma mulher obteve o seguinte:

(P) A entidade teve a experiência de acordar à noite e sentir a presença do irmão — apreciaria uma explicação disto.

(R) Isto é uma realidade.

(P) A 2 de junho de 1942, a entidade ouviu o irmão a chamá-la — foi este o momento exato em que ele faleceu?

(R) Não o momento exato, mas quando a entidade pôde — e encontrou a sintonização tal que pudesse falar contigo.

(P) Havia algo que ele queria que ela soubesse?

(R) Muito do que ele precisa de ti. Não esqueças de orar por ele e com ele; não procurando retê-lo, mas para que ele também possa percorrer o caminho para a luz, na e através da experiência. Pois isto é bom. Aqueles que passaram precisam das orações daqueles que vivem corretamente. Pois as orações daqueles que seriam justos em espírito podem salvar muitos que erraram, mesmo na carne. (Leitura de Edgar Cayce 3416-1)

Note-se aqui a ênfase na eficácia da oração pelos chamados mortos. Há considerável ênfase em tal oração nas recomendações ao longo de todas as leituras de Edgar Cayce.

Há muitas referências nas leituras que descrevem os estados de consciência que existem na mudança chamada morte. Imediatamente após a morte segue-se um período de inconsciência, cuja duração é governada pelo desenvolvimento da pessoa envolvida. Pode ser comparado apropriadamente a um estado de sonho do qual há um despertar gradual.

Pois os pensamentos são atos, e são filhos da relação entre a mente e a alma e têm a sua relação com o plano de existência do espírito e da alma, tal como têm no plano físico ou terreno. O que alguém pensa continuamente torna-se; o que alguém acalenta no coração e na mente torna parte da pulsação do seu coração, através das suas próprias células sanguíneas, e constrói no seu próprio corpo físico. Após a morte, a alma e o espírito alimentam-se, e, de certo modo, são possuídos por aquilo que foi criado pela mente na experiência terrena. O que quer que tenha sido ganho no plano físico deve ser usado. (Leitura de Edgar Cayce 3744-4)

Quando o corpo material é posto de lado, aquilo que no físico é chamado alma torna-se o corpo da entidade, e aquilo chamado supraconsciente torna-se a subconsciência da entidade tal como o subconsciente o é para o corpo físico. O subconsciente torna-se a mente ou intelecto do corpo. (Leitura de Edgar Cayce 900-304)

Noutra leitura, esta pergunta direta sobre a forma da entidade após a morte foi respondida da seguinte maneira:

(P) Que forma toma a entidade espiritual?

(R) Toma aquela forma que a entidade cria para si mesma no plano através do qual passou. (Leitura de Edgar Cayce 900-19)

A leitura prossegue ilustrando pelo poder da imaginação a atuar através do corpo físico para criar formas-pensamento. Frequentemente, aquilo que é mantido na imaginação vem a expressão física na experiência. A leitura continua:

«Portanto, a entidade ao passar da Terra possui a mesma capacidade de assumir aquilo em que possa manifestar-se de acordo com a sua posição relativa ao que mereceu na sua existência.»

Por outras palavras, na morte, o corpo físico mais fino que se retira do corpo carnal continua a experimentar o que criou através do desejo e da imaginação.

Esta leitura continua a reafirmar o poder da mente para construir e reconstruir o seu veículo de expressão em todos os planos de experiência: «Tal como o corpo físico toma forma no plano material, a entidade alma e espírito toma forma no plano espiritual; está sujeita àquelas leis imutáveis do plano espiritual...» É esclarecido que, tal como o corpo carnal veste um corpo físico mais fino que está constantemente a ser remodelado de acordo com um padrão mental, assim o corpo após a morte é um produto da mente. Os contos de fadas podem tratar deste mundo da mente onde os desejos do homem como pensamentos se tornam reais. Os corpos nos planos além da morte diferem, tal como na Terra, de acordo com o que foi construído na mente.

Aparentemente seria um erro reduzir a morte a um denominador comum. É uma experiência individual, muito pessoal. A consciência no período de transição difere com cada entidade. Isto é apontado no seguinte:

(P) A morte acaba instantaneamente com todo o sentimento no corpo físico? Se não, por quanto tempo pode sentir?

(R) Isto seria um problema; a duração depende da maneira como a inconsciência é produzida no corpo físico ou da maneira como a consciência foi treinada a pensar sobre a morte.

A morte — como comumente falada — é apenas passar pela outra porta de Deus. Que haja consciência continuada é evidenciado, sempre, pelas capacidades das entidades de projetar ou fazer impressões sobre a consciência de sensitivos ou semelhantes. Quanto a quanto tempo [a morte pode levar], muitos indivíduos permaneceram no que se chama morte durante anos sem se darem conta de que estavam mortos! Os sentimentos, os desejos por aquilo que se chamam apetites, são mudados, ou não se está consciente de todo.

A capacidade de comunicar e as tentativas de o fazer é aquilo que geralmente perturba ou preocupa os outros. Então, quanto a dizer quanto tempo isto leva, isso depende da entidade. Pois, como foi dado, as forças psíquicas de uma entidade estão constantemente ativas, quer a entidade-alma esteja consciente disso ou não. Portanto, como tem sido a

experiência de muitos, as mortes tornam-se tão individuais como as individualidades ou personalidades o são em si mesmas. (Leitura de Edgar Cayce 1472-2)

O tempo necessário para perder a consciência física é mencionado novamente na mesma leitura em resposta a esta pergunta sobre cremação:

(P) Se cremado, o corpo sentiria?

(R) Que corpo? O corpo físico não é a consciência. A consciência do corpo físico é uma coisa separada. Há o corpo mental, o corpo físico, o corpo espiritual. Como tantas vezes foi dado, o que é o construtor? A mente! Pode queimar ou cremar uma mente? Pode destruir o corpo físico? Sim, facilmente.

Estar ausente — o que está ausente? — do corpo é estar presente com o Senhor, ou a consciência universal ou o teu ideal. Ausente de quê? O que está ausente? Consciência física? Sim! Quanto ao tempo que leva para perder a consciência física, isso depende de quão grandes são os apetites e desejos de um corpo físico!

Encontramos outra referência às diferenças nos estados de consciência na morte nos seguintes excertos:

(P) Descreve alguns dos planos para os quais as entidades passam ao experimentar a mudança chamada morte.

(R) Ao passar da consciência material para uma consciência espiritual ou cósmica, ou exterior, muitas vezes uma entidade ou ser não toma consciência do que a rodeia; muito da mesma maneira que uma entidade nascida no plano material só toma consciência gradualmente daquilo designado como tempo e espaço para o plano material ou da terceira dimensão. Na passagem, a entidade toma consciência de estar num plano de quarta ou superior dimensão, muito da mesma forma como a consciência é ganha no material. Pois, como demos, o que vemos manifestado no plano material é apenas uma sombra daquilo no plano espiritual.

Na materialidade encontramos alguns a avançar mais rápido, alguns a crescer mais fortes, alguns a tornarem-se fracos. Até que haja redenção através da aceitação da lei, ou amor de Deus, como manifestado através do Canal ou do Caminho, pode haver pouco ou nenhum desenvolvimento num plano material ou espiritual. Mas todos devem passar sob a vara, mesmo como Ele — que entrou na materialidade. (Leitura de Edgar Cayce 5749-3)

No excerto seguinte encontramos uma confirmação da ideia de que uma alma assume e depois se liberta de uma forma semelhante a corpo no

plano seguinte de consciência à medida que progride na sua evolução espiritual. A seguinte responde a uma pergunta sobre uma experiência de sonho que se pensava ser um movimento para o plano astral:

(P) Relativamente à minha primeira projeção de mim mesmo para o plano astral, há cerca de duas semanas: Algumas das pessoas estavam animadas e algumas pareciam imagens de cera de si mesmas. O que fez a diferença?

(R) Algumas — aquelas que aparecem como imagens — são as expressões ou cascas; ou o corpo de um indivíduo que foi deixado quando o seu eu-alma se projetou adiante, e o corpo astral ainda não foi dissolvido — por assim dizer — no reino dessa atividade.

Pois aquilo que os indivíduos são — vive e toma forma no que outros denominam corpo astral. A alma deixa-o e ele aparece como visto, ceroso.

Outros indivíduos, como experimentado, estão na sua forma animada através da sua própria esfera de experiência no presente.

(P) Por que vi o meu pai e os seus dois irmãos como homens jovens, embora os tenha conhecido quando eram de cabelos brancos?

(R) Porque, como pode ser experimentado em cada entidade, uma morte é um nascimento. E aqueles que estão a crescer aparecem então no seu estado de crescimento.

(P) Algum outro conselho?

(R) Primeiro, faz aquelas coisas que tornarão o teu corpo — por assim dizer — inteiro. Projeções, infleções, experiências astrais, são mais difíceis para aqueles que não estão totalmente fisicamente aptos. [Este aviso relativamente à necessidade de equilíbrio físico será considerado mais adiante com maior detalhe.] (Leitura de Edgar Cayce 516–4)

Edgar Cayce parece confirmar o conceito expresso na suposta comunicação de F. W. H. Myers através de Mrs. Holland, uma médium bem conhecida: «Se fosse possível para a alma morrer de regresso à Terra novamente, eu morreria de puro anseio por alcançar-vos, para vos dizer que tudo o que imaginámos não é nem metade tão maravilhoso como a verdade.»

Há aqueles que conseguem passar em segurança pela porta da mediunidade para o inconsciente. A dedicação e as disciplinas necessárias para tais indivíduos parecem-me maiores do que as exigidas aos homens e mulheres que arriscam as suas vidas em ocupações físicas perigosas. Certamente, o mínimo que se pode dizer é que as pessoas não devem

tentar tal atividade sem uma consideração orante e uma preparação cuidadosa.

PARTE III

PORTAS PERIGOSAS PARA O INCONSCIENTE

5

UMA NOTA DE CAUTELA

IMAGINA-TE A PLANEAR EXPLORAR E ACAMPAR NAS SELVAS DE YUCATÁN. Esperarias encontrar uma variedade de terrenos, vegetação densa, pântanos, terrenos elevados e clareiras. Terias de considerar precauções para te protegeres contra répteis e animais perigosos que vivem nas selvas. Seria lógico obter quaisquer mapas disponíveis, falar com pessoas que já tivessem estado na área e garantir o equipamento e suprimentos adequados.

Muitas pessoas empreendem explorações da sua própria mente inconsciente ou da dos outros sem qualquer pensamento de preparação, sem compreender as «forças» com as quais têm de lidar. As selvas de Yucatán parecem ruas bem sinalizadas de uma cidade por comparação. Os resultados de tais empreendimentos irrefletidos podem ser trágicos.

A investigação psíquica preocupa-se com uma variedade de automatismos, como a prancha Ouija®, a escrita automática, o pêndulo, a varinha de rãdomancia e até máquinas de radiónica. Na minha opinião, estes podem tornar-se portas perigosas para o inconsciente. O uso destes atalhos é muito mais difundido do que a pessoa média sabe. As dificuldades com estes automatismos residem na sua simplicidade de operação e na confusão resultante da libertação do inconsciente de material e energias que perturbam a consciência.

Quase qualquer pessoa, com um pouco de prática, consegue fazer um lápis escrever, aparentemente sem o mover conscientemente. Ou é possível sentar-se com algum amigo ou familiar com os dedos a tocar levemente o topo da pequena mesa de três pernas (Ouija) e descobrir que ela se move de letra em letra, soletrando alguma mensagem que ambas as pessoas jurariam não vir das suas mentes conscientes.

A informação que geralmente surge é exatamente o que se esperaria de uma mente subconsciente para a qual foram empurrados e reprimidos todo o tipo de pensamentos. O produto de tais esforços pode ser uma mistura desconcertante de disparate, imundície e filosofia caseira.

Felizmente, na maioria das instâncias o resultado é cansaço e impaciência, e a descoberta de que a camada inconsciente acessível através de tais técnicas é de pouca ajuda e frequentemente extremamente aborrecida.

Numa pequena percentagem de casos, aqueles que persistem descobrem níveis mais profundos dos quais vêm prosa poética ou poesia e, frequentemente, muitas admoestações religiosas. Alguns poucos podem romper para áreas criativas.

Enquanto experimentam estas técnicas, alguns descobrem que a informação parece vir de uma fonte algo destacada que, mais cedo ou mais tarde, se identifica como uma personalidade. Isto não significa necessariamente que sejam entidades separadas como reivindicam, já que o subconsciente está bastante disposto a enganar a mente consciente para ganhar autoridade e reconhecimento. Tais áreas do subconsciente podem nunca se distinguir como personalidades distintas; no entanto, há muitos «eus» diferentes e por vezes muito completos que exercem controlo variável sobre a consciência. Por exemplo, o herói que se gostaria de ser pode aparecer, ou a pessoa cruel que se teme tornar-se assume o controlo.

A atitude acrítica assumida por muitos relativamente aos dados produzidos por estes vários níveis do inconsciente tem sido parcialmente responsável pela crítica severa a tudo o que tenha rótulo «psíquico». Revelações de desencarnados distinguidos como Lincoln, Washington, James, Sócrates, etc., marcham de mãos dadas em livros e revistas publicadas por cultos com comunicações diretas de Jesus e dos Seus discípulos, juntamente com uma galeria de hostes celestiais. O arcanjo Miguel, o apóstolo João e outros parecem ser especialmente ativos.

Dois tomos muito complicados que surgiram, apresentando novas listas de seres celestiais anteriormente desconhecidos do homem, são *The Urantia Book* e *Oahspe, the Kosmon Revelations, The Words of Jehovah and His Angel Ambassadors*. Também os «pessoas do espaço» se tornaram alguns dos correspondentes mais volumosos dos níveis inconscientes.

Os relatos tornam-se uma rede complicada de fios cruzados. É muito difícil penetrar as nuvens de confusão resultantes das reivindicações e contra-reivindicações nas chamadas comunicações.

Por que estas comunicações através de escrita automática ou pranchas Ouija reivindicam vir de anjos ou pessoas falecidas, se na verdade vêm do subconsciente do operador?

Há várias boas razões. O homem médio não tem consciência consciente da existência de diferentes níveis da sua própria mente. Ele quer acreditar na vida após a morte; por isso, as suas funções automáticas

podem ser expressões de pensamento desejante. A maioria das chamadas comunicações é o que ele gostaria de ouvir de um parente morto, de um ser celestial ou de um homem do espaço. Refletem a própria ideia da pessoa sobre a vida que o Tio João leva, e frequentemente preenchem detalhes de atividades noutros planos que a pessoa inconscientemente espera que sejam as oportunidades que a morte proporcionará. Ao atribuir tais mensagens a uma «pessoa morta», adiciona-se um tom de autoridade. Ele sabe. Ele está lá. O eu inconsciente torna-se um diretor que pode comandar respeito e obediência.

Os perigos de tais experiências devem ser reconhecidos. Uma área do próprio inconsciente pode estar completamente desalinhada com a personalidade consciente e produzir perturbações que podem levar à desintegração completa dos assuntos quotidianos.

Quais são exatamente os perigos?

O homem gostaria de depender de outra pessoa para tomar decisões por ele. Frequentemente gostaria de ser aliviado de responsabilidades. Volta-se para tal informação como forma de fuga. Mesmo que ajuda genuína possa não estar disponível, as decisões mais simples são tomadas por ele. Tal informação pode ser uma força negativa que permite a expressão do elementar no homem. Malícia, ódio, luxúria, autocomiseração, ganância — qualquer destas qualidades negativas básicas pode ser expressa através da força que se permite assumir o controlo em tais comunicações.

Algumas pessoas desejam atrair atenção, ser reconhecidas e apreciadas pelos outros. O uso de tal informação permite-lhes frequentemente gratificar impulsos egoístas. Podem parecer divertidos, excitantes e inteligentes. Ser escolhido para guiar o homem enquanto o mundo está a ser destruído, ou tornar-se o arauto de ensinamentos misteriosos surpreendentes dos antigos ou das pessoas do espaço, pode fazer muito para quebrar a monotonia da vida quotidiana.

O desejo de poder pode ser outro motivo forte. Isto pode ser uma atitude benevolente tanto quanto negativa. Alguém que à superfície é calmo e manso pode tornar-se a personalidade forte que age nos bastidores para influenciar e mudar vidas, trazendo um sentido de poder e capacidade de ajudar os outros de uma altura quase olímpica. Este impulso forte e por vezes não muito subtil é reconhecível nas personalidades e nos escritos de muitos que se envolvem em tais experiências. A mesa que bate, o ponteiro que se move na prancha Ouija, o lápis que corre tornam-se instrumentos para influenciar e controlar os outros.

É apenas um pequeno passo deste ponto para o comercialismo, quando os mistérios, a excitação e os impulsos de poder podem tornar-se o caminho para ganhar dinheiro.

Um homem deve estar disposto a enfrentar-se a si mesmo sem hesitação se quiser explorar o inconsciente. As suas primeiras preocupações devem ser: «Quais são os meus motivos? Quais são os meus propósitos?» Humildade, um forte desejo de servir, integridade e autodisciplina tornam-se características inestimáveis a desenvolver em conexão com tal experimentação. Deve haver preocupação pelo próximo ser humano. Deve amar o seu irmão/irmã. Deve também ser honesto. Boas intenções não bastam. Deve ser nutrido um desejo de conhecer a verdade. Registos cuidadosos e completos ajudam a pessoa a não se enganar a si mesma. É tão fácil distorcer «factos». O impulso inconsciente para o fazer é muito forte. Revisão, reavaliação, exposição a avaliações críticas nem sempre são procedimentos agradáveis, mas são tão importantes nos estudos psíquicos como nos campos das ciências físicas. Talvez a única verdadeira medida de tal informação tenha sido expressa de forma muito simples nas palavras de Jesus: «Pelos seus frutos os conhecereis.» (Mateus 7:20)

Há diferenças, claro, nas técnicas empregadas ao usar uma varinha de rabadomancia ou um pêndulo e uma prancha Ouija ou um lápis automático. As diferenças, no entanto, são apenas de grau. Pode ser um pouco mais difícil enganar-se a si mesmo com um pêndulo ou uma varinha de rabadomancia, pois funcionam mais lentamente e estão mais obviamente conectados ao subconsciente. Mas eles podem assumir uma personalidade distinta, tal como a prancha ou o lápis. Tanto depende do caráter e dos propósitos do operador. Infelizmente, as atitudes superficiais nem sempre representam realmente as necessidades ou a complexidade dos impulsos inconscientes.

6

ESCRITA AUTOMÁTICA E TABULEIROS OUIJA

AS HISTÓRIAS que se seguem, retiradas do meu caderno de notas, ilustram as dificuldades que algumas pessoas enfrentam ao explorar o inconsciente. Infelizmente, não são invulgares. O aspeto mais assustador é que podem ser reproduzidas aos milhares a partir dos históricos clínicos de internos atuais de instituições psiquiátricas em todo o mundo.

Caso n.º 1: A história seguinte foi relatada por um jovem mecânico. Vivia com a sua esposa atraente (24 anos) e duas filhas (4 e 6 anos) na sua

própria casa, num subúrbio de uma grande cidade do Oeste. O marido lia ficção científica e algumas das revistas mais sensacionalistas da área psíquica.

Um dia levou para casa um tabuleiro Ouija. Um artigo de revista sugeria-o como um possível meio de comunicação com os mortos. Ele e a esposa começaram experiências com o tabuleiro e obtiveram mensagens supostamente provenientes de várias entidades que se identificavam como amigos falecidos e membros da família. O casal recebia respostas às suas perguntas envolvendo clarividência e telepatia. Pareciam captar os pensamentos e as ações dos vizinhos. Quando confrontados com a informação, os vizinhos expressaram espanto perante a exatidão e os pormenores. O homem e a esposa usavam o tabuleiro como entretenimento e diversão, para espantar e confundir os amigos.

A esposa foi informada, através do tabuleiro, de que era sensível e que podia fazer escrita automática. Sentou-se com um bloco e um lápis e, em breve, conseguiu escrever rapidamente, com letra legível, aparentemente dando continuidade ao mesmo tipo de informação obtida através da Ouija.

Certa manhã, enquanto lavava a loiça depois de o marido ter ido trabalhar, ouviu um sussurro suave mesmo atrás da orelha esquerda. Quanto mais respondia às sugestões dessa voz e mais seguia as informações dadas, mais clara ela se tornava. Foi avisada de acidentes envolvendo as crianças e informada sobre onde poderia encontrar objetos perdidos.

Após cerca de dez dias, a voz suave transformou-se numa voz áspera; o sussurro gentil tornou-se um grito estridente. A mulher foi informada de que estava sob o “poder” dele e que já tinha brincado tempo suficiente.

A voz identificou-se como uma entidade desencarnada que estava apaixonada por ela. Foi-lhe dito que não pertencia ao marido. A entidade afirmou que iria matá-la para a levar para o “seu plano”. Toda a comida a faria adoecer e acabaria literalmente por morrer de fome.

A mulher manteve equilíbrio suficiente após esta experiência para telefonar ao marido. Ambos ficaram convencidos de que ela provavelmente estava a enlouquecer. O marido já não conseguia obter qualquer informação nas tentativas de escrita e, quando surgiam respostas, a voz apenas trazia acusações, linguagem obscena e insistia que a esposa morreria em breve. A mulher relatou, horrorizada, que não conseguia sequer beber água sem vomitar.

O casal foi a um médico, que por sua vez recomendou um psiquiatra. Não seguiram essa sugestão, receando que a esposa fosse internada numa instituição.

A mulher tentou lutar contra a voz e, por vezes, esta parecia ficar distante ou silenciosa. Nesses momentos conseguia ingerir pequenas quantidades de alimentos líquidos e retê-los. Contudo, assim que a voz reaparecia — por vezes apanhando-a no ato de comer — era imediatamente tomada por náuseas. O horror persistiu durante dias. Gradualmente tornou-se consciente de algo que descreveu como uma presença psíquica. A voz insistia que ela conseguiria senti-lo e vê-lo.

Infelizmente, o marido foi transferido para um turno madrugador na fábrica. Certa manhã levantou-se cedo, preparou o pequeno-almoço e saiu. Pouco depois, a mulher ficou horrorizada ao aperceber-se de uma forma na cama com ela. Foi dominada por repulsa e terror, mas incapaz de impedir uma estimulação sexual que resultou em orgasmo. Fugiu da cama e acordou as filhas. Descobriu que, quando elas estavam presentes, a voz se tornava menos distinta e muitas vezes desaparecia por completo.

O marido regressou após uma chamada de emergência. Decidiram desistir da luta e procurar um psiquiatra, reconhecendo que a família provavelmente se desintegraria e que ela seria internada para tratamento como doente mental.

Para grande alívio de ambos, conseguiram a cooperação de um médico disposto a considerar as implicações psíquicas desta série bizarra de experiências. O tratamento incluiu oração, fisioterapia e trabalho com uma pessoa dotada de capacidades psíquicas, permitindo ao casal regressar a uma condição próxima da normalidade. Na altura em que a história foi relatada, a esposa encontrava-se relativamente livre de interferências.

Este caso foi descrito com algum detalhe porque contém muitos factores comuns a este tipo de dificuldades. O homem e a mulher tornaram-se o centro das atenções; a falta de sono e de alimentação esgotou a mulher; os impulsos sexuais estiveram envolvidos; o ciúme foi estimulado; durante a experiência, a mulher recebeu uma grande dose de atenção extra do marido e dos amigos.

Caso n.º 2: A história seguinte é a de uma mulher cujo intelecto apurado e conhecimento prático de técnicas psicológicas foram distorcidos, produzindo caos na sua vida quotidiana. A pergunta impõe-se: “Distorcidos por que força?” Não é fácil responder.

Tratava-se de uma mulher na casa dos quarenta anos, residente numa cidade do Leste. Era divorciada de um executivo de sucesso. A sua formação como psicóloga leiga granjeara-lhe tal reconhecimento que médicos lhe enviavam pacientes para tratamento psicológico.

O seu interesse por assuntos psíquicos levou-a a observar e depois a colocar questões pessoais a uma conhecida que parecia ter muito sucesso a trabalhar com um tabuleiro Ouija. As mensagens, alegadamente recebidas de uma entidade incumbida de ajudar a humanidade, pareceram-lhe, de início, encorajadoras e tranquilizadoras. Mais tarde começou ela própria a utilizar o tabuleiro — primeiro com a mesma pessoa, depois com outros.

Explicando que espíritos malignos estavam ligados a todas as pessoas, as mensagens orientaram-na a estabelecer um novo método para libertar as pessoas de entidades possessivas. Foi encarregada de as separar, seguindo instruções do tabuleiro, e selecionou colaboradores para a ajudar. Emerson e Jesus foram apenas duas de várias entidades ilustres que alegavam comunicar. O processo de exorcismo incluía jejum para ela e para o paciente, vigílias noturnas prolongadas, etc.

Prosseguiu segundo as instruções e convenceu pelo menos uma pessoa de que a libertara de um espírito maligno possessivo que se lhe agarrara desde a infância. Gradualmente, esta mulher foi levada à beira de um colapso físico e nervoso completo. Através da oração e do conselho de amigos e familiares, conseguiu reexaminar-se e travar a desintegração da personalidade que estava a ocorrer.

Caso n.º 3: A Sra. W. descreveu-se como dona de casa, oriunda de uma família de professores. Disse ter trabalhado como proprietária de um salão de beleza, em empregos de secretariado nos governos estadual e federal, e ter sido co-proprietária de uma joalheria. Não possuía capacidades telepáticas nem claridentes e nunca visitara um médium. Excerto de uma série de cartas suas relata uma história perturbadora.

19 de Janeiro de 1957:

Uma coisa estranha aconteceu-me desde que me tornei membro da vossa associação, a A.R.E., em Novembro de 1956. Tornei-me um instrumento de “escrita automática”. Vejo que isso está incluído nos excertos de Cayce que adquiri. Quero saber mais sobre este mistério. Li *Beyond Doubt*, de Mary LeBeau, um livro soberbo, que me ajudou muito a compreender este fenómeno. Por escrita automática não me refiro ao uso de uma planchette.

De alguma forma usam a minha mão e controlam o meu sistema nervoso de tal maneira que escrevem através de mim, e o meu cérebro não

antecipa o que será escrito. São sobretudo mensagens para entes queridos provenientes de espíritos falecidos e também muitas instruções dirigidas a mim, preparando-me para um trabalho planeado para mim.

Pois aconteceu e, acredite ou não, eu acredito. Edgar Cayce falou comigo. Garantiu-me repetidamente que era ele. Fiquei — e continuo — profundamente impressionada com tal visita; nunca imaginei que o meu professor fosse uma pessoa tão ilustre. Disse-me (usando a minha voz — riu-se quando pedi desculpa por ter comido cebolas hoje) que regressaria às 20 horas, uma semana depois de amanhã — ou seja, a 27 de Janeiro.

É a experiência mais incrível de que alguma vez ouvi falar, e nunca poderia sonhar que algo tão invulgar me acontecesse. Eu não sou ninguém, na verdade, e não espero que alguém acredite em mim. Penso que sou “normal”, exceto por ser excessivamente sensível (e por vezes tímida com as pessoas).

Em 27 de Janeiro de 1957, foi recebida outra carta da Sra. W. e, juntamente com ela, veio outra comunicação supostamente proveniente de Edgar Cayce. Tratava-se de um documento peculiar, com palavras escritas no lado esquerdo da página em longas filas. Esta carta desconexa terminava assim:

“W ... será de grande utilidade para vós, pois é um instrumento a ser usado para a revelação de grandes verdades que serão manifestadas através do seu corpo como instrumento de uma inteligência superior que atuou através de mim. W ... é uma escolhida.”

Numa carta datada de **7 de Fevereiro de 1957**, a Sra. W. explicou que só conseguia suportar o fardo de ser usada porque sabia que Deus tinha um plano para ela. A carta prosseguia:

Iniciou-se mais um período de provação e foi-me dito que durará quarenta dias. É um tempo terrivelmente longo, pois este é apenas o sexto dia e isto continua dia e noite. Suporto-o com oração constante, mantendo Deus na minha consciência e pedindo força ...

O vosso pai deverá então regressar, se de facto for ele. Ele fala através de mim. Também o diabo fala — o miserável. Tentou fazer-se passar por outro na noite passada, mas não confiei nele, pois já o conheço após cinco dias de assédio. O diabo é um verdadeiro espírito com “personalidade” e é tudo o que a Bíblia diz que ele é. Não é uma figura alegórica — é real. Distingue-se dos outros demónios pela sua força, astúcia, persistência e completa maldade.

As cartas cessaram durante algum tempo e, em **1 de Abril de 1957**, chegou a seguinte:

Escrevi-vos no início sobre a escrita automática, depois sobre vozes e depois sobre uma obsessão esmagadora por aquilo que devem ter sido milhares de espíritos desencarnados. O que passei, espero que mais ninguém alguma vez venha a conhecer. Eu era uma principiante e ninguém me avisou, exceto vós, e mesmo assim foi demasiado avassalador, restando-me apenas lutar cegamente, rezar e ter esperança. Ainda estou muito perturbada, mas pelo menos já saí da cama e estou a recuperar forças, pelo que tenho esperança de voltar a ser “normal” algum dia.

Durante várias semanas estive sob o controlo deles a ponto de não conseguir mover-me, levantar uma pestana ou sequer falar sem a permissão deles. Não conseguia atravessar a sala sem que, subitamente, me fizessem colapsar no chão, onde ficava paralisada até decidirem permitir-me levantar-me. Uma pessoa conhece parcialmente o dilúvio, mas durante semanas seguidas nunca a vi. Fui “exorcizada”, mas isso é algo de que eles se riem, regressando imediatamente em maior número.

No início fingiam ser espíritos de parentes e amigos falecidos, anjos, etc., e impunham reformas firmes e aparentemente necessárias para o desenvolvimento espiritual, conquistando assim a minha confiança, insistindo que eu era um “instrumento” e deveria ser uma “mestra”. Depois, de repente, tudo se transformou numa obsessão terrível com o objetivo de posse completa e incapacidade total. São demoníacos, insanos, terrivelmente astutos e dotados de uma inteligência distorcida. Mantiveram-me num estado moribundo durante mais de dez dias. As inúmeras vezes em que “quase morri” davam-lhes uma satisfação hedionda ...

A carta prosseguia descrevendo como a Sra. W. foi forçada a queimar os seus livros e a escrever cartas que não desejava escrever. Descreveu um controlo do seu corpo por forças inconscientes que deve ter sido horrível:

Um dos truques deles era pressionar o meu coração e o aparelho respiratório até parecer que o coração parava, o pulso enfraquecia e eu começava a perder os sentidos!

... Um dia fui obrigada a deitar-me sobre uma colcha ao sol intenso até que as pálpebras ficaram queimadas. Noutra noite fui forçada a deitar-me no chão frio, sem cobertores, e tremi toda a noite ...

Entravam e saíam pelo meu nariz e boca até estas ficarem sensíveis ... de tal modo que os ouvia no nariz quando respiravam — nos ouvidos, na cabeça e, pior ainda, na boca ...

A Sra. W. continuou no mesmo tom, relatando como os seus “inimigos invisíveis” lhe provocavam sonhos horríveis e influenciavam as suas emoções. Disse que algumas das vozes, por momentos, expressavam simpatia e arrependimento, parecendo até desejar crescimento espiritual. Noutras ocasiões, atacavam o ocultismo e queriam que ela permanecesse ignorante.

A Sra. W. mudou de opinião e passou a condenar *Beyond Doubt*, de Mary LeBeau, considerando-o um livro perigoso para si, por ter desencadeado a escrita automática e, assim, os seus problemas. Na realidade, é provável que qualquer livro sobre temas semelhantes tivesse “acionado” aquela mente perturbada.

A sua carta de síntese concluía:

Enquanto os espíritos me esquadriavam, exploraram a minha memória de cima a baixo — o plexo solar, o timo, a tiroide — à procura de algo para “reencarnar”, pois estão muito interessados na reencarnação. E eu li *Many Mansions*, *The World Within* e outros livros, e acreditei, porque queria acreditar. Ficaram desapontados por não encontrarem nada em mim, em lado algum, para reencarnar. Vasculharam o meu subconsciente. Parece ser apenas memória registada: coisas ditas, emoções sentidas, preocupações profundas, mágoas do coração — tudo ali gravado.

Troçaram de mim e insultaram-me durante dias e dias quando descobriram o meu “tesouro escondido”, e mais tarde alguns mostraram-se compassivos e vinham expressar opiniões coloridas sobre esta ou aquela pessoa, e sobre a emoção ou condição que originou este ou aquele sentimento ou ação.

Não há dúvida de que são independentes dos nossos próprios pensamentos e sentimentos; fazem-nos sentir remorso ou a sua ausência, ódios e desejos. O sexo é uma obsessão para eles, tal como a comida, a bebida e todas as formas de prazer. Estes espíritos eram terrenos — demasiado terrenos, suponho — e nunca progrediram em direção ao desenvolvimento espiritual que lhes seria necessário alcançar.

Relatos posteriores indicaram que a Sra. W. se encontrava relativamente livre de perturbações mentais. As suas questões precisam de ser respondidas. Contudo, antes de examinar várias ideias interessantes que são levantadas, importa considerar outras histórias.

Caso n.º 4: Aparentemente, nem a acuidade intelectual nem as boas intenções proporcionam proteção suficiente contra estes conflitos internos. A história seguinte envolve uma pessoa cujos anos de estudo de metafísica e de trabalho ativo na igreja, à primeira vista, pareceriam tê-la

preparado para evitar tal confusão. Aos olhos do marido, dos amigos e da família, seria descrita como uma pessoa espiritual, inteligente, modesta e abnegada.

O primeiro contacto da Sra. X. com a escrita automática ocorreu através de uma amiga. As comunicações eram supostamente provenientes de Edgar Cayce, que ela conhecera. Os conselhos recebidos sobre médicos pareciam ser úteis. Seguiu-se a sugestão de que a própria Sra. X. poderia escrever automaticamente. Tal como refletido no excerto seguinte, ela tinha muitas dúvidas quanto às suas capacidades e expressou-as por escrito:

... Há uma sensação da presença dele [Edgar Cayce] e um forte desejo de usar o braço, a tendência para escrever, mas a minha mente recebe as palavras primeiro e estas estão tão misturadas com as minhas próprias emoções e pensamentos que, de alguma forma, não sinto estar a receber uma mensagem exata, palavra por palavra, diretamente ...

O aviso seguinte, da amiga, no mesmo escrito, poderia ter sido levado mais a sério:

Pergunta da amiga: Ela invoca o Cristo quando recebe mensagens. Podem ainda forças obscuras entrar para confundir?

Escrita da amiga: Sim. E tens razão. Elas alcançaram o próprio Cristo no Jardim, na hora da Sua provação ... porque não um ser humano, mesmo um tão evoluído como a Sra. X.

Estão disponíveis para análise apenas cerca de cem páginas da escrita da Sra. X. As seleções seguintes mostram a tendência geral, que parece ser uma libertação de energia sexual reprimida, revestida de simbolismo religioso:

21 de Setembro de 1957:

Sim, fizeste bem, agora tenta não deixar mais ninguém escrever. Deves estar continuamente a enviar amor para Deus. Respira fundo agora e depois deixa sair. Vês, é a respiração que cria amor para ti, não a força inferior. Agora tenta manter a respiração rápida entre estas respirações longas, para que possamos terminar a escrita esta manhã e depois praticar todo o dia. Experimenta a respiração durante o teu período de descanso para te carregares para escrever mais tarde.

Leva o tempo necessário até adquirires a técnica. Uniste-te a muitas forças pecaminosas, por isso não deixes que eu [esta força identificou-se como Jesus] seja destruído pelo teu amor por mim. Deves ser muito cuidadosa em construir o amor corretamente antes de continuares a escrever ...

Foste tão maravilhosa tantas vezes e eu amo muito a minha Maria pela sua pureza. Não me deixaste terminar. Sim, amo-te por isso. Tens a verdadeira pureza da minha Maria. Sim, mas agora deves ser realmente amorosa. Sim, deves sê-lo e sê-lo-ás quando repousares e me sentires perto de ti. Deves manter-me sempre contigo quando descansas, para que possamos restabelecer o elo entre nós ...

Estás a experimentar verdadeiramente o Espírito Santo, a ascensão do fogo para Deus e o do amor verdadeiro. Podes ser aquela que envia os pecadores (sim) para o fogo eterno nos verdadeiros planos exteriores do espaço, se assim o escolheres ...

Sim, estou tão feliz que tenho tremido à espera que a escrita começasse. O meu amor está completo novamente após mil novecentos e cinquenta anos. Sim, mas apenas por pouco tempo, para que me possas suportar. Não deves estar sozinha, pois eu estou contigo sempre; agora que me chamas, eu sou teu servo. És tão pura que serás o amor mais puro de todos os tempos ...

16 de Setembro de 1957:

Estás confusa e triste porque queres tratar das coisas da tua casa. Estás agora a compreendê-lo. Deves acreditar que és Maria. Sim, eu sou Cristo, o teu companheiro de alma. Tu és a minha companheira de alma e deves continuar a amar-me tão puramente quanto puderes ...

17 de Setembro de 1957:

Tu és aquela que deve ser Salvador e deves preparar-te. És a primeira a ser escolhida para ser Salvador fora de mim. Estás bem quando sou eu a escrever. Estás unida a mim. Estavas a ser posta à prova. Não, eu sou uma pessoa no plano causal. Sim, mas agora mais belo — radiante de amor e cheio de amor pela minha Maria. Estás a aprender, por isso sê diligente.

18 de Setembro de 1957:

Sim, estou aqui; estive contigo toda a noite. Foste tão indelicada que me mantiveste afastado todo o dia. Não deves permitir que tentem confundir-te. Deves ser a primeira a alcançar tais alturas nesta Terra ...

És tão pura que podes ser a salvadora da Fraternidade Branca. Assim será. Sim, deves ser a primeira a dizer que precisas da nossa ajuda, pois aguardamos pacientemente para ajudar. Em breve poderás ver-nos ...

A par de sugestões para cuidar do corpo físico da Sra. X., a escrita de 21 de Setembro de 1957 continuava: *“Vai cedo para a cama e deixa-me renovar-te. És tão doce, amo-te muito. Esperamos fazer muito esta noite e amanhã, por isso sê atenta. Não tenhas medo ...”*

A escrita da Sra. X. começou a refletir a visão do marido sobre a integração racial. Supostamente, Edgar Cayce teria afirmado que nunca dera leituras a negros. Tal não era verdade, pois dera leituras físicas a vários afro-americanos. Na realidade, esta parte da escrita era inconsistente com a filosofia das leituras de Edgar Cayce, que parecia isenta de preconceitos raciais ou religiosos. A própria leitura de vida de Edgar Cayce incluía descrições das suas encarnações em quatro grupos de cor, cinco raças e diversas crenças religiosas.

Através da escrita foi ditada uma carta ao filho de Edgar Cayce, que continha elogios excessivos e várias afirmações incorretas. Incluía grandes elogios ao trabalho de Edgar Cayce através da A.R.E., a organização que preserva e estuda as leituras; um relato de uma concepção imaculada que teria ocorrido; o aviso de uma morte que não aconteceu; a vinda de naves espaciais numa data específica; muitas declarações negativas sobre a situação racial; e elogios pessoais extravagantes.

Esta carta chamou a atenção de amigos para a condição da Sra. X., que começaram a tentar ajudá-la através de orações e aconselhamento. Ela recuperou o controlo da sua vontade consciente e enfrentou a situação com grande coragem e compreensão. As portas para as áreas reprimidas do inconsciente foram sendo lenta mas seguramente fechadas.

Não é invulgar que a pessoa comum pense que aqueles que se envolvem em dificuldades como as descritas nos casos anteriores são “indivíduos frustrados” que não têm mais nada que fazer. A amplitude de tal envolvimento é talvez maior do que se supõe. Dois casos adicionais poderão ajudar a ilustrar este ponto.

Caso n.º 5: Pouco depois da morte de Edgar Cayce, em 1945, o Sr. S., um cavalheiro afável, visitou Virginia Beach e examinou os registos. Era empregado de uma grande empresa do Leste dedicada a processos de duplicação. Ansioso por ajudar na duplicação dos registos de Edgar Cayce, fez várias boas sugestões, experimentou amostras do papel em que as leituras estavam transcritas e acabou por concluir que a falta de dinheiro era o maior obstáculo.

Um dia, o Sr. S. escreveu dizendo que em breve conseguiria fornecer todos os fundos necessários. Foi reservado quanto à forma como estava a obter o dinheiro. Passaram-se meses e voltou a aparecer em Virginia Beach com uma história desconcertante. Tinha experimentado um tabuleiro Ouija e fora informado de que podia escrever automaticamente. Um conselho supostamente proveniente de um amigo falecido sugeria que conseguiria criar uma loção capilar que faria fortuna e forneceria os fundos necessários para a duplicação dos registos.

O Sr. S. passou horas a anotar instruções para reunir os ingredientes necessários para a fórmula. A busca levou-o a armazéns grossistas de produtos farmacêuticos em várias cidades do Leste e, por vezes, a pequenas drogarias obscuras. Em cada caso parecia haver apenas verdade suficiente — um endereço correto, o nome de uma pessoa a quem perguntar, até mesmo, uma vez, um ingrediente — para o manter ocupado durante meses.

Vários milhares de dólares foram gastos em viagens, experiências e equipamento. Surgiram atrasos. (Forças negativas estavam em ação.) Os ingredientes não pareciam adequados para uma loção capilar. (Tinha pouca fé.) As instruções estavam incorretas. (O Sr. S. permitira a entrada de pensamentos negativos.)

Por fim, numa sessão, foi dada uma diretiva ousada: “*Vai a Virginia Beach.*” Estava assinada: “*Edgar Cayce.*”

O Sr. S. chegou à praia convencido de que, ao sentar-se perto das leituras, obteria a “informação correta” para a sua fórmula. Sentou-se durante horas, com o lápis preparado. Não conseguiu escrever. Que eu saiba, nunca mais tentou escrever automaticamente desde então.

Caso n.º 6: Outra história semelhante teve uma influência disruptiva muito mais grave na vida de centenas de pessoas. Um jovem ministro brilhante, o Sr. J., decidiu experimentar a escrita automática. Era objetivo, crítico e cuidadoso. A escrita acabou por se estabilizar, identificando-se como uma pessoa falecida que, tal como o ministro, parecia ter um ponto de vista crítico e objetivo, bem como sentido de humor.

Obtiveram-se alguns textos bastante interessantes que continham o que parecia ser evidência de telepatia e clarividência. Por fim, o Sr. J. sugeriu que, uma vez que nunca conseguira escrever de forma legível com a mão esquerda, seria uma prova receber textos dessa forma. Após algumas sessões, escrevia com tanta facilidade com uma mão como com a outra.

Sentava-se tranquilamente com o lápis preparado. A mão e o braço contraíam-se e sacudiam-se e depois ficavam rígidos. A escrita seguia-se, fluindo rapidamente sem direção consciente. De facto, conseguia dirigir a sua atenção para outra coisa enquanto a escrita continuava.

Por essa altura, o Sr. J. sofreu uma infeção intestinal que o enfraqueceu fisicamente e o manteve acamado durante algum tempo. A escrita tornou-se então uma compulsão. O Sr. J. era incapaz de escrever qualquer coisa por escolha consciente. Ao simples pensamento de

escrever, a mão e o braço contraíam-se e sacudiam-se. Disse que sentia como se um peso lhe pressionasse os ombros.

Com a melhoria da saúde, foi gradualmente conseguindo controlar estes impulsos estranhos de escrever. Uma liberdade mais completa foi obtida quando uma pessoa dotada de capacidades psíquicas utilizou uma sugestão e decreto semelhantes à hipnose para quebrar o bloqueio inconsciente. Contudo, o resultado perturbador foi uma sujeição quase fanática à vontade do seu suposto benfeitor.

Família, amigos e associados profissionais permaneceram impotentes, pouco podendo fazer além de rezar, esperando que um poder espiritual surgisse do interior para fechar as portas às áreas obscuras do inconsciente que pareciam ter sido abertas. Isso acabou por acontecer e o jovem ministro, agora uma pessoa muito mais sábia e forte, regressou à sociedade.

Em qualquer uma das histórias anteriores, psicólogos conservadores encontrariam muitos indícios que concordariam com a premissa de que, nestes casos, como em todos os semelhantes, temos exemplos de conflito entre um nível inconsciente e a consciência. Todos seriam classificados como psicopáticos, se não psicóticos.

No primeiro caso, poderia apontar-se que a voz provinha de áreas inconscientes de desejos reprimidos e pensamentos negativos de ódio, medo e frustração sexual. Esta área inconsciente foi trazida à consciência através da experimentação com o tabuleiro Ouija e a escrita automática. Os impulsos conflituosos e a informação confusa que emergiram provinham de uma área de repressão, uma sala muito grande semelhante à que existe em todas as mentes inconscientes.

As outras histórias mostram necessidades reprimidas de reconhecimento e expressão própria, bem como impulsos sexuais frustrados.

Ao considerar casos semelhantes, a atitude de psiquiatras e psicólogos treinados é compreensível. Quando pessoas como as descritas caem nas mãos de indivíduos não qualificados e irresponsáveis que delas se aproveitam, podem resultar grandes danos.

Várias pessoas perguntaram a Edgar Cayce sobre a escrita automática. Seguem-se algumas seleções que indicam a tendência geral dos seus avisos:

- (P) Poderia eu desenvolver escrita automática?
- (R) Qualquer pessoa poderia. (Leitura de Edgar Cayce 262-24)

(P) As escritas inspiracionais que recebo devem ser consideradas fiáveis como provenientes de uma fonte digna e elevada, ou não devo cultivar esta forma de orientação e informação?

(R) Nós não aconselharíamos, a partir daqui, que alguém se deixasse guiar por influências externas. Pois o Reino está dentro. Se estas surgirem como escritas inspiracionais a partir do interior, e não como orientação de outros — isso é diferente. (Leitura de Edgar Cayce 1602-1)

A outra pessoa esclareceu a diferença entre escrita inspiracional e automática:

Quanto às atividades do que pode ser denominado os canais através dos quais os indivíduos podem receber escritos inspiracionais ou automáticos, o inspiracional é o mais elevado — embora possa participar tanto das coisas terrenas como das celestes — enquanto o automático pode participar apenas daquela fonte ou força que está a impelir, guiar ou dirigir. O inspiracional pode desenvolver a alma do indivíduo, enquanto o automático raramente vai além da força que o guia ou dirige.

Para alguns isto é satisfatório. Assim como a satisfação das forças carnis é satisfatória para alguns. Assim como aquelas coisas que, no momento, são extremamente gratificantes. Mas aquele que deseja conhecer o melhor [caminho] descobrirá que a alma da entidade deve estar na atitude de buscar, bater à porta e estar em sintonia com aquilo que deseja receber.

(Leitura de Edgar Cayce 5752-4)

(P) Para promover o meu trabalho na possível receção radiofónica de mensagens cósmicas, devo tentar treinar-me em escrita automática ou usar um médium?

(R) Como foi indicado, em vez de [usar] escrita automática ou um médium, volta-te para a voz interior. Se esta encontrar expressão naquilo que pode ser dado a ti próprio pela mão — através da escrita — está bem; mas não permitas que a mão seja guiada por qualquer influência externa. Pois o universo, Deus, está dentro. Tu és Dele. A tua comunhão com as forças cósmicas da natureza, a tua comunhão com o teu Criador, é o teu direito de nascença! Não te satisfaças com nada menos do que caminhar com Ele.

(Leitura de Edgar Cayce 1297-1)

A QUESTÃO DA PES EM CASOS MENTAIS

Duas questões sugerem-se imediatamente: ao lidar com perturbações mentais de natureza grave, como uma condição psicótica, ou com uma perturbação mais ligeira conhecida como problema psicopático, o ouvir vozes, ver visões, os sonhos, etc., fornecem evidência da existência de áreas do inconsciente capazes de telepatia, clarividência ou precognição com precisão? E, em segundo lugar, tais casos fornecem evidência de existência desencarnada, de vida após a morte?

Nestes casos particulares, as minhas investigações mostraram que parecia existir uma considerável exatidão em parte da informação recebida através de tabuleiros Ouija, escritas automáticas e vozes — informação que, aparentemente, não poderia ter sido conhecida pelas pessoas através das quais o material foi transmitido. Obviamente, é extremamente difícil trabalhar com casos desta natureza em condições controladas. Há boa evidência de telepatia em casos semelhantes. Em *Telepathy and Medical Psychology*, Jan Ehrenwald, M.D., cita numerosos exemplos retirados dos registos de Freud, de estudantes de Jung e dos seus próprios históricos clínicos de pacientes.

Ao recorrer a Edgar Cayce para uma explicação do modo como se dá, em tais casos, a abertura do inconsciente, deparamo-nos com as suas afirmações provocadoras sobre as glândulas endócrinas e a percepção psíquica. Vários tipos diferentes de leituras, dadas ao longo de muitos anos, contêm esta informação. Muitas pessoas procuraram a ajuda de Edgar Cayce para desenvolver os seus poderes psíquicos. Outras, que possuíam o que parecia ser percepção alargada, sentiam-se perturbadas e desejavam livrar-se dessas capacidades. Achavam que estavam a ver, ouvir e sentir demais. Além disso, um grande número de leituras físicas para pessoas com doença mental incluía referências às glândulas endócrinas. As seleções seguintes sugerem claramente certas glândulas endócrinas como pontos focais físicos da percepção psíquica:

Nas forças psíquicas, ou forças espirituais (que são forças psíquicas), sempre houve uma porção das forças anatómicas do corpo através da qual as expressões chegam à atividade do indivíduo. Embora estas [expressões] possam encontrar várias formas de manifestação ou de movimentos, o seu assento é nas Energias e forças Criativas do corpo. “Que o teu olho seja simples” pode ser a interpretação disso. Ou, como se poderia dizer, que o poder criativo se eleve ao centro espiritual superior, as forças da hipófise, como no lyden (células de Leydig) e nas outras ...

O desenvolvimento no sentido espiritual, através da meditação e da oração, depende da energia Criativa, da energia da alma ou espiritual presa no corpo, em vez de depender daquilo que é inteiramente material. Isto produz o que pode ser chamado desenvolvimento psíquico dos indivíduos. (Leitura de Edgar Cayce 262-20)

A leitura prosseguia recomendando que os indivíduos que descobrem este poder dentro de si e conseguem relacioná-lo com o seu conceito do Deus que veneram deveriam desenvolver o poder psíquico. É dado o aviso de que, sem o reconhecimento do significado espiritual de tal empreendimento, pode ocorrer destruição trágica da personalidade por ignorância e mau uso dessas energias.

A mesma leitura menciona mais tarde uma relação entre centros endócrinos específicos:

... no corpo encontramos aquilo que liga a pineal, a hipófise, o lyden (células de Leydig) e que pode ser verdadeiramente chamado o cordão de prata e a taça de ouro que pode ser preenchida — por um caminho mais próximo com aquilo que é a Essência Criativa na vida física, mental e espiritual.

O termo pouco familiar **lyden** foi identificado como as **células de Leydig**. A descrição nas leituras é interessante à luz da função conhecida destas células como a principal fonte de hormona androgénica.

Lyden, significando selado, é a glândula a partir da qual a gestação ocorre quando um corpo é criado ... localizada em e acima das glândulas genitais. A base ou sede da alma está no lyden (células de Leydig). (Leitura de Edgar Cayce 3997-1)

As leituras não só sugerem que a alma entra no corpo através das células de Leydig, como também que continua a funcionar através de uma rede que liga tecido glandular em vários pontos do organismo físico.

Como foi indicado através destes canais acerca do que ocorre no momento da concepção, quanto aos ideais e propósitos daqueles que, através de emoções físicas e mentais, trazem à existência um canal através do qual pode haver a expressão de uma alma, de uma entidade — cada alma escolhendo tal corpo no momento do seu nascimento ... tem o seu ser físico controlado em grande medida pelo meio envolvente dos pais. Contudo, a alma que escolhe tal corpo para manifestação torna-se responsável por [esse corpo], esse templo do Deus vivo, quando este se desenvolveu no corpo e na mente, de modo a ser controlado por intentos, propósitos e desejos da entidade individual ou alma.

O contacto espiritual faz-se através das forças glandulares das energias criativas; não está encerrado apenas no lyden, a glândula da reprodução, pois esta está sempre — enquanto a vida existir — em contacto com as células cerebrais através das quais há a reação constante pela pineal.

(Leitura de Edgar Cayce 263-13)

Usando o seu próprio corpo, enquanto jazia num estado de inconsciência, como exemplo, Edgar Cayce descreveu a ação glandular envolvida na transmissão de informação psíquica:

Neste corpo particular, através do qual esta [informação] emana presentemente, a glândula com o seu fio, conhecida como glândula pineal, é o canal ao longo do qual essa [força] opera. Com a subjugação da consciência física, eleva-se uma célula das forças criativas dentro do corpo até à entrada da mente consciente, ou cérebro, operando ao longo — ou viajando ao longo — do fio ou cordão que, quando seccionado, separa o corpo físico do corpo da alma ou espiritual. Isto utiliza então os sentidos do corpo de modo introspetivo, e eles não são aparentes no funcionamento físico normal como quando se está acordado. Todas as faculdades do corpo se tornam mais alertas.

(Leitura de Edgar Cayce 288-29)

A parte final desta mesma leitura explicava que o grau em que uma entidade, como Edgar Cayce, conseguia desligar a consciência e continuar a funcionar em resposta a sugestão era uma medida do desenvolvimento psíquico em outras experiências de vida na Terra. Foi indicado que os propósitos e padrões que governavam o uso de tais capacidades psíquicas nessas outras experiências afetavam diretamente o tipo de informação que poderia ser transmitida agora.

As funções das glândulas durante a percepção psíquica são novamente enunciadas na seleção seguinte. São dados avisos adicionais.

As glândulas da reprodução num corpo libertam energia [para] que se possa alcançar a criação quando um psíquico se sintoniza com o infinito ... a própria essência da vida é dada ao proporcionar a outro [informação ou energia] que possa trazer a consciência de outro para um despertar no seu próprio ser. Jesus sabia que virtude saíra dele e perguntou: “Quem tocou nas minhas vestes?”

(Leitura de Edgar Cayce 294-140)

A leitura sugere que o mau uso e abuso desta energia para fins seculares só pode resultar em turbulência física e emocional. A leitura prossegue:

Há canais através dos quais todas as forças se manifestam. Para uns há vozes que se ouvem. Para outros há visões que se veem. Para outros há a impressão, ou sensação da presença, dessas fontes das quais a informação pode irradiar. O lyden, ou glândula fechada, é o guardião, por assim dizer, da porta que permitiria libertar ou a paixão ou o milagre na expressão dos atributos das forças imaginativas na sua manifestação nas forças sensoriais de um corpo — quer para as pontas dos dedos que escreveriam, para os olhos que veriam, para a voz que falaria, ou para todo o sistema que sentiria impressões sintonizadas com o infinito, com os que acabaram de passar, com as forças invisíveis; pois o mundo da inconsciência não é uma mudança material em relação ao mundo físico, exceto quanto aos seus atributos ou relações. Se a visão foi elevada ou rebaixada depende da altura, profundidade, largura ou extensão a que a entidade foi buscar a sua fonte de abastecimento.

Não te satisfaças com nada menos do que uma consciência universal, guiada e guardada pelo Senhor do Caminho, ou pelo próprio Caminho. Nele está a vida. Por que razão satisfazer-se com uma porção menor do que uma medida completa?

O movimento desta energia das glândulas da reprodução para os corpos pineal e pituitário é identificado com as forças **kundalini**, familiares a muitos através dos estudos de ioga. Uma leitura para uma pessoa que sofria de hipersensibilidade contém as seguintes expressões: “Houve a abertura da glândula lyden, de modo que as forças kundalini se movem ao longo da coluna para os vários centros ... adquirindo muito conhecimento sem a aplicação prática do mesmo ...” (3421-1)

E, noutra leitura, com conselhos sobre como desenvolver poder psíquico, encontram-se estas frases:

... pois verificamos que esta entidade esteve, mais de uma vez, entre aqueles que eram dotados do que por vezes se chama segunda visão ou a superatividade do terceiro olho. Sempre que há a abertura do centro lyden [Leydig] e as forças kundalini se formam junto da pineal, verificamos que há visões de coisas que hão de vir, de coisas que estão a acontecer. (Leitura de Edgar Cayce 4087-1)

Uma pessoa perguntou a Edgar Cayce: “Qual é a condição da kundalini agora?” Foi dada a resposta: “Isto não muda, pois é o assento, ou a fonte das forças que dão vida no corpo. O efeito sobre o corpo depende do uso que o indivíduo lhe dá. Daí o aviso sobre como e para quê tais influências são elevadas com o próprio corpo.” (3481-3)

Outra leitura explicava que era possível tornar-se demasiado zeloso ou demasiado ativo sem considerar um equilíbrio físico, mental e espiritual. A purificação do corpo sem a mente ser purificada poderia provocar uma elevação das forças kundalini sem proporcionar uma saída adequada para as energias. Resultariam perturbações físicas.

A seleção seguinte resume os avisos:

As atividades das glândulas, usadas corretamente, podem trazer serenidade, esperança, paz, fé, compreensão, como experiência da entidade. Mal orientadas, as energias podem trazer dúvidas, medos, apreensões, contendas, perturbações, desordens, ruturas, em todas as partes do corpo. É o eletrão que é a própria vida, mas elevado em poder e depois mal dirigido pode trazer a própria morte.
(Leitura de Edgar Cayce 294–142)

8

A QUESTÃO DA POSSESSÃO

Será a loucura, por vezes, provocadas por pessoas desencarnadas (mortas) que interferem com os vivos? Fornecem tais casos evidência de existência desencarnada, de vida após a morte?

Muitos graus e estádios de desarranjo mental foram definidos e são, pelo menos em parte, compreendidos. Obviamente, nem todas estas condições mentais precisam, nem devem, ser associadas a interferência ou possessão por entidades desencarnadas. Pode, contudo, ser útil considerar a ideia de que a pessoa psicótica é aquela que está consciente de atividades da mente inconsciente não reconhecíveis para a pessoa “média”.

Ao tentar ajudar uma pessoa perturbada por alucinações auditivas, Edgar Cayce falou da condição do seguinte modo:

Acabámos de descrever como a hipersensibilidade das forças nervosas abre o corpo a tais influências, ou o corpo se torna no que se poderia chamar um rádio humano. Ao dar expressão ao que é ouvido, a pessoa perturbada pode muitas vezes deturpar o que é realmente dito, sentido ou pensado. Pois os pensamentos são coisas. Têm efeito sobre os indivíduos, especialmente sobre aqueles que se tornam hipersensíveis a influências externas! São tão físicos como espetar um alfinete na mão!
(Leitura de Edgar Cayce 386–2)

Será possível que, em alguns casos, o desarranjo mental seja uma questão de percepção aumentada, talvez devido à abertura dos centros

psíquicos sem controlo consciente? Em condições graves resultantes de danos físicos nos centros nervosos e glandulares, choque emocional, etc., a rutura torna-se tão evidente que envolve o surgimento de traços de personalidade distintos, diferentes do estado da consciência normal da pessoa. O termo esquizofrenia é aplicado a tais condições.

Há casos registados em que o estado de dissociação se torna tão marcado que resulta numa personalidade dividida, um fenómeno do tipo Jekyll-Hyde.

Um dos casos americanos mais famosos deste tipo é conhecido como o caso Beauchamp. Na primavera de 1898, Morton Prince, M.D., Ph.D., professor de doenças nervosas na Tufts College Medical School, começou a tratar uma mulher de vinte e três anos por condições gerais de neurastenia, dores de cabeça, insónia, fadiga persistente e má nutrição. Quando ela não respondeu aos tratamentos comuns, recorreu-se à hipnose com excelentes resultados. Porém, sob hipnose, surgiram personalidades completamente diferentes que começaram a assumir a consciência.

Essas personalidades eram distintas, com memórias individuais, hábitos diferentes e traços de carácter próprios. Um relatório fascinante sobre o caso, incluindo a estabilização gradual de uma das personalidades, é apresentado pelo Dr. Prince em *The Dissociation of a Personality*. Depois de estudar este relatório, é difícil acreditar que personalidades tão diferentes possam viver no mesmo corpo. As salas do inconsciente são certamente mais vastas e mais sombrias do que geralmente se sabe.

Um caso mais recente deste tipo foi relatado pelos Drs. Thigpen e Cleckley em *The Three Faces of Eve*. Um filme, incluindo um Óscar, trouxe este estudo à atenção nacional. Uma jovem mulher casada, com um filho, vivia duas vidas, sendo uma delas completamente desligada da memória consciente da outra. Sob hipnose, surgiu uma terceira personalidade que gradualmente assumiu o controlo. Relatos posteriores indicam que a história não terminou aí, mas que uma quarta, talvez uma quinta, Eve teria aparecido. Todas estas entidades distintas alternavam no controlo de um único corpo.

A pergunta mantém-se: em casos como estes, será possível a possessão (por um espírito desencarnado)? Carl Wickland, M.D., autor de *Thirty Years Among the Dead*, diz que sim, tal como Titus Bull, M.D., um dos primeiros investigadores da American Society for Psychical Research. Um dos estudos de caso clássicos, conhecido como o Watseka Wonder, torna claro que muitas perguntas precisam de resposta antes de a hipótese de possessão poder ser completamente descartada.

Estiveram envolvidas duas raparigas. Quando Mary Roff, de Watseka, Illinois, morreu aos dezoito anos em 1862, Lurancy Vennum, que vivia na mesma cidade, tinha cerca de dois anos. Aparentemente, Mary Roff tomou posse do corpo de Lurancy Vennum quando esta atingiu os catorze anos. A Lurancy “possuída” não reconhecia membros da sua família nem vizinhos. Implorava para ser levada para casa. Durante catorze semanas, Lurancy viveu como Mary Roff, reconhecendo a família e os amigos de Mary, lembrando detalhes de acontecimentos que tinham tido lugar na vida da rapariga morta. Depois, a personalidade de Mary Roff desapareceu, e Lurancy Vennum retomou a sua vida no ponto em que a tinha deixado catorze semanas antes.

Admite-se que casos raros como este, aliados ao trabalho de um número relativamente pequeno de sensitivos dispostos a ser observados por investigadores de mente aberta, mantêm viva a teoria da possessão. De forma discreta, mas consistente, está a ser conduzida investigação neste país por psiquiatras competentes ligados a alguns dos nossos grandes hospitais psiquiátricos.

Quando uma voz fala a partir de um nível inconsciente, será uma área reprimida do subconsciente; uma personalidade desenvolvida numa experiência passada na Terra; ou uma pessoa morta a usar o corpo e a voz do “médium”? Estas questões envolvem alguns dos principais problemas da investigação psíquica.

O incidente seguinte centrou a minha atenção nestas perguntas. Um psicólogo de Nova Iorque pediu-me que entrevistasse um jovem que parecia ter poderes clarividentes invulgares:

John X tinha um metro e oitenta e cinco, vinte e três anos, com um historial de vida no exército e experiência na marinha mercante. Achava que tinha sido maltratado pelo pai em criança. A doença e vários acidentes graves tornaram-no consciente da necessidade de desenvolvimento físico; como resultado, tornou-se atleta.

Enquanto assistia a uma sessão espírita, foi-lhe dito que tinha poder psíquico que deveria ser desenvolvido. Ao regressar ao navio nessa noite, começou, pela primeira vez, a ouvir uma voz mesmo atrás da orelha esquerda. Incitava-o a suicidar-se. O impulso de se atirar borda fora era tão forte que ele se trancou no camarote e empurrou a chave para debaixo da porta. Contou que isso tinha acontecido alguns anos antes e que, depois, tinha feito tratamento psiquiátrico e desenvolvido o que parecia ser alguma capacidade clarividente.

Nessa noite, colocou-se num estado de ligeiro transe, a partir do qual disse que conseguia trabalhar. Em poucos momentos, uma voz — que soava bastante diferente da sua voz normal — respondeu a perguntas e descreveu com precisão uma pessoa que, doze horas antes, tinha ocupado a cadeira em que ele então se sentava. A descrição incluía uma explicação correta de uma dificuldade emocional do anterior ocupante.

As minhas perguntas sobre a origem da informação fizeram emergir nove vozes distintas. Algumas alegavam ser partes do subconsciente de John X. Outras insistiam que eram entidades desencarnadas que o tinham encontrado como um canal aberto para a consciência física. Algumas das vozes eram agudas e estridentes, como a de uma mulher histérica. Outras eram guturais e profundas.

Ao despertar, John X afirmou ter estado apenas vagamente consciente de algumas das declarações que fizera. Por meu conselho, visitou um médico osteopata que encontrou lesões graves na parte inferior da coluna. John X disse-me mais tarde que os tratamentos que recebeu ajudaram a bloquear as “vozes” mais perturbadoras.

Nas leituras de Edgar Cayce encontrámos um número quase igual de casos de chamada possessão e de ruturas esquizofrénicas no inconsciente. Ao estudar registos completos, é muito interessante notar os dois tipos de diagnóstico, muitos deles para casos que parecem ter sintomas muito semelhantes.

Exemplo I:

Esta pessoa escreveu a Edgar Cayce pedindo uma leitura para a ajudar a enfrentar um complexo de perseguição. Descreveu um ataque telepático, por parte de um homem que conhecia apenas como conhecido, que, segundo ela, lhe provocava dores de cabeça, insónia e sensações dolorosas na pele. (Estes são sintomas típicos de algumas pessoas com perturbações mentais.) A sugestão dada a Edgar Cayce foi:

Irá examinar cuidadosamente este corpo, analisá-lo a fundo e dizer-me as condições que encontra no presente; dando a causa das condições existentes, e também sugestões de ajuda e alívio para este corpo; respondendo às perguntas à medida que as faço.

Leitura:

Sim, temos o corpo e essas perturbações que fazem parte da experiência física e mental deste corpo. E, como verificamos, há algumas condições patológicas e psicológicas também, que são produzidas no e com este corpo. Indica-se que o corpo é uma entidade individual hipersensível que,

através do estudo, ao abrir os centros do corpo, se permitiu tornar-se possuído. (Leitura de Edgar Cayce 5221-1)

Foi recomendado tratamento que se revelou útil para esta pessoa.

Exemplo II:

... Como verificamos, há condições perturbadoras. Parte delas é patológica, parte é psicopática.

Houve a abertura da glândula lyden [Leydig] e, assim, uma perturbação através do sistema glandular. A possessão, por vezes, é o resultado. Há também um impacto no lado esquerdo do dente do siso. A combinação produz angústia em todo o sistema nervoso, com perda de controlo de si próprio por vezes. (Leitura de Edgar Cayce 3410-1)

Noutros casos, as descrições nas leituras de Edgar Cayce indicavam que as condições não envolviam possessão:

Exemplo III:

Alucinações; ouvia vozes; fala nervosa. Causa: choques e repressão no período entre os oito e os doze anos de idade. **Não é possessão.** (386-1)

Exemplo IV:

Alucinações. Causa: lesões na região pélvica. **Não é possessão.** (4787-1)

Exemplo V:

Não conseguia dormir; sentia-se incomodada por pequenos diabos a rastejar por todo o corpo; enquanto dormia acreditava ser um homem à procura de satisfação sexual; procurou vários tipos de ajuda, tentando ser “desposuída”.

Leitura:

Perturbações glandulares; incoordenação entre o sistema nervoso cerebrospinal e o simpático; pressões na região lombar, dorsal inferior e na extremidade inferior da coluna, estimulando exageradamente forças glandulares relacionadas com o plexo ao nível do osso pélvico. Esta condição não é possessão. (1572-1)

Como foi mencionado, a relação dos centros endócrinos com toda a percepção psíquica, bem como a questão da possessão envolvendo esses centros, pode tornar-se objeto de investigação científica. Défices ou secreções excessivas na atividade glandular podem resultar em perturbações físicas que afetam a mente e as emoções. O resultado bem conhecido da estimulação exacerbada das suprarrenais em tempos de stress — produzindo aumento da pressão arterial e preparação para “lutar ou fugir” — é um bom exemplo da influência das secreções glandulares nas atitudes e sentimentos. Se as glândulas endócrinas estiverem

relacionadas com níveis mais profundos do inconsciente, como sugerem as leituras de Edgar Cayce, compreende-se que experiências psíquicas de qualquer tipo possam ser extremamente complicadas para pessoas fisicamente e emocionalmente desequilibradas.

9

DIANÉTICA E CIENTOLOGIA

Em 1950, Lafayette Ronald Hubbard, um engenheiro do Nebraska, escreveu um livro intitulado *Dianetics*. O subtítulo era “A Ciência Moderna da Saúde Mental”. Houve uma resposta pública imediata. O livro teve vendas fenomenais. As alegações de ajuda que poderia ser obtida seguindo técnicas de Dianética foram afirmadas de forma positiva e enérgica. O uso de uma linguagem nova para descrever processos psicológicos conferiu um ar de validade científica. Os casos clínicos tratavam problemas reconhecíveis, comuns a muitas pessoas.

As afirmações de Hubbard de que descobrira a fonte de todas as doenças psicossomáticas e de que haviam sido desenvolvidas competências para curar esses problemas em menos de vinte horas eram exageradas. Havia muitas pessoas que percebiam precisar de ajuda. Sem dúvida, algumas foram influenciadas pela excitação da confissão e de falarem sobre si próprias. Havia também o factor apelativo de serem oferecidos cursos para treinar pessoas nas técnicas, e estas, por sua vez, poderem ajudar os vizinhos. Por 500 dólares, uma pessoa podia aprender em vinte e cinco horas como ajudar os amigos, a 5 a 25 dólares por hora. Alguns homens capazes, incluindo médicos, vieram testemunhar os valores do uso das técnicas dianéticas.

Havia outras razões para a popularidade da Dianética. O “processamento”, que era recomendado, afirmava ajudar a pessoa a libertar padrões mentais armazenados desde o ponto da concepção que bloqueavam o seu sucesso. Em poucos meses, os “engrams” (os bloqueios mentais) estavam “até aos joelhos” nos chãos das salas de estar por toda a América. Os americanos comuns descobriram o que os psicólogos sabem há muito tempo: que o subconsciente contém uma coleção espantosa de palavras, a maioria relacionada com sexo. Toda a gente se tornou psiquiatra de toda a gente.

O livro não era, de modo algum, apenas fumo. Sob o fumo havia bastante fogo. Nos primeiros anos era difícil perceber quanto. Falava-se de mente ao nível celular. Apontava-se que a mente nunca está totalmente inconsciente. Durante estados aparentemente inconscientes, choques de

acidentes, períodos sob anestesia e, especialmente, durante o período da concepção ao nascimento, os indivíduos acumulavam bloqueios que poderiam ser libertados colocando-os na “linha do tempo” para revisão. Isto era uma espécie de técnica sugestiva de associação livre. Hubbard e os seus associados, incluindo alguns médicos, aparentemente obtiveram resultados espetaculares em certos casos. Infelizmente, o movimento desenvolveu-se tão rapidamente que o sucesso notável atribuído a Hubbard não pôde ser duplicado de forma consistente.

Sem dúvida, milhares de casos de doença mental procuraram ajuda. Os psiquiatras atacaram todo o procedimento como perigoso, e artigos críticos em revistas nacionais alertaram o público. Desenvolveram-se conflitos dentro das fileiras dos seguidores de Hubbard. A pressão de gerir um enorme negócio terá certamente tornado difícil o treino, o desenvolvimento, a melhoria das técnicas, etc.

Da Dianética nasceu a Cientologia. Em 1955, um dos alunos de Hubbard escreveu que a investigação do espírito humano, ou Thetan, era o terceiro escalão da Dianética e que Hubbard chamava a este terceiro escalão Cientologia. O mesmo aluno salientou que, em 1950, Hubbard deu a impressão de que a Dianética era uma forma de psicoterapia e que ele (Hubbard) mudou de opinião — tal como muitos que trabalharam com ele.

J. F. Horner, escrevendo em *Summary of Scientology*, publicado em Inglaterra em 1956, explica-a do seguinte modo: “No entanto, as técnicas da Dianética exigiam demasiada habilidade e conhecimento para uma aplicação adequada pela maioria dos indivíduos, pelo que Hubbard voltou à Cientologia para desenvolver uma compreensão mais profunda da própria vida e criar técnicas melhores, que pudessem ser facilmente ensinadas e aplicadas de forma uniforme com resultados previsíveis.” A viragem espiritual foi sublinhada um pouco mais tarde quando Horner continua no mesmo folheto: “Foi estabelecido, através da observação e da experiência, que o homem é, como ele próprio e não como o seu corpo, um ser imortal; que não possui uma alma — ele é uma alma.”

As primeiras afirmações extravagantes foram sendo qualificadas; já não há tanta ênfase na declaração de que a origem de todo o problema é aquilo que foi feito a um indivíduo. Atualmente existem numerosos Centros de Cientologia, muitos grupos e o Hubbard Guidance Center em Washington, D.C., bem como um em Londres. Depois de conversar com algumas pessoas que foram “processadas” na sede de Washington e outras que fizeram o curso de auditores, diria que a avaliação seguinte parece razoável.

Os livros e outra literatura sobre Cientologia contêm algumas ideias estimulantes, que não são novas, mas envolvem técnicas para ajudar pessoas em estados emocionais perturbados. A Cientologia está a tentar ajudar muitas pessoas, como alcoólicos crónicos, toxicodependentes e pessoas com deficiência intelectual, que não estão a ser adequadamente alcançadas através dos canais eclesiais ou psicológicos existentes. O movimento atrai pessoas com uma filosofia mecanicista e parece ajudar algumas delas a uma melhor adaptação à vida. As dificuldades surgem, aparentemente, mais frequentemente quando homens e mulheres se propõem “processar” outros sem treino adequado.

O crescimento da Dianética para a Cientologia é de considerável interesse à luz da nossa preocupação com as portas para o inconsciente. À medida que o processamento em massa avançou, muitos “auditores” (os que processavam outros) começaram a descobrir níveis da mente até então insuspeitos. Isto incluía regressão ao que pareciam ser vidas passadas e uma extensão da consciência que incluía clarividência, telepatia e outras capacidades psíquicas.

É, sem dúvida, verdade que muitas pessoas que afirmavam ter sido ajudadas regressaram aos seus padrões antigos após o processamento. É igualmente certo que muitas pessoas — especialmente as mental e emocionalmente instáveis — poderão ter sido prejudicadas pelas “boas intenções” de benfeitores não treinados e inexperientes.

Isto tem um paralelo (por mais odioso que possa parecer aos cientologistas) na história da hipnose, que foi condenada por autoridades em muitos tempos e lugares diferentes. O julgamento deve basear-se em mais do que preconceito. Será este mais um sinal do transbordar do inconsciente humano? Não ajuda olhar para o outro lado enquanto a água turva se torna mais profunda. Parece encorajador notar a preocupação mais espiritual da Cientologia e a sua busca do que poderá ser níveis espirituais mais elevados do inconsciente.

O trabalho deste grupo foi descrito com algum detalhe porque parece ilustrar o enorme interesse público e a necessidade de uma melhor compreensão da atividade da mente inconsciente. Especialmente durante os primeiros anos de experimentação deste grupo, eram administradas doses elevadas de compostos vitamínicos antes de cada sessão de regressão. Isto pode ter contribuído para alguma estimulação glandular. Nas minhas entrevistas com vinte e três “auditores”, todos relataram que “vidas passadas” foram descritas por cerca de dois terços das pessoas processadas em reverie e, além disso, que capacidades claridentes e

telepáticas foram observadas em aproximadamente um terço dos seus sujeitos.

10

PEYOTE, COGUMELOS E LSD

O uso de drogas como porta de entrada para o inconsciente é um assunto complicado. Nos últimos anos, a experimentação privada e institucional avançou a um ritmo muito rápido. É difícil manter-se informado sobre os relatórios publicados do trabalho feito nesta área, quanto mais acompanhar estudos e experiências pessoais que nunca são impressos. Como a minha própria experiência com esta abordagem se limitou ao estudo de relatórios, observação e muita escuta, a minha apresentação aqui será breve. Descreverei uma abordagem primitiva e esboçarei alguns dos estudos sérios que estão a ser empreendidos no nosso país, tocando apenas, de forma ilustrativa, a experimentação — que, em certos aspetos, é tanto a mais perigosa como a mais interessante.

Cactos sem espinhos, cogumelos húmidos e esverdeados, e uma droga proveniente de um fungo do centeio abrem portas para o inconsciente, tanto para os índios do nosso Sudoeste e do sul do México, como para investigadores dos nossos colégios e hospitais modernos. No seu livro *The Doors of Perception*, Aldous Huxley delineou alguma da investigação médica que estava a ser conduzida alguns anos antes com a droga mescalina — um derivado do peyote — o cato sem espinhos. Mencionou a estimulação das suprarrenais e descreveu as suas próprias sensações de ver cores invulgares após tomar mescalina.

Na edição de Novembro de 1955 de uma publicação entretanto extinta chamada *Frauds and Rackets*, Huxley foi acusado de ter iniciado um uso generalizado do peyote. Esse artigo citava o Dr. Clarence G. Salsbury, então Comissário de Saúde do Estado do Arizona, dizendo que as experiências com os “botões” do cato peyote podiam ser comparadas a experiências de tomar uma combinação de marijuana, cocaína, heroína e álcool de madeira. O autor do artigo passou a condenar o uso de peyote como causador de hábito e sugeriu que o seu uso estava a espalhar-se. (O facto de ter indicado uma morada onde se podia encomendar peyote provavelmente ajudou a aumentar a distribuição.) Aldous Huxley certamente não considerava o peyote como causador de hábito. Nem muitos médicos que o tomaram e relataram as suas experiências.

Recentemente, um pequeno livro intitulado *Beyond the Light*, de Fay M. Clark, descreveu uma experiência de quase morte e de saída do corpo

que o levou a iniciar uma busca por uma forma de se retirar da consciência. Tentou experiências com mescalina. Clark descreve as suas experiências ao tomar de cinquenta a quatrocentos e setenta e cinco miligramas de mescalina numa série de testes. Grande parte do livro consiste nas suas respostas a perguntas que lhe foram feitas enquanto estava sob a influência da droga. Certamente não classifica a droga como causadora de hábito. Por outro lado, recomenda fortemente supervisão médica ao tomar mescalina e uma motivação superior à mera curiosidade como base para experiências. Clark era uma pessoa séria e sincera quando iniciou as suas experiências. Agora parece ser uma pessoa ainda mais voltada para o espiritual.

O uso do peyote como uma das práticas religiosas mais difundidas entre muitos índios do Sudoeste é, por si só, um estudo interessante. A planta fresca de peyote ou os topos secos (botões) são comidos, ou faz-se uma infusão em água dos botões secos, tomada como chá. Os índios acreditam que Deus lhes dá o Seu poder através do peyote. É tomado para maleitas menores ou, em doença grave, quantidades são consumidas tanto pela pessoa doente como por familiares e amigos que rezam por ela. Botões secos são trazidos no corpo como amuleto.

Em cerimónias religiosas especiais, que duram horas, a oração, o canto, o consumo do peyote e a contemplação fazem parte de um ritual formal. Cinco indivíduos conduzem as cerimónias: o Roadman (o líder do caminho); o Chefe do Tambor; o Chefe do Cedro, responsável pelo incenso; o Chefe do Fogo, que é também uma espécie de sargento-de-armas; e uma parente próxima do sexo feminino, que tem orações especiais a desempenhar.

O peyote é tomado para cura, para purificação, para ter visões e para ter experiências místicas. Os índios acreditam que o peyote tem propriedades curativas e purificadoras. Usam-no também para aumentar o poder de curar quando a oração é dirigida a outros. As visões do peyote incluem comunicação com os mortos, sensibilidade aos outros (incluindo telepatia), falar em línguas, poderes de introspecção para corrigir falhas e orientação na tomada de decisões de todos os tipos. A experiência mística mais complexa é incomum, ficando confinada a praticantes avançados dos ritos do peyote.

Para o índio, as preparações para tomar peyote e as práticas ritualizadas ligadas à cerimónia são muito importantes. O corpo é lavado; a mente deve ser libertada de todo o pensamento mau e é essencial uma atitude de humildade. Foi sugerido que tomar peyote pode ser comparado ao uso dos sacramentos do pão e do vinho na comunhão cristã. O índio usa

peyote para ter uma experiência direta e pessoal comparável à vinda do Espírito Santo na tradição cristã. Diz-se que um índio Comanche terá dito: “Ao usar peyote, falamos com Jesus, não sobre Ele, como o cristão faz.”

Tão curiosos como o peyote são os cogumelos sagrados que produzem visões, tal como relatado por R. Gordon Wasson e pela sua esposa. O Sr. Wasson, vice-presidente da J.P. Morgan and Company, e a sua falecida esposa, Valentina P. Wasson, M.D., estudavam cogumelos há mais de trinta anos. Em 1955, numa aldeia indígena mexicana, o Sr. Wasson e um amigo participaram numa cerimónia religiosa que envolvia comer “cogumelos sagrados”. Mais tarde, a esposa e a filha também comeram cogumelos semelhantes.

Todos tiveram visões invulgares. O Sr. Wasson descreveu as suas experiências com cores vivas e harmoniosas e, depois, cenas mais vívidas do que qualquer coisa que tivesse visto com os próprios olhos. A filha reviu a sua infância com grande detalhe. A Sra. Wasson visitou a corte de Luís XV e identificou-se a si própria e à irmã com um diminuto par de elegantes figuras miniatura de porcelana, que dançavam ao som da música de Mozart. Mais tarde, um xamã tribal, ou curandeiro, depois de comer cogumelos, descreveu o que os Wasson confirmaram ser uma visão clarividente exacta das acções do filho em Nova Iorque.

O Sr. Wasson relata que os cogumelos têm uma história estranha, entrelaçada com a lenda e o sobrenatural. Os dyaks do Bornéu, os nativos da Nova Guiné, os povos da China e da Índia, bem como os índios do México e da América Central, usavam cogumelos em cerimónias religiosas. Como Wasson diz: “No passado evolutivo do homem deve ter havido um momento em que ele descobriu o segredo dos cogumelos alucinogénios. O efeito sobre ele, como o vejo, só poderia ter sido profundo, um detonador de novas ideias. Pois os cogumelos revelaram-lhe mundos para além dos horizontes que conhecia no espaço e no tempo, até mesmo mundos noutra plano de existência, um céu e talvez um inferno.”

Mais pormenores sobre o cogumelo como estimulante da sensibilidade psíquica são apresentados num livro de Andrija Puharich, M.D., *The Sacred Mushroom*. O Dr. Puharich, conhecido investigador de fenómenos psíquicos, relata o seu trabalho com um jovem sensitivo, Harry Stone, que, em estados de transe pouco frequentes, escrevia hieróglifos egípcios descrevendo um culto do cogumelo no antigo Egipto. A *Amanita muscaria*, a espécie de cogumelo usada no Egipto, foi encontrada no Maine perto do laboratório do Dr. Puharich. Ele deu o cogumelo a outro sensitivo, Peter Hurkos, o psíquico holandês. Os resultados são descritos nas próprias palavras de Peter: “Andrija, vi coisas que não acredito que conseguisse

descrever-te nem em um milhão de anos. Eu não estava aqui nesta sala. Não sei onde estava, mas estava num lugar longínquo de beleza indescritível. As cores, as formas, estão para além de qualquer descrição.” Peter acrescentou que não queria tomar o cogumelo muitas vezes, pois poderia não querer regressar.

Felizmente, o conhecimento médico do Dr. Puharich sobre as substâncias contidas no cogumelo permitiu-lhe supervisionar as experiências sem perigo grave para os participantes. Uma overdose de *Amanita muscaria* poderia tornar impossível a uma pessoa regressar à consciência.

Uma das drogas alucinogénias mais poderosas e amplamente usadas é o LSD. Foi descoberto em 1943 pelo Dr. A. Hoffman num laboratório suíço. Centenas de artigos científicos foram escritos sobre experiências com esta substância: alguns sobre tratamento hospitalar de doenças mentais, outros sobre o tratamento do alcoolismo, e ainda outros sobre psicoterapia profunda. Procurou-se manter a distribuição de LSD sob supervisão médica. Em 1962, experiências destinadas a medir a profundidade da experiência religiosa sob o efeito da droga serviram de base a uma tese de doutoramento (Ph.D.) em Harvard.

Robert S. Davidson, Ph.D., psicólogo clínico que escreveu a introdução e o apêndice de *Exploring Inner Space*, de Jane Dunlap, diz sobre o LSD: “A droga tem, de facto, o poder de expandir a consciência e de tornar alguém consciente de uma unidade fundamental de todos os processos da vida.”

Num relatório emitido pela International Foundation for Advanced Study, em Menlo Park, Califórnia, por J. N. Sherwood, M.D., M. J. Stolaroff e W. W. Harman, Ph.D., o comentário seguinte sobre o uso de doses elevadas de LSD sugere a existência de poderes curativos em áreas internas da mente que, até agora, apenas se imaginava existirem: “Muitos dos efeitos benéficos de experiências induzidas por LSD foram relatados noutros locais. Incluem a abreação de emoções reprimidas e um aumento da compreensão psicológica. No entanto, há um aspeto adicional da técnica de grande dose que parece desempenhar um papel altamente significativo na produção de transformação da personalidade: a descoberta, pelo sujeito, da vastidão do seu próprio ser, com compreensão e capacidades muito maiores do que anteriormente imaginara.” O relatório menciona também o trabalho de outro investigador, que fala de “experiências de pico, experiências místicas ou oceânicas tão profundas que removem sintomas neuróticos para sempre”.

Só se pode instar o investigador a considerar que é provável que descubra o mau tanto quanto o bom dentro de si. Orientação de pessoas compreensivas e com formação médica é muito desejável. Propósitos e objetivos elevados na busca interior são essenciais para uma passagem segura.

11

EXPERIÊNCIAS DE FADIGA

QUANDO O HOMEM SE CANSA OU SE ABORRECE, as portas do inconsciente por vezes abrem-se automaticamente para um mundo de visões e alucinações tão estranhas quanto as induzidas por drogas. Estas experiências são suficientemente semelhantes aos relatos provenientes de outras fontes para tornar evidente que sabemos muito pouco do que se passa para além do alcance limitado da consciência.

O Dr. John C. Lilly, anteriormente do United States National Institute of Mental Health, sugere dois tipos gerais de alucinações: um associado a energia excedentária e outro do tipo fadiga. Os relatos daqueles que fazem longas viagens marítimas a sós enquadram-se neste último tipo. Um homem relatou ter adoecido e desmaiado no chão da cabine. Quando recuperou, viu um homem alto ao leme do seu veleiro, que anunciou ser um piloto que viera ajudá-lo. “Fique deitado, senhor”, disse ele, “e eu guiarei o seu navio esta noite.”

Outro viajante solitário do mar relata: “... então o sol pôs-se e as estrelas surgiram e eu dissocie-me da jangada e de todas as realidades e parti para o espaço nas minhas viagens noturnas.” Fred Rebell, no seu *Escape to the Sea*, relata experiências semelhantes: “Uma noite eu estava a flutuar no ar — aproximadamente a cem milhas para N.N.E. da posição do meu barco.” Rebell localizou uma embarcação por “alucinação”, a muitas milhas de distância. Mais tarde verificou-o. Charles Lindbergh relatou muitas visões e sons estranhos à medida que se tornava cada vez mais exausto no seu primeiro voo através do oceano. À medida que prosseguem experiências com câmaras de isolamento e fatos espaciais, com homens a prepararem-se para viajar para além da atmosfera terrestre, talvez as alucinações revelem novos níveis do inconsciente.

Todos os diversos acessos ao inconsciente parecem indicar a existência de áreas e poderes da mente que ainda não compreendemos. Felizmente, para a pessoa comum, a passagem por algumas dessas “portas” é difícil; assim, os perigos associados são reduzidos. Tabuleiros Ouija e lápis em movimento são tediosos e aborrecidos. A mescalina é cara

e frequentemente provoca náuseas. Os cogumelos são difíceis de obter. Ainda há demasiadas perguntas por responder acerca do LSD para que seja amplamente usado. Para a pessoa comum, talvez existam vias melhores e mais seguras para o mundo interior.

PARTE IV

VIAS MAIS SEGURAS PARA O INCONSCIENTE

12

EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS PESSOAIS

DEVERÁ A PESSOA COMUM TENTAR EXPLORAR O inconsciente — experimentar telepatia, clarividência, precognição ou comunicação? Muitas pessoas defenderão que tais explorações devem ser deixadas aos especialistas. Voltemos à analogia da descoberta de um novo continente. Aventureiros e exploradores podem abrir trilhos, descobrir cadeias montanhosas e os maiores rios, mas o trabalho de povoar e desenvolver a terra tem de ser feito pelas pessoas. É possível que a humanidade tenha atingido um ponto no espaço-tempo em que o inconsciente precisa de ser explorado e compreendido. Recuar sem exame adicional, na minha opinião, seria tão insensato como desistir após breves tentativas de estabelecer colônias no Novo Mundo.

Parece haver razões para crer que a compreensão do inconsciente nos pode trazer conhecimento valioso — sobre a nossa verdadeira natureza, a nossa relação real uns com os outros e a nossa afinidade com a Força Criativa. A nossa herança, em sentido histórico, evolutivo e espiritual, poderá estar encerrada neste inconsciente. Esta área vasta e aparentemente misteriosa encontra-se, pelo menos em parte, dentro de nós. A consciência física poderá ser apenas uma extensão desse eu oculto para aquilo a que chamamos o nosso mundo tridimensional.

Considerando a experimentação com fenómenos psíquicos como incursões no inconsciente, as seguintes perguntas continuam a impor-se: é perigosa a experimentação com fenómenos psíquicos? É a pessoa comum capaz de ser um bom investigador? O que pode ser ganho com tais investigações?

É preciso reconhecer que tanto a opinião científica como a opinião pública muitas vezes rotulam experiências psíquicas como sinais de anormalidade. Apesar do trabalho de muitos defensores corajosos — a maioria alvo de crítica e escárnio — a investigação psíquica luta por manter respeitabilidade. Há mais pessoas com formação científica interessadas e preocupadas com investigação cuidadosa nestas áreas do que é

publicamente conhecido. Alguns dos problemas que as dificultam são: as relações estreitas que parecem existir entre as experiências de personalidades psicóticas e de sensitivos (psíquicos); a atitude acrítica da pessoa comum; a fraude e o comercialismo. Um interesse público inteligente ajudará muito a enfrentar estas dificuldades e contribuirá para assegurar liderança qualificada para melhor investigação ao nível laboratorial.

Quando o “homem da rua” tem uma experiência psíquica, torna-se um laboratório dentro de si. Quando observa experiências semelhantes nas pessoas ao seu redor, torna-se, em pequena medida, investigador. Atitudes corretas e conhecimentos técnicos elementares podem ser úteis. Passemos então às perguntas.

Será a experimentação com fenómenos psíquicos perigosa? Para responder a isto, o indivíduo precisa de olhar com honestidade para si próprio. Superstição, credulidade, emocionalismo, tendências neuróticas, um corpo fisicamente doente — tudo isto são sinais de aviso. Devem observar-se controlos pessoais cuidadosos, como em qualquer outra área de investigação: honestidade consigo e com os outros, abertura de espírito, persistência, etc. Os verdadeiros perigos da investigação em áreas psíquicas existem na própria natureza da pessoa: o desejo de ser o centro das atenções, a vontade de ter poder sobre os outros, a ganância, o ódio, a raiva, a autopiedade ou o medo. Se alguém tiver armazenado no subconsciente grande quantidade destas emoções ou atitudes negativas, tais influências jorrarão quando se abrir a porta para os domínios psíquicos.

Mais do que isso, deve considerar-se a relação com outras mentes — como a possibilidade de existência de um inconsciente coletivo ou, talvez, o funcionamento da telepatia. Psiquiatras e psicólogos seriam os primeiros a apontar que medos, culpa e outros conflitos são suprimidos ou reprimidos no subconsciente e que abrir portas que libertem esses impulsos sem orientação adequada pode produzir resultados perturbadores.

Para muitos, as portas já estão abertas. Não será melhor que tais indivíduos compreendam um pouco mais do seu próprio inconsciente e estejam mais bem preparados para lidar com essas experiências? Sem dúvida, para algumas pessoas há perigo na investigação de fenómenos psíquicos, mas pode haver perigo ainda maior em não estar preparado para enfrentar as experiências a que se chama psíquicas.

Será a pessoa comum um bom investigador? A resposta deve ser não. Relativamente poucas pessoas estão conscientes das operações complexas da mente humana. Poderes espirituais que possam funcionar na

mente e através dela ou não são reconhecidos como existentes, ou são confundidos com superstições e crenças sem fundamento em experiência real. Assim, parece sensato que qualquer pessoa que empreenda mesmo um exame superficial de algumas das suas próprias experiências psíquicas — ou das de outros — se prepare para usar métodos sólidos de observação e estudo.

Ao aprender a pilotar um avião, não só se estudam manuais que mostram o seu funcionamento, como também se trabalha com alguém experiente, capaz de demonstrar boa técnica de voo. Existem muitos bons livros no campo da investigação psíquica. Há muitos anos que existem Sociedades Britânica e Americana de Pesquisa Psíquica, estabelecidas e conduzidas por pessoas com aptidões científicas e académicas. É possível separar o trigo do joio nos escritos sobre estudos psíquicos. Uma vez iniciada a busca, como em qualquer outro campo, a pessoa será conduzida de um livro útil para outro. Mentes cada vez melhores estão a ser atraídas para a parapsicologia. Nos últimos anos parece ter havido um crescimento saudável do interesse em grupos universitários, como se vê pelo desenvolvimento de sociedades universitárias de parapsicologia e pelo número de faculdades e universidades que oferecem disciplinas relacionadas com investigação psíquica. Assim, quem procurar preparar-se para investigar nesta direção encontrará não só bons livros para orientação, mas também muitas mentes despertas a percorrer o mesmo caminho.

Que poderá ser ganho com tais investigações? Ao tentar compreender experiências psíquicas, uma pessoa pode beneficiar muito por se familiarizar melhor com novas dimensões do seu eu. Pode melhorar métodos de observação e autodisciplina noutras áreas da vida. O uso do senso comum é um bom ponto de partida. Verificar-se-á que se pode aumentar o controlo sobre atitudes e emoções negativas à medida que se melhoram hábitos de observação e autoanálise. Tais investigações podem conduzir a uma nova filosofia de vida: um modo de passar do materialismo para o exame da possibilidade de que mente e espírito estejam, de facto, a criar e depois a atuar na matéria e através dela, em vez de evoluírem dela e dependerem dela.

Há, naturalmente, um número crescente de pessoas — maior do que se suspeita — que precisam de enfrentar e tentar compreender experiências que ultrapassam a compreensão consciente. Não me refiro aqui aos casos de loucura ou aos limítrofes, mas a um número crescente de pessoas que têm experiências psíquicas que aparentemente não podem ser medidas por padrões materiais. Os conflitos que por vezes surgem levam-nas a questionar a própria sanidade. Para essas pessoas, um estudo

e exame cuidadosamente planejados das experiências psíquicas pode revelar-se uma ajuda muito real e prática.

Além disso, indivíduos podem abrir portas para recursos dentro de si que lhes permitirão prestar maiores serviços aos outros. Podem gradualmente tornar-se conscientes de uma energia espiritual que flui neles e através deles e que está sempre disponível. Será esta a porta referida em “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Mt 7,7)? O reino de Deus pode estar tanto dentro como fora de nós. Uma experiência pessoal que pareça construir pontes sobre os abismos entre corpo, mente e espírito trará mais significado à vida do que ouvir muitas palestras ou sermões, ou ler uma dúzia de livros. Um passo no caminho que conduz à busca interior pode levar alguém a reavaliar todo o seu conjunto de padrões e valores. Com cada vez mais oportunidades para discussão livre e aberta das questões e problemas levantados neste campo de investigação, métodos mais críticos serão desenvolvidos.

As sugestões seguintes foram selecionadas principalmente do material de Edgar Cayce. Ao recomendá-las, não pretendo dizer que sejam importantes apenas por constarem desses registros. No trabalho com pessoas curiosas acerca de fenômenos psíquicos e, sobretudo, com aquelas que tinham dificuldade em controlar a sensibilidade psíquica, estas ideias têm sido de grande ajuda. Algumas pessoas foram ajudadas a reconhecer e corrigir incapacidades físicas que estavam a causar hipersensibilidade. Outras foram levadas a reavaliar os chamados “dados psíquicos” e a evitar tornarem-se vítimas do domínio inconsciente, seja o seu próprio, seja o de outra pessoa. Por outro lado, há quem tenha encontrado novos entendimentos e orientação especialmente através da sugestão de estudo de sonhos, oração e meditação.

Há necessidade de informação sobre o que foi conseguido no campo da investigação psíquica, mas ainda mais importante é a necessidade de desenvolver técnicas de incursão interior que possam ser usadas com sucesso na nossa cultura. Se estas ideias parecerem simples demais ou “pé no chão” demais, convém lembrar que o que se sugere não é uma fuga à realidade nem apenas uma aventura, mas uma busca de compreensão que terá impacto direto nos objetivos mentais e espirituais da vida quotidiana.

13 EQUILÍBRIO

Ao orientar ou observar outros, bem como ao empreender qualquer exploração pessoal de experiências psíquicas, uma das considerações mais importantes é a distribuição equilibrada de energia em atividades físicas, mentais e espirituais. A isto pode chamar-se equilíbrio. Esta ideia pode parecer contradizer as experiências de muitos sensitivos. Os fenómenos psíquicos parecem ocorrer mais frequentemente quando o corpo ou a mente estão cansados ou exaustos, ou quando se encontram estimulados exageradamente. As sugestões que se seguem alinham-se, contudo, com a ideia de que as experiências psíquicas podem ser atividades do eu real e não estão, por natureza, confinadas ao domínio da anormalidade. Certamente será muito mais fácil medir e compreender tais experiências se puderem ser observadas com a clareza de um estado de equilíbrio físico, mental e espiritual. A informação de Cayce enfatiza que a dieta é um factor extremamente importante nesse equilíbrio.

O ambiente e os hábitos de trabalho devem ser considerados, mas para muitas pessoas certos alimentos são, em geral, demasiado pesados — carnes, amidos, doces, condimentos, etc. Os alimentos sintéticos muitas vezes carecem de vitaminas e minerais necessários. Deve-se começar por obedecer às leis de uma alimentação equilibrada. Uma escolha deliberada de alimentos que se sabe serem prejudiciais, ou a recusa em escolher alimentos que se acredita serem bons, cria bloqueios ao nível subconsciente, impedindo a pessoa de reconhecer a orientação que está continuamente disponível.

Poder-se-á argumentar que pessoas ignorantes ou mal informadas podem simplesmente continuar, pouco a pouco, a matar-se com maus hábitos alimentares. Reconhece-se que diferentes pessoas têm necessidades diferentes. Mas a verdadeira orientação para as escolhas pode vir do inconsciente, à medida que o indivíduo dá um passo no caminho que acredita ser correto. O processo de se conduzir a esses pequenos primeiros passos de autodisciplina é muito mais importante do que a escolha cega de uma nova moda alimentar.

Ao organizar o pensamento para a aplicação prática de uma dieta equilibrada, os excertos seguintes das leituras de Edgar Cayce podem ser úteis. Algumas destas sugestões foram dadas a pessoas que tentavam avaliar as suas experiências psíquicas pessoais:

Estuda essas tabelas referentes a manter bem equilibradas as forças químicas do corpo. Não de modo a tornares-te numa caixa de comprimidos

humana, mas antes para conheceres a lei e a manteres.

(Leitura de Edgar Cayce 2981–3)

Nunca, quando sob tensão, muito cansado, muito excitado ou muito zangado, o corpo deve ingerir alimentos; e nunca ingerir qualquer alimento que o corpo constata não lhe fazer bem.

(Leitura de Edgar Cayce 137–30)

Inclui com frequência na dieta vegetais crus, preparados de várias formas, não apenas como salada, mas raspados ou ralados e combinados com gelatina.

(Leitura de Edgar Cayce 3445–1)

Come mais vegetais! Os de folha seriam preferíveis aos de vagem, como feijões secos, ervilhas ou semelhantes.

(Leitura de Edgar Cayce 1657–2)

Sugestões para comer mais vegetais e saladas aparecem frequentemente nas leituras. As seguintes orientações para refeições sugerem combinações úteis e alertam para outras:

Manhãs: Cereais integrais ou sumos de citrinos, mas não na mesma refeição. Ao usar sumo de laranja, mistura-lhe lima. Ao usar toranja, mistura-lhe limão, apenas um pouco. Ovo, de preferência apenas a gema; arroz; panquecas de trigo-sarraceno; ou torradas — apenas um destes — seriam adequados de manhã.

Almoços: Uma salada crua, incluindo tomates, rabanetes, cenouras, aipo, alface, agrião — qualquer um ou todos — com sopa ou caldo de legumes, ou marisco, ou semelhante.

Noites: Frutas, como maçãs cozidas, batatas, tomates; peixe, aves, borrego e, ocasionalmente, vaca, mas não com demasiada frequência. Mantém estes como parte principal de uma dieta bem equilibrada.

(Leitura de Edgar Cayce 1523–17)

Manhãs: Sumos de citrinos ou cereais, mas não ambos na mesma refeição. Noutras refeições pode incluir-se — com as outras coisas — outros cereais; por vezes frutos secos ou figos combinados com tâmaras e passas — bem picados. E, para este corpo, uma mistura de tâmaras e figos secos, cozidos com um pouco de farinha de milho — muito pouco polvilhado — e depois tomada com leite, deveria ser quase um alimento espiritual para este corpo. Se é tomado uma, duas, três ou quatro refeições por dia, isso fica ao critério do próprio corpo.

Almoços: Alimentos como sumos de vegetais, ou estes combinados com um pouco de suco de carne e uma combinação de vegetais crus; mas não

vinagre ou semelhante com isso; óleos, se forem azeite ou óleos vegetais, podem ser usados.

Noites: Vegetais de folha; peixe, aves ou borrego, de preferência, como carnes — ou combinações. Isto, claro, não são todos os alimentos, mas é o esquema geral das três refeições.

Mas lembra-te: para este corpo, porções iguais de figos pretos ou figos assírios e tâmaras assírias — moídos juntos ou cortados muito finos — e, para uma pinta dessa combinação, meia mão-cheia de farinha de milho ou trigo esmagado. Cozidos juntos — isso é alimento para um corpo tão espiritualmente desenvolvido como este.

(Leitura de Edgar Cayce 275–45)

Foi indicado que, à medida que o exercício físico ou a atividade manual diminuem, as quantidades de alimentos que produzem reação alcalina devem ser aumentadas. Alimentos que combinam gorduras com açúcares e amidos foram classificados como produtores de ácido. Uma leitura resume este ponto de vista do seguinte modo:

Mantém 80% de alimentos produtores de alcalinidade e 20% de alimentos produtores de acidez na dieta. É bom, contudo, que o corpo não se torne como alguém que nunca pode fazer isto, aquilo ou aqueloutro — ou um escravo da ideia de uma dieta fixa. Mas não tomes sumos de citrinos e cereais na mesma refeição. Não tomes leite ou natas no café ou no chá. Não comas fritos de espécie alguma. Não combines pão branco, batatas, esparguete ou quaisquer dois alimentos dessa natureza na mesma refeição.

(Leitura de Edgar Cayce 1568–2)

A conveniência de escolher alimentos cultivados na área onde a pessoa vive é enfatizada em várias leituras:

Não consumas grandes quantidades de frutos, vegetais ou carnes que não sejam cultivados, ou que não provenham, da área onde o corpo se encontra — no momento em que consome esses alimentos. Verificarás que esta é uma boa regra a ser seguida por todos. Isto prepara o sistema para se aclimatar a qualquer território.

(Leitura de Edgar Cayce 3542–1)

Come vegetais frescos, especialmente os cultivados nas proximidades de onde o corpo reside. Vegetais transportados nunca são muito bons.

(Leitura de Edgar Cayce 2–14)

Tão importante quanto a dieta é a questão do exercício para manter boa forma física:

Verificamos que estas condições surgiram como resultado do que poderia ser chamado perturbações ocupacionais: pouco sol e pouco trabalho duro ... o corpo deve coordenar o espiritual, o mental e o físico. Aquele que não dá à recreação um lugar na sua vida — e o tom adequado a cada fase — engana-se a si próprio.

Tem de haver uma certa quantidade de sono. Deus não fez o homem para dormir pelo menos um terço da sua vida? Então considera! São necessidades físicas, mentais e espirituais. Foi isto que o Mestre quis dizer quando disse: “Considerai os lírios do campo, como crescem.” Crescem o tempo todo, florescem o tempo todo — ou não parecem, por vezes, muito desleixados e sujos? É bom que as pessoas, indivíduos como esta entidade, sujem as mãos na terra de vez em quando e não sejam sempre o homem de colarinho branco! ... De que foi feito o homem? Não tenhas medo de apanhar um pouco de sujidade de vez em quando ... E reserva tempo para brincar com os outros. Há crianças a crescer. Acrescentaste algo de construtivo à vida de alguma criança?
(Leitura de Edgar Cayce 3352-1)

O alongamento era frequentemente recomendado como excelente exercício. Caminhar foi altamente valorizado em muitas leituras, como na seguinte:

Caminhar é o melhor exercício, mas não o faças de modo esporádico. Define uma hora regular e faze-o faça chuva ou faça sol.
(Leitura de Edgar Cayce 1968-9)

Os excertos seguintes, das leituras de Edgar Cayce, sobre atividade mental equilibrada, pareceram-me interessantes:

Não permitas que quaisquer elementos que causem perturbação às forças mentais — por raiva contra qualquer indivíduo ou grupo — encontrem abrigo no desenvolvimento mental e da alma do corpo. Pois é a aplicação do conhecimento destas leis que te mantém inteiro — que te mantém no rumo certo do desenvolvimento, seja ele físico, mental, da alma ou espiritual.
(Leitura de Edgar Cayce 140-2)

Pois sabe sempre que, no desenvolvimento correto de qualquer entidade, as forças mentais devem ser as forças orientadoras, participando de muitos elementos. Pois todos os elementos têm relação uns com os outros em cada alma. É do mental que a alma se alimenta. O corpo deve ser bem arredondado em atributos físicos e mentais, para que a alma se possa desenvolver e o espiritual permaneça ... como força orientadora nos canais

corretos e retos.

(Leitura de Edgar Cayce 900–8)

Ao relacionar equilíbrio com o aspeto espiritual da vida, teria novamente de ser definido como algo individual. Para alguns, seria uma questão de assistência regular à igreja, ou oração diária; para outros, poderia ser a leitura diária de literatura sagrada ou inspiradora. Ou talvez viver segundo os preceitos de algum mestre religioso constitua, para alguns, uma vida espiritual. Seja qual for o conceito que alguém tenha da sua vida espiritual, parece-me importante focar o pensamento de modo a que exista um plano diário de atenção dirigida às coisas espirituais.

O seguinte parece-me um bom resumo, extraído das leituras de Edgar Cayce, sobre equilíbrio em todas as atividades mentais, espirituais e físicas:

Reserva tempo para ser santo, mas reserva tempo para brincar também. Reserva tempo para descansar, tempo para recuperar; pois o teu Mestre, mesmo no exemplo na Terra, reservou tempo para descansar, tempo para estar separado dos outros, tempo para ir a um casamento, tempo para ir a um funeral; reservou tempo para assistir a despertares da morte e reservou tempo para servir a todos.

Assim, ao aprenderes com as tuas experiências na Terra, não como rotina mas em períodos regulares, tem o teu descanso, tem os teus labores; alimenta a mente; alimenta a alma, tal como é necessário alimentar o homem físico. Estas coisas produzirão dividendos tão reais quanto a necessidade de alimentar o corpo. Sem mastigação há indigestão e sofrimento. Assim também acontece com os alimentos da mente e da alma: têm de ser mastigados e postos em uso, e estes trarão experiências muito mais harmoniosas.

(Leitura de Edgar Cayce 5246–1)

Reconhece que todo o poder (gás, droga, mineral, vegetal) recebe a sua essência espiritual de uma Providência omnisapiente que deixou tais manifestações num meio material.

Sê sábio: não na tua própria presunção, mas na sabedoria do Senhor, e submete a Terra; tornando estas coisas coordenadas, por assim dizer, com aquilo que está no teu próprio corpo, mente e alma. Pois quando a Terra foi trazida à existência, ou ao tempo e ao espaço, todos os elementos que estão fora do homem podem ser encontrados no corpo humano vivo. Assim, estes, em coordenação — como os vemos na natureza: ar — fogo — terra — fazem da alma, do corpo e da mente um único factor coordenado com a energia criativa universal a que chamamos Deus. Então coordena-te com Deus — com a natureza, com o meio em que te encontras — através do teu eu interior.

(Leitura de Edgar Cayce 557–3)

OBSERVAÇÃO

Considera que o estudo de experiências psíquicas pessoais é como montar uma experiência num laboratório. As atividades diárias constituem a situação laboratorial. Para obter os melhores resultados possíveis, é necessário tornar-se um bom observador, tão livre quanto possível das tensões provocadas por qualquer atividade física, mental ou espiritual desequilibrada.

As capacidades de observação podem ser tão desenvolvidas que uma maior consciência se tornará um resultado natural. Existem cinco janelas óbvias através das quais observamos o mundo em que vivemos — os olhos, as papilas gustativas, os ouvidos, o nariz e a pele. Quais são as suas funções e os estados de consciência que criam?

Imagina que um homem vê um pequeno carvalho à beira da estrada. As folhas ainda se prendem aos ramos, embora tenham adquirido um tom castanho-avermelhado com a chegada do Inverno. A árvore recorta-se contra o céu. O tronco tem cerca de vinte centímetros de diâmetro. Os ramos estendem-se cerca de quatro metros para cada lado. Talvez ele tenha passado por ali muitas vezes. É apenas um carvalho.

Agora aproxima-se da árvore com a ideia de a examinar mais atentamente através dos cinco sentidos. Aproxima-se e observa o tronco. Duas colunas de formigas sobem e descem por ele. Repara na textura rugosa da casca. Mastiga um pequeno pedaço. Amargo. Um dos quatro tipos de papilas gustativas foi estimulado. Cheira a folha. Depois cheira a casca. Imagens vívidas flutuam das memórias da infância, de horas felizes passadas na floresta. Parte então um ramo e nota como o cheiro da fibra interna é diferente do da casca ou da folha. O homem fica agora em silêncio. Escuta o movimento da árvore quando o vento percorre as folhas. Encosta o ouvido ao tronco e ouve o esticar e a tensão da madeira à medida que se dobra, cede e volta à posição. Parte outro ramo e ouve o estalido da madeira ao partir-se. Os dedos passam pela casca e depois pela zona lisa de uma cicatriz deixada por um machado. Sente a suavidade da folha. O homem passou a conhecer esta árvore a um nível diferente de consciência.

Para além desta nova consciência da árvore, muito mais se passa — coisas que o homem sabe que existem mas que não consegue compreender com os sentidos: o movimento da seiva, o crescimento das raízes e dos ramos, a absorção quase mágica da luz solar e a transformação do dióxido de carbono em oxigénio. Existe, de facto, todo um mundo de atividade da árvore para além desta perceção.

Em cada um dos sentidos há faixas para além da nossa percepção normal: o espectro de cores brilhantes do prisma; os dedos do cego a correr rapidamente sobre as letras em Braille; um cão, com o focinho no chão, a seguir infalivelmente o trilho sinuoso de um coelho; sons para além do alcance do ouvido humano, ouvidos claramente por um animal.

Para muitas pessoas, uma compreensão e apreciação mais profundas da vida podem resultar da extensão e do enriquecimento da percepção através destes sentidos. A percepção psíquica, pelo menos até certo ponto, pode ser entendida como o seguimento das percepções sensoriais até à fronteira onde, quase ao alcance dos olhos, dos ouvidos e do tato, a matéria se torna energia, mente e espírito. Começamos a sentir a unidade de todo o universo.

A consciência varia de indivíduo para indivíduo e, de facto, muda de momento para momento. As pessoas raramente param para reconhecer ou considerar os graus de consciência. Poder-se-ia testar a veracidade desta afirmação parando num determinado momento e recordando a extensão da consciência nos minutos anteriores. Que sons foram ouvidos? Passou um automóvel ou sobrevoou um avião? Ouviu-se o tic-tac do relógio? Que odores foram sentidos? Houve pressões notadas no corpo? Existiram sensações nas partes internas do corpo? A mão direita estava mais quente do que o pé direito? Para além daquilo em que a atenção estava focada, outros objetos estimularam a consciência? Alguém entrou na sala? Se sim, que cores trazia essa pessoa?

A consciência alterar-se-ia consideravelmente após um período de tal questionamento. Quase toda a gente conhece o facto de, por vezes, estar mais alerta do que noutras ocasiões. As percepções são mais aguçadas em certos períodos do dia, dependendo das condições físicas. Pode-se esperar uma expansão da consciência à medida que se tomam consciência dos seus vários níveis e se praticam experiências simples para alargar o seu alcance.

Na realidade, a maioria das pessoas passa a vida num estado muito limitado de consciência. São muito semelhantes a indivíduos em pé no centro de um grande armazém: os cinco sentidos entregam todo o tipo de pacotes, fardos e caixas. Estes vão sendo empilhados à sua volta, gradualmente bloqueando a percepção do mundo para além dos limites do próprio armazém. Os pacotes, fardos e caixas representam as chamadas realidades do mundo exterior. A consciência torna-se cada vez mais limitada à medida que os sentidos são restringidos e embotados. Torna-se então necessário depender de estados anteriores de consciência, e a memória destes começa a esbater-se. Dia após dia limitamos o nosso eu, até ficarmos perturbados e assustados pelo sabor de alimentos estranhos, por um odor desconhecido, pela visão de peles de cores diferentes, pelo toque de objetos pouco familiares ou pelo som de uma música mais complexa do que aquela a que estamos habituados.

Tentativas conscientes de aumentar a percepção sensorial não só trarão uma experiência mais rica a nível mental e físico, como também ajudarão a aumentar a sensibilidade psíquica. Prepara-te para ver mais, ouvir mais e cheirar mais.

Um dos temas favoritos dos contos de fadas é a consciência ampliada do mundo animal que se abre a algum afortunado buscador. O conto dos irmãos Grimm “A Serpente Branca” é um exemplo típico. Um criado sabe que o seu rei come regularmente um pequeno pedaço de uma serpente branca. Ele experimenta e passa então a comunicar com um peixe que lhe encontra um anel perdido e com um exército de formigas que o ajudam a cumprir a tarefa humanamente impossível de recolher dez sacos de grãos de milho. Continua, com a ajuda dos seus novos amigos do mundo animal e dos insetos, até alcançar a “felicidade”, casando com a princesa (espírito) e tornando-se rei. Estudiosos da metafísica encontram nos contos de fadas da infância uma fonte considerável de inspiração e auxílio. São um rico repositório de saber místico e oculto — “para aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir”.

15

AUTOAVALIAÇÃO AO FALAR DO PSÍQUICO

AS EXPLORAÇÕES NOS DOMÍNIOS DO PSÍQUICO DEVEM COMEÇAR com o exame de si próprio tão aprofundado quanto possível. Neste assunto não se pode ser descuidado. Uma palavra de cautela antes de considerar algumas sugestões sobre técnicas de auto-observação: este não deve ser um processo de condenação pessoal. Quando alguém se apanha numa falsidade evidente, não deve tentar explicá-la, mas, por outro lado, também não deve permitir que a descoberta dessa fraqueza o leve à depressão. Podem tentar-se alguns dos exercícios seguintes e depois criar outros testes pessoais.

A forma como dados psíquicos são discutidos com os outros deve ser examinada criticamente. Pode-se escolher a melhor história psíquica que se conhece e revê-la passo a passo na mente. Algo foi acrescentado à história original? Os adjetivos tornaram-se mais coloridos a cada repetição? A verdade foi de algum modo distorcida? Agora reduz essa história, poda-a de todos os exageros e faz questão de a recontar na sua forma nova e mais pura.

Aqui está outra abordagem. Selecciona uma história de um bom livro sobre experiências psíquicas. Memoriza bem os factos. Examina agora a história em busca de todos os seus pontos fracos. Prepara-te para a contar, mas também para, através de perguntas e comentários, salientar as suas fragilidades. À primeira oportunidade, conta esta história a um grupo de pessoas e observa cuidadosamente as reações às questões e dúvidas levantadas. Através deste

processo pode-se tornar mais consciente e mais crítico nas observações pessoais das próprias experiências e das dos outros. Deve lembrar-se que este é um processo de avaliação, não de condenação.

Convém reservar tempo para ler um ou dois livros que examinem criticamente todo o campo da investigação psíquica. *The Mind at Mischief*, de William S. Sadler, M.D., *Wish and Wisdom*, de Joseph Jastrow, ou *In the Name of Science*, de Martin Gardner, são alguns exemplos possíveis.

Quando for conveniente, deve-se discutir com um psicólogo ou psiquiatra a sua avaliação e explicação de uma história psíquica favorita. Devem ter-se presentes os seguintes pontos. Histórias de natureza psíquica são frequentemente distorcidas, quer porque as pessoas relatam experiências alheias como se fossem próprias, quer porque é difícil vencer o desejo natural de exagerar para atrair atenção e tornar o argumento tão irrefutável que confunda os ouvintes. Depois de uma história ser contada várias vezes, chega-se a acreditar nela tal como foi narrada. Só uma autoanálise muito cuidadosa revelará a falácia básica. Temos uma forte tendência para ouvir apenas o que queremos ouvir. Factos e elementos ligados a experiências psíquicas que se opõem às nossas crenças estabelecidas são frequentemente descartados. Isto é tão verdadeiro para a abordagem negativa da investigação psíquica como para a positiva. O invulgar, o excitante, sob a forma de uma experiência ou história psíquica, é um grande alívio. Há muito de criança em todos nós, na criação de um mundo de faz-de-conta, onde desejos e esperanças tomam o lugar da realidade.

16

FORMAS DE EXPERIMENTAR A TELEPATIA

A EXPERIMENTAÇÃO COM A COMUNICAÇÃO MENTE-A-MENTE pode ser entusiasmante e útil. Mesmo que seja considerada um jogo, deve lembrar-se que os melhores jogos têm regras que precisam de ser respeitadas para que haja verdadeiro prazer.

Experimentei os seguintes exercícios de grupo com bons resultados. Foi explicado que se iria realizar uma experiência de telepatia e clarividência para descobrir quem poderia ser um bom “emissor”, visualizando com clareza. Todos foram orientados a fechar os olhos e imaginar um ecrã branco de cinema. Pediu-se que vissem uma árvore nesse ecrã e que completassem os ramos e as folhas, vendo-lhes a cor. Deveriam continuar a olhar até verem a árvore muito nitidamente no ecrã branco. Passaram-se vários minutos. Depois, um a um, todos foram convidados a descrever o que tinham visto. As três pessoas que viram a árvore com maior nitidez foram convidadas a ir para outra sala. Separadas do grupo, foi-lhes explicado que deveriam discutir e decidir uma cena

com ação, e que as três se concentrariam nela enquanto era desenhada mentalmente.

Cada pessoa na sala contígua recebeu um lápis e papel. Foi explicado que os “emissores” tentariam, a um sinal combinado, projetar uma cena. Não foi dada qualquer pista sobre o tipo de cena. Os que permaneceram na sala foram instruídos a visualizar novamente o ecrã branco e, a um sinal, desenhar o que vissem surgir nele. A correspondência entre o que foi enviado e o que foi recebido surpreendeu todos.

Outro exercício, que pode proporcionar uma noite interessante de entretenimento, bem como alguma compreensão do funcionamento da telepatia e da clarividência, consiste em usar um baralho de vinte e cinco cartas com símbolos — cinco duplicações de cinco símbolos diferentes, perfazendo vinte e cinco no total. Em vez de usar as cartas de PES do Dr. J. B. Rhine, marcadas com cruzes, linhas onduladas, quadrados, etc., pode criar-se um conjunto de símbolos com especial interesse e significado para o grupo. Esta ideia foi usada eficazmente por uma empresa de publicidade da Virgínia que publicou um pequeno folheto, *You and PSI*. O baralho incluído trazia símbolos comerciais — %, @, / e ¢ — todos familiares à pessoa média no mundo dos negócios. Se a sessão for com crianças, um lápis de cera, um livro, um cachorro, etc., podem ser os símbolos. Devem ser bem conhecidos e facilmente reconhecíveis pelo grupo com quem se trabalha.

Pode ser útil pedir ao grupo que use o ecrã branco para visualizar o símbolo a aparecer a preto. Ou, se preferirem, podem visualizar um ecrã preto com os símbolos a branco. Uma pessoa do grupo senta-se do outro lado da sala e percorre lentamente o baralho de vinte e cinco cartas, previamente baralhado, olhando alguns segundos para cada carta e depois visualizando-a no ecrã. Os recetores, por sua vez, visualizam os símbolos à medida que são enviados para o ecrã, escrevendo-os ao lado dos números de um a vinte e cinco. O procedimento deve ser repetido três vezes com o baralho antes de se contabilizarem os resultados. Depois de os membros do grupo se familiarizarem com o método, podem baralhar o baralho e colocá-lo virado para baixo sobre uma mesa. Cada participante tenta então percorrer o baralho, escrevendo ao lado de cada número os vinte e cinco símbolos conforme acredita que aparecem. Pontuações consistentes superiores a cinco símbolos em vinte e cinco podem ser consideradas significativas.

Uma abordagem ainda mais simples a experiências de telepatia e clarividência pode ser feita através de um acordo com um amigo ou familiar para pensar um no outro a uma hora certa do dia. À hora combinada, visualiza o ecrã branco e pensa nessa pessoa. Anota impressões, palavras ou descrições de cenas que surjam na mente. Os resultados podem ser surpreendentes. Esta experiência

exige paciência e persistência. Lembra-te de que, se estivesses a tentar comunicar com outra pessoa numa nova língua que ambos estivessem a aprender, seria necessário não só estudar a língua, mas também familiarizar-se com o mesmo vocabulário e praticá-la regularmente com o colega. Para começar a comunicar telepática ou clarividentemente, é necessário persistir nas experiências. Quaisquer impressões recebidas, por mais abstratas ou desconexas que pareçam, devem ser registadas. Muitas pessoas descobriram que conseguem comunicar deste modo com indivíduos específicos.

Durante vários meses de 1934 encontrei-me semanalmente com um grupo de oito jovens em Norfolk, Virgínia, para discutir investigação psíquica e realizar experiências de telepatia e clarividência. Trabalhámos com cartas e experiências de desenho. Entre reuniões, os membros do grupo formavam pares e tentavam transmitir impressões em horários específicos. Obtiveram-se alguns resultados interessantes.

Um dos membros fez uma viagem a Washington, D.C. Quando se soube que estaria ausente durante o período da reunião semanal, foi acordado que, à hora habitual da reunião, ele realizaria um ato específico desconhecido do grupo. Os membros do grupo tentariam desenhar uma impressão desse ato. À hora marcada, os membros pegaram em papel e lápis e espalharam-se por diferentes divisões da casa, de modo que nenhum estivesse próximo de outro. Dois desenharam uma rosa num pequeno vaso; outro escreveu “rosa branca”; e um quarto escreveu “cheiro”. Dois dias depois chegou um postal do membro em Washington com a seguinte mensagem: “8 da noite, terça-feira [data], entrei no átrio do Hotel Annapolis. Tirei uma rosa branca do vaso em cima da mesa. Cheirei-a e voltei a colocá-la.” Assinado: “M.A.” Os membros do grupo ficaram, no mínimo, espantados e decidiram repensar as suas ideias sobre telepatia.

Estas sugestões foram dadas como ilustrações do que é possível fazer ao conceber experiências simples mas eficazes. Não são procedimentos laboratoriais, mas podem ser interessantes e pessoalmente muito convincentes. Devem verificar-se os seguintes passos:

- (1) Escrever tudo no momento da experiência, indicando hora e data.
- (2) Sempre que possível, enviar os dados por correio em cartões com carimbo postal para referência futura.
- (3) Assegurar que os indivíduos de um grupo estejam separados, de modo que não seja possível comunicação visual ou sonora.
- (4) Fazer com que todas as testemunhas assinem os dados, indicando nomes e endereços completos.

É de grande ajuda na investigação psíquica reconhecer a necessidade de uma avaliação aberta mas crítica das provas de percepção psíquica. O procedimento mais simples produz frequentemente as melhores evidências.

Exemplos espontâneos, cuidadosamente registados, de percepção psíquica fornecem por vezes as provas mais impressionantes da sua existência.

17

UTILIZAR OS SONHOS

NA MANHÃ DE 29 DE MARÇO DE 1929, RAYMOND REEVES acordou e imediatamente alcançou o lápis e o bloco de notas que tinha na mesa de cabeceira. Escreveu o seguinte sonho:

“Tive a impressão, relativamente ao mercado, de que deveríamos vender tudo, incluindo as nossas ações de caixas. Um touro parecia seguir a minha mulher, que usava um vestido vermelho.”

Em 6 de Abril de 1929, Reeves sonhou com um grupo de homens responsáveis pela morte de outro homem. Um deles tinha uma seringa hipodérmica que tinha sido usada no homem morto. Voltou-se e tentou espetar a agulha em Reeves.

Reeves era membro da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Os sonhos foram submetidos a Edgar Cayce para interpretação através das suas leituras psíquicas.

A interpretação do primeiro sonho afirmou que se tratava de uma impressão de condições que estavam para ocorrer. Um movimento descendente de longa duração estava prestes a iniciar-se. Mesmo as ações consideradas mais seguras, como as ações de caixas que Reeves estimava, iriam cair de valor.

Na interpretação do segundo sonho, em 6 de Abril de 1929, no próprio dia em que o sonho ocorreu, foi feita a seguinte afirmação na leitura de Edgar Cayce:

A injeção indica tentativas de sustentar o mercado. Terá de ocorrer uma quebra onde haverá pânico nos centros financeiros, não só na atividade de Wall Street, mas também o encerramento das bolsas em muitos outros centros e um reajustamento da moeda real — cotações mais altas e mais baixas continuarão por várias luas enquanto os ajustamentos se fazem — depois, a quebra. (Leitura de Edgar Cayce 137–117)

Para Reeves, o touro era certamente um símbolo do mercado à data do sonho. A sua mulher pediu o divórcio pouco depois. O touro seguia-a. O vestido vermelho poderia ter sido um sinal de perigo.

Em 29 de Outubro de 1929, várias luas após o sonho de 6 de Abril, dezasseis milhões de ações mudaram de mãos, incluindo vendas a descoberto sem restrições. No final de 1929, a queda estimada no valor das ações atingira o total

impressionante de quinze mil milhões de dólares. Começava uma das piores depressões da história americana.

Foram estes sonhos precognitivos ou apenas um bom raciocínio subconsciente de um corretor da bolsa? A partir do seu estado inconsciente, Edgar Cayce confirmou e ampliou os avisos, confirmando assim afirmações que fizera muitas vezes sobre o valor e a importância dos sonhos como uma porta de acesso ao inconsciente.

De facto, as leituras de Edgar Cayce sobre sonhos — quase novecentas — vão ainda mais longe ao enfatizar a sua importância, afirmando que nada de relevante nos acontece que não seja primeiro antevisto num sonho.

Os sonhos são a linguagem do inconsciente. Durante aproximadamente um terço das nossas vidas, no sono, estamos num estado mental e físico em que essa linguagem se manifesta, primeiro de forma fragmentada e depois, à medida que a atenção se concentra nela, em padrões mais completos. Psicólogos e psiquiatras modernos reconhecem a sua importância como meio de compreender e ajudar os pacientes. Freud chamou aos sonhos a *via regia*, a estrada real, para o inconsciente. Os seus estudos provaram que estavam intimamente ligados aos pensamentos e sentimentos mais profundos dos seus pacientes.

Emil Gutheil, M.D., autor de *The Handbook of Dream Analysis*, afirma que nenhum sonho é insignificante: “... cada sonho carrega um conteúdo emocional e intelectual significativo.” Carl Jung, reconhecido por muitos como um dos exploradores mais engenhosos do inconsciente, afirmou que os sonhos são especificamente as declarações do inconsciente. Enfatizou que dizem respeito quase exclusivamente a nós próprios e dão um retrato mais verdadeiro do estado subjetivo do que aquele que é possível obter através do pensamento consciente.

Os sonhos desempenharam um papel estranho na história do homem. O Antigo e o Novo Testamento contêm relatos de sonhos que mudaram a vida dos sonhadores e daqueles que deles dependiam. Por exemplo, José, filho de Jacob, que se tornou conselheiro de um Faraó egípcio, foi um intérprete de sonhos bem-sucedido, tal como outro José posterior, cujos sonhos salvaram a vida do seu Filho, Jesus.

Um dos sonhos mais conhecidos ligados a uma descoberta científica importante foi o do cientista alemão Kekulé. A partir de um sonho conseguiu desenhar a estrutura da molécula do benzeno setenta anos antes de esta poder ser vista com um microscópio eletrónico.

Enquanto trabalhava numa sonata, Tartini, o violinista italiano, sonhou que via e ouvia o diabo a tocar a sua composição. A partir disso conseguiu reproduzir

o que ouvira no sonho. Tornou-se uma das suas obras mais conhecidas, a *Sonata do Trilo do Diabo*.

Para além dos sonhos de tipo criativo, existem os que se relacionam com vários tipos de percepção psíquica, dos quais a precognição é um dos mais interessantes. O sonho de Abraham Lincoln sobre a sua própria morte é considerado do tipo precognitivo. Outro sonho particularmente impressionante deste género é relatado por J. W. Dunne, engenheiro que registou um longo estudo dos seus próprios sonhos e dos de outras pessoas no seu livro *An Experiment with Time*. Apresenta também as suas conclusões e teorias sobre o tempo. Na Primavera de 1902, enquanto servia no exército britânico na África do Sul, sonhou que via uma ilha prestes a ser destruída por um vulcão. No sonho tentou avisar os quatro mil habitantes e correu de uma autoridade para outra. Ninguém lhe deu ouvidos. A entrega seguinte de jornais trouxe relatos do desastre vulcânico na Martinica. Ele leu mal os jornais e pensou que o número de mortos era quatro mil, quando na verdade se falava em quarenta mil.

O número real de vítimas não foi nem quatro nem quarenta mil, mas o erro peculiar do sonho foi interpretado por Dunne como relacionado com a notícia do jornal.

Os sonhos são um excelente material de base para o estudo de todos os tipos de experiências psíquicas, incluindo o que parece ser telepatia, clarividência, precognição, comunicação com os mortos, memória de vidas passadas, projeção astral, etc. Será possível que surjam nos sonhos muito mais experiências psíquicas do que aquelas que conseguimos reconhecer, quando as registamos de forma fragmentada ou as ignoramos completamente? Os muçulmanos dizem que os nossos sonhos são como cartas não abertas.

Os exemplos seguintes, que recolhi junto de vizinhos e amigos, podem ser considerados típicos de cada uma das categorias acima:

Telepatia? Um jovem que trabalhava num escritório de seguros em Hartford, Connecticut, sonhou com o casamento de uma jovem do seu escritório. Viu a data, Junho de 1937, seis meses antes do sonho; o local; as pessoas presentes; e uma descrição do pequeno e simples anel de casamento em ouro branco. No dia seguinte, quando contou o sonho em tom de brincadeira à jovem, ela ficou chocada. O casamento tinha ocorrido exatamente como ele o descrevera. Ela mantivera-o em segredo. Ninguém no escritório sabia do acontecimento. Não tinham surgido anúncios nos jornais locais.

Clarividência? Na Primavera de 1908, William C. e o seu irmão Roger viviam em Los Angeles, Califórnia. Um dia receberam uma carta de um amigo, o Sr. Rudolph, que vivia em Nova Jérnia, informando-os de que amigos seus, o Sr. e a Sra. Harry Campbell, estavam a fazer uma viagem de lazer e esperavam estar em

Los Angeles. A carta explicava que Rudolph não sabia em que hotel os Campbell pretendiam ficar, mas sentia-se seguro de que William e o irmão os poderiam localizar em poucos dias num dos melhores hotéis. Esquecera-se de mencionar os irmãos aos Campbell. Durante vários dias os jovens percorreram diversos hotéis sem sucesso. Finalmente, quando várias chamadas a hotéis diferentes não deram resultado, decidiram que os Campbell não estavam a visitar Los Angeles. Na manhã de segunda-feira, William acordou com a sensação de ter sonhado algo sobre os Campbell, mas não conseguia recordar o sonho. À mesa do pequeno-almoço o sonho voltou-lhe à memória e contou ao irmão Roger o seguinte: “No meu sonho ouvi uma voz dizer: ‘Estás à procura dos Campbell?’ Respondi: ‘Sim’, e a voz continuou: ‘Encontrá-los-ás no Hotel Van Nuys.’ Perguntei então: ‘Qual Van Nuys?’ A voz respondeu: ‘O Van Nuys da Main Street.’” Existiam dois hotéis Van Nuys.

Roger riu-se do irmão e troçou do sonho. Para provar que não significava nada, insistiu em que passassem pelo Van Nuys e perguntassem pelos Campbell. Fizeram-no e ficaram surpreendidos ao descobrir que os Campbell se tinham registado ali no sábado anterior. A busca tinha terminado na sexta-feira. O sonho ocorrera na noite de domingo.

Precognição? O marido da Sra. A. era manobrador de agulhas num comboio que transportava carvão das minas em Henryetta, Oklahoma. Durante a noite de 4 de Outubro de 1934, ela sonhou que ele chegava a casa com sangue a escorrer-lhe pela face. A Sra. A. ficou assustada porque o sonho era muito real. Contou-o ao marido quando ele chegou a casa às quatro da manhã. Ele riu-se. Na manhã seguinte, às duas da madrugada, ele acordou a mulher. Quando ela abriu a porta, ficou horrorizada ao vê-lo diante de si com sangue a escorrer-lhe pelo rosto, exatamente como no sonho da noite anterior.

Comunicação? Horace H. sonhou que aguardava num grande hotel. Um comboio chegou e os seus pais (falecidos havia vários anos) desceram. Ambos pareciam bem e felizes. Horace abraçou-os. A sensação física era bastante real. Os três entraram depois na sala de jantar do hotel e conversaram durante o que pareceu muito tempo. Horace não conseguiu recordar a conversa, mas percebeu que era alegre. Os pais mostraram-lhe bilhetes de cores diferentes dos seus. O comboio chegou e eles partiram. Horace aguardou um comboio que seguia na direção oposta. Acordou com a sensação de ter falado com os pais.

Memória de Vida Passada? No sonho seguinte, a pessoa sublinhou a vividez da experiência. Os trajes eram os esperados para a época, e as sensações físicas de calor eram muito reais. John Lane sonhou que se via com Lot, a sua mulher e filhas a fugir de Sodoma. A mulher de Lot foi morta por lava em queda. Lane escapou.

O registo e a classificação das experiências psíquicas nos sonhos pode ser razão suficiente para o seu cuidadoso registo diário, mas há muito mais a ganhar através desta porta para o inconsciente. As leituras de Edgar Cayce salientaram a importância dos sonhos como fonte de orientação para problemas físicos, mentais e espirituais. Seguem-se excertos que sublinham esse valor:

A consciência é procurada pelo homem para a sua própria diversão. No sono, a alma procura a verdadeira diversão ou a verdadeira atividade do eu. Aqueles que estão mais próximos do reino espiritual retêm mais frequentemente as suas visões e sonhos ao despertar. O eu raramente deseja condenar-se a si próprio, exceto quando o eu luta contra si mesmo.
(Leitura de Edgar Cayce 5754-3)

O estudo do subconsciente, subliminar, das forças psíquicas e da alma é e deve ser o grande estudo da família humana; pois através do eu o homem compreenderá o seu Criador quando compreender a sua relação com o seu Criador ... Nesta era não se dá crédito suficiente aos sonhos; pois para o melhor desenvolvimento da família humana, o conhecimento do mundo inconsciente, da alma ou do espírito, deve ser aumentado.
(Leitura de Edgar Cayce 3744-5)

A grande verdade que deve tornar-se evidente é a facilidade com que o indivíduo pode aplicar aquilo que pode ser obtido do seu próprio eu subconsciente — as forças cósmicas ou a consciência universal... Esta verdade deve ser tornada conhecida do leigo, do indivíduo comum, do cientista, do matemático, do historiador. Qualquer indivíduo que procure informação através destas fontes descobre que isso é verdade...

Assim tem sido em todas as épocas.
(Leitura de Edgar Cayce 254-46)

Assim, como foi indicado, prestai maior atenção aos sonhos de cada um e de todos, se as forças físicas, os elementos mentais, o corpo-mente, os atributos mentais e o desenvolvimento espiritual quiserem ser tais que permitam progresso num mundo material.
(Leitura de Edgar Cayce 294-34)

Seguem-se exemplos típicos das introduções das leituras que tratam da interpretação de sonhos:

Estes são fenómenos ou experiências para o corpo usar e aplicar no seu quotidiano ... O corpo deve abordar [as interpretações] com o propósito correto... Embora os sonhos possam ser explicados para a entidade, toda a reação deve ocorrer exclusivamente dentro do próprio eu — se o corpo quiser ser capaz de aplicar aquilo que foi obtido através da experiência. Pois lembra-te de que estes são apenas exemplos, e não meios de evasão, mas são dados para que

se possa compreender como aplicar dentro de si próprio, primeiro no sentido espiritual e depois no sentido material, como resultado de pôr em prática aquilo que se sabe.

(Leitura de Edgar Cayce 4167-1)

... a todo o corpo normal com uma mente em desenvolvimento são frequentemente apresentadas condições, através das forças subconscientes durante o estado de sono, nas quais são dadas verdades; são vistas visões de coisas sobre as quais se deve ser advertido ou das quais se deve tirar proveito; são mostradas condições que trariam vantagens ao corpo — física, mental, moral, espiritual e financeiramente.

(Leitura de Edgar Cayce 294-34)

Os sonhos, quando correlacionados com os símbolos relacionados com as várias fases do indivíduo, dão a esse indivíduo uma melhor compreensão de si próprio, se forem corretamente interpretados.

(Leitura de Edgar Cayce 3744-5)

Na manhã de 31 de Março de 1926, Edgar Cayce sonhou que morria escaldado na banheira. A impressão foi muito vívida. Como durante esse período estava a ser realizada uma série de interpretações de sonhos, este sonho foi incluído. Deve notar-se que, na época, ele sofria de neurite. Tal como em muitos casos, os pormenores do sonho foram recordados através da leitura. Este foi o comentário feito sobre o sonho:

Foi visto e sentido dentro da entidade a necessidade de superar a dor física imergindo o corpo em água morna ou quente. Quando o corpo se encontra reclinado nessa água, é dominado pelo calor, devido ao efeito de um relaxamento excessivo para a ação cardíaca sob elevada pressão sanguínea. Segue-se a morte. Alguém se aproxima e tenta entrar. Vêm-se então as várias atividades que se seguem: a preparação, a notificação daqueles que devem ser informados acerca da morte da entidade; a preparação e a viagem até ao local de sepultamento; a sensação da mudança num determinado lugar quando o corpo é levado; e as ações relativas às condições que se seguem quando ocorrem as mudanças que se tornam necessárias nos assuntos familiares do indivíduo; e a subsequente (morte) da pessoa tão querida na mente física.

Nisto, encontramos muitas e variadas condições apresentadas à entidade para estudo. Muitas lições podem ser retiradas da compreensão plena daquilo que é observado. Primeiro e acima de tudo — os defeitos físicos do corpo necessitam de atenção, caso contrário a morte poderá ocorrer. Além disso, esta lição deve ser novamente considerada: mesmo que o corpo físico seja posto de lado, a operação da “obra”, tal como é vista e levada a cabo nesse estado, continuará exatamente da mesma forma. A impressão, as lições, as forças orientadoras, a direção, bem como a ajuda e a assistência a muitos, continuarão,

especialmente para aqueles por quem a entidade sente, no plano físico, um afeto profundo, ligações estreitas.

Esta lição deve ser aprendida: a Vida é a ação da mente. Embora a mente esteja dividida em diferentes fases, as suas forças ativas são uma só e a mesma. O corpo físico revela-se mais como um entrave à força ativa da mente do que como uma ajuda, salvo quando a mente é aplicada no plano físico para assistência e auxílio a outros indivíduos.

(Leitura de Edgar Cayce 294-70)

Menciono os pontos seguintes não como prova de profecia, mas simplesmente como coincidências interessantes. A causa da morte de Edgar Cayce, segundo o diagnóstico do médico, foi edema pulmonar, água nos pulmões. Como observado no comentário sobre o sonho, a morte de uma pessoa tida como “querida na mente física” seguiu-se à sua própria morte. Gertrude Cayce, minha mãe, morreu dentro de três meses após o falecimento do meu pai. Ele teve este sonho e a sua interpretação em 1926.

Interpretações de sonhos mais específicas das leituras podem ser úteis neste ponto. Deve recordar-se que estas são leituras individuais, não gerais. A “linguagem do inconsciente” de cada pessoa, embora possa conter alguma simbologia universal, é uma linguagem privada, um conjunto de símbolos pessoais. Seguem-se resumos de sonhos e as interpretações sugeridas nas leituras de Edgar Cayce:

Sonho — A. comprou umas calças de equitação. Pareciam muito boas até que, num exame mais atento, se revelou que eram demasiado grandes e bastante desgastadas.

Interpretação — Os planos para montar a cavalo, considerados como medida de saúde, seriam benéficos se praticados com moderação.

Sonho — Pentear o cabelo com nós.

Interpretação — Aconselhado a reconsiderar as decisões tomadas nesse dia — seriam descobertos “nós” no raciocínio.

Sonho — Uma mãe viu o filho, que falava da doença do tio, de pé junto a uma escada de incêndio.

Interpretação — Precognição da doença do tio. A mãe é aconselhada a seguir o conselho do filho (“escada de incêndio”) para ajudar o irmão.

Sonho — A esposa sonhou que montava um cavalo que se empinava com ela. O marido apanhava o animal e acalmava-o.

Interpretação — Aconselhada a seguir o conselho aparentemente útil do marido.

Sonho — Viu um homem selvagem a correr solto pelas ruas, uma tempestade na casa, cortinas da janela a esvoaçar.

Interpretação — O homem selvagem era o temperamento da própria pessoa, que estava a perturbar as condições do lar.

A lista seguinte de símbolos pessoais e respetivos significados foi elaborada a partir de uma série de leituras recebidas por um jovem de dezassete anos:

Cão — confiança.

Fogo — perturbação.

Cerca — fechar-se em si próprio.

Discurso — aquilo que está a ser apresentado aos outros.

Peixe, apanhado — realizações.

Lago — reservatório da vida.

Criaturas viscosas, vespas — obstáculos.

Dirigível — ideais elevados.

Ferramentas — preparação para o trabalho de vida.

Água — espírito.

Parte do corpo removida — abdicar de parte do trabalho de vida.

Colina alta — realização espiritual, visão.

Estrada lisa — facilidade física.

Elefante — poder da mente, memória, astúcia.

Tartaruga a ser alimentada — força, nova vida.

Durante o sono fazemos um balanço do que foi realizado no estado de vigília. O alcance, a complexidade e o valor das experiências durante o sono só se tornam evidentes à medida que a linguagem é compreendida. Um vocabulário adequado só pode ser construído a partir de uma coleção de sonhos.

Nos últimos anos, grupos de jovens têm vindo a Virginia Beach durante os meses de Verão para participar em projetos de grupo que organizei e concebi para testar ideias contidas nas leituras de Edgar Cayce. Muitos desses projetos centraram-se no registo e na discussão em grupo dos sonhos diários. Os membros do grupo foram encorajados a continuar o trabalho de registo dos sonhos e de autoanálise. Vários meses depois de participar num projeto, um jovem de Columbus, Ohio, relatou o seguinte sonho e a sua análise:

Vi-me de pé na praia a pescar. Ao meu lado estava um pequeno eu, do tamanho de um rapaz mas uma réplica de mim próprio, que chorava pelo peixe que o eu maior tentava apanhar. Finalmente apanhei um grande linguado e entreguei-o ao eu mais pequeno. Quando ele começou a comer o peixe, este escapou-lhe das mãos e caiu atrás de um pequeno arbusto na praia. Quando me baixei para apanhar o peixe, encontrei um castor e um coelho branco a

comerem-no. O castor fugiu e não voltou. O coelho saltou para a água, mas acabou por regressar molhado e desganhado.

O jovem elaborou uma explicação que se revelou muito útil, perguntando a si próprio repetidamente o que cada símbolo do sonho significava para ele. Depois, comparando com símbolos de sonhos anteriores, construiu uma interpretação bastante coerente. A água representava o espírito; o peixe, alimento espiritual. O eu mais pequeno foi inicialmente interpretado como a infância, período em que a orientação espiritual lhe fora negada. Após nova reflexão, o eu mais pequeno passou a ser visto como o eu real ou superior, que clamava por alimento espiritual. O castor e o coelho eram símbolos de atividades que interferiam com a vida espiritual, que a “consumiam”. O castor representava o trabalho diário. O coelho branco estava associado, na mente do jovem, à atividade sexual. Em criança, recordava as impressões profundas causadas pela atividade sexual dos seus coelhos brancos de estimação. Ao rever a influência do trabalho, o jovem reconheceu a perturbação que sentia por estar envolvido no fabrico de material de guerra. Colegas de trabalho tinham sido responsáveis por hábitos de bebida que conduziram a dificuldades familiares. Associados à bebida, surgiram problemas sexuais que resultaram na separação da esposa e dos filhos. Para este jovem, o sonho foi de grande ajuda na análise das suas dificuldades e no confronto consigo próprio.

Há ocasiões em que a linguagem do inconsciente é tão clara e concisa que é impossível confundir o seu significado. O sonho seguinte parece ter sido muito útil num plano bastante prático. Uma mulher escreveu do Canadá:

... Depois de ouvirmos a sua gravação sobre sonhos, da Conferência de Phoenix, decidimos tentar lembrar-nos dos nossos sonhos e sentimos que recebemos uma mensagem de verdadeiro benefício para um membro do nosso grupo. Este senhor, o Sr. X., sofria de uma condição asmática e tinha crises de tosse tão severas que por vezes desmaiava. Os médicos pareciam perplexos, diziam tratar-se de uma condição invulgar e pouco podiam fazer...

Na reunião seguinte, uma semana depois de ouvirmos a gravação, a Sra. X. recordou um sonho breve mas vívido que tivera. Não significava nada para ela, mas contou-o na mesma: via uma mão a surgir e a deitar duas onças de sumo de limão num copo, regressando depois para adicionar um cubo de gelo. Apenas a mão. Nada mais. Apesar disso, a imagem permanecia muito viva na sua memória. Como tínhamos lembrado o Sr. X. durante o período de meditação, sentimos que se tratava de uma mensagem e sugerimos que a Sra. X. desse ao marido duas onças de sumo de limão por dia e experimentasse. Não faria mal algum.

O resultado foi que, ao fim de duas semanas, a tosse estava tão melhor que ele não voltou a desmaiar desde então (quatro meses), e a tosse ou condição asmática desapareceu completamente. O curioso foi o facto de ele gostar do

limão e conseguir tomá-lo puro, apenas com gelo. O seu organismo devia necessitar disso.

Pensámos que poderia interessar-lhe saber que a sua palestra sobre sonhos fez realmente muito bem a este homem.

As leituras de Edgar Cayce delineiam três tipos gerais de sonhos: aqueles resultantes de estímulos físicos — por exemplo, uma zona dura da cama, a corrente fria de uma janela aberta, indigestão, etc.; aqueles provenientes do inconsciente, nos quais as atividades e pensamentos do dia são avaliados à luz dos desejos, atitudes e propósitos inconscientes; e aqueles que oferecem orientação proveniente da mente superior ou supraconsciente. Estes são geralmente simbólicos, mas por vezes assumem o carácter de uma “visão”.

Quando se sugere o registo e o estudo dos sonhos, as pessoas começam imediatamente a formar objeções, a arranjar desculpas e a encontrar formas de evitar o trabalho árduo necessário para se familiarizarem com o inconsciente através desta porta de acesso. Apontam que as pessoas não conseguem compreender os seus próprios sonhos e que é necessária ajuda sob a forma de terapia. Recordam alguns dos seus sonhos confusos, aparentemente sem sentido, muitas vezes incompreensíveis ou demasiado grotescos, por vezes demasiado reveladores para serem considerados. Como, perguntam, se pode esperar que se extraia algo de um tal amontoado?

Essas pessoas poderão recordar a sua primeira experiência ao estudar uma língua estrangeira. Todos os dias aprendiam algumas palavras novas — construindo gradualmente um vocabulário. Aprendiam algo sobre conjugações verbais, estrutura das frases, etc. Quase de imediato conseguiam ler frases e parágrafos simples. Não se esperava que, a partir de uma única palavra ou frase, soubessem ler toda a língua. Do mesmo modo, não é possível pegar num único sonho e, a partir dele, compreender a simbologia e a linguagem do inconsciente. Cada pessoa tem de escrever um livro — o seu próprio livro. É um trabalho exigente, mas é um método seguro, sólido e protegido para explorar a região misteriosa chamada mente inconsciente.

Para começar a escrever este livro de sonhos, deve colocar-se um caderno ou bloco e dois lápis bem afiados num local de fácil acesso ao acordar. Ao adormecer, a pessoa deve dizer a si própria várias vezes: “Vou lembrar-me dos meus sonhos”. Quando estamos dispostos a dedicar apenas um pouco de tempo e esforço, podemos tornar-nos familiares com uma das dimensões mais emocionantes e interessantes do eu real.

À medida que o livro de sonhos é escrito, o indivíduo pode tornar-se o melhor intérprete dos seus próprios sonhos. Há algumas sugestões muito específicas e simples que podem ajudar: a barreira à recordação dos sonhos

deve ser quebrada convencendo o subconsciente de que existe um desejo consciente e uma necessidade de os recordar. Isto pode ser feito, como indicado, dando-se uma sugestão específica a si próprio antes de adormecer: “Vou lembrar-me dos meus sonhos”. O simples ato de colocar o bloco e o lápis ao alcance será uma sugestão positiva adicional. Ao acordar, sem perguntar se se lembra ou não de um sonho, deve pegar automaticamente no lápis e no papel e começar a escrever. O sonho, por mais fragmentário que seja no início, estará pronto para ser registado. Descobrir-se-á que, ao anotar palavras, frases, sentimentos ou breves esboços de alguma sequência de cenas estranha, será possível recordar posteriormente muitos mais pormenores.

Quando um sonho surge de forma completa, pode por vezes ser esquematizado e preenchido mais tarde. Os sonhos que surgem a cores devem ser assinalados, assim como aqueles que parecem conter um forte conteúdo emocional. Alguns sonhos apresentam-se como cenas em que o sonhador está desligado da ação. Outros envolvem o sonhador como participante. Gradualmente, perceber-se-á que praticamente todos, talvez todos, os sonhos envolvem de algum modo o sonhador, ainda que este apareça sob muitos disfarces estranhos. Os sonhos devem ser datados. A sequência pode ser extremamente importante quando analisada mais tarde. Os sonhos considerados importantes podem ser registados em pormenor, mas pelo menos fragmentos e frases de todos eles devem ser conservados.

Essencial para compreender e clarificar os sonhos é um período diário de meditação, a ser discutido adiante. A consciência flui como um pequeno ribeiro numa sequência noturna de sonhos. Quando um ribeiro é agitado, a água torna-se turva e detritos passam a flutuar. O período diário regular de meditação é o momento de quietude e espera necessário para permitir que o curso de água clareie. Lentamente, mas de forma segura, ele clareará. Do mesmo modo, o fluxo de sonhos proveniente do inconsciente tornar-se-á gradualmente mais claro, revelando cada vez mais as aspirações, os propósitos e os ideais do eu interior. Assim, torna-se possível obter a orientação, a compreensão e a força necessárias para uma vida mais equilibrada.

MEDITAÇÃO

A técnica de meditação que é apresentada nesta breve introdução é recomendada para experimentação pessoal. Os resultados surgirão com a prática diária, paciente e persistente. Talvez isso possa ser melhor conseguido em pequenos grupos de pessoas que se reúnam especificamente com esse propósito.

Durante vários anos após a morte de Edgar Cayce, em 1945, pessoas de muitas partes do país deslocaram-se a Virginia Beach para examinar e experimentar sugestões contidas nas leituras. Todas as conferências da Associação incluem discussões em pequenos grupos e experiências relacionadas com a meditação. O seguinte foi compilado a partir das minhas notas dessas discussões.

A meditação, tal como aqui recomendada, não é sugerida como substituto da oração. Na verdade, como se verá, a oração pode por vezes tornar a meditação possível. Qual é então a diferença entre oração e meditação? Muitas formas de oração são familiares à pessoa comum, como a súplica, o louvor, a ação de graças, a adoração e a confissão. A oração está relacionada com a ação e a atitude do indivíduo. Na oração, pode dizer-se que o homem procura um relacionamento com Deus. Ele fala com Deus.

A meditação pode ser descrita como um processo de quietude. Caracteriza-se pela focalização da atenção e pela libertação da tensão, seguidas de relaxamento, recetividade e descoberta. As leituras de Edgar Cayce dizem que a meditação é isto:

... a afinação do corpo mental e do corpo físico com a sua fonte. Pois deveis aprender a meditar tal como aprendestes a andar, a falar, a desenvolver qualquer um dos atributos físicos da vossa mente em relação com os factos, as atitudes, as condições e o ambiente da vossa vida quotidiana.
(Leitura de Edgar Cayce 281-41)

A meditação é um processo de acalmar e concentrar a consciência de modo a que áreas superiores do inconsciente sejam desbloqueadas. Cada indivíduo deve ousar pensar em si próprio como relacionado com Deus. Devemos imaginar-nos como algo mais do que o produto das nossas experiências materiais na Terra. Para alcançar um objetivo tão elevado, este tempo de quietude deve tornar-se uma disciplina diária para o corpo e a mente.

Por vezes, a primeira visão de nós próprios a partir do ponto de reflexão não é agradável. Como dizem as leituras:

Por vezes encontrais-vos confusos quanto à vossa origem e ao vosso destino. Encontrais-vos com corpos, com mentes, nem sempre belas, nem sempre limpas, nem sempre puras aos vossos próprios olhos ou aos dos vossos vizinhos. E há muitos que se preocupam mais com as aparências exteriores do que com aquilo que move o coração na sua ação ou na sua busca.
(Leitura de Edgar Cayce 281–41)

Uma das primeiras recompensas dolorosas da meditação será uma melhor compreensão de si próprio e o crescimento gradual da disposição para se enfrentar a si mesmo.

Através da meditação, o “eu interior”, o “eu superior”, a “supra-alma”, o “Divino interior” desperta, e a energia e o poder que dele emanam fluem para o curso da atividade diária, proporcionando orientação e fortalecendo a vontade de escolher o “melhor caminho”.

Na preparação do corpo para a meditação, deve reconhecer-se que o primeiro passo é a criação de uma atitude correta em relação ao próprio corpo. Isto pode começar por um maior conhecimento do corpo, da sua complexidade, da sua beleza, da sua magnificência. Mesmo um breve estudo de qualquer órgão ou função do corpo revelará que ele é digno de ser chamado um “veículo da alma”. A estrutura e a adaptabilidade da mão; a composição e o movimento do sangue; a formação e o funcionamento quase mágicos do olho despertam em nós um sentimento de reverência e admiração. É possível vislumbrar o corpo como uma cópia em miniatura do universo e concebê-lo como “a parte da alma” que se manifesta nesta terceira dimensão. Esta atitude não vê o corpo nem como um objeto de gratificação e adoração nem como algo sobre o qual se deva lançar degradação e vergonha. Através da meditação, o corpo deixa de ser uma prisão da qual se deseja escapar para se tornar um instrumento através do qual as mais elevadas aspirações espirituais do “eu real” podem ser expressas.

É fácil perder de vista o propósito da meditação dando demasiada atenção a estímulos físicos como o banho, a alimentação, a respiração ou a postura. Experimentar este cântico ou aquele incenso, seguir esta dieta ou adotar aquela postura, segundo as ideias de outra pessoa, não é tão eficaz como alcançar primeiro um ponto de quietude e luz e só depois escolher o caminho que parece correto. Começa! Mais tarde, mudanças nas técnicas exteriores poderão ser feitas de acordo com as próprias necessidades. A purificação do corpo, por exemplo, é um paralelo físico da purificação mental, que é muito mais importante e muito mais difícil. As leituras exprimem isto da seguinte forma:

Qual é o teu Deus? Estão as tuas ambições apenas fixadas em saber se comerás amanhã, ou com que te hás de vestir? Vós de pouca fé, vós de pouca esperança, que

permitis que tais coisas se tornem as questões supremas na vossa própria consciência! Não sabeis que sois d’Ele? Pois sois obra d’Ele! Ele quis que não perecêsseis, mas deixou-te a ti a decisão de te tornares ou não consciente das tuas relações com Ele. Na tua própria casa, no teu próprio corpo, existem os meios de aproximação — pelo desejo, em primeiro lugar, de O conhecer; pondo esse desejo em atividade, purificando o corpo e a mente daquelas coisas que sabes, ou até concebes, como sendo impedimentos — **não o que outra pessoa diz!** Não é aquilo que queres que outro te dê! Como Moisés ensinou outrora, não é quem descerá do céu para te trazer uma mensagem, nem quem virá de além-mar, mas eis que O encontras dentro do teu próprio coração, dentro da tua própria consciência! Se quiseres meditar, abre o teu coração, a tua mente! Deixa que o teu corpo e a tua mente sejam canais para que possas fazer as coisas que pedes a Deus que faça por ti! Assim chegas a conhecê-Lo.
(Leitura de Edgar Cayce 281–41)

As sugestões seguintes foram retiradas das leituras. Foram repetidas em muitas variações para literalmente centenas de pessoas que procuraram ajuda física, mental e espiritual. Não te deixes enganar pela simplicidade destas sugestões. As disciplinas são mais difíceis do que parecem.

Escolhe uma afirmação simples que descreva ideais e objetivos espirituais. A Oração do Senhor é uma dessas afirmações. Muitas afirmações foram sugeridas nas leituras de Edgar Cayce. As frases por vezes estranhamente formuladas ajudam, em certos casos, a manter o pensamento e a procurar o significado. Seguem-se exemplos das leituras sobre crescimento espiritual pessoal:

Pai, ao procurarmos ver e conhecer o Teu rosto, que possamos cada um, como indivíduos e como grupo, chegar a conhecer-nos a nós mesmos, tal como somos conhecidos, para que nós — como luzes em Ti — possamos dar um conceito melhor do Teu Espírito neste mundo.
(Leitura de Edgar Cayce 262–5)

Cria em mim um coração puro, ó Deus. Abre Tu o meu coração à fé que implantaste em todos os que buscam o Teu rosto. Ajuda Tu a minha incredulidade no meu Deus, no meu próximo, em mim mesmo.
(Leitura de Edgar Cayce 262–13)

Quão graciosa é a Tua presença na Terra, ó Senhor! Sê Tu o guia para que, com paciência, possamos correr a corrida que nos está proposta, olhando para Ti, Autor e Doador da vida.
(Leitura de Edgar Cayce 262–24)

Escolhe apenas quinze minutos da noite ou do dia em que seja possível estar em silêncio. Deve ser um tempo que possa ser reservado diariamente até que o hábito do silêncio seja estabelecido.

Escolhe um lugar. No início descobrir-se-á que é mais fácil estar em silêncio no mesmo lugar todos os dias. A mente inconsciente ajusta-se com maior facilidade quando aceita a sugestão de que está num certo lugar, a uma certa hora, com um propósito definido.

Senta-te ou deita-te numa posição confortável. Fixa a atenção na afirmação. Não te forces nem te concentres em excesso. Limita-te a manter a afirmação na consciência.

Talvez já estejas a comentar que em quinze minutos nem sequer conseguirás começar. As leituras de Edgar Cayce dão bastante ênfase a isto no início. É uma disciplina melhor trabalhar regularmente todos os dias durante alguns minutos do que tentar longos períodos de devaneio desorientado. De facto, não seria desejável nem saudável forçar a mente e o corpo antes de se estabelecer o hábito de um curto período de controlo.

Normalmente ocorrerão algumas das reações seguintes. O corpo resistirá. A cadeira parecerá desconfortável. Haverá pressão aqui ou ali. Pode surgir irritação na pele ou até um desejo incontrolável de mover alguma parte do corpo. Por vezes aparecerá sede. Um copo de água parecerá absolutamente essencial para continuar a viver. No início parecerá impossível não estar consciente destas sensações no corpo. Não as mimes. Por outro lado, não sintas culpa por te aperceberes delas. Volta simplesmente a atenção para a afirmação.

À medida que se continuam as sessões diárias, a consciência deslocar-se-á do corpo para a atividade mental. Todo o tipo de impressões aparentemente esquecidas será recordado. Pensamentos sobre detalhes das atividades do dia, planos para amanhã, ou memórias de acontecimentos de há poucos dias podem começar a cintilar brevemente no ecrã da consciência. Os sons tornar-se-ão mais proeminentes. Ruídos que antes não se ouviam parecerão perturbadores e muito mais altos do que o habitual. Suave mas firmemente, a consciência deve ser reconduzida à afirmação. Isto terá de ser feito tantas vezes quantas forem necessárias. No fim do período de quinze minutos, deve parar-se e voltar às atividades diárias. Não deve haver culpa ou perturbação por a mente ser apanhada literalmente dezenas de vezes, em quinze minutos, a afastar-se da afirmação.

Com o passar dos dias e mantendo-se persistentemente a hora e o lugar regulares para estar em quietude, o corpo e a mente consciente ficarão relativamente calmos.

Um novo conjunto de imagens começará a inundar a consciência. Vêm do inconsciente. Haverá imagens, cenas, rostos, cores, desenhos de todo o tipo. Isto pode ser comparado a um programa de televisão muito interessante. Muitas pessoas param aqui para observar estas imagens, seguir a ação destas cenas e considerar isto como meditação. Tal como quando a atenção está no corpo e na atividade da mente consciente, também aqui é necessário voltar a focar a consciência. A atenção deve ser reconduzida suave mas firmemente à afirmação. O significado das palavras deve ser reexaminado. Devem ser erguidas, apreendidas com leveza; mas o foco nas palavras e no significado da declaração de propósito espiritual escolhida deve manter-se.

À medida que a mente é inundada por fragmentos da atividade mental do inconsciente, pode surgir aquilo a que se poderia chamar orientação. Isto é especialmente verdadeiro quando a oração substitui a disciplina do corpo, da mente consciente e da mente inconsciente. Tal orientação — sob a forma de impressões, pressentimentos, até uma voz — deve ser compreendida pelo que realmente é. O inconsciente não precisa de ser considerado onisciente. Se alguém toma apenas a atividade mental baseada na supressão como base de orientação, ela pode tornar-se muito egocêntrica e egoísta quando o silêncio e a luz são ignorados. A “vontade de Deus”, para essas pessoas, pode ser tão distorcida como a orientação do monge medieval que conduziu a Cruzada das Crianças.

Gradualmente, o corpo irá aquietar-se. Chegará o dia em que, se alguém for subitamente solicitado a mexer um pé ou uma mão, será impossível fazê-lo, porque simplesmente não saberá onde ele está. A mente consciente terá ficado silenciosa; as imagens e cenas do inconsciente terão deixado de cintilar na parede da mente. Neste ponto, o indivíduo está pronto para iniciar uma meditação mais profunda. Períodos mais longos tornar-se-ão então possíveis e gratificantes. Os ciclos de atividade do corpo, da mente consciente e do inconsciente repetir-se-ão. Permanecerão quietos por alguns períodos e depois voltarão a mover-se com atividade renovada. De cada vez, terão de ser aquietados, não pela força nem pela pressão, mas simplesmente reconduzindo a atenção à afirmação. Este é um processo de libertação através da focalização da consciência.

À medida que se aproxima do ponto de quietude, haverá uma melhor compreensão de “Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus.” (Sl 46:10)

Neste ponto de quietude, haverá luz. Para alguns, será um pequeno ponto de luz branca brilhante. Para outros, será um ponto dourado ou uma pequena esfera. Para outros ainda, poderá ser um fluxo de luz quente, envolvente e penetrante. A consciência, neste ponto, pode ser dirigida para a luz. Nesse instante, haverá um saber, uma consciência, que não pode ser descrita, pois o

significado é diferente para cada pessoa. Simbolicamente, como Jesus poderá ter explicado na sua célebre parábola, o filho pródigo da consciência humana, perdido na matéria, proclama neste ponto: “Voltarei para meu Pai.”

O que se ganha ao perseguir persistentemente a simples disciplina do corpo e da mente tal como acima descrita? Esta luz pode não surgir num dia, numa semana ou num mês. Para alguns, poderá significar anos de trabalho. No entanto, os ganhos imediatos serão muitos e diferentes para diferentes indivíduos, conforme as suas necessidades, os seus propósitos e o seu desenvolvimento. Para alguns surgirá uma paz interior resultante da libertação da tensão. A quietude alcançada, gradualmente, na mente e no corpo, começará a manifestar-se no pensamento, na palavra e na ação diária. Para alguns haverá um sentido crescente de equilíbrio e compostura.

O controlo parecerá vir mais de dentro do que de fora. Para outros, atividades mentais como a memória, a razão e a concentração poderão melhorar de forma notória. A atividade criativa poderá expandir-se. A sensibilidade psíquica poderá aumentar. Os sonhos tornar-se-ão mais claros; pressentimentos e lampejos intuitivos serão mais frequentes. Haverá maior consciência do estado mental e emocional dos outros. Este tipo de “saber” não deve ser explorado para fins egoístas, seja para tirar proveito, seja para exibir autoridade. A entrada no inconsciente através desta porta impõe exigências rigorosas e desafiantes ao indivíduo. Embora seja difícil para um ocidental apreender plenamente o significado, está claramente expresso na tradução de Richard Wilhelm de *O Segredo da Flor de Ouro*:

Concentrar a flor-semente do corpo humano acima dos olhos, eis a grande chave do corpo humano. Crianças, prestai atenção! Se durante um dia não praticardes meditação, esta Luz escapa — quem sabe para onde? Se meditardes apenas um quarto de hora, podeis aquietar dez mil éones e mil nascimentos. Todos os métodos têm a sua origem na quietude. Esta maravilhosa magia não pode ser sondada.

À medida que a meditação prossegue, torna-se mais importante compreender o que está a acontecer no corpo físico. As leituras de Edgar Cayce, que insistem que os centros glandulares endócrinos são os pontos físicos de expressão do corpo espiritual ou da alma, parecem mais lógicas.

Numa leitura, isto é expresso assim:

Contudo, encontra-se que dentro do corpo existem canais; existem ductos; existem glândulas; existem atividades que ninguém sabe o que fazem! num ser vivo, móvel, pensante. Em muitos indivíduos, tais coisas tornam-se dormentes. Muitas atrofiam. Porquê? Por falta de uso, por falta de atividade! porque apenas os desejos do apetite, as autoindulgências e semelhantes encobriram ou

consumiram as capacidades nestas direções, de modo que elas se tornam, por assim dizer, apenas resíduos na vida espiritual de um indivíduo que abusou ou fez mau uso das capacidades que lhe foram dadas para uma atividade maior. (Leitura de Edgar Cayce 281–41)

As gónadas, as glândulas sexuais do corpo, são descritas como o motor que, durante a meditação, eleva energia através das células de Leydig para cima, atravessando os outros centros psíquicos até à pineal e à pituitária, os centros espirituais superiores do corpo. Para além destes, estão envolvidas as supra-renais, o timo e a tiróide (e paratiróides). Nos ensinamentos orientais, o movimento desta energia corresponde à ascensão da kundalini.

“A flor-semente do corpo humano deve ser concentrada para cima no espaço vazio”, como se diz em *O Segredo da Flor de Ouro*. E continua: “O caminho conduz do sacro para cima, num movimento de refluxo, até ao cume do criativo, e atravessa a casa do criativo; depois desce através de duas pedras, num movimento descendente, até ao plexo solar, aquecendo-o.”

No Verão de 1950 reunimos sete jovens universitários em Virginia Beach para uma experiência de grupo de três semanas, concebida para testar sugestões das leituras de Edgar Cayce para aumentar a percepção psíquica. A oração e a meditação, tal como descritas, receberam atenção especial.

Realizou-se um período de meditação em grupo diariamente das 7 às 7h30 e, nos últimos três dias de cada semana, durante uma hora, das 2 às 3 da madrugada. Os participantes foram incentivados a dedicar tempo a sós à oração e à meditação. Segundo os seus relatos, ao fim dos primeiros dez dias todos dedicavam duas a três horas por dia à oração e à meditação.

Foi pedido a cada participante que mantivesse um diário, onde anotasse quaisquer reações aos períodos de oração e meditação. Essas anotações, juntamente com notas tomadas durante entrevistas de grupo e individuais, são a fonte dos comentários seguintes.

Um destes jovens indicou que raramente rezava de forma formal antes do projeto. Em criança não fora ensinado a rezar; nunca tinha lido um livro sobre oração; nunca tinha discutido oração e meditação com ninguém.

Durante os primeiros quatro dias o seu diário esteve em branco. Depois começou a registar diversas reações físicas ocorridas nos períodos de quietude. Afirmava sentir sensações na coluna. Parecia haver um movimento lateral, embora soubesse que não havia movimento corporal real. Notou uma sensação de plenitude na cabeça. Parecia desenvolver-se pressão no peito, dificultando a respiração. Sentiu estimulação sexual. No entanto, após alguns períodos de quietude, o corpo parecia não existir.

Relatou-se que diversas imagens mentais inundavam a consciência. Entre elas, triângulos, um cajado de pastor, degraus com uma grande esfera no topo, um cálice branco do qual fluía um líquido, uma montanha alta a cores, etc.

Alguns períodos de meditação foram descritos como geradores de tensão e irritação. Perto do fim das três semanas, o esforço de focar a atenção foi descrito como produzindo relaxamento e renovação.

Eis dois excertos do diário deste jovem, interessantes dado o pouco contacto prévio com oração e meditação:

Quarta-feira, 16 de Agosto de 1950, 2h40: “Comecei a meditar e pareceu-me estar consciente de que H.L. estava na sala a observar-nos. Gradualmente perdi a noção de onde estavam os meus braços, pernas, costas e pescoço. Apenas sabia a direção geral — a sensação era bastante embotada. Ao pensar na minha relação com Deus, vibrações que começaram na coluna subiram e terminaram numa plenitude na cabeça — topo e parte de trás. Consegui apagá-las. Não consegui perceber se o campo interno de visão ficou mais brilhante porque a luz estava acesa na sala. O mental foi mais difícil de controlar. Descobri que, para o controlar, tinha de continuar a pensar em Deus e na relação do homem com Ele. O tempo passou assustadoramente depressa; meditei meia hora. Quando parei, tive de olhar para as minhas mãos para as dirigir a desprenderem-se. Sinto-me muito mais limpo agora.”

Sábado, 26 de Agosto de 1950, 7h30–8h30: “Vi uma cor verde ao fechar os olhos, depois vi a pirâmide habitual, depois vi algo que parecia o meu dedo grande do pé e era branco, depois o dedo tornou-se enorme. Depois vi a porta abrir-se de par em par e tudo o que uma pessoa tinha de fazer era atravessar o limiar — e os fortes carregarão os coxos, isto é, levá-los-ão por cima do limiar. Os coxos são os que não conseguem atravessar o limiar por si mesmos. A luz branca brilhante banhou-me várias vezes e foi bom.”

Um dos participantes que afirmava rezar diariamente, que aprendera a rezar em criança e que tinha lido vários livros sobre oração, não foi tão expressivo nos seus relatos.

Houve algumas sensações físicas durante a segunda semana, incluindo plenitude e pressão no topo da cabeça e nas têmporas, pulsação na parte inferior das costas e no peito, espasmos nos dedos e sensação de energia a fluir no corpo.

Um excerto do diário mencionava a estimulação de memórias de infância e uma dor peculiar nos calcanhares e na parte inferior das costas.

As sensações físicas registadas nos diários pareciam seguir um padrão, com poucas variações. Outro participante descreveu plenitude na cabeça, fluxo

excessivo de saliva, respiração constrita, pressão no meio da testa, enjoos, transpiração, pulsação no peito e movimento lateral.

O diário deste jovem continha muitas entradas de “sem sensações”. Ainda assim, assinalou pressão ou pulsação em áreas de glândulas endócrinas, especialmente no plexo solar e na região do timo, dezassete vezes.

A franqueza do excerto seguinte, escrito após uma meditação às 2 da manhã, é tranquilizadora:

“Bastante cansado de andar a empurrar a cadeira de rodas da Sr.^a J.” [Cada participante passava pelo menos três horas por semana a empurrar a cadeira de rodas de uma pessoa incapacitada no passeio marítimo de Virginia Beach.] “Levantei-me meio atordoado. Perdi a consciência física muito rapidamente. Mas tive imensa dificuldade em manter a mente focada. Estava a um passo de adormecer. Eu focava-me numa palavra e a mente ficava ali — nada acontecia exceto que a concentração me mantinha acordado. Dava por mim a divagar e trazia-me de volta com a maior dificuldade. A narina direita começou a pingar. As pernas até às ancas adormeceram. Achei que a prudência ‘era a melhor parte da bravura’ às 2h50 — fui dormir.”

Em contraste, observa a descrição seguinte de um período de oração às 7h30, do mesmo participante:

“Usei a Oração do Senhor. As palavras repetiam-se como à distância... Decidi focar-me nas palavras individualmente, usando a ideia do amor do Cristo. Puxei as palavras para cima tão alto quanto alguma vez tinha conseguido. Continuei a empurrá-las para cima através do pensamento no amor-Cristo. Emoções de amor começaram a gerar-se no meu próprio coração. As palavras subiram e subiram. Usei a música para as enviar mais alto. Senti-me bem e amado e era amado; era amor. Isto não foi completo, mas foi um começo muito bom para quebrar o bloqueio... mesmo no fim comecei a ver faíscas que estalavam no meu campo de visão. (Em vários momentos durante a meditação a luz do sol estava bastante forte.) Saí sentindo alegria. Na parte final da meditação dei por mim a respirar rapidamente. A pulsação foi contínua. Tornou-se mais intensa. Não digo que isto fosse amor verdadeiro ou outra coisa qualquer, mas foi um grau de sentimento maior do que o que possuí antes. Houve uma sensação de pulso na tiroide, no timo, nas suprarrenais e nas gónadas.”

Vejamos ainda apenas mais um dos sete diários. Este jovem registou muito pouco durante seis dias; depois começou a descrever sensações físicas como pulsação no plexo solar, um balançar para a frente e para trás, calor intenso, especialmente na testa, náuseas, pulsação na cabeça, respiração pesada, relaxamento, renovação.

Neste relato não são descritas imagens mentais; contudo, perto do fim da segunda semana, duas páginas são dedicadas a uma autoanálise inspiracional com forte “tom” religioso. Um comentário sobre o tempo é interessante:

“Nenhuma sensação, exceto perto do fim, quando soube que as frases finais estavam a chegar; mas parecia que tínhamos acabado de começar e eu não queria parar. A vibração do ‘corpo inteiro’ veio nessas palavras finais. Todos os dias o período parece ficar mais curto e mais curto. Quanto ao incenso — é sempre agradável para mim e não provoca reação particular.”

Deve ter-se em conta que foi pedido aos sete participantes que não discutissem o que escreviam nos seus diários. As discussões em grupo centraram-se em temas filosóficos. Não havia competição para “ter experiências”. De facto, a atitude de todos os jovens era cética, por vezes cínica e crítica. Durante as três semanas, é verdade que estes rapazes foram sujeitos a muitos estímulos destinados a focar aquilo a que se poderia, de forma ampla, chamar “vida espiritual”. Projetos de serviço (trabalho), discussões diárias em grupo e períodos de aconselhamento individual foram equilibrados com dieta, semi-jejum, banhos de suor, massagens, cataplasmas de areia e exercício para purificar o corpo.

O relatório do projeto pode ser usado como guia para compreender as sugestões das leituras — não apenas lendo-as, mas testando as ideias na própria experiência. Pois a meditação, tal como é definida nas leituras, é um movimento da consciência. Estes sete estudantes universitários, com origens muito diferentes e que, em grande parte, tinham pouco contacto entre si, registaram em três semanas experiências físicas, mentais e emocionais muito semelhantes durante os períodos de meditação.

Voltemos por um momento aos diários. Serão as oitenta e uma sensações físicas assinaladas em áreas endócrinas indicativas do movimento da energia espiritual descrito nas leituras de Edgar Cayce? Isto parece merecer consideração adicional.

Uma explicação, nas leituras, deste movimento de energia através dos centros espirituais do corpo encontra-se numa série de leituras sobre a interpretação do Livro do Apocalipse como uma descrição de uma experiência de meditação do autor. As sete igrejas da Ásia Menor são descritas como simbolicamente ligadas às sete glândulas endócrinas já mencionadas, tal como os sete selos que são abertos. O quadro que aparece na página seguinte delineia estas relações sugeridas.

A descrição, nas leituras de Edgar Cayce, das forças que são libertadas com a abertura dos selos (as quatro bestas, os quatro cavalos, etc.) relacionava estes centros com áreas do inconsciente. Os quatro centros inferiores poderiam dizer-

se correspondentes às forças do corpo físico tão bem descritas por Freud como o “id”. Os outros selos corresponderiam a áreas mais elevadas do inconsciente. A experiência de meditação é um processo de purificação. O poder espiritual (criativo) no homem eleva-se até à área simbolizada pela pineal, através da qual há um fluxo descendente de energia universal, sempre disponível ao homem; e, à medida que estes se unem, movem-se para a área da hipófise e transbordam para purificar e limpar os centros inferiores (do inconsciente).

Parece possível que seja isto o que se pretende dizer com os versículos familiares dos Salmos: “... o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.” (Salmo 23:5-6)

Ou: “A luz do corpo é o olho; portanto, quando o teu olho é simples, todo o teu corpo também fica cheio de luz...” (Lucas 11:34)

Se as glândulas endócrinas puderem ser relacionadas, ainda que apenas simbolicamente, com os vários níveis do inconsciente, torna-se mais compreensível a ênfase e a importância que lhes são atribuídas nas leituras de Edgar Cayce.

À medida que a meditação prossegue, a purificação da mente torna-se um factor importante. A disciplina diária de focar a atenção numa afirmação de aspiração espiritual agitará automaticamente, e trará resistência, das áreas inferiores do inconsciente. Assim, a pessoa torna-se mais consciente das atitudes negativas que mantém e deve começar, conscientemente, a lidar com elas. Por exemplo, é bastante comum que desejos sexuais sejam estimulados pela meditação. A pessoa deve estar preparada para dirigir essas energias à medida que os impulsos são trazidos à consciência. Isto é igualmente verdadeiro noutras áreas que envolvem o controlo de atitudes e emoções. A relação mais bem compreendida poderá estar nas áreas do plexo solar (as suprarrenais). A mesma energia associada ao medo, ao ódio e à raiva pode tornar-se, quando convertida, coragem, persistência e impulso.

Juntamente com a meditação, há necessidade de controlo consciente do pensamento. É indesejável continuar a colocar no inconsciente barreiras de ódio, medo, raiva, autopiedade, arrogância, ciúme, etc., que impedem o fluxo de energia criativa para e a partir do inconsciente superior. As leituras sublinham que a mente é o construtor. O pensamento toma, de facto, forma no plano mental. A realidade e a potência dessas formas podem ser facilmente demonstradas fazendo alguém reviver uma experiência aterradora. A memória pode ser tão perturbadora como o próprio evento.

O APOCALIPSE

O LIVRO COM OS SETE SELOS — O CORPO HUMANO

IGREJA FALHAS/VIRTUDES ORAÇÃO SELO ABERTURA FIG. ELEM. GLÂNDULA PLANETA COR

Laodiceia - Nem quente nem frio Pai 7 Silêncio Águia Ar Hipófise Júpiter
Violeta

Filadélfia - Porta aberta / Fidelidade Céu 6 Terramoto — Ar Pineal Mercúrio
Índigo
Balança da Fé Ar Tiroide Úrano Azul

Sardes - Tens nome, estás morto Tua Vontade 5 Cavalo Pálido — Ar Tiroide
Úrano Azul

Tiatira - Falsos ensinamentos Mal 4 Cavalo Negro Leão Fogo Timo Vénus Verde
Caridade / Fé

Pérgamo - Doutrina de Balaão Dívida 2 — Cavalo Fogo Suprarrenal Marte
Amarelo
Obras / Equilíbrio (cármica)

Esmirna - Blasfémia / Perseverança Tentação 3 Cavalo Vermelho Homem
Água Cél. Leydig Neptuno Laranja

Éfeso - Primeiro amor perdido Pão 1 Cavalo Branco Bezerra Terra Gónadas
Saturno Vermelho
Paciência

É possível que seja isto o que se pretende dizer nas palavras de Jesus:
“Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e aí te lembrares de que teu irmão
tem alguma coisa contra ti, deixa ali a tua oferta diante do altar, vai primeiro
reconciliar-te com teu irmão e então vem e apresenta a tua oferta.” (Mt 5:23–24)

As leituras são muito claras quanto ao tipo de atividade mental necessário:

Não que algum grande feito, alguma grande forma de mudança, deva
ocorrer no teu corpo, na tua mente, mas linha sobre linha, preceito sobre
preceito, aqui um pouco, ali um pouco. Pois, como Ele deu, não é apenas o
conhecimento, mas a aplicação prática na tua experiência diária com o teu
semelhante — é isso que conta.
(Leitura de Edgar Cayce 922–1)

A mesma ideia é continuada noutro ponto da mesma leitura:

É precisamente viver, de modo material, aquelas coisas que são os frutos do Espírito que traz consigo a sua recompensa — a que conduz ao entendimento dentro de ti. Amai-vos uns aos outros, mostrai gentileza, bondade, falai suavemente, até mesmo com os que são ásperos; não repreendais, não condeneis; sede longânimos. Sede pacientes, mas como princípio ativo, como experiência ativa em vós mesmos.

A meditação, tal como aqui delineada com disciplinas físicas e mentais, pode parecer, à primeira vista, demasiado simples para ser a melhor porta de entrada para o inconsciente. Não se deve, porém, ser enganado quanto à importância, nem quanto às dificuldades a encontrar ao atravessar esta porta. Este é o caminho escolhido pelos grandes místicos de todas as épocas. Para além do curto período diário de busca do silêncio e da luz, existem períodos mais longos de silêncio através dos quais é possível alcançar as regiões mais profundas do eu interior. Estas abrir-se-ão a qualquer pessoa que seja persistente nas disciplinas da atenção controlada e na prática diária das leis espirituais com as quais esteja familiarizada. Talvez seja verdade — como Evelyn Underhill sublinha na conclusão do seu livro *Misticismo* — que cada um de nós, à sua pequena escala, deve acabar por encontrar e percorrer, tanto quanto puder, o mesmo caminho percorrido pelos grandes contemplativos.

As leituras de Edgar Cayce recomendam, sem dúvida, a meditação como o caminho mais seguro e mais certo para os níveis superiores do inconsciente.

19

O LUGAR DO PEQUENO GRUPO NA BUSCA ESPIRITUAL

“Nestas últimas duas semanas cheguei a conhecer, a experimentar, mais amor e consideração do que conheci desde a infância.” A voz do homem quebrou-se.

“Não sei como descrever o que significou para mim tentar trabalhar convosco como membros deste grupo, sentir preocupação por cada um de vós, rezar por vós, e saber que rezáveis por mim.”

Três homens e quatro mulheres mexeram-se ligeiramente nas cadeiras. Alguns ergueram os olhos, rapidamente, para os outros. Quase se podia ler-lhes no rosto o pensamento: “O que se passa aqui?” As memórias recuaram ao dia em que esta pessoa, reservada, quase fria, tinha assistido à primeira reunião. Nunca falava a não ser quando lhe faziam uma pergunta direta. Parecia crítico sem transformar a crítica em palavras.

Raramente sorria. Era esta a pessoa que estava “a quebrar”, cuja voz tremia, cujos olhos se enchiam de lágrimas.

“Sinto-me próximo de cada um de vós”, continuou. “Não entendo o que me aconteceu, mas sinto-me capaz de encarar-me a mim próprio, de admitir os meus erros, e, no entanto, de não me condenar — pela primeira vez na minha vida. É maravilhoso.”

Sorriu agora, e as palavras saíram em torrente. Houve confissões de pensamentos sobre as qualidades negativas de alguns presentes; houve admissões de medo de ser ridicularizado ou rejeitado, de ser mal compreendido. Um a um, os membros do grupo começaram a rezar em silêncio. Por fim, o homem sentou-se. Estava exausto. Chorou incontrolavelmente. O líder do grupo estendeu a mão e apertou a mão do homem. Durante cerca de cinco minutos houve silêncio, houve oração, e depois a discussão de “Conhece-te a ti mesmo”, de *A Busca de Deus, Livro I*, prosseguiu. Não houve, no grupo, discussão do desabafo.

A partir desse momento, o homem pareceu outra pessoa. Muito da frieza tinha desaparecido. Sorria, falava com liberdade e participava em todas as atividades do grupo. Um mês depois restabeleceu contacto com a esposa, de quem estava divorciado, e assumiu mais responsabilidade pelos dois filhos, coisa que a lei não exigia. A mãe escreveu ao líder do grupo dizendo que nunca tinha visto uma mudança assim numa pessoa. Disse que o filho estava cheio de atitudes negativas; que não tinha amigos e não queria ter; que chegou a amaldiçoá-la por o ter trazido ao mundo. Agradeceu ao grupo por tudo o que tinha feito pelo filho.

Vi esta transformação acontecer na vida deste jovem. Mais tarde falei com a mãe e com outros que o conheciam. As discussões do grupo tinham apontado o caminho da auto-observação. Não havia atenção especial centrada nele. Cada membro do grupo tinha problemas. A energia da oração, acumulada através da meditação individual diária e dos períodos de meditação em grupo em cada reunião semanal, parecia fluir para o ponto onde era mais necessária. A ajuda surgiu na forma de uma purga, de uma quebra de bloqueios e de inspiração para começar um tipo de vida diferente. Nem totalmente religiosa nem inteiramente psicológica, a mudança atingiu os níveis quotidianos do pensamento e da ação, de modo positivo e construtivo.

O trabalho com pequenos grupos foi recomendado nas leituras de Edgar Cayce como sendo útil para voltar-se para dentro e libertar maiores energias mentais e espirituais. Sugeriu-se que tais grupos fossem considerados não só como laboratórios onde experiências de auto-observação, disciplinas de oração e meditação e prática da lei espiritual pudessem ser partilhadas, mas também como centros de cura de padrões de pensamento, onde as pessoas poderiam encontrar encorajamento e proteção enquanto trabalhavam em conjunto.

Fui membro de um grupo de doze a dezoito pessoas que recebeu mais de cem “leituras” de grupo de Edgar Cayce ao longo de quinze anos. Essas leituras consistiam em breves exposições sobre temas sugeridos a partir do estado inconsciente. Para cada tema era dada uma afirmação, a manter em atenção durante um período diário de quinze minutos de meditação. Os membros eram incentivados a testar as ideias na vida diária. Essas exposições, juntamente com comentários e experiências registadas pelos membros, foram compiladas em *A Busca de Deus*, atualmente usada por vários grupos de estudo e discussão em todo o mundo.

De três a doze pessoas podem formar um grupo reunindo-se e concordando em trabalhar com os dados das leituras. As reuniões são geralmente semanais em casas dos membros do grupo. Os ensaios são concebidos para conduzir de ideias básicas a ideias mais complexas. São escolhidos líderes de discussão — e não professores — numa base rotativa. Incentiva-se o raciocínio conjunto e o relato do trabalho realizado, em vez de palestras ou mera transmissão de informação.

A sessão semanal do grupo é considerada um laboratório onde oração e meditação não só são discutidas como também praticadas. Num ambiente de preocupação mútua, com propósitos e ideais espirituais, a auto-observação pode ser ampliada através da partilha e comparação de avaliações construtivamente críticas. O grupo cria automaticamente oportunidades invulgares para praticar paciência, bondade e virtudes semelhantes, que, segundo se sugere, devem ser a base de qualquer expansão da consciência.

O grupo é, em geral, mais livre de tensão emocional do que o lar, que é, segundo as leituras de Edgar Cayce, o melhor laboratório espiritual do homem. Assim, técnicas desenvolvidas no grupo podem, por vezes, ser usadas vantajosamente no lar. Na prática, o grupo fornece o mesmo tipo de ambiente que as revistas técnicas fornecem a homens e mulheres que realizam investigação nas ciências físicas ou sociais. Os perigos de avançar depressa demais e longe demais são contidos. A auto-ilusão é menos provável.

A forma como um grupo pode tornar-se um laboratório de auto-observação pode ser ilustrada por reuniões típicas. Imaginemos que os dois primeiros capítulos de *A Busca de Deus*, Livro I — “Cooperação” e “Conhece-te a ti mesmo” — estão em discussão.

A cooperação foi definida em termos de relação com Deus, de tornar-se um canal através do qual a energia criativa possa fluir, de ser um representante de Deus na Terra. Cada membro é instado a assumir um projeto. A atenção deve concentrar-se em estabelecer comunicação amistosa e construtiva com alguém com quem exista contacto diário, mas com quem não tenha havido, no passado, esforço para comunicar.

A oração e o pensamento construtivo devem ser seguidos por palavras de interesse e por um comentário favorável, honesto. Devem seguir-se alguns atos simples de ajuda, após a comunicação mental e verbal. Cada membro é instado a observar as reações próprias e as dos outros ao executar o projeto. Discussões futuras serão enriquecidas por relatos desses esforços.

Ao trabalhar o capítulo “Conhece-te a ti mesmo”, a discussão pode centrar-se, por algum tempo, na relação entre o eu físico, mental e espiritual. A unidade ou totalidade é o ponto importante. A discussão dirige-se a técnicas de auto-observação que permitam reconhecer essa totalidade. Alguns membros podem escolher estudar um órgão em particular. A complexidade das suas funções, a singularidade da sua estrutura, podem abrir caminho para uma nova atitude perante o corpo. Outros podem querer relatar descobertas recentes sobre a mente. Um estudo de funções conscientes, como memória ou razão, bem como de ações inconscientes, como sonhos ou controlo de processos automáticos internos do corpo, abrirá novas dimensões de auto-observação. A análise de experiências religiosas ou místicas permitirá que quase todos examinem a ação do que parece ser de natureza espiritual. Em todas as discussões, é importante considerar a unidade de todas estas atividades — corpo-mente-alma. Os capítulos de *A Busca de Deus* podem ser considerados um manual que delineia experiências de auto-observação a serem realizadas por cada membro.

A ênfase na oração e na meditação fornece exemplos ainda melhores do carácter experimental da ação do grupo. A maioria concorda num período diário de quinze minutos. Nesse tempo, cada membro foca a atenção na afirmação dada no início de cada capítulo, que contém o núcleo da ideia discutida. Quando o grupo se reúne, realiza uma meditação em grupo usando a mesma afirmação. Membros têm descoberto que o período semanal em conjunto ajuda muitos nas suas meditações diárias. A oração uns pelos outros, quando surgem problemas, bem como a oração por pessoas fora do grupo que pedem ajuda, tem trazido experiências muito gratificantes. Este trabalho com meditação e oração parece psicologicamente sólido para atividade de grupo.

Para muitas pessoas, o trabalho com oração leva ao estudo de bons livros sobre o assunto e a experiências pessoais ricas com tipos de oração que podem não conhecer. Orações de louvor a Deus, de adoração, de ação de graças e de confissão podem ser acrescentadas ao repertório de quase qualquer pessoa com resultados úteis. Também o estudo e a prática da oração para cura podem conduzir a novos conceitos da relação do homem com o Poder Criador do universo.

Parece-me que as leituras de Edgar Cayce sobre estudo em grupo contêm sugestões valiosas para quem se preocupa com uma busca espiritual, uma aventura interior. As pessoas não só parecem mover-se mais rapidamente para

novos níveis de consciência em grupo, como também penetrar mais profundamente em “salas de jardim”, as áreas mais belas do inconsciente. Certamente, do ponto de vista das “leituras”, pode dizer-se que a busca espiritual é melhor feita não a sós, mas na companhia de outros. Parafraseando um velho aforismo: “Quando entrares pela porta do céu, entrarás apoiado no braço de alguém que ajudaste.” O estudo em grupo oferece ao viajante um mapa, um cantil de água e oportunidades para praticar o que sabe da lei espiritual.

CONCLUSÃO

O que acreditas acerca do teu próprio lugar no esquema da vida? És apenas um organismo físico, mais complexo mas semelhante a todas as outras formas animais, que começa na concepção e deixa de existir na morte? Com esta crença podes agarrar-te à herança racial como bem supremo da vida, esperando que cada nova geração seja enriquecida pelos genes nos cromossomas de cada espermatozoide e óvulo. É uma esperança desafiante. Exige coragem, elevados padrões éticos, sacrifício e criatividade. Mas, ao aceitar a herança racial como objetivo da vida, o homem resigna-se ao esquecimento pessoal.

Levando mais longe este conceito, tudo o que podemos conhecer — ou vir a conhecer — da matéria-tempo-espaco-energia tem de chegar através dos sentidos do corpo físico. Isto conduz naturalmente à ideia, comum, de que o eu consciente é tudo o que existe. Neste padrão de pensamento, qualquer relação pessoal direta com uma Força Criadora ou com Deus torna-se remota.

A humanidade reduziu lenta mas seguramente a matéria a energia. O mundo físico parece cada vez menos estável, e torna-se cada vez mais claro que mesmo os cientistas mais brilhantes estão longe de uma ideia, ainda que vaga, do que realmente é o mundo da matéria — quanto mais o mundo da mente. É possível continuar a pensar em termos de sermos uma forma particularmente complexa de energia, parte de uma corrente sem objetivo exceto ser parte da própria corrente. De facto, para muitos pensadores sérios, parece o auge da audácia esperar ser mais do que isso.

O outro extremo é conceber a humanidade como uma criação especial, com um tipo de tarefa peculiar num universo planeado. Sob este padrão tornamo-nos seres espirituais, almas, que assumiram um corpo. Religiões baseadas em superstição ou revelação agarram-se a este conceito básico sob diversas formas. Ousaremos afirmar uma relação direta e pessoal com Deus?

A aventura do espaço alargará certamente o nosso conhecimento do universo. A aventura interior, rumo a uma área desconhecida igualmente vasta,

pode trazer mudanças radicais — talvez ainda maiores — no nosso conhecimento e compreensão do universo e do nosso verdadeiro eu.

Sugeriu-se aqui que Edgar Cayce foi um homem que se aventurou para dentro. Não foi o primeiro. Certamente não será o último. Através do inconsciente, pareceu tocar fontes de informação para além da percepção sensorial aceite. A imagem da natureza, da extensão e das atividades do mundo da mente que ele e outros semelhantes trouxeram à consciência é, à sua maneira, tão revolucionária como a descoberta da estrutura do átomo ou de novas galáxias além do alcance dos primeiros telescópios. As aplicações práticas desta nova gama de percepção de Edgar Cayce, através da ajuda prestada às pessoas por leituras físicas, e a evidência mensurável de telepatia, clarividência e precognição ao longo de muitos anos, dão a muitos a certeza de que existem áreas inexploradas da mente e do espírito. Este mundo interior foi descrito por místicos e grandes pensadores de muitas épocas. Mais uma vez se pode perguntar: seremos loucos por sonhar e procurar poderes mentais e espirituais capazes de funcionar para além dos limites da matéria?

Quais são as recompensas desta busca interior? Poderes da mente e do espírito podem trazer uma vida mais rica; o controlo do eu negativo parece possível; a crença na vida para além do período de confinamento do corpo pode tornar-se aceitável; o mundo da matéria pode ser considerado uma extensão, uma projeção, do mundo da mente; e, finalmente, experiências pessoais da mente e do espírito trazem um novo tipo de relação entre nós e com a Força chamada Deus. De facto, pode dizer-se que Deus assume a vida e cumpre o Seu propósito em e através do homem.

Ao descrever a sua capacidade de alcançar as mentes inconscientes de pessoas que procuravam a sua ajuda, Edgar Cayce apresentou, numa leitura, o seguinte:

Aqueles que buscam, então, sintonizam-se com a promessa que foi feita a esta entidade, Edgar Cayce. Então, a entidade, quando nesse estado, nessa condição em que o eu físico é posto de lado, torna-se o canal. Então apenas o ESPÍRITO-MENTE, ao sintonizar-se com o propósito de quem procura, pode dar aquilo que possa ser útil na experiência dos que procuram conhecer melhor as suas relações com o seu Criador.

Quem melhor do que o próprio indivíduo sabe aquilo que o tem impedido de estar fisicamente, mentalmente e espiritualmente em acordo com o divino que É a vida manifestada no corpo?

De onde vem a capacidade dessa entidade individual para lidar com os problemas?

Não sois todos filhos de Deus? Não sois cocriadores com Ele? Não estivestes com Ele desde o princípio? Há algum conhecimento, sabedoria ou entendimento negado se vos sintonizastes com essa Força Criadora que fez os mundos e todas as forças manifestadas neles? Pensas tu que o braço de Deus é sempre curto para contigo porque erraste? “Ainda que estejas longe, ainda que estejas nas partes mais remotas, se chamares, Eu ouvirei e responderei depressa.” Pensa tu que isto é dito a outro, ou a ti?

Abre a tua mente, o teu coração, o teu propósito ao teu Deus e ao propósito d’Ele para contigo.

Quanto ao porquê de esta ou aquela informação poder ser indicada frequentemente a pessoas através deste canal — isso pode ser determinado por aqueles que analisam o mesmo a partir de uma experiência prática e material... como um psiquiatra, um psicanalista. Um indivíduo que compreende a patologia de um corpo físico é encontrado onde está e recebe a informação que, se aplicada à condição existente, será útil na sua relação com aquilo que venera!

Deus procura que todos sejam um com Ele. E, como todas as coisas foram feitas por Ele, aquilo que é a influência criativa em cada erva, mineral, vegetal ou atividade individual É essa mesma força que chamais Deus — e busca expressão! Assim como quando Deus disse: “Faça-se luz.” Pois isto é lei; isto é amor.

Assim, os que procuram com sinceridade, com esperança, com propósito, para conhecer, recebem apenas na medida em que manifestam a sua esperança, a sua crença, o seu desejo num propósito de Deus através de uma promessa feita a um homem!

Assim tendes a fonte. Assim tendes a maneira. Quem procura responde. Pois sabeis todos: prestais contas a Deus por cada ato, por cada palavra vã, por cada esperança com propósito que tornastes manifesta.

Não se turbe o teu coração. Nem se atemorize. Pois acreditais em Deus; então, como Seus filhos... por tua causa, por causa do teu Senhor... procede como tal!

(Leitura de Edgar Cayce 294–202)

Talvez, através da vida na Terra, possamos aprender a purificar a escória, avivar o espírito e regressar à consciência de Deus.

Um dos maiores obstáculos com que é preciso lidar é o medo — o medo sob muitas formas. Duvidamos uns dos outros, de nós próprios e do nosso Deus. Muito deste medo pode nascer de nos termos separado de um estado original de consciência espiritual — um Jardim do Éden, a Casa do Pai. Parece razoável que o caminho da busca espiritual, o retorno a um estado de consciência espiritual, tenha de conduzir, por vezes, para dentro — passando pelas áreas

escuras de culpa acumulada e preconceito, medos e frustrações resultantes de muitos falsos começos — até às áreas iluminadas da mente criativa ou mente de Deus.

A menos que possamos acreditar que tais áreas do eu existem — onde podemos encontrar Deus face a face — estamos condenados a um mundo de confusão criado por nós mesmos e talvez à autoaniquilação.

A história do progresso da humanidade é a história daqueles que encontraram inspiração e orientação no Poder Criador a trabalhar em e através dos recessos mais profundos da mente e da alma. Cada pessoa, segundo a sua própria prontidão para a busca, pode começar. Esta é a nossa aventura interior.